

20-VIII

Die 3 Septembris

S. PII X PAPÆ ET CONFESSORIS

Duplex

Introitus Ps. 88, 20-22

^{extuli} **E**xtuli electum de populo, oleo sancto meo unxi eum: ut manus mea sit semper cum eo, et brachium meum confirmet eum. Ps. ibid., 2 Grátias Dómini in ætérnum cantábo: per omnes generatiónes annuntiábo fidelitátem tuam ore meo.

Y. Glória Patri.

Oratio

^{deus} **D**eus, qui ad tuendam cathólicam fidem, et univér^{sa} in Christo instauránda sanctum Pium, Summum Pontíficem, celésti sapientia et apostólica fortitúdine replevisti: concéde propítius; ut, ejus instituta et exémp^{la} sectántes, præmia consequámur ætérna. Per eúndem Dóminum nostrum.

Lectio Epístolæ beáti Pauli Apóstoli ad Thessalonicenses

1 Thess. 2, 2-8

^{fratres} **F**ratres: Fidúci^{am} habuimus in Deo nostro loquí ad vos evan^{gelium} gélium Dei in multa sollicitudine. Exhortátio enim nostra non de erróre neque de immundítia, neque in dolo; sed, sicut, sicut probati sumus a Deo ut crederetur nobis evan^{gelium} gélium, ita loquimur; non quasi homínibus placéntes, sed Deo qui probat corda nostra. Neque enim aliquándo fúimus in sermóne ad-

ulatiónis, sicut scitis, neque in ocasióne avaritiæ, Deus testis est, nec quærentes ab homínibus glóriam neque a vobis neque ab aliis. Cum possémus vobis óneri esse ut Christi apóstoli, sed facti sumus parvuli in médio vestrum, tamquam si nūtrix fóveat filios suos. Ita desiderántes vos, cúpide volebámus tradere vobis non solum evangélium Dei, sed étiam ánimas nostras, quóniam caríssimi nobis facti estis.

Graduale Ps. 39, 10-11

Annuntiávi justítiam in cœtu magno; ecce lábia mea non cōhibui: Dómine, tu nosti. Y. Justítiam tuam non abscondi in corde meo; fidelitátem tuam et auxílium tuum narrávi.

Allelúja, allelúja. Y. Ps. 22, 5-6 Paras mihi mensam, inúngis óleo caput meum, calix meus ubérrimus est. Allelúja.

In Missis votivis post Septuagesimam, omissis Allelúja et Versu sequenti, dicitur

Tractus Ps. 131, 16-18

Sacerdótes ejus induam salute, et sancti ejus exsultántes exsultábunt. Y. Illic David suscitábo cornu, parábo lucérnam uncto meo. Y. Inimicos ejus induam confusione, super ipsum autem fulgébit diadema meum.

Faltam: Evangelho Jo. 21, 15-17.
Offertório Sl 33, 12.
Secreta
Communio Jo 6, 56-57.
Test

P I O X

TRADUÇÃO

DE

JOSÉ ERVEDOSA

Publicado em www.leiturascatolicas.com

EDITORIAL ASTER
LISBOA

LIVRARIA FLAMBOYANT
SÃO PAULO

Título original:

PÍO X

Copyright by
Juan Flors, Editor
Barcelona

AO LEITOR

Um grande carinho votado ao seu biografado e a preclara inteligência do autor colocam-nos diante dos olhos a vida de Pio X.

Concebemos a vida de Pio X com um modelo de maravilhosa exemplaridade. Exemplar sempre, criança pobre, que bem cedo conheceu a escassez; seminarista inteligente, amigo do sol e dos livros; coadjutor entregue a duas afeições: o seu Pároco, aquele inesquecível D. Antônio, e os tombolanos, gente rija, fiéis devotos da Virgem, mas duros para o múnus pastoral. Pároco ele próprio, na sua igreja grande de Salzano, onde se respira ainda o ambiente de uma presença alegre e santa; Cónego, secretário de três Bispos, conselheiro fiel dos dias difíceis; Bispo da cidade aristocrática e medieval de Mântua, amigo dos pescadores da ponte e providência de quantas aflições e enfermidades encontrou no seu caminho; Cardeal-Patriarca da cidade mais bela do mundo, organizador de talento, exemplar e humilde, elegante e acessível.

E por fim, ao cabo de muitas alegrias e de muitas lágrimas, Papa. Pontífice terno com as crianças, às quais abriu as arcas dos sacrários; esforçado nas lutas pelos direitos de Cristo e da sua Igreja, sem receio de contingências políticas ou interpretações malévolas; generoso na caridade, delicado nas audiências, orientador dos estudos, debelador da maior das heresias. Amigo da música, da palestra amável, do sorriso carinhoso. Triste apenas quando pensava nos pecados dos homens e nas amarguras das guerras. Teve junto de si, entre grandes Cardeais e colaboradores exemplares, um Secretário de Estado que ocupará por certo muitos livros e processos próximos: o Cardeal espanhol Merry del Val, a quem Pio X entregou sem reservas o seu coração de ouro.

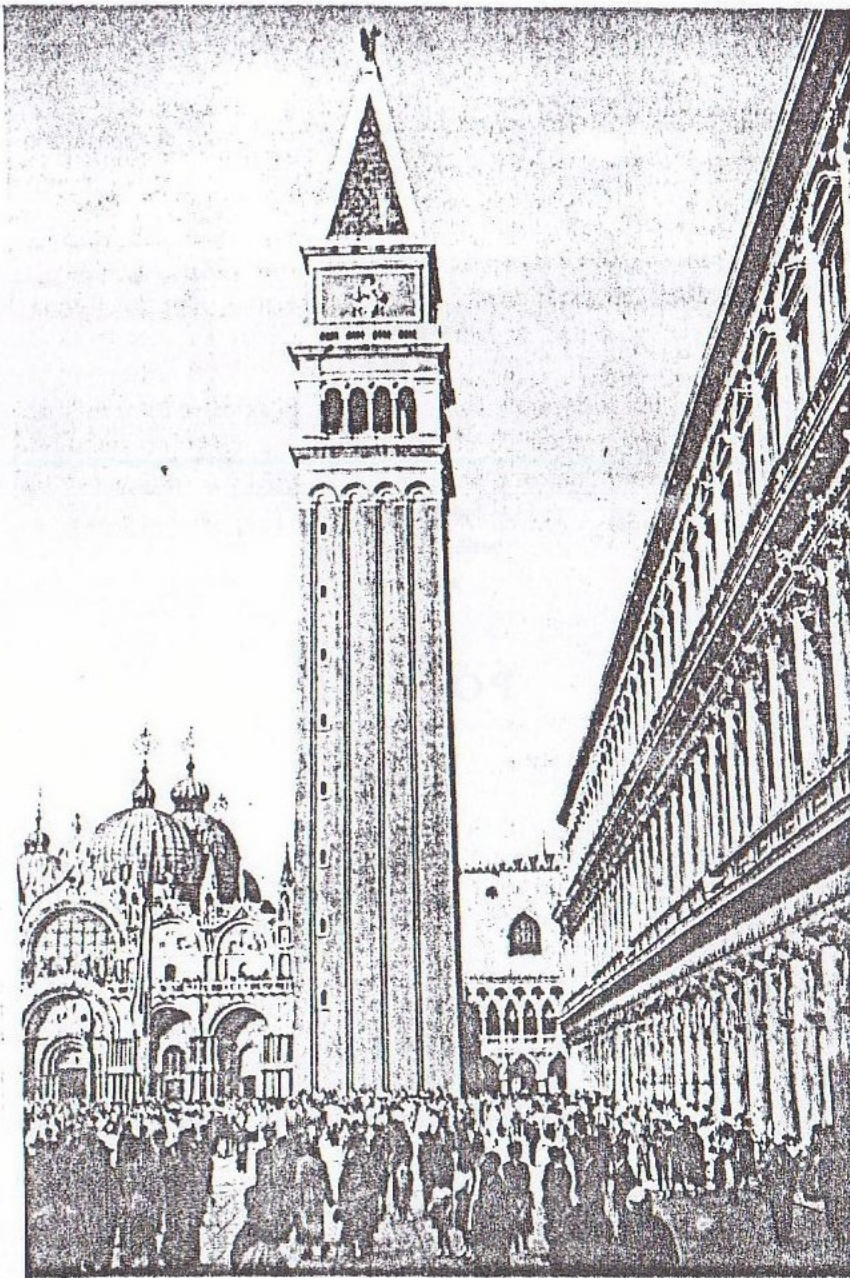
*Sobre o sepulcro de Pio X, adornado de flores, ardem sem cessar os
círios acesos pela piedade de clérigos e leigos, dobram-se os joelhos e
murmuram-se orações ardentes.*

A Igreja recolhe esse fervor e vai-nos dizer a sua palavra.

*Que os exemplos do grande Papa nos arrastem, e que a sua interces-
são nos valha perante o Senhor.*

† MARCELINO, Arcebispo de Valência

PÓRTICO



43

Todas as fotografias aparecem, também, em "Pio X", da editora Desclée de Brouwer, menos as de
 fls 128 (duas),
 129 (quatro),
 203 (uma),
 304 (uma) e

CALENDÁRIO

O Cardeal Patriarca de Veneza gosta de jogar de vez em quando a sua partida de cartas com alguns bons amigos. Esta tarde estão reunidos cinco em torno da mesa. A névoa sobre os canais está bastante cerrada. Ali dentro, os cinco amigos desfrutam agradavelmente do calor da sala e de umas chávenas de café trazidas por Rosa, a irmã do Cardeal. Interromperam a partida. Entre sorvo e sorvo, uma conversa festiva.

— De qualquer forma — comentava de excelente humor o Cardeal — terei muita pena em deixar Veneza. Sim, porque em breve chegará a minha altura. ^{VEL} De nove em nove anos ^{no curso de cada 9 anos,} cai uma folha do meu calendário. Fui nove anos coadjutor de Tômbolo. Nove anos pároco em Salzano, e outros nove cônego de Treviso. Durante nove anos governei Mântua como Bispo. Que farão de mim, ao concluir os meus nove anos de Patriarca em Veneza? Papa? Na realidade, não vejo outra solução.

Põem-se a rir. De todos eles, o Cardeal é quem está mais convencido de que, se Deus Nosso Senhor lhe conceder vida bastante, não permanecerá em Veneza nove anos, mas dezoito pelo menos.

Contudo, o prazo fatal chegou ao seu termo. Ao cabo de nove anos, saiu de Veneza. E como não havia outra solução, foi coroado Papa.

É assim, bem simples, o calendário de Pio X. Um pouco de reboliço nas primeiras datas, até que foi sacerdote, e um erro de dois anos ao atingir o papado: vê-se que não teve tempo para acabar as suas

coisas e pediu mais um prazo de dois anos. Os restantes pontos do esboço seguiram fielmente as oscilações de uma curiosa olimpíada.

2 de Junho de 1835	Nasce em Riese José Melchor Sarto ^{i. gerson}
3 de Junho de 1835	É baptizado em Riese 6-IV-47: Primeira Comunhão, com quase 12 anos
Novembro de 1850	Entra no Seminário de Pádua 1 ano e 10 meses. ^{quase 2 anos depois da lisma.}
18 de Setembro de 1858 ...	É ordenado sacerdote
19 de Setembro de 1858 ...	Celebra a sua Primeira Missa
13 de Novembro de 1858 ..	É nomeado coadjutor de Tômbolo 8 anos e 8 meses.
14 de Julho de 1867	Pároco de Salzano 8 anos e 4 meses.
28 de Novembro de 1875 ..	Cónego de Treviso 8 anos e 10 meses.
16 de Setembro de 1884 ...	Bispo de Mântua 8 anos e 8 meses, até ser Cardeal.
12 de Junho de 1893	É nomeado Cardeal
15 de Junho de 1893	Patriarca de Veneza
24 de Novembro de 1894 ..	Entrada em Veneza 8 anos e 8 meses.
4 de Agosto de 1903	Pio Papa X 11 anos e 16 dias.
9 de Agosto de 1903	Coroação
20 de Agosto de 1914	Morte de Pio X
quinta-feira, 18/16	

Santa Terezinha nasceu 5 anos e 5 meses depois de P.^o Sarto chegar a Salzano, como Pároco; e 2 meses antes da morte de P.^o Antonio Constantini, Vigário de Tômbolo. E faleceu 2 anos e 10 meses após a entrada dele em Veneza.

5. Pio X, por coincidência, viveu em 9 lugares:

Riese,
Castelfranco,
Pádua,
Tômbolo,
Salzano,
Treviso,
Mântua,
Veneza e
Roma.

9 letras, na assinatura e no título: Pius Papa X.

8 anos e 10 meses entre a morte (20-VIII-14) e a inauguração (23-VI-23) do monumento, na nave esquerda de São Pedro, entre as capelas da Apresentação e do Corô, monumento da autoria do escultor Pietro Astorri e do arquiteto Florestano di Fausto.

Exorcista e Acolito: VI-1-357, idem.
Subdiácono: 19-IX-1857, idem.
Diácono: 27-II-1858, idem.
Presbítero: 18-IX-1858, Matriz de Santa Maria ^{salvada} em Castelfranco.
Oficiante: D. João Antonio Farina, Bispo de Treviso.
1.^a Missa: 19-IX-1858, domingo, Igreja de São Mateus e de São Silvestre, em Riese.

NOTA CRÍTICA

Este livro está feito de espuma. A espuma branca da devoção e do entusiasmo que alvoroça a minha alma, de há uns meses para cá, enquanto aquilato, na pedra de toque de um estudo sério, das obras e das palavras de Pio X.

Revi os processos e todas as obras que giram à volta da figura do Papa Santo. Tenho-os entre mãos e suspeito que os terei ainda durante alguns anos, até que alguém organize a obra crítica digna do bom Pastor que foi pároco, bispo e papa.

Dizem-se tantas coisas dos Papas... Nós, os católicos, à força de histórias, formamos imagens que não correspondem exactamente à verdade.

A Pio X, coube-lhe em sorte uma «interpretação bondosa» da sua vida. «Bom sacerdote; não tão santo que devesse ser canonizado à pressa. No tocante a luzes, homem vulgar. E, como era lógico, um pouco desorientado no grande mundo da diplomacia e do dinheiro, como filho que era de uns aldeões de Riese. Por sorte, teve a seu lado Merry del Val».

O meu protesto devia ser o fecho deste livro ou um aroma que por sobre as suas páginas fosse notado pelo leitor. Mas eu não sei resistir aos impulsos, e escrevo aqui esse protesto fazendo gemer o bico da pena sob a pressão do meu convencimento: Pio X foi um santo em toda a linha da virtude heróica, e nada terá de estranho que a Igreja acelere a data da sua glorificação (*). Pio X era um homem inteligentíssimo

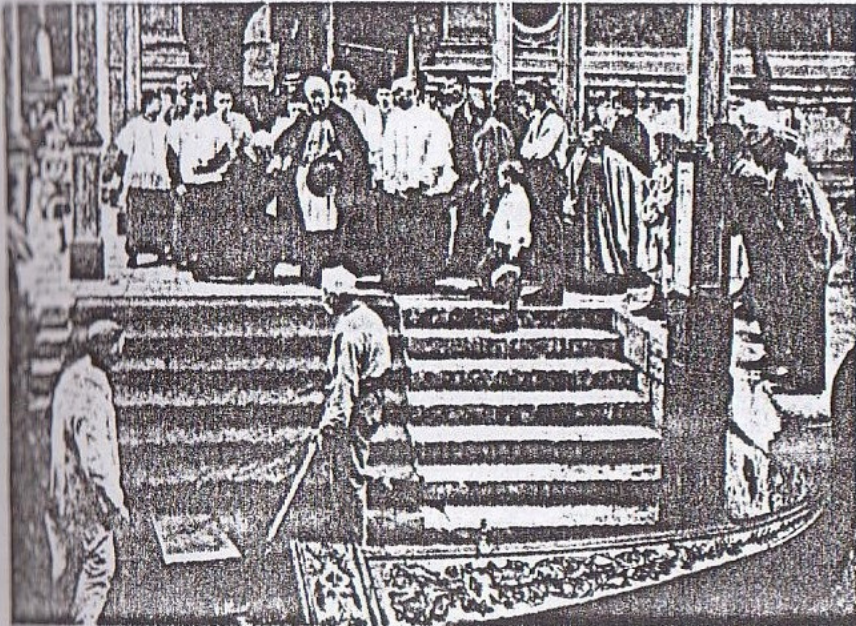
(*) Meses depois de escritas estas palavras do autor obtinham uma esplêndida confirmação. Pio X foi canonizado em 29 de Maio de 1954 (N. T.).

— apoio-me em provas — embora o seu valor nunca tivesse diminuído o seu bom coração e o seu senso prático. Quanto a distinção pessoal, veja o leitor esse perfil delicado do Patriarca de Veneza, e veja se ele soube ou não caminhar com segurança nos ambientes aristocráticos.

Leiam esta vida aqueles que apreciarem o desembaraço na plácida ciência de governar amando...

Publicado em
www.leiturascatolicas.com

O CONCLAVE



Publicado em
www.leiturascaticas.com

«UN POVERO CARDINALE DI CAMPAGNA»

JULHO-AGOSTO 1903 — Dó campanário de São Pedro, no Vaticano, correu o milagre até ao campanil de Riese. E os pequenos sinos da paróquia puseram-se a brincar, estreando um som novo que parecia de trombetas de prata. Os velhos de Riese ainda se recordam daquele volteio aloucado, que manteve os nervos dos camponeses em tensão até às três da madrugada.

A coisa não era para menos. Tinham-se reunido em Roma os Cardeais do mundo inteiro e tinham eleito Papa Dom Beppi. A um momento inevitável de desconcerto seguiu-se um irreprimível alvoroço. Quando começaram a chegar jornalistas e fotógrafos de Treviso, já os aldeões de Riese tinham percorrido por três vezes as ruas da vila, em manifestação, tinham esmagado com beijos e abraços João Parolin, casado com Teresa, irmã de Dom Beppi, que era dono do pequeno Hotel de Riese «Alle due spade», e entravam cheios de júbilo na igreja paroquial. Dom Bellincanta, o pároco, envergou o roqueté para imprimir um pouco mais de solenidade ao sermão que tencionava dirigir aos seus paroquianos. Mas mal tinha pronunciado quatro palavras quando um soluço lhe apertou a garganta. E não pôde mais. Os riansos, mais atentos do que nunca, interromperam a malograda alocução com um atoador «Viva o Papa!» e uma salva de aplausos.

Enquanto o povo ria e chorava, a um canto do presbitério o presidente do município de Riese dava tratos à imaginação procurando acertar com as medidas a tomar para que o acontecimento fosse dignamente festejado. Tenho diante dos olhos uma comovente reprodução dos bandos que a Câmara publicou durante três dias. Valem um poema. Quem não tenha vivido durante bastante tempo entre as gentes admiráveis da aldeia não

sabe o que é amar de veras, com a tenacidade e o sabor do pão integral e a ternura da hortelã. Quem não viveu longos anos entre essa admirável gente rústica, não pode imaginar como ela é capaz de amar os seus sacerdotes, aqueles que, nascidos entre eles e entre eles criados, se afastaram na juventude por alguns anos, para regressarem com o olhar brilhante e as mãos ungidas, a fim de celebrarem a primeira missa na igreja da sua aldeia.

Os de Riese tinham visto um dia o pequeno Beppi sair a caminho de Castelfranco para começar o estudo dos latins; tinham-no visto regressar de batina, espigadote, sorridente; tinham chorado durante a sua primeira missa e festejado a sua consagração episcopal; depois, tinham tocado com a ponta dos dedos a púrpura do Cardeal-Patriarca de Veneza quando ele viera visitar sua mãe... Agora, teriam de ir a Roma para ver que tal lhe ficava a batina branca. «1. Uma representação da Municipalidade apresentar-se-á em Roma para assistir à coroação do novo Pontífice. — 2. Colocar-se-á um busto com a efígie do Pontífice na sala das sessões... — 3. Colocar-se-á uma lápide na casa em que nasceu o Pontífice... — 4. Todos os cidadãos contribuirão para os festejos que serão organizados por uma Comissão escolhida para esse efeito...». Assim rezava o bando publicado pelo Conselho.

1

Aquele Dom Beppi de Riese era em Veneza Sua Eminência o Cardeal José Sarto, Arcebispo-Patriarca. Quando, em 5 de Julho de 1903, recebeu a primeira notícia da grave doença do Papa Leão XIII, o Cardeal de Veneza dirigiu uma pastoral aos seus fiéis, pedindo-lhes oração instante para que o Senhor prolongasse a vida do Papa. Mas os boletins médicos que se sucediam não abriam a porta à esperança. O doutor Laponi, médico de Sua Santidade, chamou para conferência o Professor Mazzoni, o médico mais prestigioso de Roma. O comunicado da conferência assinalava um esgotamento senil que Leão XIII não poderia vencer.

Eram noventa e três anos de um esforço titânico. Leão XIII foi a bisagra do século que estamos vivendo. Sem a ductilidade do seu espírito, sem a sua capacidade de adaptação, sem aquela fibra diplomática que sustentava como um nervo delgado as suas acções, o esgotamento senil tê-lo-ia surpreendido muito antes. Quando foi eleito, houve muitos

que profetizaram a sua morte imediata, porque a sua saúde não parecia vigorosa. A Igreja estava então a braços com circunstâncias penosamente difíceis. A Pio IX, tinham arrebatado tira a tira o domínio temporal dos Estados Pontifícios. Com o assalto dos garibaldinos a Roma, o Papa ficava recluso no Vaticano como prisioneiro do Governo italiano. Pio IX morreu sem que a sua política deixasse uma fresta por onde se pudesse entrever uma solução de entendimento com os usurpadores.

Leão XIII, quando ainda era simples Cardeal, tivera uma visão objectiva do assunto. A unidade italiana era um facto, uma realidade histórica que não podia ser ignorada; e os problemas que dela haviam resultado não podiam ser solucionados pela simples manutenção firme da excomunhão dos seus fautores. A justiça estava da parte do Papa despojado, mas a prudência e a própria eficácia da acção da Igreja aconselhavam uma revisão do problema. Enquanto em Roma se exacerbava cada vez mais a tensão de Pio IX com o Governo italiano e os seus representantes, o futuro Leão XIII, Cardeal-Bispo de Perugia, procurava manter perante as autoridades civis uma atitude de franca compreensão. Todos vaticinavam que se o Bispo de Perugia fosse eleito Papa por morte de Pio IX, a situação se aliviaria. Li numa página de um jornalista italiano daquele tempo uma frase curiosa: se Pio IX, o intransigente, o despojado, tivesse suspeitado que, contra os seus desejos e as suas medidas, o Cardeal-Bispo de Perugia seria o seu sucessor no Pontificado, tê-lo-ia excomungado para que não pudesse ser eleito. Estava inteiramente convencido de que a única atitude aceitável que a Igreja podia assumir, depois da longa série de vexames a que a tinham submetido, era a da intransigência.

Não era fácil definir uma atitude eficiente que norteasse as actividades diplomáticas do Vaticano. Alguns Estados pareciam em princípio dispostos a apoiar as reivindicações pontifícias, mas, por um lado o espírito liberal que invadira a Europa, e por outro o facto incontestável da unidade italiana, que aglutinava eficazmente, ao que parecia, os pedaços do histórico quebra-cabeças da península, tinham trazido aos ânimos a convicção de que já não era possível voltar atrás. Tacto, um tacto finíssimo, e uma delicada sensibilidade, eram as armas a que o Papa teria de recorrer. Leão XIII manejou-as com tal segurança que, ao cabo de pouco tempo, aquela diplomacia vaticana, que parecia abordar vacilante e lamurienta as chancelarias europeias, tinha conquistado o apurmo necessário para dialogar em pé de igualdade com os Estados

«recordar-lhes os princípios da política cristã. É vasta a lista dos méritos de Leão XIII; mas é neste ponto que encontramos o melhor vestígio da sua passagem pela Sé Pontifícia: depois dos reveses, conquistou segurança para a vida da Igreja. Para esse efeito, dotou-o o Senhor com um conjunto de qualidades raras vezes reunidas num mesmo homem; e acima de tudo, concedeu-lhe tempo. Os agoireiros de sempre tinham-se mostrado desgostosos com a eleição: «Pesam-lhe demasiado os anos»; «não tem saúde»; «durará pouco». Mas, na realidade, Leão XIII celebrou o seu jubileu de sacerdote, de bispo e de papa.

Uma política, porém, nunca depende de um só homem. A intervenção dos seus colaboradores e o ambiente que estes respiram, consciente ou inconscientemente, são decisivos. Leão XIII tinha que deixar sedimentar os ânimos. Muitos dos seus Cardeais tinham acompanhado Pio IX nas horas amargas, e esquecer não é fácil. No Conclave que elegeu Leão XIII, pareceria grave imprudência falar de conciliação ou de paz. Talvez a única dificuldade que impediu vários Cardeais de inscrever o nome de Pecci nos boletins de voto fosse a proximidade desse candidato em relação aos ambientes civis. Quando Leão XIII morreu, predominava no conjunto dos Cardeais a ideia, se não da conciliação, ainda prematura, pelo menos de uma política de aproximação e de paz...

Com tudo isto não pretendo afirmar que Leão XIII desejasse inconsideradamente um acto conciliatório, que implicaria uma renúncia da Igreja aos seus legítimos direitos. Conheceria muito mal o seu espírito quem o julgasse imprudente. Mas o Papa, integrado no novo século, aguçava o olhar e via a grande distância. Não teria por certo assinado qualquer acordo, porque nem todos raciocinavam tão depressa como ele; mas na realidade, com os vaivéns, com as aproximações e as retiradas dos seus vinte e cinco anos de governo, Leão XIII deixou o Vaticano a um passo do Pacto de Latrão.

Aquele astuto jornalista italiano que, como acima referimos, disse que Pio IX ^{publicado em 1913} teria desejado excomungar o Cardeal-Bispo de Perugia para que não fosse eleito Papa, afirmou também que Leão XIII teria excomungado o Conclave inteiro, se suspeitasse que os votos se concentravam em torno do Cardeal Sarto. Mas contra o parecer do jornalista, o encadeamento temporal dos três Papas — Pio IX, Leão XIII e Pio X — na mesma página da história, parece-nos ter uma coesão maravilhosa. A Igreja serve-se de um conceito muito particular do tempo. Qualquer observador teria dito que, morto Leão XIII, o primeiro problema de

magna importância que reclamaria a atenção do novo Papa seria a «conciliação» com o Governo italiano. Mas em vez de um Papa que seguisse rapidamente o rasto deixado por Leão XIII, surgiu Pio X, e com ele outro centro de atenções. Leão XIII tinha acalmado o ambiente político e traçado um programa vastíssimo, teórico e prático, que abrangia numerosos sectores, desde uma visão audaz do futuro social dos povos e da missão da Igreja nessa matéria tão espinhosa, até à ordenação dos estudos teológicos. A cinquenta anos de distância, estamos ainda realizando os seus planos. Foi o autêntico pai do século XX, da cultura do século XX. O primeiro cidadão do nosso século. Para Pio X, como se adivinhasse que a jornada seria longa e que os problemas do novo século não se limitariam a uma questão particular com o Governo italiano — aliás resolvida por Leão XIII, e que aguardava apenas maturidade e clima favorável para passar a acto — para Pio X, dizíamos, a preocupação dominante foi a da revisão das forças íntimas da Igreja, do seu conteúdo espiritual, do vigor sobrenatural nas almas dos cristãos. A Igreja tem uma alma, uma vida própria, uma constituição e uma estrutura que não se esgotam no seu contorno diplomático. Por isso Pio X não vinha suceder a Leão XIII, o hábil político, de uma escola diplomática, mas pelo contrário brotava do subsolo, dos sulcos profundos do Corpo Místico, e foi filho de camponeses fiéis, que desfiou o seu terço numa igreja de aldeia e percorreu uma complicada trajectória, de coadjutor a pároco, de pároco a bispo e a cardeal...

A mão finíssima de Leão XIII tinha manejado o leme para que a Igreja dobrasse um cabo difícil de passar. Já se podia deixar no seu caminho, rodeado das ovelhas sempre esfomeadas, o pastor de surrão sempre cheio.

2

O Cardeal de Veneza anunciou aos seus diocesanos, num documento emocionante, a morte do Papa. ^{ocorrida em 1903} Exaltava a figura de Leão XIII e parecia recordar em cada linha os favores com que ele o distinguira. Ordenava preces públicas e honras fúnebres, que deviam ser celebradas na Basílica de São Marcos e noutras igrejas da cidade. Na mesma pastoral, a última que lhes dirigia como Patriarca, assinalava um segundo dever como consequência da morte do Papa: pedir a Deus a assistência do Espírito Santo aos Cardeais que se iriam reunir no Conclave para a eleição do novo Pontífice. «A barca — escrevia o Cardeal — ficou

sem piloto; a Igreja, sem Pai e sem Pastor. Rezai para que Deus dirija a eleição reunindo os votos sobre aquele que, pela sua virtude, pela sua inteligência e pelo seu fervor apostólico, seja digno sucessor de Leão XIII». Bem longe estava de suspeitar que escrevera a sua própria definição; que a sua virtude, a sua inteligência e o seu fervor apostólico chamariam a atenção dos eleitores quando, perante Deus, revissem a lista dos elegíveis.

O Cardeal Sarto escreveu no dia ^{sábado} 25 uma carta ao Reitor do Colégio Lombardo, anunciando-lhe que chegaria a Roma no dia 27 de madrugada, acompanhado do seu capelão, D. João Bressan e do ^{camariere} ~~camariere~~ ^{domingo} ~~domingo~~, aquele homem famoso de Abbiategrosso». Na manhã do dia 26 conferiu ordens sagradas a vários alunos do Seminário de Veneza e de Treviso, na igreja de Santa Maria da Saúde. Jovial e bondoso, entreteve-se com eles depois da cerimónia.

À uma e meia da tarde, do pátio do Patriarcado, mandava um recado urgente a sua sobrinha Amália:

— Diz a D. João que se arranje depressa. Ir a Roma não é o mesmo que partir para a América.

O pobre D. João amontoava roupas e mais roupas na sua mala, como se suspeitasse que a viagem ia ser longa. Um estranho pressentimento os trazia a todos desorientados. O Cardeal, lançando mão dos seus recursos festivos, tratou de tirar importância ao caso. Suas irmãs ajoelharam para lhe beijar o anel, como era hábito fazerem quando ele se ausentava. Sem saber porquê e sem dar explicações, o Cardeal levantou-as e beijou-as na face. Amália, um pouco angustiada, disse-lhe:

— Fazei o Conclave e voltai imediatamente.

— Imediatamente ou mais tarde, não interessa. Tu, entretanto, irás a Possagno com D. Battista, para tomares ar fresco. Aparecerei lá quando menos o esperares.

Em Veneza, as gôndolas lançam a âncora à porta de cada palácio, como borboletas que se divertem poisando sobre a água. O Cardeal dirigiu da gôndola o último adeus a suas irmãs. O comboio partia às 14,35 e ele não podia perder mais tempo. Os sinos das torres de Veneza aguardavam a presença do Cardeal na sua gôndola para romperem com os seus repiques de despedida. Antes de ter observado um por um os campanários de Riese, de Tómbolo e de Salzano, de Mântua e de Veneza, não pude compreender por que razão a vida de Pio X esteve intimamente ligada ao som dos sinos. Qualquer pároco de aldeia sabe muito bem que tem nos sinos da sua torre os mais fiéis intérpretes das

suas alegrias e dos seus pesares, e que esses sinos falam sempre no tom que ele lhes queira imprimir. Vão cantando a cada alma canções delicadíssimas, que o pobre padre não saberia concretizar nas suas prédicas, dirigidas do púlpito aos fiéis. Em torno da gôndola do Cardeal de Veneza, o ímpeto cantante dos sinos agitava as águas mansas do Gran Canale e formava ondas de suave despedida. Nos parapeitos das pontes, cachos de gente concentram-se para dizerem adeus ao Cardeal que vai a Roma porque morreu o Papa, porque tem de ser eleito outro, e porque — disse-o aquele senhor cônego que passeia todas as tardes com o governador da cidade — talvez o queiram lá para Papa...

A todos sorri o Cardeal, iniciando uma bênção. Admira-se um pouco de ver tanta gente concentrada na estação. Aplausos, o anel, bênçãos... O Cardeal, comovido, repete apenas uma palavra: «Obrigado, obrigado...» Pouco antes da partida do comboio, calaram-se todos durante dois minutos. Agradece-lhes tantos obséquios, tanto carinho que já conhecia de longa data: «Voltarei, não se preocupem; vivo ou morto, hei-de voltar».

Com o último adeus, com o último beijo lançado pela janela da ^{vação} ~~caruagem~~, como o lançam as crianças, ficou a pairar na atmosfera da estação de Veneza uma promessa que o Cardeal, bem a seu pesar, não havia de cumprir.

3

Não é verdade que o Cardeal de Veneza, ao partir para Roma, tomou bilhete de ida e volta. Uma de tantas historietas que germinam no terreno denso de uma vida santa. Mas é incontestável que se algum Cardeal teve longe da sua alma o pressentimento de ser eleito Papa no Conclave de 1903, esse Cardeal foi por certo o Patriarca de Veneza. Facto curioso, que se deu também na eleição de Pio XII: o Cardeal Sarto e o Cardeal Pacelli atraíram sobre as suas pessoas o pensamento de muitos que neles adivinhavam o futuro Papa. E ambos, com indiscutível sinceridade, deram mostras de não terem reparado nos prognósticos de que eram alvo. Pacelli tinha projectadas para depois do Conclave umas férias em Rorschach, bem ganhas com os trabalhos dos últimos tempos de Pio XI. Sarto repetia um estribilho que trazia gravado com íntima convicção no fundo da sua alma: «Sou um pobre cardeal de aldeia; não podeis esperar grandes coisas de mim».

da morte
do interior

Adapta-se muito bem ao temperamento italiano o jogo dos prognósticos em torno da eleição do futuro Papa. É um tema de actualidade permanente, que ocupa as páginas dos semanários e anima as conversas das «trattorias». O público divide o Sacro Colégio em dois grandes grupos: Cardeais «papáveis» e Cardeais «não papáveis». As circunstâncias vão imprimindo interesse ao jogo, aumentando de vez em quando o grupo dos «papáveis», ou retirando do número dos preferidos algum Cardeal que passa à reserva ou que morre. Como sucessor de Leão XIII, já quase um velho quando foi eleito, apontavam um ou outro «papável» indiscutível, que talvez tivesse desempenhado um papel magnífico no pontificado; mas o Papa lembrou-se de não morrer antes dos noventa e três anos de idade, e mandou adiante de si vários dos seus possíveis sucessores.

Nem os próprios jornalistas confiam demasiado. Parece que muitas vezes o Espírito Santo não está de acordo com a opinião popular, e a experiência parece confirmar um provérbio que se verifica com frequência nas vésperas das eleições: «Chi entra Papa in Conclave, ne esce Cardinale»: quem entra Papa no Conclave, sai Cardeal.

É, no entanto, interessante observar a lista dos «papáveis» que a voz corrente apontava por morte de Leão XIII, pois o Conclave celebrado em 1903 teve características especiais que os colocou bem à vista.

O primeiro dentre eles, Cardeal Decano e Camerlengo, estava posto de parte devido à sua saúde nada robusta, que dava à sua idade já um pouco avançada aparências de completa velhice: Luis Oreglia, filho de família nobre, fora Internúncio na Holanda, Núncio em Bruxelas e em Lisboa, e Cardeal aos 45 anos de idade, no Consistório de 1873. Por toda a parte o acompanhara uma fama bem merecida de severidade e de amor à justiça; amava a expressão sincera das suas opiniões e não temia as consequências do seu modo de ser franco, sempre rebelde aos arranjos diplomáticos.

Vizinho na idade e distante no temperamento do seu colega Oreglia, o Cardeal Afonso Capecelatro tinha absorvido dos livros, em longos dias de estudo, um verniz de sabedoria e de bondade que infundia confiança e atrala simpatias. Bibliotecário da Santa Igreja Romana e Arcebispo de Cápua, vinha ao Conclave já fora de tempo, como representante de promoções impossíveis. Entretanto, o leitor fará bem em não esquecer o seu nome.

Semelhantes em idade e em temperamento político, os Cardeais Rampolla e Vannutelli, não o eram tanto em matéria de mútuo afecto, ao

que asseguravam as maledicências curiais. E parece que não revelavam grande interesse em desfazer a fama. Mariano Rampolla, ^{del tondato} Secretário de Estado de Sua Santidade o Papa Leão XIII e Arcipreste da Basílica Vaticana, nascera em Polizzi, na Sicília, diocese de Cefalú, a 17 de Agosto de 1843. Aluno do Colégio Caprânica e da Academia de Nobres Eclesiásticos, fora nomeado no ano de 1875 Auditor da Nunciatura em Madrid. Dois anos depois voltara a Roma, para regressar a Madrid em 1882, como Arcebispo de Heraclea e Núncio de Sua Santidade. Por morte do Cardeal Jacobini, Leão XIII chamou-o para Secretário de Estado, cargo sempre difícil, e muito mais no segundo período do pontificado daquele Papa, quando uma prolongada acção política ia esgotando as reservas diplomáticas do Vaticano. O Cardeal Rampolla foi apontado por todos os desgostosos como responsável directo da política pontifícia. O seu prestígio era no entanto indiscutível, e os que só podiam julgar o futuro do Conclave pelos dados exteriores, jogavam nele.

Algumas noites de preocupações deve ter proporcionado aos ministros do Governo italiano a forte probabilidade a favor de Rampolla, pois que lhe atribuíam o papel de instrumento imediato da acritude que em poucos anos haviam adquirido as relações, oficialmente inexistentes, do Papa com a monarquia.

O Penitenciário-Mor, Serafim Vannutelli, tinha no Sacro Colégio outro irmão Cardeal, Vicente, Prefeito da Sagrada Congregação do Concílio. Colegial do Caprânica, antes de passar à carreira diplomática fora Professor de Direito e de Teologia. A diplomacia impossibilitou uma longa peregrinação, como Auditor no México e na Baviera, Delegado Apostólico no Equador e no Perú, Núncio em Bruxelas e em Viena. Um dos dados que as pessoas informadas manejavam com mais prazer nos saborosos comentários dos conciliábulos à inimizade existente entre Rampolla e Vannutelli era o de que Leão XIII tinha pensado neste último para Secretário de Estado antes de se decidir por Rampolla, mas que certo Governo influente vira a escolha com maus olhos. Vannutelli, inteligente e aberto, de grande constância nas tarefas que empreendia, era um fino Cardeal, muito relacionado com o Corpo Diplomático, a cujas reuniões e recepções acudia com assiduidade. Os intelectuais e as altas esferas de Roma tê-lo-iam visto Papa com prazer.

Outros dois «papáveis» não passavam de candidatos circunstanciais: o Cardeal Gotti, genovês, tinha sido Geral dos Carmelitas Descalços, e em missão especial resolvera uma situação difícil no Brasil;

o Cardeal Vives y Tutó, capuchinho espanhol, passava por intransigente «di pura acqua», em matéria de política e de costumes.

Aqueles que previam que o Sacro Colégio se inclinaria por um Cardeal alheio à Curia Romana e mais em contacto com a vida pastoral, baralhavam com relativa unanimidade dois nomes: os dos Cardeais Sarto e Ferrari. O Cardeal Ferrari, ainda novo, Arcebispo de Milão, reflectia na sua concepção apostólica o ímpeto que a todas as empresas imprime o norte da Itália; um grande homem, empreendedor e eficaz, discutido, como todos os condutores de obras e de grupos. O Cardeal Sarto, Patriarca de Veneza, aparecia no voto popular como um homem de Deus, dedicado às almas, que estava acima de políticas concretas e cultivava uma política superior, podendo procurar pontos de apoio em que basear uma relação de coisas tão afastadas como o Vaticano e o Governo italiano. Todos adivinhavam que a sua nomeação significaria uma mudança de métodos. E não se enganaram.

Não era fácil escolher uma carta em semelhante baralho. Uma eliminação inteligente deixava de pé os dois pares Rampolla-Vannutelli e Sarto-Ferrari, mas daí por diante não se via solução. Surgiram os agoireiros e adivinhos, que complicaram as coisas. Em relação ao próprio Cardeal Sarto se verificou — depois da eleição — que um forte batalhão de profetas o acompanhara desde a celebração da sua primeira missa, apontando-o como futuro Papa. Marchesan, um animoso biógrafo, recolheu o testemunho de alguns adivinhos e acrescentou que não pretendia publicar a lista das «sibilas», porque seria interminável.

Muitos Cardeais de fora da Itália desconheciam a vida do Patriarca de Veneza, com regozijo do interessado que, refugiado nessa ignorância, encontrava um bom motivo para se tranquilizar quando alguém lhe recordava a sua condição de «papável». Na ^{quarta-feira} última reunião de Cardeais antes do Conclave, em 29 de Julho, sentaram-se lado a lado o Cardeal Lecot, Arcebispo de Bordéus, e o Cardeal Sarto. Reproduzo no seu texto original o diálogo que se travou entre os dois:

— *Votre Éminence est sans doute archevêque en Italie? Dans quelle diocèse?*

— *Non parlo francese.*

— *In quam diocesim es archiepiscopus?*

— *Sum patriarcha Venetiae.*

— *Non loqueris gallice? Ergo non es papabilis siquidem Papa debet gallice loqui.*

— *Verum est, Eminentissime Domine. Non sum papabilis. Deo gratias.*

(— Vossa Eminência — perguntou o francês — é por certo Arcebispo na Itália. De que diocese?)

— Não falo francês — respondeu Sarto em italiano.

— De que diocese sois Arcebispo? — perguntou de novo o francês, falando desta vez em latim.

— Sou Patriarca de Veneza.

— E não falais francês? Não sois portanto «papável», pois o Papa deve falar francês.

— É verdade, Eminência, não sou «papável». Graças a Deus!)

Contra o parecer do Cardeal de Bordéus, os dois pares de nomes, Rampolla-Vannutelli e Sarto-Ferrari, dançavam na imaginação dos romanos, enquanto se celebravam as exéquias de Leão XIII e se preparava o Conclave.

4

Leão XIII lutou com a morte como lutara com os Estados europeus. Negou-se a estar doente. No dia 3 de Julho, ^{sexta-feira} aconselhado pelo doutor Lapponi, médico de câmara e seu amigo pessoal, suspendeu as audiências e dispôs-se a tomar uns dias de descanso. Tivera a última audiência naquele mesmo dia, depois de um passeio pelos jardins do Vaticano, recebendo uma peregrinação de cem estudantes húngaros.

No dia 5 ^{domingo} correram rumores em Roma: o Papa estava gravemente doente. Em tempos tão complicados como os nossos, os grandes personagens só têm direito a uma única doença: aquela de que morrem. As restantes são mantidas secretas, porque poderiam representar certa desvantagem na tramitação dos assuntos. O doutor Lapponi, de acordo com o professor Mazzoni, redigiu uma nota que confirmou as suspeitas dos romanos: era o princípio do fim.

Roma é a diocese própria do Papa, que é seu Bispo e que a deve governar; os romanos são os diocesanos do Papa. Como não é possível que desça a ocupar-se das minuciosidades de todos os dias, designa para o governo imediato da diocese um Cardeal-Vigário com plenos poderes. No mesmo dia 5, ^{domingo} tornou-se público um convite do Vicariato suplicando orações pela saúde do Papa.

Leão XIII sorria um pouco do cume da sua vida, e sem perder o pulso defrontou os últimos dias. Quis receber o Santo Viático com

toda a pompa severa do cerimonial. Os Cardeais choravam, e ele acariciava-os como se fossem crianças. De 6 a 19 de Julho, os dias ^{segunda-feira} ^{domingo} estiveram preenchidos com notas de Lapponi, que acentuavam a depressão do Pontífice, e com orações públicas nas igrejas de Roma.

O Governo italiano, na sua violenta situação perante o Vaticano, quis manifestar o desejo de atender e proteger as contingências de Roma, e para isso multiplicou a polícia nas imediações de São Pedro e notificou que de três em três horas Zanardelli, Presidente do Conselho de Ministros, telegrafaria a Sua Majestade o Rei Vitor Manuel, que se encontrava em Racconigi, para lhe informar da saúde do Papa.

Uma nuvem de jornalistas assentou arraias, de dia e de noite, nas tabernas das proximidades de São Pedro. Jogavam às cartas, bebiam vinho «dei Castelli», olhavam para as janelas do Palácio, e de vez em quando davam uma volta pela colunata para acabarem junto ao portão de bronze, oferecendo um cigarro ao sulço de guarda e tentando entrar em intimidade com ele para lhe arrancar uma pequena parte do mistério velado: Quando morreria o Papa? As redacções dos jornais tinham preparado um número inteiro, de edição extraordinária, com grandes cabeçalhos negros que enchiam a primeira página: faltava apenas a chamada telefónica ou o telegrama indicando a hora exacta. Durante o dia iam e vinham os Cardeais, os representantes das nações acreditadas junto da Santa Sé, a multidão pesarosa dos fiéis. De noite, velavam os íntimos. O Papa falava da sua «feliz doença», que fora oportunidade tão propícia para lhe manifestarem tanto carinho. E encontrava um momento de lucidez para corrigir uns versos latinos, os últimos que compôs, e mandá-los ao Padre Hildebrando, Abade de Santo Anselmo. Leão XIII tinha que morrer assim: com uns dísticos latinos meio redigidos.

Às nove e meia da manhã, os jornalistas mostraram-se agitados, devido ao movimento extraordinário que notaram junto às portas do Palácio. Informaram-se: o Papa ia entrar em agonia. Na madrugada do dia 20, o ^{segunda-feira} Cardeal Camerlengo, a quem, morto o Papa, correspondia a autoridade máxima, ocupou um aposento no Palácio. Rampolla, Secretário de Estado, transmitiu o seguinte telegrama a todos os Núncios do mundo: «Pesa-me anunciar-vos que o estado de saúde do Santo Padre é excepcionalmente grave. Insistamos na oração. Rampolla.»

Às onze e um quarto calu em estado pré-agónico. Em plena lucidez mental, rogou aos Cardeais que cuidassem dedicadamente dos direitos da Igreja enquanto estivesse vaga a Sede. Monsenhor Bisleti que, como Mestre de Câmara, estivera encarregado de despachar os vales para

os que obtinham audiências pontificias, pediu-lhe uma bênção. O Santo Padre moveu a mão direita, dizendo: «Que seja este o meu último vale». Às doze e meia estavam reunidos em torno do seu leito os Cardeais que viviam em Roma. Quis que se aproximassem, para lhe beijarem a mão, os seus sobrinhos Luis, Camilo e Ricardo, e depois todos os Cardeais. Repetia piedosamente as jaculatórias que o seu confessor lhe sugeria. Às quatro menos um quarto entrou em agonia, e às quatro expirou. «O Santo Padre, certificava Lapponi, ^{entregou} devolveu a Deus a sua grande alma».

Dobraram a finados os sinos de São João de Latrão, Catedral do Bispo de Roma. Rampolla comunicou a notícia aos Núncios, e Lapponi passou o certificado de óbito ao Presidente do Município. O Vaticano não informou o Governo italiano, mas este deu-se por informado, e publicou na primeira página do Jornal Oficial uma nota elogiosa do Papa e do seu pontificado. «Pela elevação da sua mente doutíssima, pela severa austeridade do seu exemplo, tributaram-lhe frequentes e calorosas manifestações de reverência; ocupou-se de numerosas e conspícuas obras, que deixarão uma larga recordação do seu nome. O eficaz pontificado de Leão XIII deixará na história civil um argumento da liberdade com que as Leis do Estado garantem o exercício do supremo poder religioso». A última frase amargou o paladar aos Cardeais. Roma celebrava naquela ocasião a festa onomástica da Rainha Margarida; o Presidente da Câmara apressou-se a dispor que as festas cessassem, e as bandeiras e as bandas de música retiraram em boa ordem. Zanardelli, «para garantir a liberdade moral e material do Governo provisório da Igreja e tutelar as deliberações do Sacro Colégio», ditou as disposições oportunas, que encheram de carabineiros as ruas da cidade.

No dia 21 de Julho, pela manhã, os vinte e seis Cardeais da Cúria reuniram-se na Aula Consistorial, para celebrarem a primeira das nove sessões que deviam ter lugar. O assunto mais importante de que se ocuparam foi o da eleição de um Secretário para o próximo Conclave. Por direito próprio, esse cargo correspondia ao Secretário da Sagrada Congregação Consistorial, mas este falecera pouco tempo antes. Como mais apto, a nomeação recaiu em Monsenhor Merry del Val, Arcebispo de Niceia, Presidente da Academia de Nobres Eclesiásticos. Merry del Val não podia imaginar que aquela nomeação iria desviar para sempre o rumo da sua vida, abrindo-lhe uma rota infinita ao lado de um Cardeal que, numa longínqua cidade do Norte da Itália, adorava os passeios de gôndola.

Numa das últimas tardes de Julho, o Cardeal Ferrari, Arcebispo de Milão, e o Cardeal Sarto, Patriarca de Veneza, comentavam no Colégio Lombardo, onde estavam hospedados, como era desagradável o processo de embalsamamento a que eram submetidos os cadáveres dos Papas. Quando chegaram a Roma, já esse rito estava cumprido; as vísceras de Leão XIII tinham sido colocadas numa urna e transportadas para a igreja dos Santos Vicente e Anastácio; os Cardeais tinham celebrado outras cinco reuniões, a que se foram incorporando novos membros à medida que iam chegando; tinham sepultado o cadáver do Papa, e desde o dia 22, às nove e meia, vinham-se celebrando na Basílica Vaticana as cerimónias fúnebres, tendo sido lido, no dia 26, ^{domingo} na Aula Consistorial, o testamento ológrafo de Leão XIII. *= todo manuscrito, manuscrito do princípio ao fim.*

Já acima referi que o Cardeal Sarto viera a Roma disposto a lançar mão, se fosse preciso, da sua ignorância do francês para afastar de si o perigo da eleição. Esse dado não era completamente exacto, por mais que ele o esgrimisse: Chaumier, Ministro francês da Instrução Pública, regressou uma vez de Veneza dizendo que o Cardeal falava bom francês. Um dia recordaram essa opinião a Pio X, que se riu de boa vontade, afirmando que falara com o ministro num francês «muito grosseiro». O caso é que, desde o momento da sua chegada, no dia 27, não lhe faltaram augúrios. Parece que foi a Condessa de Carpena que lhe disse:

- Faço votos para que o Espírito Santo poise sobre a vossa pessoa. E o Cardeal respondeu sorrindo:
- Fraca opinião tem a Senhora Condessa do Espírito Santo.

A profecia de Malaquias, o monge bretão que estabeleceu uma lista dos Papas sucessivos em frases que resumem as suas vidas, trazia preocupados os agoireiros. Ao sucessor de Leão XIII correspondia o lema: «ignis ardens», fogo aceso. Que significaria aquela palavra misteriosa? Uns aplicavam-na a Rampolla, porque nascera na Sicília, a ilha do Etna, o vulcão que de vez em quando recorda que há fogo nas suas entranhas; outros explicavam que Vannutelli se chamava Serafim, que significa anjo com asas de fogo; havia quem aplicasse a expressão, a Gotti argumentando que este Cardeal, como Prefeito da Congregação de Propaganda, tinha a seu cargo a jurisdição eclesiástica das terras do Equador. Um cônego de Nápoles movia a cabeça negando fundamento às conjecturas: em seu entender, a expressão «ignis ardens» podia-se

aplicar a qualquer Cardeal, pois significava apenas que o Papa, daquela vez, seria eleito no período mais ardente do verão; e é possível que lhe não faltasse razão, porque os termómetros naquela ocasião em Roma marcavam 34 graus e 6 décimos à sombra.

Todos esses rumores acompanharam, ~~de 27 a 30~~ ^{segunda-feira quinta-feira} daquele mês de Julho, as actividades dos Cardeais, que celebraram as suas últimas reuniões completaram o pessoal escolhido para o Conclave, distribuíram os aposentos e ouviram, como final das exéquias de Leão XIII, a oração fúnebre que Aurélio Galli pronunciou na Capela Sixtina. E o que é mais importante: conversaram entre si, examinaram o estado dos problemas mais graves, expuseram mutuamente os seus pontos de vista.

A eleição do Romano Pontífice tem agitado em todos os tempos o mundo inteiro. É o momento em que as entranhas da Igreja sentem mais vivamente o calor do catolicismo e os vínculos da união vital que mantém em conexão as pequenas comunidades das aldeias e as comunidades mais numerosas das cidades, pondo os desejos em expectativa e os espíritos em oração, enquanto afastam o fantasma de uma impossível dispersão. Em tempos longínquos, alguns bispos de regiões afastadas receberiam com muito atraso o correio montado que lhes levava a pequena tábua com o nome do novo Bispo de Roma, e de tarde em tarde teriam a visita dalgum peregrino que conhecia pormenores da eleição e da vida do eleito. Hoje em dia, a rádio mantém em tensão os corações ansiosos, e nos próximos Conclaves a televisão poderá focar uma pequena fracção da parede do Palácio Vaticano por onde assoma o tubo de latão que, com as suas «sfumatas», regula em movimento pendular, desde a manhã até à tarde, as fases do Conclave.

O sistema de eleição tem estado condicionado às diversas contingências dos séculos passados. Os Papas foram aperfeiçoando pouco a pouco o conjunto de disposições que regulam a eleição do sucessor. Esforçaram-se sempre, sobretudo como consequência dos amargos vaivéns da Alta Idade Média, por que a legislação eclesiástica pusesse as actividades do Conclave fora do alcance das ambições humanas. Os Imperadores germânicos, e depois deles os Reis dos Estados católicos e os Governos das grandes potências, tentaram participar no acto da eleição, por vezes directamente, por intermédio dos seus embaixadores, e outras vezes

indirectamente, depositando a sua esperança particular nalgum Cardeal da respectiva nação. No dia 13 de Abril de 1059, o Papa Nicolau II, atendendo às indicações de Hildebrando, seu secretário, publicou a bula «In nomine Domini», que regulava por forma orgânica a eleição do Pontífice. Completada por Alexandre III, esta bula teve uma influência decisiva nos séculos posteriores. A secção quinta do II Concílio de Lião, convocado por Gregório X, promulgou a bula «Ubi periculum», datada de 7 de Julho de 1274, em virtude da qual nasceu o «Conclave» propriamente dito, com reclusão dos Cardeais em lugar vigiado e redução gradual da abundância dos seus alimentos, de modo que, se em cinco dias não tivessem chegado a acordo para porem termo à eleição, ficavam condenados a pão e água. Esta disposição era demasiado violenta para poder subsistir, mas deu ao acto um tom de rigorismo que proporcionou muitas vantagens nos séculos seguintes.

Nos fins do século xv, a ingerência dos Estados na eleição do Papa revestiu-se de características especiais, que deram origem ao «veto». O leitor deve ter presente que naquela época andava muito em voga a doutrina filosófica que defendia a origem divina do poder real, com o que os Reis estavam a um passo da tentação de participar no governo da Igreja. Por outro lado, os Papas eram senhores de determinados Estados temporais, o que pressupunha a sua intervenção directa na política internacional. Eram, ao fim e ao cabo, senhores do grande império espiritual que dominava os espíritos de toda a Europa. Este conjunto de circunstâncias fazia com que os Reis dos grandes Estados europeus desejassem a eleição de um Papa afeiçoado aos seus interesses. A Áustria, a Espanha e a França foram as três nações que se arrogaram a si próprias, por uma prática que nunca teve a aprovação da Santa Sé, o direito de manifestarem aos Cardeais eleitores as suas simpatias e antipatias, e ainda o de excluírem a eleição de uma pessoa que não fosse grata à sua política.

Esta manobra chamava-se «inclusiva» quando apresentavam ao Sacro Colégio uma lista de Cardeais de entre os quais eles teriam de eleger o futuro Papa (os restantes ficavam, portanto, automaticamente eliminados). E «exclusiva» quando faziam saber aos eleitores que se opunham à eleição de determinado Cardeal: era o veto.

Repito que Roma nunca reconheceu a legitimidade desse pretenso direito. Mas os Estados interessados chegaram a montar uma prática e uma jurisprudência que serviram de fundamento, pelo menos histórico, às suas intervenções.

veto

A reacção dos Cardeais eleitores foi sempre de desagrado perante semelhante intromissão, que roubava encanto sobrenatural à mais solene das cerimónias da Igreja. Nas vésperas do Conclave de 1555, Mendoza, embaixador de Carlos V, profetizou a João Pedro Carafa que seria excluído por não agradar ao Imperador. O Cardeal napolitano respondeu: «Excelência, se Deus me quiser, o Imperador não o poderá impedir». E na realidade foi eleito Papa, com o nome de Paulo IV.

Doria Pamphili teve o veto de Luís XIV porque o Cardeal fora Núncio em Espanha, e o Rei francês receava que, como Papa, ele pudesse apoiar a política da nação inimiga. Apesar do desagrado do Rei-Sol, que não procurou ocultá-lo, o Cardeal foi eleito Papa, com o nome de Inocêncio X.

→ O último veto — antes daquele que vamos encontrar imediatamente no Conclave de Pio X — foi posto em 1831, pela Espanha, ao Cardeal Giustiniani. No Conclave de 1846, o Imperador da Áustria fez viajar precipitadamente o Cardeal Gaystuck, Arcebispo de Milão, para que vetasse o nome do Cardeal Mastai, bispo de Imola; mas quando Gaystuck chegou a Roma, já o bispo de Imola era Pio IX.

Durante o pontificado de Pio IX, a situação que se apresentou era excepcional. A guerra da unidade italiana fora despojando o Papa dos seus domínios temporais, e acabaria por lhe arrebatar Roma e por reclus-lo nos Palácios do Vaticano. O Papa considerava-se prisioneiro de um Governo usurpador. Que sucederia quando, por morte do Pontífice, os Cardeais se tivessem de reunir em Conclave? Quem poderia garantir a liberdade da eleição? Em Agosto de 1871, Pio IX assinou a bula «In hac sublimi», na qual examinava a triste conjuntura que a Igreja atravessava, reivindicava o seu direito a uma total independência em relação aos governos temporais, e decretava que por sua morte os Cardeais estudassem na sua primeira reunião a conveniência de se celebrar o Conclave na Itália ou no estrangeiro. Numa bula posterior — «Licet per Apostolicas», de 8 de Setembro de 1874 — o Papa proibia aos Cardeais que, enquanto estivesse vaga a Santa Sé, tentassem uma conciliação com o Governo italiano. Uma última bula, de 10 de Outubro de 1877, confirmava e explicava as duas anteriores, e insistia na possibilidade de um Conclave fora da Itália. Ainda a menos de um mês da sua morte, Pio IX assinava com data de 10 de Janeiro de 1878 um Regulamento, preparado por uma Comissão de Cardeais, em que se determinava minuciosamente a conduta do Colégio Cardinalício e do Camerlengo

Sent
Zano
196Sent
50,1

em relação ao Governo, com absoluta intransigência e recusa radical de qualquer acordo.

Seguindo essas instruções, no dia seguinte ao da morte do Papa, os Cardeais presentes em Roma reuniram-se para determinar se o Conclave se celebraria na Cidade Eterna ou fora da Itália. Na segunda reunião resolveram celebrá-lo em Roma, e Leão XIII foi eleito sem que se registassem ingerências estranhas.

Por morte de Leão XIII foi entregue aos Cardeais chegados a Roma para o Conclave uma Constituição secreta, datada de 24 de Maio de 1882, em que o falecido Papa renovava as indicações de Pio IX, aconselhava os Cardeais a procederem com rapidez, sem admitir intromissões nem aceitar compromissos, e concedia ampla liberdade de movimentos ao Sacro Colégio para defrontar a difícil situação em que se pudesse encontrar.

Estamos às portas do nosso Conclave. O Camerlengo Cardeal Oreglia de Santo Estevão e o Secretário eleito na segunda Congregação de Cardeais, Monsenhor Merry del Val, são boa garantia de que o Sacro Colégio se cingirá às normas dos dois grandes Papas anteriores.

6

Agora que vamos penetrar no mundo misterioso do Conclave, convém dirigir um aviso prévio aos navegantes que atravessam o mar complicado das notícias: a desconfiança é aqui a primeira das virtudes. Para reconstruir a história externa e interna do Conclave de 1903, que nos dará o momento de mais cabal plenitude na situação espiritual do homem que se chamou José Sarto, contrastei os jornais, os livros, as memórias da época. Há testemunhos de primeira mão que têm cunho de veracidade. E abundam as páginas escritas por penas pouco escrupulosas, que pela necessidade de dizer, diziam quer soubessem quer não. Os portões do Vaticano, quando se trata de guardar um segredo, constituem a mais espessa das névoas. O jornalista enviava a sua crónica: «Quando não tenho uma novidade, imagino-a. Porque nestes dias os leitores estão dispostos a comer o próprio garfo».

Procurei fazer uma selecção.

Mas vamos ao Conclave, pois Leão XIII recomendou rapidez. O velho Oreglia já está nervoso.

* * *

Visto pelos anjos — saberão eles de antemão o nome do futuro Papa? — deve ser um espectáculo curioso o desta reunião de sessenta ou setenta anciãos, príncipes da Igreja, reclusos como colegiais num palácio vigiado por dentro e por fora, desligado e isolado por completo do mundo. Uma cidadela do sobrenatural, que cortou as amarras que a poderiam atar a circunstâncias históricas, e se lança no além para adivinhar os desejos do Espírito Santo.

Monsenhor Merry del Val tinha distribuídas as suas férias de verão, que deveria passar entre os seus tios de Londres e junto de seus pais em São Sebastião. O Cardeal Della Volpe, pelo meio-dia de 21, chegou à Academia de Nobres Eclesiásticos para o notificar da sua nomeação como Secretário do Conclave. As férias foram substituídas por dias de trabalho duro e febril, num gabinete provisório instalado num dos compartimentos da Sala Bórgia do Palácio Vaticano.

No dia 27, foram sorteadas as celas que os Cardeais deveriam ocupar, cada uma delas com um mínimo de espaço suficiente para o respectivo Cardeal e os que o acompanhavam. Ao Cardeal Sarto correspondeu a cela número 57, vizinha da que, com o número 58, ocuparia o Cardeal Rampolla, ambas situadas no apartamento do Secretário de Estado.

As dez da manhã do dia 31, o Cardeal Vannutelli, perante os Cardeais revestidos de capa roxa, celebrou na Capela Paulina a missa do Espírito Santo. Depois da missa, Vicente Sardi recitou um discurso «Pro eligendo Pontifice»: «Apressai-vos, Eminentíssimos Padres. Que os vossos votos sejam regulados por Deus; que na eleição do Pontífice tenhais presente a santidade, a ciência, a justiça, a caridade. Tereis como testemunha o próprio Cristo, que vos há-de julgar. Apressai-vos. Não temais: enquanto subis como Moisés ao monte onde conhecereis o futuro Aarão, a Igreja roga constantemente por vós». Reunidos pela última vez na Sala Consistorial, os Cardeais juraram cumprir a legislação vigente em relação ao Conclave.

A entrada definitiva estava marcada para as cinco horas da tarde do próprio dia 31. Nas esquinas do Borgo, as pessoas espreitavam a passagem dos coches: um desses coches voltaria vazio, deixando para sempre o seu senhor entre os muros do Vaticano. A sala dos paramentos luzia com a polícroma majestade dos 62 hábitos cardinalícios, dos cordões dos conclavistas e dos cascos da Guarda Suíça.

das armaduras

Apenas dois Cardeais faltaram à convocação: Celesin, Arcebispo de Palermo, doente havia algum tempo, e Morán, Arcebispo de Sydney, na Austrália, cuja chegada não podia ser prevista, dada a demora da viagem. O cortejo chegou à Capela Paulina, entoou o hino ao Espírito Santo e, precedido pela cruz, dirigiu-se à Capela Sixtina.

A célebre Capela oferecia um aspecto impressionante. Ao longo do rectângulo estavam erguidas duas séries de assentos, num total de sessenta e quatro tronos com os correspondentes baldaquinos, todos revestidos de roxo, excepto o de Oreglia que, nomeado Cardeal por Pio IX, não guardava luto por Leão XIII. Diante de cada um dos tronos, uma pequena mesa e material para escrever. Ao fundo, sob o fresco de Miguel Ângelo, o altar, e diante dele uma grande mesa disposta para o escrutínio. No meio das duas filas, pequenas mesas e cadeiras para os escrutinadores.

O Cardeal Decano dirige ao Sacro Colégio uma exortação breve e ardente, e ordena a leitura das Constituições Pontifícias que regem o Conclave.

Rodeado pelos seus capitães e ajudantes, o Marechal do Conclave, Príncipe Mário Chigi, guardião do segredo e daquela fortaleza espiritual, jura nas mãos do Decano cumprir fielmente as suas atribuições. Depois dele, prestam juramento o Governador e os Monsenhores que estarão de serviço junto às portas e atenderão os Cardeais. Todos eles se retiraram imediatamente, enquanto os Cardeais permanecem reunidos durante meia hora.

Cada um dos Cardeais entrou na sua cela e recebeu algumas visitas até às oito da noite. A essa hora, os encarregados das cerimónias percorrem os claustros pronunciando o ^{extra omnes} «saíam todos»; o Marechal por fora e o Decano por dentro, procedem à clausura oficial de todas as portas. O Príncipe Chigi guarda as chaves entrelaçadas por um cordão de seda verde e ouro, metendo-as numa bolsa vermelha. Nem pessoas nem objectos poderão entrar sem serem previamente revistados. A título excepcional, e devido à gravidade do caso, quebrar-se-á uma vez a clausura para dar passagem ao Vigário Geral de Valência, D. Bonifácio Marin, cuja presença foi solicitada pelo Cardeal Herrero, quase às portas da agonia, a certa altura do Conclave.

Recapitulemos num instante o conjunto das pessoas que ficaram encerradas no Conclave:

6 Cardeais-Bispos; 48 Cardeais-Presbíteros e 8 Cardeais-Diáconos. O Secretário — cujo ajudante foi o então jovem sacerdote Frederico

Tedeschini —, o Governador, o Marechal com os seus cinco capitães, o confessor — Padre Palmieri, jesuíta —, o sacristão e o ajudante, o Prefeito de Cerimónias e seus auxiliares, dois médicos e um cirurgião, um farmacêutico, serviço de mesa, familiares chamados «conclavistas» e pessoal para vigiar as portas. ^{19 pessoas, mais os auxiliares do Prefeito de Cerimónias, o serviço de mesa, os familiares e o pessoal para vigiar as portas.}

A tensão das almas parece fustigar a paz do ambiente. Deus está presente.

Porque são muitos os reunidos em seu nome.

Sábado, 1 de Agosto.

Às dez da manhã celebrou-se o primeiro escrutínio. Cada um dos Cardeais inscreveu no seu boletim o nome que escolheu, dobrou-a cuidadosamente e aproximou-se do altar. De joelhos, jura na presença de Cristo Jesus que escolhe «aquele que julgou dever ser eleito segundo Deus». Ao alto, numa proximidade formidável, a parede amplia a atitude do Cristo Juiz que Miguel Ângelo pintou, e junto ao bordo do abismo adivinha-se a precisão com que o artista fixou o rosto de algum cardeal prevaricador. Depois do juramento, o Cardeal deposita o seu boletim no cálice.

A sorte mostrou-se caprichosa escolhendo para primeiro escrutinador o Cardeal Rampolla. Talvez tenham sido os longos anos de Secretário de Estado que lhe ensinaram como se podem apagar do semblante as emoções do coração, pois o seu rosto permanece inalterável quando tantos pensam nele ao preencherem os seus boletins. Rampolla mudou os boletins para outro cálice, lançou-os sobre uma patena, contou-os e juntou-lhes o do Cardeal de Valência, que do leito, onde teve de permanecer, foi trazido pelos auxiliares do mestre de cerimónias, com a devida solenidade. Rampolla desdobra o primeiro boletim e lê em voz alta: «— Cardeal Gotti». Baralha a seguir uma dúzia de nomes. Repete o seu vinte e quatro vezes, mas sempre com a mesma entoação de voz, sem lhe acrescentar qualquer inflexão.

O nome de Sarto foi ouvido cinco vezes. O Cardeal de Veneza não entregou ao Marechal do Conclave o seu conhecido bom humor. Trá-lo consigo. Fala com o seu vizinho:

— Algum Cardeal que se diverte à minha custa.

Dezassete votos foram para Gotti; quatro para Vannutelli, e doze dispersaram-se entre nove cardeais.

Convém que observemos em silêncio como ardem os boletins na estufa. Esperemos pelo escrutínio da tarde, para compa-

rarmos os resultados. Recordemos, entretanto, que os dois terços necessários para a aprovação de um candidato supõem neste caso um mínimo de 42 votos a favor do mesmo Cardeal. Ainda estamos longe.

No escrutínio da tarde, Rampolla obtém vinte e nove votos, Gotti dezasseis, Sarto dez, e sete dispersam-se. Concluída a votação, os Cardeais deixam-nos a tarde livre. Enquanto eles trocam impressões, visitando-se de cela em cela e orientando-se para o escrutínio de amanhã, vamos nós reflectir um pouco.

Os Cardeais do nosso Conclave parecem orientar-se segundo três direcções. Franceses, espanhóis, um bom número de estrangeiros e uma parte considerável dos italianos, pensam em Rampolla. São aqueles que seguiram mais de perto as tarefas de Leão XIII, o grande Papa desaparecido dias antes. Deve-se pensar em prosseguir o rumo que ele traçou. A Igreja conquistou assim um prestígio que pareceria impossível trinta anos antes. Ninguém melhor que o seu colaborador íntimo, integrado nos seus planos e trabalhos durante tantos anos, poderá levar a bom termo as perspectivas que Leão XIII adivinhara no dealbar do século. São os votos de Rampolla.

Outro grupo notável vota a favor de Gotti. Talvez porque, desejando eleger um Cardeal da Cúria romana, não julgasse oportuno ligar tão estreitamente os longos pontificados, elegendo Rampolla, Secretário de Estado do anterior. Talvez porque esperasse orientação nos próximos escrutínios. Mas parece certo que se tratava apenas de uma sondagem, porque os votos a favor de Gotti dispersar-se-ão rapidamente. Na realidade, eram dos que se podiam decidir a favor de Rampolla.

Um bom punhado de votos explorou o terreno noutra direcção, repetindo um tanto perigosamente o nome de Sarto. Julgavam oportuna e necessária uma mudança brusca na orientação da Igreja. O esforço de Leão XIII tinha sido providencial, mas, mantido por um período de anos demasiado longo, desgastara as possibilidades directamente diplomáticas da Santa Sé. Os últimos anos do Papa desaparecido tinham revelado suficientemente esse desgaste. Era necessário encontrar agora um sucessor que se preocupasse mais imediatamente com os aspectos internos, íntimos, da Igreja, que renovasse o espírito sobrenatural do clero e dos fiéis, preparando-os para realizar os programas de Leão XIII. Havia problemas pastorais e apostólicos que deviam ser defrontados com urgência.

Rampolla era de Polizzi, Sicília.

Rampolla era o secretário de Estado.

Foi a firmeza apostólica dos «jovens e brilhantes Arcebispos do Norte da Itália» que trabalhou sem descanso para que esta última posição ganhasse terreno. Entre eles figurava em primeiro lugar o Cardeal Ferrari, Arcebispo de Milão, empreendedor e dotado de um pensamento robusto. Encontrou rápido acolhimento no Cardeal Satolli e em Gibbons, o dinâmico e assombroso Arcebispo de Baltimore. Mas, embora convencidos da ideia, era-lhes muito difícil acertar com o candidato. As condições podiam resumir-se numa palavra: italiano, mas não da Cúria romana. Italiano: não se podia pensar noutra coisa, em face da maioria do Conclave e das circunstâncias que a Igreja estava atravessando. Mas não da Cúria: para que a mudança de orientação no Governo fosse efectiva.

Em quem se poderia pensar? Existiam apenas três nomes aceitavelmente disponíveis: Capecelatro, Sarto e o próprio Ferrari.

Capecelatro, pelo seu grande prestígio. Dirigiram-lhe a primeira proposta. O velho Cardeal levantou uma objecção convincente: a sua idade avançada. Elegê-lo aos setenta e nove anos significava, em seu entender, eleger um morto e convocar para muito breve um novo Conclave — coisa nada desejável enquanto durasse o violento estado de coisas entre a Santa Sé e o Governo italiano.

Santo contava 63. Ferrari era demasiado novo — cinquenta e três anos — e por esse motivo só dificilmente poderia vingar a sua candidatura.

Era preciso pensar em Sarto, indicado por Capecelatro como o mais idóneo. Era bem conhecida em toda a Itália a obra magnífica que, à força de silêncio, de inteligência e de sacrifício, ele realizara em Mântua e em Veneza. Homem de Deus e das almas, segundo o testemunho do povo. Benigno e trabalhador, com fama de santo. Seria o Papa desejado.

E assim, quando Satolli e Ferrari lhe sondaram o ânimo para o proporem como candidato, o Cardeal Sarto compreendeu que aquela aparição do seu nome nos boletins do escrutínio, não era bem uma brincadeira. Recusou abertamente a proposta. Mas a alma começou a vacilar-lhe e não dormiu tranquilo naquela noite. Ele, que poucas horas antes se tinha dirigido à cela contígua à sua, onde, no isolamento da oração, Rampolla dava largas ao temor e à emoção que refreava em público, e o tinha consolado, exortando-o a confiar em Deus se se sentisse em perigo. Rampolla não tardaria muito a devolver-lhe as visitas, tentando consolar um Cardeal que trouxera de Veneza um rosto sorridente, agora mergulhado em trevas.

Domingo, 2.

O que se passou no primeiro escrutínio de hoje exige alguns preâmbulos. A política de Leão XIII dedicara especiais cuidados às relações com a França. Acentuada essa preferência nos últimos anos, apesar das dificuldades levantadas à Santa Sé, atribui-se a responsabilidade directa dos acontecimentos ao Secretário de Estado. A Áustria observava em silêncio.

As relações diplomáticas do Vaticano com o Império Austro-Húngaro eram consideradas boas por ambas as Chancelarias. Mas de vez em quando surgiam sistemáticos momentos de fricção. A aproximação do Imperador em relação à Itália e o reconhecimento implícito do saque de que tinham sido objecto os Estados Pontifícios, fizeram piorar o ambiente.

Foi Rampolla quem teve de se mover num terreno difícil. Desgostos e queixas, idas e vindas de embaixadores, e notas oficiosas. Certo representante da Áustria chegou a esquecer as normas primordiais da delicadeza, fazendo coincidir numa recepção o Cardeal Secretário de Estado com o Embaixador inglês perante o governo italiano que enclausurara o Papa no Vaticano. O nome de Rampolla provocava um travo amargo nos paladares da Corte austríaca. Um travo amargo que o chanceler austríaco, Golushowsky, podia tornar presente no Conclave, por mediação do seu amigo pessoal Puzyna.

O Cardeal Puzyna era Bispo de Cracóvia, cidade incluída na órbita do Império. Mostrava-se meditando desde a sua chegada. E pouco tardou a descobrir-se o motivo da sua preocupação. Falou com Monsenhor Merry del Val e manifestou-lhe, como Secretário que era do Conclave, que tinha sido incumbido por Sua Majestade o Imperador de opor o veto ao Cardeal Rampolla. Merry del Val respondeu-lhe que o assunto não era da sua conta. Puzyna pediu-lhe para notificar o facto ao Cardeal Decano. Merry falou com Oreglia, o severo, e respondeu em seu nome ao Bispo de Cracóvia: desaprovação e protesto, que seria compartilhado pelos Cardeais se a coisa prosseguisse. Puzyna resolve-se a falar do assunto ao próprio Rampolla, que se limitou a remetê-lo ao tribunal da sua consciência.

Começou o escrutínio. Pode ser decisivo, porque hoje se-hão-de esclarecer os caminhos. A perturbação de Sarto parece um presságio da

presença do seu nome em muitos boletins. Rampolla continua sereno, impenetrável. Inesperadamente, Puzyna começa a falar, dirigindo-se a Oreglia, que o fulmina com o olhar.

— Julgo uma honra ter sido designado por um superior altíssimo para rogar a Vossa Eminência, na sua qualidade de Decano da Igreja Romana, que se tenha por informado e se sirva declarar oficialmente, por autoridade de Francisco José, Imperador da Áustria e Rei da Hungria, que Sua Majestade, usando do seu direito e privilégio, pronuncia veto de exclusão contra o meu Senhor Eminentíssimo Cardeal Mariano Rampolla del Tindaro.

Um veto formal? Não é fácil determiná-lo, nem a atitude dos Cardeais o revelou. Oreglia responde indignado:

— Essa comunicação não pode ser ouvida pelo Conclave, nem a título oficial nem a título oficioso. E não será tomada em consideração.

Os olhares de todos os presentes estão cravados em Rampolla, que se levanta. Fala devagar e é notória a sua palidez. As suas palavras brotam embebidas numa imensa dignidade.

— Lamento o atentado que se cometeu contra a liberdade da Igreja e a dignidade do Sacro Colégio, por parte de uma potência civil, e protesto enérgicamente. No que se refere à minha humilde pessoa, declaro que nada de mais honroso e mais alegre me poderia suceder.

Sobre a Capela ficou pairando um latejo nervoso. O escrutínio revela o seguinte resultado:

29 votos para Rampolla, 21 para Sarto, 9 para Gotti e 3 dispersos. De vez em quando, os soluços e os protestos de Sarto interrompem a conferência dos escrutinadores.

— Tende em conta que não aceitarei. Sou indigno. Um pobre Cardeal rural. Procurai outra solução. Não aceitarei.

O veto não impressionara eficazmente os eleitores. Por reacção, houve um momento em que todos se inclinaram para a eleição de Rampolla. Mas os dois pontos de vista que dividiam o Sacro Colégio continuavam de pé, e por outro lado os protestos formais de Sarto, que chorava como uma criança e se recusava a comer, retraiam muitos votos que de outro modo se concentrariam no seu nome. No escrutínio da tarde, Rampolla obtém 30 votos, Sarto 24 e Gotti 3. E os outros 5? Sei

Revela-se, portanto, claramente que o veto não afasta os votos de Rampolla. Mas a tensão atingiu um ponto morto. Rampolla não ultrapassará os 30 votos, porque aqueles que até agora não votaram nele continuam firmes na sua decisão de eleger um Cardeal que não

Mas, quando, após o veto, se fez 1 voto.

seja da Cúria. Aqueles mesmos que nele votaram compreendem claramente a atitude do bloco contrário. Sarto, no entanto, persiste na negativa, e a sua posição impede que os votos de Rampolla se desagreguem em seu favor. Não cede. Alguns, no entanto, compreendem que sob tanta humildade se oculta uma potência sobrenatural. É o momento em que o conhecem de chofre os Cardeais que anteriormente o não conheciam.

Segunda-feira, 3.

Hoje, o escrutínio dá-nos a sensação de que acabará por romper o dique, aproximando-se rapidamente da solução. Sarto geme; Oreglia insiste sobre a conveniência de acabar depressa.

27 votos a favor de Sarto; os de Rampolla descem para 24; Gotti obtém 6, e os restantes 5 dispersam-se.

Oreglia, na sua decisão de obter a maior rapidez, agravada pelo nervosismo que se apoderou dele no momento do *veto*, roga a Ferrari, Gibbons e Satolli que insistam com Sarto. Este, quase não se atreve a responder. Olha para eles. Tem a alma inteira concentrada no olhar assustado.

— Eminência — explica Ferrari, — regressar assim a Veneza implicaria o eterno remorso de se ter negado à vontade de Deus.

— A responsabilidade do Papa é enorme — responde Sarto.

— Seria maior responsabilidade negar-se a ela.

— Morrerei em breve.

— Por todos — conclui Ferrari.

Oreglia continuava impaciente. Interessava-lhe um sim categórico, porque não julgava ser momento próprio para lágrimas e ternuras. De outra forma, haveria que procurar outra solução. Não podiam parar. Ele tinha no seu gabinete as disposições de Leão XIII pedindo, exigindo rapidez. Lá fora, milhares e milhares de pessoas desiludiam-se depois de cada «sfumata» negra. Atrás delas, um Governo astuto... E ele, Oreglia como Decano e Camerlengo, era o responsável directo. Era necessário obrigar Sarto a dizer que sim, ou os Cardeais a dizerem que não, pensando noutro.

Chama a Merry del Val e confia-lhe a missão de expor estes pensamentos ao pobre Patriarca de Veneza. O Secretário do Conclave ia falar pela primeira vez com o Cardeal Sarto. Bate suavemente à porta da cela 57. O familiar de Sarto diz-lhe que o encontrará na Capela Paulina. Não há ali outra luz além da do Sacrário. De joelhos, no

solo, com os cotovelos apoiados num banco e a cabeça recolhida entre as mãos, ora um Cardeal. Monsenhor aproxima-se, ajoelha-se a seu lado. O Cardeal não se move, parece não ouvir. Suavemente, delicadamente, como se receasse ferir-lhe a alma, Monsenhor repete-lhe ao ouvido as palavras do Decano. O Cardeal volta a cabeça e os seus olhos fitam a pessoa que acaba de lhe falar. Pelo rosto honrado, camponês, de Sarto, deslizam algumas lágrimas.

— Não, não; peço-lhe. Diga ao Cardeal Decano que não pensem em mim, que me dispensem a caridade de não pensar em mim.

— Ânimo, Eminência!

Os olhos grandes do Cardeal continuam poisados no rosto do seu interlocutor. Parece ler em distâncias de anos a palavra repetida:

— Coraggio, Eminenza.

No escrutínio da tarde, Sarto não fala. O seu protesto é apenas a pessoa do robusto Cardeal, derribada, emudecida. 35 votos; Rampolla 16, Gotti 7, e 4 dispersos. Amanhã o dia nasce límpido, e Oreglia há-de suspirar de satisfação.

De tarde, os Cardeais reuniram-se em torno do Patriarca de Veneza, formando uma coroa emocionante. Capecelatro, mentor autorizado da opinião que concentrou os votos sobre Sarto, anima-o com palavras benignas. Ferrari, amigo pessoal do Patriarca, tranquiliza-lhe a consciência; Satolli, Cavagnis, todos... Gibbons promete-lhe que a Igreja da América será motivo de consolação para o novo Papa. Rampolla aconselha aqueles que, por afecto, ainda mantêm o voto a seu favor, pedindo-lhes que acabem com ele no próximo escrutínio. Chegou a vez de ele consolar quem primeiro tentou consolá-lo. Sarto examina a situação, e quereria aproveitá-la para lhe introduzir o seu grão de sal. Mas não consegue sorrir. Fá-lo-á, mais tranquilamente, quando, como Papa, receber pela primeira vez a visita de Rampolla.

— Eminência, alterou-se a ordem dos factores.

— Mas sem que se alterasse o produto — responderá Rampolla.

Terça-feira, 4.

Uma manhã rápida como o final de uma missa. São escrutinadores Casseta, Matthieu e Martinelli. Um momento de emoção assinala a leitura do 42.º voto a favor de Sarto. Mais 8 ainda. Rampolla

obtem 10 e Gotti 2. O Arcebispo de Paris proclama que o Patriarca de Veneza foi eleito Papa por 50 votos.

Oreglia, o impaciente, recolhe o «sim» do Cardeal Sarto. Os baldaquinos de 63 tronos são derrubados. Fica um de pé, e sentado nele um homem que nascera 68 anos antes em Riese...; não: um homem morto. Porque parece impossível que esse homem, a quem os Cardeais agora prestam homenagem e juram obediência, esse a quem vestem uma batina branca para que, pela primeira vez, abençoe o mundo inteiro, possa ser o filho do aguazil de uma aldeola que se chama Riese, nas faldas do monte Grappa, protegido pelos Alpes.

— Aceito o pontificado como uma cruz. E porque os Papas que nos últimos tempos sofreram pela Igreja se chamaram Pio, escolho esse nome.

Morreu um homem. A força de honradez foi subindo, degrau a degrau, uma escada que ele não sabia onde terminava. Criança pobre, seminarista, coadjutor e pároco, Cónego e Bispo, Patriarca, Cardeal... Saiu esta manhã do último degrau da escada. José Sarto desvaneceu-se. Morreu. Elegê-lo Papa é desligá-lo dos homens, arrancá-lo da terra, tão honrada como eles, tão amiga. O pior da sua morte é que lhe fica uma recordação suficiente para a conhecer. Terá de viver condenado entre as paredes de um Palácio. Não poderá ver Veneza, nem ocultar-se numa gôndola.

Mas a sua morte é, para todos os outros, princípio e raiz de vida. Por isso todos se regozijam.

Abeiremo-nos da Praça de São Pedro.

8

Temas de conversa, teve-os a multidão que todos os dias, de manhã e à tarde, se reunia na Praça para espiar o clarão do fumo que havia de escrever nas nuvens o sim ou o não da Sixtina. O vulgo tem sempre preparada uma anedota para contar. As pessoas selectas procuravam orientar-se no meio das previsões que, perante um futuro complicado, interessavam mais do que nunca. Do ponto de vista político, todos compreendiam que Guilherme II procuraria conquistar as simpatias do Vaticano, com detrimento das vantagens de que gozava a França. Do ponto de vista social, era arriscado prever se o Papa afrontaria os caminhos ousados da *Rerum Novarum*. As relações com o Governo

italiano constituiriam talvez o capítulo mais emocionante da nova história que ia começar. A própria orientação intelectual da Igreja podia optar por duas vias de penoso equilíbrio, uma liberal, outra conservadora.

Tudo dependia de um homem, do nome que às onze horas e quarenta e cinco minutos o Cardeal Macchi se dispôs a pronunciar na «loggia» maior da Basílica Vaticana:

— Anuncio-vos uma grande felicidade: temos como Papa o Eminentíssimo e Reverendíssimo Senhor José Sarto, que escolheu o nome de Pio X.

A aclamação confundiu-se com o júbilo dos sinos. A multidão precipitou-se no interior da Basílica para receber a primeira bênção que o Papa daria do balcão interior que deita para a igreja, posto que Roma estava nas mãos dos usurpadores.

9

Numa pequena aldeia do Norte da Itália, chamada Torreselle, vive um sacerdote de idade, D. Luís, que em Agosto de 1903 era clérigo ^{coad} de Possagno, sua terra natal. Estava encarregado de Possagno naquela época, como pároco, D. João Baptista Parolin, filho de uma irmã ^{Tex} do Cardeal de Veneza, casada em Riese com João Parolin, dono do pequeno hotel «Alle due spade». Teresa, a mãe de D. João Baptista, o pároco, vivia com ele em Possagno, ^{Sep me} em companhia de outra sua filha, Giuseppina. Nem Teresa nem Giuseppina tinham tido ocasião de frequentar a escola, e essa a razão por que, quando quiseram escrever ao Bispo e Cardeal, recorreram a D. João Baptista. Mas este, ocupado com os seus afazeres pessoais, aproveitou as férias do clérigo D. Luís para lhe ceder o seu posto de Secretário particular da família cardinalícia. Com isso, D. Luís entrou na intimidade da família, e o Cardeal, sem o conhecer pessoalmente, costumava dedicar-lhe um post-scriptum nas cartas que dirigia a sua irmã.

Recorda D. Luís que, depois de chegar a Roma para o Conclave, o Patriarca de Veneza escreveu a seu sobrinho D. João Baptista uma carta dizendo-lhe que estava muito cansado pelos trabalhos da temporada anterior, e que ao terminar o Conclave partiria imediatamente para Possagno, a fim de descansar com eles durante uns dias, antes de regressar a Veneza. Teresa e Giuseppina prepararam naquela mesma tarde o aposento que o Cardeal deveria ocupar.

Na manhã seguinte, D. Luís acompanhava D. João Baptista que seguia para casa, depois da missa.

— Tive esta noite um sonho muito estranho — explicou-lhe o pároco. Vi o tio vestido de branco, e todos os Cardeais fazendo-lhe reverências. São brincadeiras da imaginação, sem outro fundamento além da sua carta de ontem!

Entrando na residência paroquial, Luís cumprimentou as senhoras na cozinha, enquanto o pároco se dispunha a trabalhar no escritório. Encontrou Giuseppina preocupada.

— Imagina — explicou ela —, sonhei que vestiam o tio de branco e que o encerravam num palácio e não o deixavam vir. Fiquei muito triste e ele também.

D. Luís tinha a certeza de que o pároco e Giuseppina se não tinham ainda visto àquela hora, porque D. João Baptista madrugava muito e dirigia-se à igreja antes que sua mãe e sua irmã se levantassem. Aquela coincidência tão estranha chamou a sua atenção, mas não disse nada.

Ao meio-dia, um telegrama anunciava:

«Tio eleito Papa Pio X — Bressan».

Ficaram aturdidos. Choravam, choravam. Luís reagiu, mais optimista. A ocasião não era própria para choros.

Ao meio da tarde, outro telegrama de Bressan convidava Teresa, João Baptista e Giuseppina a aparecerem em Roma, pedindo-lhes que partissem imediatamente, para assistirem à coroação do Papa.

Apressaram-se a emalar as roupas, e ao cair da tarde partiram num carro em direcção a Veneza, para seguirem dessa cidade junto com as outras irmãs de Teresa.

Alguém teria de guardar a residência paroquial.

D. João Baptista pediu a Luís que ficasse lá a dormir durante algumas noites.

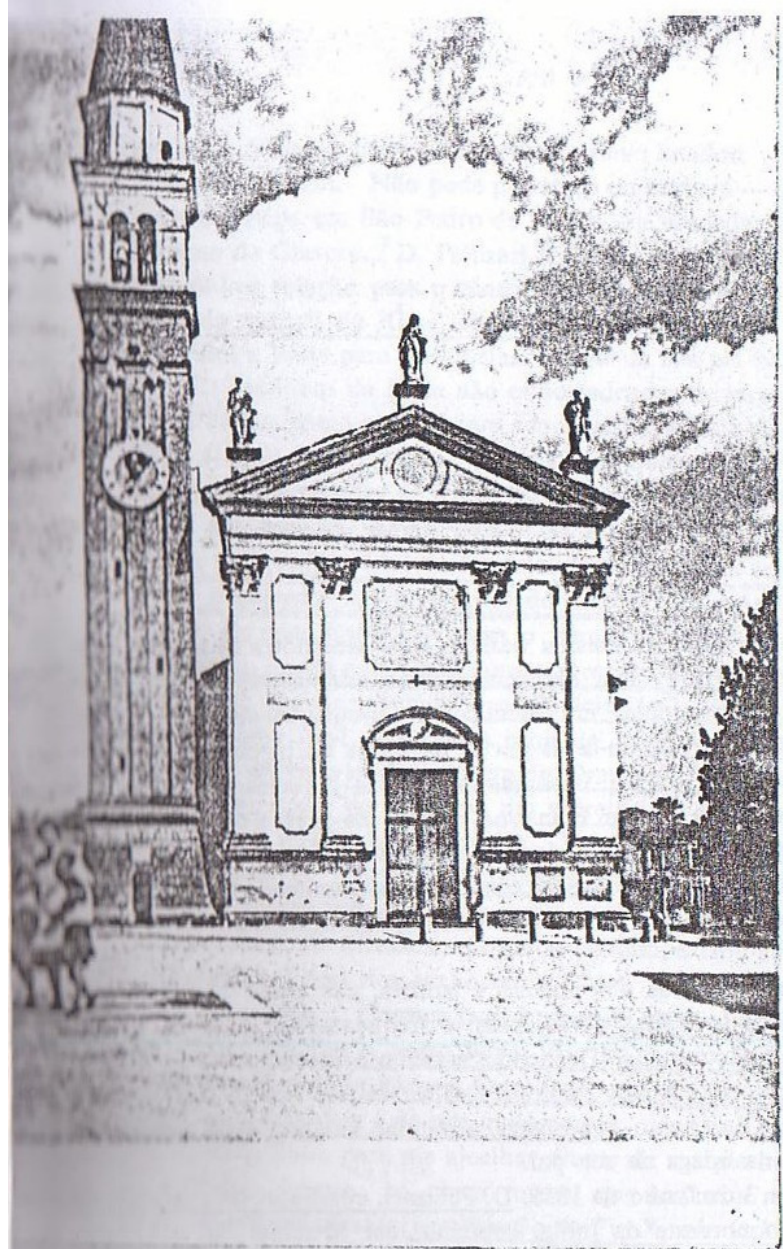
Teresa pediu-lhe que ocupasse o único quarto disponível: o quarto que tinham preparado para o Cardeal.

E foi assim que D. Luís Verdanega, o velho sacerdote de Torreselle, então jovem clérigo de Possagno, dormiu na noite de 4 de Agosto na cama que estava reservada para o Papa.

O Cardeal de Veneza, cuja cama está neste momento ocupada pelo clérigo D. Luís, desapareceu no Conclave desta manhã. Vamos, portanto, reconstituir a sua história. Poderemos depois ocupar-nos do novo Papa, daquele que se quis chamar Pio X.

Publicado em www.leiturascaticas.com

NASCI POBRE





RETRATO DA MÃE DE PIO X, MARGARIDA SANSON ^{3-III} (1813-1894) 81 anos.
2-II

NASCI POBRE

Mais ou menos na mesma ocasião, dois sacerdotes de aldeias vizinhas na planície trevisana baptizavam duas crianças de famílias camponesas. O cerimonial era idêntico; as circunstâncias semelhantes. Os homens apresentaram-se às portas da Igreja de bigode negro recortado, igualmente solene, envergando pesadas jaquetas de pano. As saias das mulheres tinham o mesmo número de pregas na ampla roda. Os pequenos... os pequenos de aldeia são parecidos uns com os outros em toda a parte. Os nomes é que foram diferentes. Um deles chamou-se João José, e o outro José: em linguagem familiar, Giuseppino e Beppi.

Brincaram juntos ^{de} aos polícias e ladrões, nas vielas de Riese; ajudaram juntos às missas de D. Luís, e frequentaram juntos a escola. Foram passando os anos. Decorridos sessenta e oito anos depois do baptismo, Beppi era coroado Papa na Basílica de São Pedro, com o nome de Pio X; Giuseppino continuava a vender vinagre, como nos anos anteriores, na adega de seu pai.

No dia 3 de Junho de 1835, D. Pellizari, coadjutor da paróquia de Riese, no nordeste da Itália, baptizou José Melchior Santo Sanson, filho de João Baptista e de Margarida. Contemplando o retrato de D. Pellizari, carnudo, tranquilo, penso na ternura com que o sacerdote manejaria a concha baptismal. No baptismo nota-se todo o calor doloroso do grão de trigo que deixa brotar o embrião para que nasça a espiga, toda a profundidade sagrada de uma presença inaudita. O sacerdote fala com o diabo, mantém com ele uma prolongada conversa, intimando-o a ceder o terreno. Invoca a presença do Espírito Santo e

erisma a fronte, o peito e as costas do novo lutador. Dá-lhe um nome e lança-o na vida. Não pode prever se ele acabará — quem o sabe? — coroado Papa em São Pedro de Roma, ou vendedor de vinagre numa taberna de Giavera. ? D. Pellizari teria por certo julgado mais provável esta última solução para o minúsculo Beppi, que ele acaba de baptizar, filho do aguazil de Riese, João Baptista Sarto.

Vim a Riese para me ajoelhar diante da sua pia baptismal.

Os caminhos de Riese não estão ladeados de laranjeiras matizadas de vermelho, como pretenderam e escreveram alguns biógrafos de Pio X. Uma aldeola pode ser bela e própria para que nela nasça um Papa, sem laranjeiras carregadas de frutos vermelhos. ? Riese, na sua configuração e no seu aspecto, difere pouco de muitas aldeias de outros países. O seu campanário é talvez demasiado esguio e está separado da igreja, como é corrente nas povoações do vale do Pó. Ao longe, à distância de algumas horas, divisa-se o pano de fundo de um monte alto, o Grappa, ligado aos Alpes e quase sempre coberto de neve. Bem irrigada pelo Musone, vemos uma planície fértil, abundante e ao abrigo de um clima fácil, um pouco propício a tempestades que descem em turbilhão quando se desprendem do Grappa. Um pároco e um coadjutor, o presidente da Câmara, um secretário e um vice-secretário, um aguazil, um médico e três escolas. É esse o estado-maior de um conjunto saudável, de 2.800 habitantes ensoalhados. Na sua maioria, entregam-se aos trabalhos do campo, com excepção do pequeno grupo, indispensável, de artesãos. Segundo contam, existiu ali primitivamente um castelo, feudo dos senhores de Riese, tendo-se desenvolvido mais tarde a povoação. Contam também que ali nasceu um Cardeal Patriarca de Veneza quando o nosso Beppi veio ao mundo. Chamava-se Jacob Mónico. E que de Riese a Castelfranco, a capital do distrito, luzida e senhoril, a distância é de sete quilómetros.

Vim a Riese para me ajoelhar diante da sua pia baptismal.

Desde Agosto, há cinco meses, que andam a restaurar a igreja para as solenidades da beatificação de Pio X, que terá lugar em Junho próximo. A pia baptismal está branca, coberta pela cal que vão raspando das paredes. Ela, no entanto, muda e envergonhada, merece veneração e uma carícia da alma. Foi aqui que se iniciou a bela história. Aqui, algumas gotas de água abriram as portas ao milagre. Tudo o mais, incluída a coroação do Papa, foi apenas o desenvolvimento da semente que ao calor da pia baptismal germinou no diminuto coração de um menino.

Quando, no dia 4 de Agosto de 1903, chegou a Riese a notícia da eleição de Pio X, aqueles singelos lavradores dedicaram-se a pesquisar os antecedentes da família Sarto. Todos queriam descobrir algum parentesco com o Papa. As possibilidades não eram muito abundantes, porque os Sarto procediam de Villa Estense e tinham-se estabelecido em Riese poucos anos antes. A mãe do Papa era oriunda de Vedelago. Mas nas aldeias as famílias cruzam-se rapidamente, e bastaram poucos anos para que o album familiar se complicasse. Encanta-me contemplar essa colecção de fotografias das irmãs e dos cunhados do Papa, dos primos e seus sobrinhos. Todos com roupas novas, para ficarem bem nos retratos. Gente rústica, laboriosa, de caras redondas e espáduas robustas. Adivinha-se uma justa luz natural nos setos olhos honrados. Dos lavradores de Friuli, região vizinha e bem irmanada com Treviso, é costume dizer-se que têm «o calçado grosso e o cérebro fino». Apagadas à terra, essas gerações anónimas são a semente que, ao terminar algum século, há-de fazer brotar irresistivelmente uma vida ilustre. Então, a história preocupa-se com elas e parece justificar a sua existência. Como a existência de Cristo justifica a longa tábua de gerações com que São Mateus inicia o seu Evangelho.

Do pai de Beppi não ficou qualquer fotografia. É pena. Morreu antes de seu filho cantar a missa nova, quando ninguém suspeitava que um retrato do pobre aguazil pudesse vir a satisfazer muitas curiosidades. João Baptista Sarto, aguazil da municipalidade de Riese, contraiu matrimónio a 13 de Fevereiro de 1833, com Margarida Sanson. De Margarida, sim, ficou-nos um retrato, porque foi em vida mãe do Bispo de Mântua e do Cardeal de Veneza. Uma estampa de mulher santa, muito parecida nos seus traços com Margarida, mãe de D. Bosco, e muito afim, em espírito e em trabalhos, às mães de tantos sacerdotes.

Além dos proventos do cargo no «Commune», o casal Sarto-Sanson possuía umas leiras de terra, uma casa e uma vaca. Margarida sabia de costura e, enquanto os filhos não multiplicaram as obrigações, o seu trabalho representava uma boa achega para o orçamento familiar.

O mês de Janeiro de 1834 trouxe à casita do aguazil o primeiro dos filhos, que foi baptizado com o nome de José. Mas viveu pouco — apenas oito dias —, e foi enterrado a 5 de Fevereiro. Em Junho do ano seguinte nasceu aquele que seria considerado primogénito, e quiseram chamá-lo José Melchior. O seu nome havia de percorrer uma escala curiosa de Beppino a Beppi, a D. Beppi sacerdote e a D. Beppi Cardeal, e que duraria até 4 de Agosto de 1903, dia em que os riesanos compreen-

data
porções

em 3-VI 51, domingo.

deram também que, no escrutínio para a eleição do Papa, sempre morre um homem, e que daquela vez lhes tocava enterrar D. Beppi.

A prole dos Sarto cresceu em número: o irmão Ângelo e seis irmãs — Rosa, Teresa, Maria, ^{Maria} ² ⁴ ¹ ³ ⁵ ⁶ ⁷ ⁸ ⁹ ¹⁰ ¹¹ ¹² ¹³ ¹⁴ ¹⁵ ¹⁶ ¹⁷ ¹⁸ ¹⁹ ²⁰ ²¹ ²² ²³ ²⁴ ²⁵ ²⁶ ²⁷ ²⁸ ²⁹ ³⁰ ³¹ ³² ³³ ³⁴ ³⁵ ³⁶ ³⁷ ³⁸ ³⁹ ⁴⁰ ⁴¹ ⁴² ⁴³ ⁴⁴ ⁴⁵ ⁴⁶ ⁴⁷ ⁴⁸ ⁴⁹ ⁵⁰ ⁵¹ ⁵² ⁵³ ⁵⁴ ⁵⁵ ⁵⁶ ⁵⁷ ⁵⁸ ⁵⁹ ⁶⁰ ⁶¹ ⁶² ⁶³ ⁶⁴ ⁶⁵ ⁶⁶ ⁶⁷ ⁶⁸ ⁶⁹ ⁷⁰ ⁷¹ ⁷² ⁷³ ⁷⁴ ⁷⁵ ⁷⁶ ⁷⁷ ⁷⁸ ⁷⁹ ⁸⁰ ⁸¹ ⁸² ⁸³ ⁸⁴ ⁸⁵ ⁸⁶ ⁸⁷ ⁸⁸ ⁸⁹ ⁹⁰ ⁹¹ ⁹² ⁹³ ⁹⁴ ⁹⁵ ⁹⁶ ⁹⁷ ⁹⁸ ⁹⁹ ¹⁰⁰ ¹⁰¹ ¹⁰² ¹⁰³ ¹⁰⁴ ¹⁰⁵ ¹⁰⁶ ¹⁰⁷ ¹⁰⁸ ¹⁰⁹ ¹¹⁰ ¹¹¹ ¹¹² ¹¹³ ¹¹⁴ ¹¹⁵ ¹¹⁶ ¹¹⁷ ¹¹⁸ ¹¹⁹ ¹²⁰ ¹²¹ ¹²² ¹²³ ¹²⁴ ¹²⁵ ¹²⁶ ¹²⁷ ¹²⁸ ¹²⁹ ¹³⁰ ¹³¹ ¹³² ¹³³ ¹³⁴ ¹³⁵ ¹³⁶ ¹³⁷ ¹³⁸ ¹³⁹ ¹⁴⁰ ¹⁴¹ ¹⁴² ¹⁴³ ¹⁴⁴ ¹⁴⁵ ¹⁴⁶ ¹⁴⁷ ¹⁴⁸ ¹⁴⁹ ¹⁵⁰ ¹⁵¹ ¹⁵² ¹⁵³ ¹⁵⁴ ¹⁵⁵ ¹⁵⁶ ¹⁵⁷ ¹⁵⁸ ¹⁵⁹ ¹⁶⁰ ¹⁶¹ ¹⁶² ¹⁶³ ¹⁶⁴ ¹⁶⁵ ¹⁶⁶ ¹⁶⁷ ¹⁶⁸ ¹⁶⁹ ¹⁷⁰ ¹⁷¹ ¹⁷² ¹⁷³ ¹⁷⁴ ¹⁷⁵ ¹⁷⁶ ¹⁷⁷ ¹⁷⁸ ¹⁷⁹ ¹⁸⁰ ¹⁸¹ ¹⁸² ¹⁸³ ¹⁸⁴ ¹⁸⁵ ¹⁸⁶ ¹⁸⁷ ¹⁸⁸ ¹⁸⁹ ¹⁹⁰ ¹⁹¹ ¹⁹² ¹⁹³ ¹⁹⁴ ¹⁹⁵ ¹⁹⁶ ¹⁹⁷ ¹⁹⁸ ¹⁹⁹ ²⁰⁰ ²⁰¹ ²⁰² ²⁰³ ²⁰⁴ ²⁰⁵ ²⁰⁶ ²⁰⁷ ²⁰⁸ ²⁰⁹ ²¹⁰ ²¹¹ ²¹² ²¹³ ²¹⁴ ²¹⁵ ²¹⁶ ²¹⁷ ²¹⁸ ²¹⁹ ²²⁰ ²²¹ ²²² ²²³ ²²⁴ ²²⁵ ²²⁶ ²²⁷ ²²⁸ ²²⁹ ²³⁰ ²³¹ ²³² ²³³ ²³⁴ ²³⁵ ²³⁶ ²³⁷ ²³⁸ ²³⁹ ²⁴⁰ ²⁴¹ ²⁴² ²⁴³ ²⁴⁴ ²⁴⁵ ²⁴⁶ ²⁴⁷ ²⁴⁸ ²⁴⁹ ²⁵⁰ ²⁵¹ ²⁵² ²⁵³ ²⁵⁴ ²⁵⁵ ²⁵⁶ ²⁵⁷ ²⁵⁸ ²⁵⁹ ²⁶⁰ ²⁶¹ ²⁶² ²⁶³ ²⁶⁴ ²⁶⁵ ²⁶⁶ ²⁶⁷ ²⁶⁸ ²⁶⁹ ²⁷⁰ ²⁷¹ ²⁷² ²⁷³ ²⁷⁴ ²⁷⁵ ²⁷⁶ ²⁷⁷ ²⁷⁸ ²⁷⁹ ²⁸⁰ ²⁸¹ ²⁸² ²⁸³ ²⁸⁴ ²⁸⁵ ²⁸⁶ ²⁸⁷ ²⁸⁸ ²⁸⁹ ²⁹⁰ ²⁹¹ ²⁹² ²⁹³ ²⁹⁴ ²⁹⁵ ²⁹⁶ ²⁹⁷ ²⁹⁸ ²⁹⁹ ³⁰⁰ ³⁰¹ ³⁰² ³⁰³ ³⁰⁴ ³⁰⁵ ³⁰⁶ ³⁰⁷ ³⁰⁸ ³⁰⁹ ³¹⁰ ³¹¹ ³¹² ³¹³ ³¹⁴ ³¹⁵ ³¹⁶ ³¹⁷ ³¹⁸ ³¹⁹ ³²⁰ ³²¹ ³²² ³²³ ³²⁴ ³²⁵ ³²⁶ ³²⁷ ³²⁸ ³²⁹ ³³⁰ ³³¹ ³³² ³³³ ³³⁴ ³³⁵ ³³⁶ ³³⁷ ³³⁸ ³³⁹ ³⁴⁰ ³⁴¹ ³⁴² ³⁴³ ³⁴⁴ ³⁴⁵ ³⁴⁶ ³⁴⁷ ³⁴⁸ ³⁴⁹ ³⁵⁰ ³⁵¹ ³⁵² ³⁵³ ³⁵⁴ ³⁵⁵ ³⁵⁶ ³⁵⁷ ³⁵⁸ ³⁵⁹ ³⁶⁰ ³⁶¹ ³⁶² ³⁶³ ³⁶⁴ ³⁶⁵ ³⁶⁶ ³⁶⁷ ³⁶⁸ ³⁶⁹ ³⁷⁰ ³⁷¹ ³⁷² ³⁷³ ³⁷⁴ ³⁷⁵ ³⁷⁶ ³⁷⁷ ³⁷⁸ ³⁷⁹ ³⁸⁰ ³⁸¹ ³⁸² ³⁸³ ³⁸⁴ ³⁸⁵ ³⁸⁶ ³⁸⁷ ³⁸⁸ ³⁸⁹ ³⁹⁰ ³⁹¹ ³⁹² ³⁹³ ³⁹⁴ ³⁹⁵ ³⁹⁶ ³⁹⁷ ³⁹⁸ ³⁹⁹ ⁴⁰⁰ ⁴⁰¹ ⁴⁰² ⁴⁰³ ⁴⁰⁴ ⁴⁰⁵ ⁴⁰⁶ ⁴⁰⁷ ⁴⁰⁸ ⁴⁰⁹ ⁴¹⁰ ⁴¹¹ ⁴¹² ⁴¹³ ⁴¹⁴ ⁴¹⁵ ⁴¹⁶ ⁴¹⁷ ⁴¹⁸ ⁴¹⁹ ⁴²⁰ ⁴²¹ ⁴²² ⁴²³ ⁴²⁴ ⁴²⁵ ⁴²⁶ ⁴²⁷ ⁴²⁸ ⁴²⁹ ⁴³⁰ ⁴³¹ ⁴³² ⁴³³ ⁴³⁴ ⁴³⁵ ⁴³⁶ ⁴³⁷ ⁴³⁸ ⁴³⁹ ⁴⁴⁰ ⁴⁴¹ ⁴⁴² ⁴⁴³ ⁴⁴⁴ ⁴⁴⁵ ⁴⁴⁶ ⁴⁴⁷ ⁴⁴⁸ ⁴⁴⁹ ⁴⁵⁰ ⁴⁵¹ ⁴⁵² ⁴⁵³ ⁴⁵⁴ ⁴⁵⁵ ⁴⁵⁶ ⁴⁵⁷ ⁴⁵⁸ ⁴⁵⁹ ⁴⁶⁰ ⁴⁶¹ ⁴⁶² ⁴⁶³ ⁴⁶⁴ ⁴⁶⁵ ⁴⁶⁶ ⁴⁶⁷ ⁴⁶⁸ ⁴⁶⁹ ⁴⁷⁰ ⁴⁷¹ ⁴⁷² ⁴⁷³ ⁴⁷⁴ ⁴⁷⁵ ⁴⁷⁶ ⁴⁷⁷ ⁴⁷⁸ ⁴⁷⁹ ⁴⁸⁰ ⁴⁸¹ ⁴⁸² ⁴⁸³ ⁴⁸⁴ ⁴⁸⁵ ⁴⁸⁶ ⁴⁸⁷ ⁴⁸⁸ ⁴⁸⁹ ⁴⁹⁰ ⁴⁹¹ ⁴⁹² ⁴⁹³ ⁴⁹⁴ ⁴⁹⁵ ⁴⁹⁶ ⁴⁹⁷ ⁴⁹⁸ ⁴⁹⁹ ⁵⁰⁰ ⁵⁰¹ ⁵⁰² ⁵⁰³ ⁵⁰⁴ ⁵⁰⁵ ⁵⁰⁶ ⁵⁰⁷ ⁵⁰⁸ ⁵⁰⁹ ⁵¹⁰ ⁵¹¹ ⁵¹² ⁵¹³ ⁵¹⁴ ⁵¹⁵ ⁵¹⁶ ⁵¹⁷ ⁵¹⁸ ⁵¹⁹ ⁵²⁰ ⁵²¹ ⁵²² ⁵²³ ⁵²⁴ ⁵²⁵ ⁵²⁶ ⁵²⁷ ⁵²⁸ ⁵²⁹ ⁵³⁰ ⁵³¹ ⁵³² ⁵³³ ⁵³⁴ ⁵³⁵ ⁵³⁶ ⁵³⁷ ⁵³⁸ ⁵³⁹ ⁵⁴⁰ ⁵⁴¹ ⁵⁴² ⁵⁴³ ⁵⁴⁴ ⁵⁴⁵ ⁵⁴⁶ ⁵⁴⁷ ⁵⁴⁸ ⁵⁴⁹ ⁵⁵⁰ ⁵⁵¹ ⁵⁵² ⁵⁵³ ⁵⁵⁴ ⁵⁵⁵ ⁵⁵⁶ ⁵⁵⁷ ⁵⁵⁸ ⁵⁵⁹ ⁵⁶⁰ ⁵⁶¹ ⁵⁶² ⁵⁶³ ⁵⁶⁴ ⁵⁶⁵ ⁵⁶⁶ ⁵⁶⁷ ⁵⁶⁸ ⁵⁶⁹ ⁵⁷⁰ ⁵⁷¹ ⁵⁷² ⁵⁷³ ⁵⁷⁴ ⁵⁷⁵ ⁵⁷⁶ ⁵⁷⁷ ⁵⁷⁸ ⁵⁷⁹ ⁵⁸⁰ ⁵⁸¹ ⁵⁸² ⁵⁸³ ⁵⁸⁴ ⁵⁸⁵ ⁵⁸⁶ ⁵⁸⁷ ⁵⁸⁸ ⁵⁸⁹ ⁵⁹⁰ ⁵⁹¹ ⁵⁹² ⁵⁹³ ⁵⁹⁴ ⁵⁹⁵ ⁵⁹⁶ ⁵⁹⁷ ⁵⁹⁸ ⁵⁹⁹ ⁶⁰⁰ ⁶⁰¹ ⁶⁰² ⁶⁰³ ⁶⁰⁴ ⁶⁰⁵ ⁶⁰⁶ ⁶⁰⁷ ⁶⁰⁸ ⁶⁰⁹ ⁶¹⁰ ⁶¹¹ ⁶¹² ⁶¹³ ⁶¹⁴ ⁶¹⁵ ⁶¹⁶ ⁶¹⁷ ⁶¹⁸ ⁶¹⁹ ⁶²⁰ ⁶²¹ ⁶²² ⁶²³ ⁶²⁴ ⁶²⁵ ⁶²⁶ ⁶²⁷ ⁶²⁸ ⁶²⁹ ⁶³⁰ ⁶³¹ ⁶³² ⁶³³ ⁶³⁴ ⁶³⁵ ⁶³⁶ ⁶³⁷ ⁶³⁸ ⁶³⁹ ⁶⁴⁰ ⁶⁴¹ ⁶⁴² ⁶⁴³ ⁶⁴⁴ ⁶⁴⁵ ⁶⁴⁶ ⁶⁴⁷ ⁶⁴⁸ ⁶⁴⁹ ⁶⁵⁰ ⁶⁵¹ ⁶⁵² ⁶⁵³ ⁶⁵⁴ ⁶⁵⁵ ⁶⁵⁶ ⁶⁵⁷ ⁶⁵⁸ ⁶⁵⁹ ⁶⁶⁰ ⁶⁶¹ ⁶⁶² ⁶⁶³ ⁶⁶⁴ ⁶⁶⁵ ⁶⁶⁶ ⁶⁶⁷ ⁶⁶⁸ ⁶⁶⁹ ⁶⁷⁰ ⁶⁷¹ ⁶⁷² ⁶⁷³ ⁶⁷⁴ ⁶⁷⁵ ⁶⁷⁶ ⁶⁷⁷ ⁶⁷⁸ ⁶⁷⁹ ⁶⁸⁰ ⁶⁸¹ ⁶⁸² ⁶⁸³ ⁶⁸⁴ ⁶⁸⁵ ⁶⁸⁶ ⁶⁸⁷ ⁶⁸⁸ ⁶⁸⁹ ⁶⁹⁰ ⁶⁹¹ ⁶⁹² ⁶⁹³ ⁶⁹⁴ ⁶⁹⁵ ⁶⁹⁶ ⁶⁹⁷ ⁶⁹⁸ ⁶⁹⁹ ⁷⁰⁰ ⁷⁰¹ ⁷⁰² ⁷⁰³ ⁷⁰⁴ ⁷⁰⁵ ⁷⁰⁶ ⁷⁰⁷ ⁷⁰⁸ ⁷⁰⁹ ⁷¹⁰ ⁷¹¹ ⁷¹² ⁷¹³ ⁷¹⁴ ⁷¹⁵ ⁷¹⁶ ⁷¹⁷ ⁷¹⁸ ⁷¹⁹ ⁷²⁰ ⁷²¹ ⁷²² ⁷²³ ⁷²⁴ ⁷²⁵ ⁷²⁶ ⁷²⁷ ⁷²⁸ ⁷²⁹ ⁷³⁰ ⁷³¹ ⁷³² ⁷³³ ⁷³⁴ ⁷³⁵ ⁷³⁶ ⁷³⁷ ⁷³⁸ ⁷³⁹ ⁷⁴⁰ ⁷⁴¹ ⁷⁴² ⁷⁴³ ⁷⁴⁴ ⁷⁴⁵ ⁷⁴⁶ ⁷⁴⁷ ⁷⁴⁸ ⁷⁴⁹ ⁷⁵⁰ ⁷⁵¹ ⁷⁵² ⁷⁵³ ⁷⁵⁴ ⁷⁵⁵ ⁷⁵⁶ ⁷⁵⁷ ⁷⁵⁸ ⁷⁵⁹ ⁷⁶⁰ ⁷⁶¹ ⁷⁶² ⁷⁶³ ⁷⁶⁴ ⁷⁶⁵ ⁷⁶⁶ ⁷⁶⁷ ⁷⁶⁸ ⁷⁶⁹ ⁷⁷⁰ ⁷⁷¹ ⁷⁷² ⁷⁷³ ⁷⁷⁴ ⁷⁷⁵ ⁷⁷⁶ ⁷⁷⁷ ⁷⁷⁸ ⁷⁷⁹ ⁷⁸⁰ ⁷⁸¹ ⁷⁸² ⁷⁸³ ⁷⁸⁴ ⁷⁸⁵ ⁷⁸⁶ ⁷⁸⁷ ⁷⁸⁸ ⁷⁸⁹ ⁷⁹⁰ ⁷⁹¹ ⁷⁹² ⁷⁹³ ⁷⁹⁴ ⁷⁹⁵ ⁷⁹⁶ ⁷⁹⁷ ⁷⁹⁸ ⁷⁹⁹ ⁸⁰⁰ ⁸⁰¹ ⁸⁰² ⁸⁰³ ⁸⁰⁴ ⁸⁰⁵ ⁸⁰⁶ ⁸⁰⁷ ⁸⁰⁸ ⁸⁰⁹ ⁸¹⁰ ⁸¹¹ ⁸¹² ⁸¹³ ⁸¹⁴ ⁸¹⁵ ⁸¹⁶ ⁸¹⁷ ⁸¹⁸ ⁸¹⁹ ⁸²⁰ ⁸²¹ ⁸²² ⁸²³ ⁸²⁴ ⁸²⁵ ⁸²⁶ ⁸²⁷ ⁸²⁸ ⁸²⁹ ⁸³⁰ ⁸³¹ ⁸³² ⁸³³ ⁸³⁴ ⁸³⁵ ⁸³⁶ ⁸³⁷ ⁸³⁸ ⁸³⁹ ⁸⁴⁰ ⁸⁴¹ ⁸⁴² ⁸⁴³ ⁸⁴⁴ ⁸⁴⁵ ⁸⁴⁶ ⁸⁴⁷ ⁸⁴⁸ ⁸⁴⁹ ⁸⁵⁰ ⁸⁵¹ ⁸⁵² ⁸⁵³ ⁸⁵⁴ ⁸⁵⁵ ⁸⁵⁶ ⁸⁵⁷ ⁸⁵⁸ ⁸⁵⁹ ⁸⁶⁰ ⁸⁶¹ ⁸⁶² ⁸⁶³ ⁸⁶⁴ ⁸⁶⁵ ⁸⁶⁶ ⁸⁶⁷ ⁸⁶⁸ ⁸⁶⁹ ⁸⁷⁰ ⁸⁷¹ ⁸⁷² ⁸⁷³ ⁸⁷⁴ ⁸⁷⁵ ⁸⁷⁶ ⁸⁷⁷ ⁸⁷⁸ ⁸⁷⁹ ⁸⁸⁰ ⁸⁸¹ ⁸⁸² ⁸⁸³ ⁸⁸⁴ ⁸⁸⁵ ⁸⁸⁶ ⁸⁸⁷ ⁸⁸⁸ ⁸⁸⁹ ⁸⁹⁰ ⁸⁹¹ ⁸⁹² ⁸⁹³ ⁸⁹⁴ ⁸⁹⁵ ⁸⁹⁶ ⁸⁹⁷ ⁸⁹⁸ ⁸⁹⁹ ⁹⁰⁰ ⁹⁰¹ ⁹⁰² ⁹⁰³ ⁹⁰⁴ ⁹⁰⁵ ⁹⁰⁶ ⁹⁰⁷ ⁹⁰⁸ ⁹⁰⁹ ⁹¹⁰ ⁹¹¹ ⁹¹² ⁹¹³ ⁹¹⁴ ⁹¹⁵ ⁹¹⁶ ⁹¹⁷ ⁹¹⁸ ⁹¹⁹ ⁹²⁰ ⁹²¹ ⁹²² ⁹²³ ⁹²⁴ ⁹²⁵ ⁹²⁶ ⁹²⁷ ⁹²⁸ ⁹²⁹ ⁹³⁰ ⁹³¹ ⁹³² ⁹³³ ⁹³⁴ ⁹³⁵ ⁹³⁶ ⁹³⁷ ⁹³⁸ ⁹³⁹ ⁹⁴⁰ ⁹⁴¹ ⁹⁴² ⁹⁴³ ⁹⁴⁴ ⁹⁴⁵ ⁹⁴⁶ ⁹⁴⁷ ⁹⁴⁸ ⁹⁴⁹ ⁹⁵⁰ ⁹⁵¹ ⁹⁵² ⁹⁵³ ⁹⁵⁴ ⁹⁵⁵ ⁹⁵⁶ ⁹⁵⁷ ⁹⁵⁸ ⁹⁵⁹ ⁹⁶⁰ ⁹⁶¹ ⁹⁶² ⁹⁶³ ⁹⁶⁴ ⁹⁶⁵ ⁹⁶⁶ ⁹⁶⁷ ⁹⁶⁸ ⁹⁶⁹ ⁹⁷⁰ ⁹⁷¹ ⁹⁷² ⁹⁷³ ⁹⁷⁴ ⁹⁷⁵ ⁹⁷⁶ ⁹⁷⁷ ⁹⁷⁸ ⁹⁷⁹ ⁹⁸⁰ ⁹⁸¹ ⁹⁸² ⁹⁸³ ⁹⁸⁴ ⁹⁸⁵ ⁹⁸⁶ ⁹⁸⁷ ⁹⁸⁸ ⁹⁸⁹ ⁹⁹⁰ ⁹⁹¹ ⁹⁹² ⁹⁹³ ⁹⁹⁴ ⁹⁹⁵ ⁹⁹⁶ ⁹⁹⁷ ⁹⁹⁸ ⁹⁹⁹ ¹⁰⁰⁰ ¹⁰⁰¹ ¹⁰⁰² ¹⁰⁰³ ¹⁰⁰⁴ ¹⁰⁰⁵ ¹⁰⁰⁶ ¹⁰⁰⁷ ¹⁰⁰⁸ ¹⁰⁰⁹ ¹⁰¹⁰ ¹⁰¹¹ ¹⁰¹² ¹⁰¹³ ¹⁰¹⁴ ¹⁰¹⁵ ¹⁰¹⁶ ¹⁰¹⁷ ¹⁰¹⁸ ¹⁰¹⁹ ¹⁰²⁰ ¹⁰²¹ ¹⁰²² ¹⁰²³ ¹⁰²⁴ ¹⁰²⁵ ¹⁰²⁶ ¹⁰²⁷ ¹⁰²⁸ ¹⁰²⁹ ¹⁰³⁰ ¹⁰³¹ ¹⁰³² ¹⁰³³ ¹⁰³⁴ ¹⁰³⁵ ¹⁰³⁶ ¹⁰³⁷ ¹⁰³⁸ ¹⁰³⁹ ¹⁰⁴⁰ ¹⁰⁴¹ ¹⁰⁴² ¹⁰⁴³ ¹⁰⁴⁴ ¹⁰⁴⁵ ¹⁰⁴⁶ ¹⁰⁴⁷ ¹⁰⁴⁸ ¹⁰⁴⁹ ¹⁰⁵⁰ ¹⁰⁵¹ ¹⁰⁵² ¹⁰⁵³ ¹⁰⁵⁴ ¹⁰⁵⁵ ¹⁰⁵⁶ ¹⁰⁵⁷ ¹⁰⁵⁸ ¹⁰⁵⁹ ¹⁰⁶⁰ ¹⁰⁶¹ ¹⁰⁶² ¹⁰⁶³ ¹⁰⁶⁴ ¹⁰⁶⁵ ¹⁰⁶⁶ ¹⁰⁶⁷ ¹⁰⁶⁸ ¹⁰⁶⁹ ¹⁰⁷⁰ ¹⁰⁷¹ ¹⁰⁷² ¹⁰⁷³ ¹⁰⁷⁴ ¹⁰⁷⁵ ¹⁰⁷⁶ ¹⁰⁷⁷ ¹⁰⁷⁸ ¹⁰⁷⁹ ¹⁰⁸⁰ ¹⁰⁸¹ ¹⁰⁸² ¹⁰⁸³ ¹⁰⁸⁴ ¹⁰⁸⁵ ¹⁰⁸⁶ ¹⁰⁸⁷ ¹⁰⁸⁸ ¹⁰⁸⁹ ¹⁰⁹⁰ ¹⁰⁹¹ ¹⁰⁹² ¹⁰⁹³ ¹⁰⁹⁴ ¹⁰⁹⁵ ¹⁰⁹⁶ ¹⁰⁹⁷ ¹⁰⁹⁸ ¹⁰⁹⁹ ¹¹⁰⁰ ¹¹⁰¹ ¹¹⁰² ¹¹⁰³ ¹¹⁰⁴ ¹¹⁰⁵ ¹¹⁰⁶ ¹¹⁰⁷ ¹¹⁰⁸ ¹¹⁰⁹ ¹¹¹⁰ ¹¹¹¹ ¹¹¹² ¹¹¹³ ¹¹¹⁴ ¹¹¹⁵ ¹¹¹⁶ ¹¹¹⁷ ¹¹¹⁸ ¹¹¹⁹ ¹¹²⁰ ¹¹²¹ ¹¹²² ¹¹²³ ¹¹²⁴ ¹¹²⁵ ¹¹²⁶ ¹¹²⁷ ¹¹²⁸ ¹¹²⁹ ¹¹³⁰ ¹¹³¹ ¹¹³² ¹¹³³ ¹¹³⁴ ¹¹³⁵ ¹¹³⁶ ¹¹³⁷ ¹¹³⁸ ¹¹³⁹ ¹¹⁴⁰ ¹¹⁴¹ ¹¹⁴² ¹¹⁴³ ¹¹⁴⁴ ¹¹⁴⁵ ¹¹⁴⁶ ¹¹⁴⁷ ¹¹⁴⁸ ¹¹⁴⁹ ¹¹⁵⁰ ¹¹⁵¹ ¹¹⁵² ¹¹⁵³ ¹¹⁵⁴ ¹¹⁵⁵ ¹¹⁵⁶ ¹¹⁵⁷ ¹¹⁵⁸ ¹¹⁵⁹ ¹¹⁶⁰ ¹¹⁶¹ ¹¹⁶² ¹¹⁶³ ¹¹⁶⁴ ¹¹⁶⁵ ¹¹⁶⁶ ¹¹⁶⁷ ¹¹⁶⁸ ¹¹⁶⁹ ¹¹⁷⁰ ¹¹⁷¹ ¹¹⁷² ¹¹⁷³ ¹¹⁷⁴ ¹¹⁷⁵ ¹¹⁷⁶ ¹¹⁷⁷ ¹¹⁷⁸ ¹¹⁷⁹ ¹¹⁸⁰ ¹¹⁸¹ ¹¹⁸² ¹¹⁸³ ¹¹⁸⁴ ¹¹⁸⁵ ¹¹⁸⁶ ¹¹⁸⁷ ¹¹⁸⁸ ¹¹⁸⁹ ¹¹⁹⁰ ¹¹⁹¹ ¹¹⁹² ¹¹⁹³ ¹¹⁹⁴ ¹¹⁹⁵ ¹¹⁹⁶ ¹¹⁹⁷ ¹¹⁹⁸ ¹¹⁹⁹ ¹²⁰⁰ ¹²⁰¹ ¹²⁰² ¹²⁰³ ¹²⁰⁴ ¹²⁰⁵ ¹²⁰⁶ ¹²⁰⁷ ¹²⁰⁸ ¹²⁰⁹ ¹²¹⁰ ¹²¹¹ ¹²¹² ¹²¹³ ¹²¹⁴ ¹²¹⁵ ¹²¹⁶ ¹²¹⁷ ¹²¹⁸ ¹²¹⁹ ¹²²⁰ ¹²²¹ ¹²²² ¹²²³ ¹²²⁴ ¹²²⁵ ¹²²⁶ ¹²²⁷ ¹²²⁸ ¹²²⁹ ¹²³⁰ ¹²³¹ ¹²³² ¹²³³ ¹²³⁴ ¹²³⁵ ¹²³⁶ ¹²³⁷ ¹²³⁸ ¹²³⁹ ¹²⁴⁰ ¹²⁴¹ ¹²⁴² ¹²⁴³ ¹²⁴⁴ ¹²⁴⁵ ¹²⁴⁶ ¹²⁴⁷ ¹²⁴⁸ ¹²⁴⁹ ¹²⁵⁰ ¹²⁵¹ ¹²⁵² ¹²⁵³ ¹²⁵⁴ ¹²⁵⁵ ¹²⁵⁶ ¹²⁵⁷ ¹²⁵⁸ ¹²⁵⁹ ¹²⁶⁰ ¹²⁶¹ ¹²⁶² ¹²⁶³ ¹²⁶⁴ ¹²⁶⁵ ¹²⁶⁶ ¹²⁶⁷ ¹²⁶⁸ ¹²⁶⁹ ¹²⁷⁰ ¹²⁷¹ ¹²⁷² ¹²⁷³ ¹²⁷⁴ ¹²⁷⁵ ¹²⁷⁶ ¹²⁷⁷ ¹²⁷⁸ ¹²⁷⁹ ¹²⁸⁰ ¹²⁸¹ ¹²⁸² ¹²⁸³ ¹²⁸⁴ ¹²⁸⁵ ¹²⁸⁶ ¹²⁸⁷ ¹²⁸⁸ ¹²⁸⁹ ¹²⁹⁰ ¹²⁹¹ ¹²⁹² ¹²⁹³ ¹²⁹⁴ ¹²⁹⁵ ¹²⁹⁶ ¹²⁹⁷ ¹²⁹⁸ ¹²⁹⁹ ¹³⁰⁰ ¹³⁰¹ ¹³⁰² ¹³⁰³ ¹³⁰⁴ ¹³⁰⁵ ¹³⁰⁶ ¹³⁰⁷ ¹³⁰⁸ ¹³⁰⁹ ¹³¹⁰ ¹³¹¹ ¹³¹² ¹³¹³ ¹³¹⁴ ¹³¹⁵ ¹³¹⁶ ¹³¹⁷ ¹³¹⁸ ¹³¹⁹ ¹³²⁰ ¹³²¹ ¹³²² ¹³²³ ¹³²⁴ ¹³²⁵ ¹³²⁶ ¹³²⁷ ¹³²⁸ ¹

alguma coisa. De vez em quando, poderia levar consigo um petisco, que a senhora Annetta, dos Finazzi de Castelfranco, não se importaria de aquecer.

Em meados de Novembro, Beppi iniciou as suas caminhadas em direcção a Castelfranco. Não dava a menor importância ao esforço. Desde o primeiro dia compreendeu que estava iniciando uma nova rota que não terminaria em Castelfranco. Saía de madrugada e regressava à noite. Na cidade podia descansar um pouco, ao meio-dia, no lar simples e acolhedor dos Finazzi. A «Signora Annetta» estimava-o quase tanto como sua própria mãe. E na escola trabalhava com afinco. Sabia bem para que viera ali. Do conjunto dos mestres destacava-se, com D. António, o Director, D. Caetano Marcon, extraordinariamente bondoso e dedicado aos rapazes. Correrão os anos, e um dia o Patriarca de Veneza virá a Castelfranco, para cavaquear com o seu velho mestre.

Em breve Beppi notou que os sete quilómetros da manhã e os sete do regresso, à tarde, lhe vinham comendo as solas das sandálias. Sabia que não era possível pensar em comprar outras. Ia-se habituando a encontrar rápida solução para os conflitos. Não diria nada a sua mãe. No dia seguinte, ao sair da povoação, descalçou-se, atou as sandálias, pô-las às costas, juntamente com o saco do pão, e caminhou descalço. À entrada de Castelfranco calçou-se outra vez. Sangravam-lhe um pouco os pés no primeiro dia. Mas com o exercício ir-se-iam enrijecendo.

O pior eram as manhãs frias de Dezembro e de Janeiro, as chuvas, e algumas vezes a neve. A «Signora Annetta» sofria muito, vendo chegar o rapaz meio morto de frio. Propôs a João Baptista que o deixasse passar em sua casa os dias da semana, de segunda-feira a sábado, até chegar o bom tempo; ela dispunha de uma cama e dar-lhe-iam alguma coisa que comer por pouco dinheiro. E assim Beppi pôde descansar um bocadinho, dispor de mais algum tempo para estudar, passear e brincar na praça e no castelo, nos mercados e à porta do Duomo, a bela Catedral de Castelfranco. Os Finazzi divertiam-se com ele, porque lhes animava a casa. As primeiras «missas» da sua vida, aquelas «missas» que celebram — com uma caixa de latão como cálice e um papelão grande recortado em forma de casula — quase todos os miúdos que andam a magiar no sacerdócio, celebrou-as Beppi em casa dos Finazzi, perante a alegria da «Signora Annetta».

Por aquela época, com doze anos, no dia 6 de Abril de 1847, Beppi, minuciosamente preparado por D. Pedro, recebeu pela primeira vez a sagrada comunhão. Era um pouco tarde. Se alguma vez viesse a

mandar naquelas coisas, Beppi disporia que os meninos recebessem a comunhão mais cedo. Para se não cansarem tanto ao percorrerem o caminho duro de Castelfranco. Para que as suas almas não sentissem frio nas manhãs de vento gelado.

Havia já três anos que Beppi ia e vinha entre Riese e Castelfranco. Era um belo rapaz de catorze anos, um pouco mais fraco que quando pequeno, devido ao desgaste das caminhadas. Falava um pouco o latim e desenhava letras gregas; lia com avidez livros de geografia e de história; conhecia os pequenos segredos da vida de Jesus e da Virgem. Seu irmão Ângelo completara os treze anos, e seus pais resolveram que ele acompanhasse Beppi à escola. João Baptista apertou um pouco o trabalho daquele verão, Margarida coseu e remendou panos de algumas famílias de Riese, e puderam assim pensar em adquirir um burrico manso e uma carrocinha desmantelada, mas que ainda tinha as rodas no seu lugar. Ângelo e Beppi ficaram radiantes. A caminho de Castelfranco, os dois de pé sobre a carroça, estimulando o trote do burro, sentiam-se potentados. Beppi pensava que naquele ano não se romperiam as suas sandálias.

Em Agosto de 1850 Beppi concluiu os quatro anos de liceu em Castelfranco. Fazia o último exame em Treviso. Dois exames por cadeira, um em cada semestre, representavam um total de oito provas. A elas concorreu Beppi, com mais quarenta a cinquenta rapazes da sua idade, que nos liceus do distrito se preparavam para entrar no Seminário de Treviso. O resultado foi sempre nítido. As classificações de todos os seus exames dão a média insuperável: dez sobre dez, «eminente»; nota máxima, em todas as cadeiras. Bravo Beppi! Um rapazito de aldeia que se submete a um exame na cidade longínqua, perante professores desconhecidos, que nunca perde o aprumo nem o sorriso, colocado à cabeça dos cinquenta concorrentes, era um caso digno de atenção. Beppi acabava de fazer quinze anos.

O CAMINHO CLARO DE BEPPI

1

Julho de 1850.

E agora?

João Baptista não conseguia compreender como é que um aguazil, ganhando duas libras diárias, poderia custear os estudos de um filho que todos apontavam como inteligente. Bem dava ele tratos à imaginação, mas... Beppi cumprira quatro anos de idas e vindas, oito exames em Treviso, com oito diplomas recheados de «eminências». Tudo isso, no entanto, não abria as portas a um futuro difícil. João Baptista sentia-se torturado por aquela pergunta:

E agora?

D. Tito. D. Tito era a única pessoa que poderia resolver o caso. Um paroquiano de aldeia não concebe que haja impossíveis para o seu prior. D. Tito seria a providência vestida de batina. João Baptista foi procurá-lo, para lhe repetir em voz alta a pergunta que havia três noites o não deixava dormir:

E agora?

D. Tito pensou na conveniência de escrever ao Cardeal de Veneza. João Baptista começou a tremer. Ao Cardeal de Veneza? Só isso?! Ao Cardeal de Veneza! Mas estaria porventura o Cardeal de Veneza disposto a ler uma carta do aguazil de Riese?

D. Tito sabia que o Cardeal de Veneza lia com prazer as cartas procedentes de Riese, e que havia de ler a do aguazil se este lhe escrevesse. Jacob Mónico, Patriarca de Veneza desde 1826, nomeado Cardeal no Consistório de 1833, nascera precisamente em Riese. Ele,

vigário,
paroco

D. Tito, vira bem a sua acta de baptismo no arquivo paroquial e, no fim de contas, entre um aguazil de Riese que era pai de Beppi e um ferreiro de Riese, pai do Cardeal Mónico, não existia grande diferença. Quem sabe se ao ter notícia das dificuldades de Beppi, o Cardeal não se recordaria da história longínqua das suas próprias dificuldades? E ele, D. Tito, que conhecia Beppi, bem podia esperar que as dificuldades do rapaz desembocassem um dia... Enfim, Deus acima de tudo. Decididamente era preciso escrever ao Cardeal.

D. Tito pôs o assunto nas mãos do Cónego Casagrande, Prefeito de estudos do Seminário de Treviso. No dia 27 do mesmo mês de Julho, de 1850, Casagrande apresentou um requerimento ao Cardeal de Veneza pedindo-lhe reverentemente que se dignasse conceder uma das bolsas de estudo para o Seminário de Pádua ao jovem José Melchior Sarto, de Riese, «buono e bravo giovanetto», segundo o tinham comprovado os exames de Treviso e as informações do pároco.

Em Riese viveu a nossa gente um mês muito inquieto. João Baptista, sem dar por isso, conservava-se sério e pensativo por largos espaços de tempo. Margarida rezava pelas manhãs, rezava de tarde, Beppi... Beppi vivia feliz com a esperança de um rapaz de aldeia que sabia que o seu nome fora indicado ao Cardeal de Veneza, para que lhe dissessem se poderia entrar no Seminário; e como o Cardeal havia de dizer que sim... A Virgem de Céndrole sempre sabia alguma coisa das angústias daqueles dias.

Estava-se em meados de Agosto, e D. Tito perguntava todos os dias ao carteiro se não chegara carta de Veneza. Já era tempo. Por fim chegou. Um envelope sem mácula, de papel granulado. João Baptista não se atreveu a rasgá-lo. Correu em busca de D. Tito.

Examinei com respeito as cinco linhas desse officio, registado na Cúria Paroquial de Veneza com o número 848, redigido numa letra fina, elegantíssima, como para ser assinado pela douta mão do Patriarca Mónico, apreciador de humanidades, esmerado nas suas coisas. O Cardeal comunicava a João Baptista Sarto, de Riese — era realmente verdade que o Cardeal de Veneza podia ler uma carta do aguazil de Riese — que fora atribuída a seu filho José uma das bolsas para o Seminário de Pádua. O officio passou pela Chancelaria de Veneza como mais um entre os vinte e nove daquele dia. Talvez o Cardeal tivesse sentido um estremecimento de emoção quando o assinou, talvez tivesse fechado os olhos pensando na primeira viagem do filho de certo ferreiro rumo ao Seminário.

O officio da Cúria Paroquial tinha a sua importância. Era a chave de uma vida. Abria-se uma janela sobre imensos panoramas. Enchia de alegria a alma de Beppi, comovia Margarida até às lágrimas, encandeava a vista do modesto aguazil. Já era muito, abalar aquelas três boas almas. Mas, além disso, aquela folha de papel elegante teria alguma coisa a ver com a história do nosso tempo.

Era costume dos seminaristas daquela região vestirem o hábito clerical. D. Tito benzeu o de Beppi, que o vestiu pela primeira vez a 19 de Setembro, dois dias antes da festa de São Mateus, titular da igreja de Riese. As alegrias da família Sarto encontraram eco na aldeia inteira. Beppi era muito querido, todos tinham para ele um olhar de simpatia. Margarida ordenou que os irmãozitos dessem ao mais velho a categoria correspondente à sua nova dignidade, deixando de o tratar por tu.

2

Passaram as festas de São Mateus. Era preciso pensar na partida. D. Tito solicitou do Cónego Casagrande uma carta de apresentação de Beppi para o Reitor do Seminário de Pádua. Riese era um enclave da diocese de Treviso, e Beppi deveria ter estudado no seu Seminário diocesano. Mas as bolsas cuja atribuição competia ao Patriarca de Veneza estavam ligadas ao Seminário de Pádua. Casagrande escreveu a carta, indicando ao Reitor de Pádua, que José Melchior Sarto oferecia «esperanças de vir a ser um bom coadjutor» para as tarefas pastorais. Um bom coadjutor. Casagrande tinha razão. Mas não acrescentara o final da história. José Melchior Sarto seria coadjutor antes de ser patrão. Mas também seria patrão.

A velha ^{chavete} carroça que levava Beppi e Ângelo a Castelfranco durante o ano anterior luzia com a manta arranjada por Margarida antes de colocar o saco com as roupas e o embrulho dos livros. Beppi abraçou sua mãe, suas irmãs e Ângelo. Beijou a mão de D. Tito. D. Pedro, o coadjutor, beijou-o na testa. De um pulo, saltou para a carroça. João Baptista, agarrado ao bridão do cavalo, apressava-se. Beppi, com os seus quinze anos, parecia agora mais criança.

De Veneza, dirigi-me a Pádua num comboio matutino. Cheio de estudantes, aquele comboio parecia uma colmeia com rodas; nas poucas estações do percurso foram subindo mais estudantes, como zangãos e abelhas que chegavam atrasados à chamada da rainha. Em Pádua, a colmeia desfez-se, e os estudantes afastaram-se em bandos dispersos.

Pádua é uma cidade que tem a alma à flor da pedra. Clara e limpa, converge toda para uma rua quase direita. Há um momento impreciso do tempo que é seu, não sei se no século XIII, se no século XVIII. Talvez no decorrer do século XIV, quando os Carraresi a fizeram florescer. Bellíssimas arcadas abrem as casas em soportal gracioso. Tem um café grande como o salão de um município. E muitos livros bons detrás das vidraças de excelentes livrarias. Tem também a Basílica de Santo António, onde tantos pecados artísticos terá o Santo que perdoar aos frades culpados daquele museu. Nos «pianterrenos» da Universidade, escaparates reluzentes com máquinas de costura e automóveis americanos; entretanto, as livrarias de Pádua sorriem nas esquinas floridas de cada rua. Livrarias que dignificariam a raiz antemural da Universidade, e esquinas floridas que ririam mais alegres com máquinas de coser e carros da última série.

O Seminário de Pádua é grande e senhorial, um pouco velho. Fundaram-no por ocasião da prescrição do Concílio de Trento, e atingiu uma digna altura intelectual, beneficiando da vizinhança da Universidade. Alcançou autêntico esplendor quando, nos fins do século XVII, regeu os destinos espirituais de Pádua o Bispo Barbarigo, Beato Gregório Barbarigo. Comprou terrenos, ampliou edifícios, chamou para Reitor um oblato de São Carlos de Milão, reuniu trinta professores, vários deles estrangeiros e futuros bispos, e deu-lhes um ambicioso plano de estudos. O Bispo em pessoa presidia aos exames. Regulou o ensino do canto gregoriano, criou uma tipografia, cuidou da biblioteca. O Seminário de Pádua passou à história como viveiro de homens ilustres.

Quando Beppi chegou a Pádua, em Novembro de 1850, era Reitor do Seminário D. António Maria Favris. O programa que o nosso rapaz devia cumprir, descontados os quatro anos preparados em Castel-franco e aprovados em Treviso, abarcava dois anos de Humanidades, dois de Filosofia e quatro de Teologia.

Seu pai deixou-o junto à porta, com o saco da roupa numa mão e o embrulho dos livros na outra. Beppi sentiu a perturbação que sempre provocam as situações insólitas. Tardaria pouco a orientar-se: sabia que a sua vontade era tenaz, e o norte brilhava luminoso.

Passou o primeiro ano de Humanidades em contacto imediato com D. Evangelista de Piero, que morreria Abade Mitrado de Monselice. A novidade dos métodos de estudo não o desconcertou. Era questão de um pouco de trabalho. O ambiente criava-lhe um clima fácil. Estudiar e ser bom ali, parecia-lhe fácil. Nas vésperas do Natal escreveu a D. Pedro: «Sinto-me bem com todos, companheiros e superiores; especialmente com o professor, que é muitíssimo bom».

Os rapazes da ^{do interior} província trazem para o Seminário uma ampla consciência das dificuldades, o que lhes proporciona, quando são aplicados, uma feroz resistência ao trabalho. Beppi sabia muito bem que tudo estivera dependente de uma carta; que sua mãe chorara durante as Ave-Marias à Virgem de Céndrole; que seu pai trabalharia dia e noite para que o seminarista dispusesse de umas liras. Ele estava no Seminário para aproveitar. E aproveitaria.

→ No fim do ano, Beppi obteve o primeiro lugar entre uma nuvem de rapazes. Literalmente, as notas diziam:

«Disciplinae, nemini secundus», «Ingenii maximi», «Memoriae summae», «Spei maximae». (Em disciplina, o primeiro; inteligência máxima; grande memória; esperança certa).

D. Tito e D. Pedro, em chegando as férias, receberam-no em triunfo. Sabiam bem o que significava aquele princípio. O seu Beppi não havia de ceder. As relações de Beppi com D. Pedro Jacuzzi foram crescendo em intimidade de ano para ano. Chegaram a ser como dois bons camaradas. Em Sarto, as maneiras finalmente sacerdotais de Jacuzzi deixaram forte sedimento. Para D. Pedro, os triunfos de Beppi rejuvenesciam esperanças, valiam por um triunfo pessoal.

O segundo ano de Humanidades ficou assinalado por dois acontecimentos, um ao princípio, ainda em plenas férias, e outro no final, iniciado em Maio. No dia 20 de Setembro de 1851, Beppi recebeu a tonsura das mãos do Bispo de Treviso, Monsenhor Farina, na Catedral de Asolo. Nos primeiros dias de Maio de 1852, João Baptista, o aguazil de Riese, adoeceu. A gravidade do caso aconselhou que se chamasse o seminarista, que chegou a tempo de dar a seu pai um beijo de despedida. No dia 4 de Maio, João Baptista Sarto deixava este mundo. Com ele se removia a pedra angular que mantinha de pé uma família

vitórias,
instruções

numerosa. Margarida nem por sonhos se lembrou de pensar que Beppi,
o mais velho dos irmãos, deixasse o Seminário para vir ajudar os outros.
Ainda tinha acesa no peito a chama da maternidade: trabalharei sem
descanso. O resto era coisa de Deus.

→ Quanto às notas, Beppi manteve o primeiro lugar.

→ Ao começar o curso de Filosofia, os professores nomearam-no prefeito. Ele, que mostrava um ^{modo de} critério ~~são~~ e simples na obediência, soube mantê-lo na autoridade, e permaneceu prefeito durante os restantes anos. D. Jacuzzi, utilizando como pretexto argúcias engenhosas para não ferir os sentimentos de Beppi, remetia-lhe um ou outro florim para livros e pequenas coisas. Beppi aceitava os obséquios e agradecia em cartas delicadas.

Numa dessas cartas confiava a D. Pedro as incidências de um caso que pôs em alvoroço o galinheiro do Seminário de Pádua. Beppi, que amava a submissão e a obediência, sentiu-se fortemente impressionado. As coisas passaram-se assim:

Recentemente nomeado, entrou em funções naquele ano um novo Vice-Reitor. Demasiado novo para um cargo tão delicado, mostrou-se logo desprovido de talentos e exuberante em presunção. Os rapazes, desconfiados segundo o cânon secular dos estudantes, trataram de lhe ^{dar-lhe} trocar as voltas. O homem quis suprir com altivez e dureza o que lhe faltava em qualidades. Tinham de o tratar de acordo com todo o cerimonial, com reverências do princípio ao fim. Os seminaristas tinham jurado pregar-lhe uma partida, e nas proximidades do fim do ano organizaram o programa. Durante o jantar de 19 de Junho, quando D. Marelo — assim se chamava o infeliz — entrou no refeitório para vigiar a comunidade, rebentou uma imponente assuada. D. Marelo não teve outro remédio senão aguentar aquele gravíssimo desacato à sua pessoa.

O caso foi submetido a conselho disciplinar. Os seminaristas condenados a uma disciplina mais severa. Decorreram algumas semanas extremamente violentas.

Sarto achou graça ^{na}aquele jogo espontâneo de sentimentos, mas desagradou-lhe o plano com aspecto de conjura. Não se amoldava ao seu temperamento leal e nobre. Não tomara parte directa no espectáculo, mas aceitou com todos o castigo. «Suportá-lo-emos com paciência. Eu estou contente. Gozo de boa saúde. Querem-me e suportam-me. Vivo tranquilo e satisfeito, agora um pouco afectado pelo duro correctivo dos companheiros culpados».

Em relação a ninguém, é o segundo. Não perde para outro o prime

→ Ao entrar em filosofia, defendeu bem o seu posto nos exames finais. «Nemini secundus». O rapazito de Riese assentava bem o pé na Filosofia, sem deixar que lhe arrebatassem o primeiro lugar.

As férias de Beppi tinham muito de idílio. Para sua mãe, a presença do filho primogénito constituía o melhor alento. Para Ângelo, a felicidade do ano; suas irmãs veneravam-no. D. Tito e D. Pedro incorporavam-se durante as tardes no pequeno círculo social de Riese. Possuía um palácio na aldeia a condessa veneziana Marina Loredan Granedigo. Essa senhora, nos seus anos de juventude, que agora se perdiam nas brumas das recordações, fora dama de honor na corte de Sua Majestade Imperial Napoleão I. Passava largas temporadas em Riese. Os da aldeia, a quem o criado que sempre acompanhou a senhora explicava repetidas vezes que Napoleão a chamara um dia «bela condessa», baptizaram-na com o título de «bela por decreto». No palácio reuniam-se ao cair da tarde as pessoas categorizadas de Riese, para conversar e jogar alguma partida de cartas. Beppi, já um homem, dava durante as férias uma nota simpática àquelas reuniões.

Estudava Beppi o segundo ano de Filosofia quando partiram de Riese, primeiro D. Tito — que renunciou por doença — e depois D. Pedro, transferido para outra paróquia. Beppi sentiu dolorosamente a ausência dos seus melhores amigos. Aquelas férias foram difíceis, porque além de tudo o novo pároco revelava um temperamento estranho, e os riesanos aproveitavam a presença do seu Beppi clérigo para se lamentarem e recordarem com saudade os anos de D. Tito e D. Pedro.

→ Estudou Teologia com toda a sua alma. Possuía um critério maduro que, cimentado pelo seu temperamento alegre, lhe conquistava todas as simpatias. No Seminário de Pádua consideraram-no como uma inteligência atilada, um espírito selecto e amigo dedicado. Nada entendia de tessituras néscias. De sorriso sempre pronto e sentido do humor não muito distante. No seu terceiro ano de Teologia pediu aos superiores que o desligassem do cargo de prefeito, para se poder dedicar a uma preparação intensa do sacerdócio já próximo. Escrevia a D. Pedro com satisfação: «Concederam-me um aposento retirado, onde só ouço o relógio e o sino. Não saio de passeio naquelas longas filas que causam melancolia a quem as vê passar, e muito mais a quem vai incorporado nelas. Saio com um amigo muito querido. Os superiores chamam-me o jubilado». A sua jubilação durou pouco, porque tiveram de lançar mão dele para um dormitório.

21 anos

Em Novembro de 1856, recebeu em Treviso duas ordens menores. Em Junho de 57, as outras duas, e o subdiaconado em Setembro. O seu último ano de Seminário foi muito intenso. Acompanhava de perto todo o movimento de publicações científicas, e traçou um cuidadoso programa pessoal de estudos bíblicos e patrologia. Adquiriu muitos tomos dos Santos Padres. A patristica entusiasmava-o. Dirigiu o coro do Seminário. No dia 27 de Fevereiro de 1858 foi ordenado diácono, também em Treviso. Deu uma saltada a Riese para pregar um pequeno sermão numa festa do Sagrado Coração. Concluiu o curso com notas esplêndidas, — as melhores —, segundo o seu costume inveterado. Será bom recordar aqui que Sarto manteve o primeiro posto, desde as Humanidades até à Teologia, num dos mais prestigiosos Seminários de Itália, intimamente ligado em tensão intelectual à Universidade paduana. E que teve como condiscípulos futuros bispos e professores. E que se entregou com a sua natural honradez ao estudo.

27-11-1858 foi salvado.

Em Lourdes, Santa Bernadete tinha a 11^a das 18 aparições de Nossa Senhora.
 "A Senhora parecia recolher-se e meditar. Depois, me disse: Vai dizer aos padres que devem construir aqui uma capela."

23 anos

18 de setembro de 1858. Sempre manhãs cheias de nevoeiro outonal pelos caminhos de Beppi. Tal como se Deus quisesse ocultar-lhe entre a bruma os fulgores do futuro.

De Roma chegou a dispensa de oito meses e dezasseis dias para que José Melchior Sarto, que nasceu no dia 2 de Junho de 1835, se pudesse ordenar presbítero.

Monsenhor Farina, Bispo de Treviso, reside por uma semana em Castelfranco, donde inicia a visita pastoral às paróquias vizinhas. Sai pela manhã e regressa à noite. No sábado dia 18 não sairá, porque vai conferir as ordens, na Catedral de Castelfranco, a um total de vinte e quatro ou vinte e seis ordenandos.

De Riese vem um deles. A cavalo, numa linda montada. Os riosanós dizem-lhe: «Adeus, Beppi».

Trotava bem, aquele jovem.

Não sentia frio.

«Adeus, Beppi».

Lembram-se? Faz agora doze anos — era um garoto vivo, saltitante —, sala de Riese a caminho de Castelfranco. A pé, com um pedaço de pão e um pouco de manteiga no saco. Nos campos de Riese des-





O CAMINHO CLARO DE BEPPI

calçou-se para não estragar as sandálias novas. Também então não sentia frio.

Adiante, Beppi, adiante.

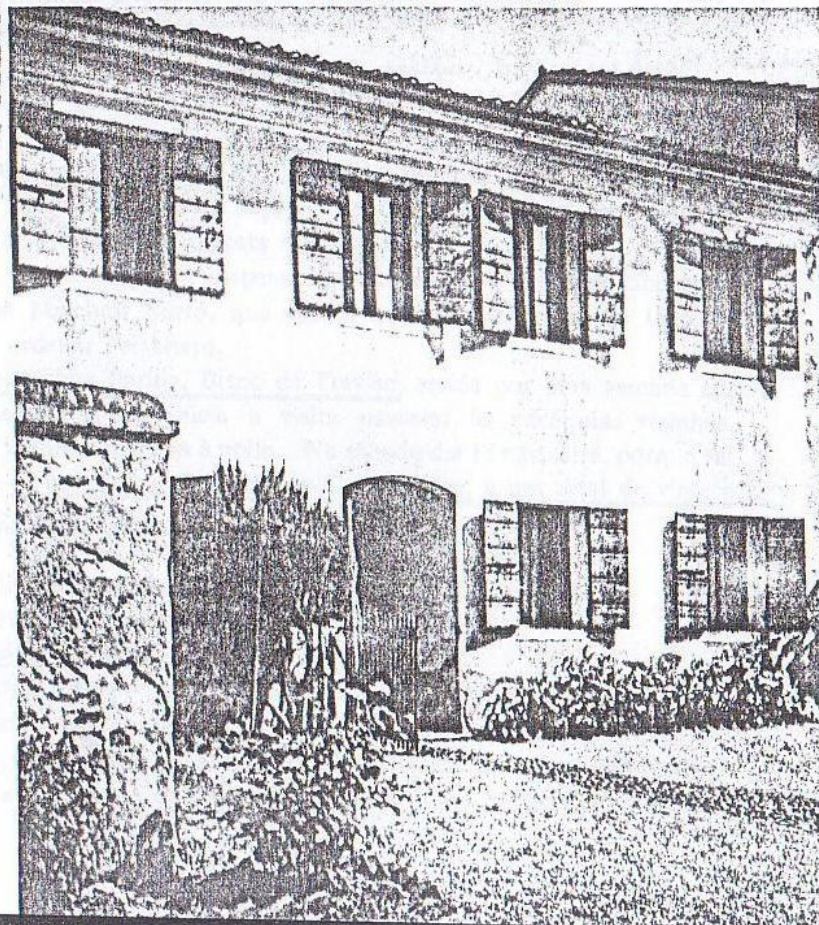
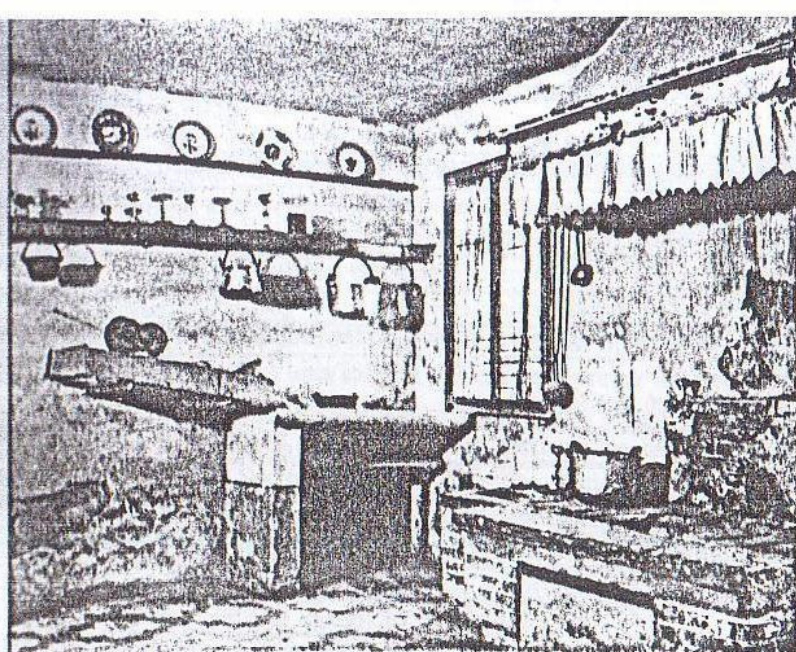
Hoje serás sacerdote.

Adiante, que a estrada é longa.

Andarás ainda por muito tempo. Não podes adivinhar até quando.

Porque a tua estrela está detrás da b.uma.

Publicado em www.leiturascatolicas.com



DE COMO UM PÁROCO E O SEU COADJUTOR PREPARAVAM OS SERMÕES A MEIAS

1

O primeiro livro de registo das missas celebradas por D. Beppi — já é tempo de obedecermos também à ^{ordem} indicação de Margarida, que proibiu que os irmãos o tratassem por tu — é um cadernô alongado, forrado de tela e escrito com uma devoção singela, que encanta. A primeira, a de 19 de Setembro de 1858, é oferecida «por meu falecido pai» — pro patre defuncto. Sempre a insubornável honradez de Beppi. Na alegria transbordante da festa, tem a memória fixada mais além, no além donde sorri satisfeito um simples aguazil, cuja alegria celestial receberá hoje um ardente estremecimento. Margarida chora em silêncio. Dizem que esta santa mulher só aprendeu três coisas na sua vida: trabalhar, amar os seus filhos e chorar em silêncio.

Em Outubro, D. Beppi apresentou-se em Tômbolo, para onde tinha sido nomeado coadjutor.

O seu retrato de coadjutor de Tômbolo mostra uma fronte ampla, com uma cabeleira graciosamente ondulada. Transbordante de vida, os lábios empreendedores, o queixo firme. Os olhos, capazes de tudo: de se resignarem a uma vida honesta, silenciosa, ou de afrontarem sem receio qualquer futuro. Parece ser homem dado a preocupações intelectuais.

Há uma dupla faceta na situação anímica deste D. Beppi, ainda nóvel sacerdote, que importa assinalar. Por um lado, uma inclinação, autêntica predisposição para o estudo. Não foi em vão que deixou um rasto brilhante num dos mais ilustres Seminários da Itália. Leva tão gravada na alma essa vocação, que não passará uma única noite em vinte e sete anos de trabalho pastoral que a não recorde eficazmente. Mas é muito difícil que um sacerdote inteiramente absorvido pelo múnus

pastoral possa dispor de oportunidades propícias ao estudo. Para quê? Pergunta que seca na raiz muitos talentos. D. Beppi podia pensar na sua incorporação no Cabido diocesano de Treviso, que naquela época reunia um conjunto de homens eminentes — «cabido de bispos» — dizia-se nas diversas dioceses vizinhas. Fora dessa saída, a sua dedicação ao estudo não teria outro interesse, além da preparação dos sermões e homilias. Como pesa este cerrar de horizontes a tantos sacerdotes!

O outro aspecto, muito de considerar em Beppi, é a rapidez prática com que acometia todas as iniciativas. Não lhe agradava discutir demasiado nem falar demoradamente daquilo que convinha ou não convinha fazer. Era um homem de acção, decidido e eficaz.

2

Tômbolo, aldeia de boa gente. Situada a poucos quilómetros de Cittadella, e encravada na região de Pádua, pertence, porém, à diocese de Treviso. Quando D. Beppi ali chegou, Tômbolo reunia, numa superfície de três quilómetros à volta da igreja paroquial, cerca de mil e quatrocentas almas. Hoje conta mais de duas mil. A igreja, grande, com a sua fachada da segunda metade do século XVIII, está flanqueada por um pórtico de oito colunas grandes e um frontão com uma estátua do apóstolo Santo André, seu titular.

Os campos de Tômbolo são férteis. Os tombolanos têm-nos em grande apreço pelos seus bons prados, onde pastam animais de toda a espécie. Os mercados dos arredores conhecem bem os «tombolanis», negociantes empedernidos de gado. Compram animais em qualquer estado, submetem-nos a tratamentos eficazes e revendem-nos na melhor oportunidade. Gente séria no trato, muito esperta, amiga das palavras rudes e do vinho. Robustos e rubicundos, os tombolanos têm coração infantil, apesar dos seus grandes bigodes e do chicote que trazem sempre na mão. Piedosos? Sim, com santinhos nas paredes da casa e amigos da Igreja. Mas blasfemos. Tradicionalmente blasfemos, por hábito e por razões de ordem comercial. «Vá, vá aos mercados com jaculatórias e terços, e verá como o recebem». Para eles, um bom negócio tem de ser selado com quatro pragas e meio jarro de vinho.

Não há por certo uma única povoação do Norte da Itália que não tenha na sua praça um monumento aos mortos caídos da guerra de 14,

com um soldado grande, de mármore branco ou bronze enverdecido, uma espada na mão direita e uma chama petrificada na esquerda.

Tômbolo possui também o seu inevitável monumento, erguido no pequeno largo da igreja. O pároco mostrou-mo, informando-me que para Julho pensam em apear o soldado e pedir-lhe que ceda o lugar de honra a um busto de Pio X, «que além de coadjutor de Tômbolo foi o primeiro caído da guerra, o grande caído».

Por vezes, enquanto escrevo, dói-me que este livro, em vez de ser uma vida mais ou menos completa, não seja um simples esboço, o que me daria pretexto para ^{apresentar} contrastar com mais vigor os diferentes traços da extraordinária aventura pessoal de Beppi Sarto. Diria que, ^{resgatar} em Tômbolo, D. Beppi, o coadjutor, atenuava a sua pobreza — e talvez uma ou outra vez a sua fome — desenhando relógios de sol nas paredes. Isto, dito desta forma, poderá parecer uma inconveniência. Mas vou explicar pormenorizadamente como se passaram as coisas.

D. Beppi veio para Tômbolo com a dupla missão de qualquer coadjutor: ajudar o pároco e ser-lhe submisso. O pároco de Tômbolo chamava-se Antônio Constantini, homem que contava então os seus trinta e sete anos, prematuramente envelhecido por doenças molestas. Homem hábil, engenhoso. Entre os seus companheiros de Arciprestado, era conhecida a precisão com que Constantini solucionava os conflitos morais. Apaixonado pelo canto gregoriano, amigo de livreiros que falavam de medicina e de cirurgia, com boa disposição para as artes mecânicas, D. Antônio sabia também da arte de alfaiate, e deixou provas da sua habilidade nos gavetões onde se conservam as casulas de Tômbolo. Ter conhecimentos de moral significa quase sempre ter conhecimento da vida e dos homens. Constantini, sem vaidade, acertava com a medida dos quilates alheios. Em Novembro de 1848 escrevia: «Enviaram-me como coadjutor um jovem cuja preparação corre a meu cargo. Creio que se vai passar o contrário. É tão zeloso, tão cheio de bom-senso e tão bem dotado, que serei eu que hei-de aprender com ele».

Não sei quem teve a culpa, mas o caso é que o prior e o coadjutor se entendiam de tal forma que não se podia pedir mais. D. Constantini estimava Beppi como se fosse seu filho. D. Beppi respeitava D. Constantini como se respeitava a um pai. Uma compenetração total, que pressupunha com frequência comunidade de bens, de ambições e de interesses. Ambos sentiam a paixão da música; a oratória encantava-os a ambos; estudavam juntos a Bíblia e juntos compulsavam as citações dos Santos Padres. Os dois, como se fossem um só — e não o são de

facto, no seu programa ministerial, o prior e o coadjutor? —, serviam a paróquia, cuidavam dos pastos do rebanho. Tão verdadeira e tão prática chegou a ser essa vida comum, que D. Beppi alugou casa unicamente para dormir — primeiro apenas um quarto que lhe cedeu um velho casal, Francisco, o pedreiro, e a senhora Juliana; mais tarde, outro quarto também, mais afastado da paróquia —; mas passava o dia inteiro ao lado de D. António e em casa deste tomava a refeição da manhã, almoçava e jantava. Durante uma larga temporada, o prior sentiu que os seus achaques se agravavam. D. Beppi cumpria com os deveres matinais na igreja, e depois dirigia-se à casa paroquial.

— Sente-se pior, D. António?

— Passei mal a noite.

— Então não se levante. Hoje tem de ficar quieto na cama. O coadjutor fará as vezes de pároco.

— Mas tinha um sermão esta tarde.

— Não se preocupe; prepararei um ou dois, os que forem necessários.

Se D. António se sentia com ânimo para se levantar, a meio da manhã D. Beppi ajudava-o a vestir-se, acompanhava-o à igreja, ajudava à sua missa e servia-lhe o pequeno almoço. Jovial e comunicativo, Beppi prolongou a saúde do pároco, dando-lhe energias, fazendo-o pensar que se restabelecia, que melhorava. Se Beppi tivesse continuado em Tômbolo, D. António não teria falecido tão cedo.

3

Disse que a oratória encantava o pároco e o coadjutor. D. António considerava-se vencido, e por isso não havia que contar com as suas actividades futuras. Mas D. Beppi... Ah! D. Beppi era novo, chegava muito bem preparado, e para cúmulo sentia verdadeira paixão pelos livros. Eis um prólogo excelente para a cultura de um grande orador. D. Constantini e o seu coadjutor puseram mãos à obra. D. Beppi escrevia os sermões, aprendia-os de cor, e durante os horas livres do dia fechavam-se os dois na igreja: D. António sentado nos bancos dos fiéis, e D. Beppi no alto do púlpito, recitando o seu sermão. D. António corrigia-o, insinuava, exigia mais clareza, menos pompa, mais precisão.

(— D. Beppi, isso é um pastel. Basta de palavras inúteis.

E naquela tarde D. Beppi fazia um propósito que havia de cumprir rigorosamente durante toda a sua vida: não perder o tempo com palavras brilhantes, e procurar uma perfeita adaptação à qualidade e às possibilidades do seu auditório, repetindo-lhe o Evangelho e explicando-lhe as verdades da fé em toda a sua límpida claridade.

— Ah! Isto sim. Como me agrada este sermão!

→ A palavra de D. Beppi ia ganhando em eficácia, aprendia a mover-se velozmente pelo caminho que leva ao coração.

— Muito bem, muito bem. Mas não é bonito que o coadjutor pregue melhor que o prior.

D. Beppi foi percorrendo todos os púlpitos das imediações e chegou a pregar em alguns muito distantes. Adquiriu fama de orador notável. As gentes escutavam com gosto a sua palavra. D. Constantini, dos bancos dos fiéis da igreja de Tômbolo, seguia os passos do seu discípulo como um oficial do estado-maior segue o movimento das suas tropas. Com o decorrer dos anos, quando Beppi, nomeado pároco, se foi embora, e chegavam a Tômbolo notícias dos êxitos que alcançava com a pregação, D. António escrevia: «Deus fez frutificar aquelas sementes que o mais ar-dente amor semeou. Se fosse possível estimá-lo mais ainda, fá-lo-ia. Só tenho receio de uma coisa: de que se esgote».

No capítulo dos assuntos económicos, nunca se puseram de acordo. Prior e coadjutor, que deliciavam os seus paroquianos com a sua maravilhosa harmonia, andavam em contínua discussão por causa do dinheiro. Na realidade, D. Beppi era um verdadeiro desastre. Temos o testemunho de Filomena, a sobrinha do pároco, que viveu com eles durante algum tempo na casa paroquial.

Beppi, como coadjutor, não tinha direito a outros proventos além dos que lhe proporcionavam duas colectas anuais: uma de trigo e outra de cevada. Se os anos eram maus, o coadjutor tinha que se defender com os míseros estipêndios da missa. A fome de D. Beppi, durante aqueles nove anos, poderia ter sido mais alguma coisa do que uma frase bonita, se a mesa de D. António não tivesse estado sempre posta para os dois.

Porque Beppi, ainda por cima, tinha de pensar na sua mãe e nas suas irmãs. Mandava-lhes o pouco dinheiro que conseguia reunir. Sabia que em sua casa tinham verdadeira necessidade do seu auxílio. No entanto, não queria que o seu ^{dele ou dos de casa?} coração se amarrasse ao dinheiro. A pregação valeu-lhe uma apreciável recompensa económica. Era essa a origem do dinheiro que ia mandando para Riese. Mas o mau era quando se apresentava um pobre nas ocasiões em que acabava de

receber: a tentação da esmola era para ele irresistível. Os pobres sabiam-no e, nos arredores de Tòmbolo, habituavam-se a esperar pelo regresso do coadjutor esmoler. D. António aborrecia-se. Aquilo não estava bem. Beppi, tirando importância ao caso, respondia-lhe:

— Deus cuidará também de minha mãe.

Foi pobre como Job. Safu de Tòmbolo deixando dívidas. Aquilo era uma doença crónica, de que Sarto se não curou com o tempo. Tinha um relógio de pouco valor, um relógio de prata com que o haviam presenteado, e mais algumas prendas de metal doirado... Eram as suas jóias. Crismara-as com um nome delicioso: chamava a todos esses objectos «os seus alpinistas», porque, segundo dizia, estavam sempre dispostos a subir as encostas do Monte... pio. Quando a necessidade apertava, corria a Castelfranco ou a Cittadella, para empenhar as suas jóias. O alfaiate de Riese, que de vez em quando renovava a roupa do coadjutor de Tòmbolo, sabia ter paciência. Na realidade, mais do que a que tinham os necessitados.

Uma vez, um deles pediu a D. Beppi umas liras para uma viagem urgente.

— É pena. Estou sem dinheiro.

— E cevada, não tem?

— Tenho.

— Então...

— Então não há tempo a perder. Vai buscar um saco.

O homem voltou com o saco. D. Beppi levou-o ao celeiro, onde havia grão para encher dois sacos, quando muito.

— Metade para ti e metade para mim. Que achas?

E entretanto enchia o saco do pobre homem, em cuja garganta rebentou um soluço de gratidão.

Em torno do bem unido par formado pelo prior e pelo coadjutor de Tòmbolo reuniram-se os sacerdotes das aldeias vizinhas. Os coadjutores das redondezas chamavam a D. Beppi «coadjutor de coadjutores», qualquer coisa como cabeça de coadjutores, deputado da sua classe. Sarto, com a sua verbosidade cintilante, animava graciosamente as conversas. Todos sabiam que podiam recorrer a ele em qualquer momento de apuro. Um dia, os padres de Galliera viram-se compro-

metidos: na própria manhã de uma festa solene falhou-lhes o pregador. A situação era grave.

— Resolverei o caso — prometeu D. Carlos Carminati, coadjutor de Galliera e amigo de D. Beppi.

Aparelhou uma caleça e partiu para Tòmbolo.

Era domingo, e D. Carlos chegou quase ao meio-dia, quando D. Beppi se dispunha a ensinar o catecismo aos seus rapazes.

— Como? Por aqui hoje, domingo?

— Vem comigo. Preciso de falar contigo.

Na casa paroquial, D. Carlos contou-lhe a dificuldade em que se encontrava.

— Tens de vir a Galliera e pregar tu na festa.

D. Beppi recusou-se. Mas D. António interveio a favor de Carminati, e este, homem expedito, empurrou o amigo para a caleça, regressando a trote a Galliera. Encerrou Beppi numa sala vazia. Uma hora depois foi procurá-lo, levou-o à sacristia, vestiu-lhe o roquete e conduziu-o à igreja, a caminho do púlpito. Ao passar pelo presbitério olhou de soslaio para os sacerdotes, que sorriam maliciosamente.

O sermão foi uma delícia. D. Carlos estoirava de satisfação.

Foi o relógio de sol da igreja de Galliera o que mais trabalho deu a D. Beppi. Por culpa dos amigos que lhe escondiam os instrumentos. Essa simpática habilidade de Beppi fez com que ficassem recordações suas em muitos muros daquelas aldeias. Na igreja de Tontaniva há uma placa de mármore com esta inscrição:

«Este relógio de sol

é obra do Rev. D.

José Sarto,

Coadjutor de Tòmbolo em 1886

Agora Pio X — 1903 —

A Municipalidade»

O nosso coadjutor, saído do povo, conservou as suas raízes mergulhadas na terra. Passava horas com os velhos, batia às portas das casas, comentava com os tombolanos os altos e baixos do mercado, entretinha as crianças e ensinava o catecismo. Perante essa forma de se entregar sem reservas, todos diriam que D. Beppi viveria toda a sua vida sacerdotal num ambiente rústico. Que depois de coadjutor seria para sempre pároco. Os tombolanos compreendiam-no tão bem que não podiam prever que a palavra simples de D. Beppi teria de se erguer um dia para

se dirigir a homens que o não conheciam, e que talvez o não apreciassem como eles o apreciavam.

Os rapazes de Tòmbolo gostavam de jogar jogos de azar a dinheiro. D. Beppi, desejoso de se entender com eles, interveio algumas vezes nas apostas. Mas preocupava-o aquela paixão e procurou arrancá-la dos jovens. Se os surpreendia fazendo apostas a dinheiro, entrava no jogo e procurava ganhar. Recolhia todo o dinheiro nos bolsos e simulava retirar-se. Os rapazes ficavam cabisbaixos, quase a verterem lágrimas... Era aquele o momento propício para os advertir dos perigos do jogo a dinheiro. Devolvia-lhes as moedas e tudo acabava em geral com anedotas e canções.

D. Beppi andava pelas ruas. Subitamente notavam-lhe um estremecimento, como se lhe tivessem vibrado uma chicotada na alma: tinha ouvido alguma blasfêmia. Nesses momentos, era incapaz de se conter. Evaporava-se o sorriso dos lábios e reagia com severidade, com dureza. O infeliz balsemo que se expunha à sua censura não se livrava de uma repreensão acerba e, se a confiança era maior, de um par de bofetadas. Muito sofreu com aquele hábito endiabrado da sua gente. No púlpito, repreendendo a blasfêmia, enternecia-se a ponto de chorar, ou trovejava ameaçando com o castigo de Deus.

Ao entardecer costumavam encontrá-lo em cavaqueira com gente moça. Tomava facilmente intimidade com eles, colocando a conversa em terreno propício. Um deles lamentava-se de que tantos rapazes do povo não soubessem ler nem escrever, ignorância que os privava do acesso a muitas situações vantajosas:

— Fundemos uma escola nocturna e eu vos ensinarei — propunha D. Giuseppe.

— Será muito difícil — explicavam. Porque uns sabem muito, outros alguma coisa, e outros nada...

— Não importa. Dividiremos a classe em duas. A dos que sabem alguma coisa e a dos que não sabem nada. Falaremos ao mestre-escola para que tome conta da classe dos que sabem alguma coisa. Eu ensinarei a ler aqueles que não sabem nada.

— E porque não se encarrega dos que sabem ler alguma coisa?

— Porque é mais trabalhoso ensinar o alfabeto.

Os rapazes ficaram encantados com a ideia. Mas entre dentes apontaram a dificuldade. Como é que lhe pagariam?

D. Beppi compreendeu-os:

— Não se preocupem. Pagar-me-ão abstendo-se de blasfemar.

A escola caminhou de vento em popa e em breve lhe acrescentaram um apêndice interessante: uma escola de canto. Um grupo de crianças e outro de rapazes aprenderam a vocalizar, a suavizar o tom. O canto litúrgico ganhou em harmonia e em devoção. A família paroquial estava contente.

Não faltaram os rapazinhos em que despontava a inclinação para o sacerdócio. D. Beppi procurava algum tempo livre para os iniciar na gramática latina, preparando-os para o exame em Treviso. As férias proporcionavam-lhe mais trabalho, com a revisão do latim e da filosofia dos seminaristas.

De noite, quando os rapazes dormiam e a gente crescida desfrutava o serão em torno da lareira, D. Beppi estudava, estudava muito, com uma constância inexplicável. Para que estudaria D. Beppi, se parecia sentir-se tão bem em Tòmbolo? Talvez nem ele próprio soubesse dar uma resposta satisfatória. Estudava Filosofia, Teologia. Percorria uma vez mais os livros da Sagrada Escritura. Mantinha relações sempre íntimas com os tratados dos Santos Padres. Durante o último curso lectivo de Pádua tinha escrito um dia, que se preparava através da solidão e do estudo para a vida silenciosa que teria como coadjutor: Silêncio, não o podia encontrar em Tòmbolo no decorrer do dia; solidão, também não a podia ter ali. Sentia no fundo da sua alma uma ausência, um anseio de horas livres para se encontrar consigo a si próprio. Mas, de momento, a vontade de Deus revelava-se bem clara: entregar-se, e entregar-se sem reservas. Entregar-se tão completamente que os outros o julgavam feliz na conversa, na rua e na escola. De noite, podia pensar nas suas coisas, percorrer a série das preocupações íntimas do seu espírito. Não tinha pressa em se deitar. D. Beppi usufruiu um privilégio: o de descansar bem em poucas horas de sono. Um amigo quis saber um dia quantas horas precisava Sarto de dormir para poder afirmar que se sentia bem descansado:

— Quatro horas — respondeu ele com a maior simplicidade.

E, assim, viam sempre a sua luz acesa passada a meia-noite, para estar já a pé às cinco da manhã, entregue à oração.

→ Filomena, a sobrinha do prior, perguntou-lhe um dia:

— Não dorme nunca, D. Beppi?

— Estudo muito — respondeu ele alegremente.

→ — Magro, como um junco — afirmava Filomena. Mas nunca ficava doente.

Delgado, sobretudo nos fins da sua estadia em Tõmbolo. Porque a tensão era excessiva. «Parecia um movimento contínuo». Esta frase é também de Filomena.

5

D. António Constantini fala pouco durante estes dias. Beppi encontra-o preocupado, melancólico. Coisa estranha no excelente D. António, sempre disposto a ocultar os seus achaques detrás de uma trinchela de sorrisos. D. António Constantini, o pároco de Tõmbolo, bom consultor de problemas morais, pergunta a si próprio se não andará a incorrer numa falta grave. Quer muito a Beppi. Se soubesse querer-lhe mais, mais lhe queria ainda. Terá que morrer quando lhe levarem Beppi. Mas — e eis o problema — o facto de ele lhe querer tanto justifica que Beppi tenha de continuar a seu lado? Há já quase oito anos que o coadjutor chegou, ainda um rapaz. Começa a amadurecer. D. António conhece o mundo e sabe que Beppi, à frente de uma grande paróquia, será um pároco admirável. Não pode nem deve continuar ali, em Tõmbolo, como coadjutor, como segunda figura. Beppi tem diante de si a perspectiva de uma longa vida. É necessário que a percorra, embora ele, D. António, fique chorando a sua solidão irreparável, na casita de Tõmbolo. Ou mesmo que morra. Porque o novo coadjutor não será certamente como aquele.

Um dia, em 1866, come em casa de D. António um cônego de Treviso, Marangoni, professor de Teologia no Seminário. Com D. António, acham-se à mesa Marangoni, D. Beppi e dois coadjutores de paróquias vizinhas. Estavam no fim da refeição, quando uns rapazes reclamaram a presença de D. Beppi. Este pede desculpa, despede-se do cônego e sai com as crianças. A conversa incide sobre o coadjutor de Tõmbolo. D. António lamenta-se de que ainda o tenham por inútil tanto tempo. Atreve-se a afirmar que há em Treviso poucos párocos da tẽmpera daquele coadjutor tão magrinho. Marangoni dá uma explicação: como Sarto estudou no Seminário de Pádua, é pouco conhecido em Treviso. Deve ser por isso que o não utilizam. Mas ele pode fazer alguma coisa a seu favor. Os olhos de D. António brilham.

— Julga que D. Beppi — pergunta o cônego — poderá pregar na Catedral de Treviso na festa de Santo António?

O sermão era de grande responsabilidade, porque além do Bispo e do Cabido estariam presentes as corporações oficiais em cheio.

— Sem dúvida, Monsenhor.

De Treviso veio um convite para que o coadjutor de Tõmbolo pregasse na Catedral o sermão de Santo António. Beppi hesitou. D. António impôs decididamente o seu critério. Não admitia hesitações. Beppi tinha de preparar o sermão para depois o corrigirem os dois juntos, como nos primeiros tempos, Beppi no púlpito e ele nos bancos.

No dia da festa, D. António sentiu-se angustiado. Ele, doente; não podia ir a Treviso. Escreveu a alguns amigos, pedindo-lhes que assistissem à festa e lhe contassem depois o que se passara. Na cidade, despertou curiosidade o facto de ser chamado para pregar o sermão de Santo António um coadjutor desconhecido.

Quando D. Beppi subiu ao púlpito, parecia mais novo que ao concluir os seus estudos em Pádua. Por isso mesmo, a beleza e a dicção do seu discurso impressionaram vivamente. Na sacristia, Marangoni abraçou-o e o Deão do Cabido encomendou-lhe para o ano seguinte o sermão do Beato Eurico, cuja festa era a maior de Treviso.

D. António Constantini chorou de alegria. Compreendeu que Beppi o iria deixar. Escreveu por aqueles dias: «Em breve o veremos pároco de uma das mais importantes paróquias da Diocese; depois, calçará os sapatos vermelhos, e depois...»

Vésperas dos
32 anos.

Abril de 1867. A Cúria de Treviso abre concurso para cinco paróquias, entre elas Salzano. D. Giuseppe Sarto, coadjutor de Tõmbolo, recebe um convite formal do Bispo para se apresentar ao concurso. No dia 4 de Maio, D. Beppi eleva a instância, devidamente avalizada pelo Arcipreste de Castelfranco. Alvorçam-se os amigos da região: o «coadjutor dos coadjutores» deve ficar bem colocado em representação deles todos.

ins
faz
men
cu

O exame de dogma versou sobre a doutrina das indulgências. Os casos de moral relacionavam-se com o escândalo e com os deveres dos confessores. A homilia girou em torno desta frase evangélica: «Quem odeia a sua alma nesta vida, salva-la-á para a vida eterna».

Os cinco concorrentes ficaram aprovados. D. Giuseppe Sarto ficou com a paróquia de Salzano, a mais importante das cinco apresentadas a concurso.

D. Beppi deixará Tõmbolo. Agora tem de trabalhar por sua conta. Vai começar a sua obra. Longo caminho se abre diante dele. No entanto, há-de recordar-se sempre dos nove encantadores anos passados em Tõmbolo. Um dia, o Cardeal de Veneza escreverá aos tombolanos: «...Recordando-vos, recordo os anos mais belos da minha vida».

3 anos e 1 dia antes do nascimento de Pio XII. Sta. Teresinha está com 2 meses e 1 dia.
Primeiros dias de Março de 1873. Decorreram quase seis anos desde que Beppi, nomeado pároco de Salzano, saiu de Tõmbolo. Hoje, dia 3, chegou de madrugada um homem para avisar D. Beppi de que o prior de Tõmbolo está moribundo.

D. Beppi pede um cavalo emprestado e avança a trote pelo caminho de Tõmbolo. Quer ver D. António ainda vivo. Quer dirigir-lhe um gracejo, fazê-lo sorrir, rezar com ele à Virgem, como quando, havia seis anos, o ajudava a paramentar-se para celebrar a missa. D. António estará por certo pensando nele. Faz correr o cavalo. Tõmbolo está ali em frente...

Avoluma-se a massa do casario. Já estão perto, separados da vila apenas pela campina tombolana, quando D. Beppi faz estacar bruscamente o cavalo. Chegou-lhe aos ouvidos uma vibração longa do sino grande. Coadjutor durante nove anos, ele sabe decifrar aquela mensagem. Seguir-se-ão agora seis toques amaríssimos, antes do repique de pranto. D. António já morreu.

Beppi apeia-se. De joelhos, os seus olhos rezam cravados na torre da igreja. D. António...

Levanta-se, agarra o cavalo pelo bridão e, voltando as costas a Tõmbolo, retoma o caminho de Salzano. Queria ver D. António vivo, estar junto dele no seu último instante. Também D. António queria que Beppi viesse. Mas Deus não o quis. Agora, morto, não o quer ver. Conserva-o vivo na memória, numa imagem toda carinho.

Publicado em

www.leiturascaticas.com

MOÇO DE RECADOS DE TODA A GENTE

1

Passei em Salzano uma das manhãs mais luminosas da minha vida. Depois de encontrar tantas recordações de Pio X, faltava-me uma relíquia palpitante. Tropecei hoje com ela: a sua paróquia, a paróquia de Salzano.

Andando *inflama-se-nos*
As voltas pelo mundo, a alma enoanda-se-nos perante a beleza límpida da vida de uma criança, da inspiração de um artista ou da suavidade de uma estrada; arrebatam-nos uma lição homérica, e comovem-nos uma dor ou uma alegria santa. Mas duvido que se possa encontrar um quadro mais atraente que o do grupo dos lavradores de uma aldeia em torno do seu prior, tão ligado a ele como os sinos à sua torre.

D. Beppi foi durante *vigário* *parco* nove anos pároco de Salzano. Se uma breve temporada é suficiente para que as particularidades da paróquia se cravam na nossa alma e nunca mais as esqueçamos, não é difícil adivinhar as ressonâncias que Salzano deixou na sensibilidade de D. Beppi. Consola-me imaginar que Salzano vive sob a protecção de Pio X; que do céu, o pároco que por aqui passou como bom pastor, sorri e bendiz a sua antiga paróquia.

Hoje, essa paróquia vive num ritmo pujante. É uma paróquia exemplar.

A igreja, grande e bela, sofreu acertadas reformas. Reflete uma tónica elevada de vida religiosa; basta vê-la, mimada, tratada com carinho. Um sacrário amplo, e no arco da capela do lado direito um busto de Pio X. Na igreja e fora da igreja, enchendo a vida da povoação com uma presença muito activa, o pároco e os dois coadjutores. Montaram um cinema, com programa semanal seleccionado. Construíram instalações para as secções da Acção Católica. Financiaram os trabalhos

do campo de futebol e têm em funcionamento uma oficina de carpintaria. Souberam, na primavera do ano passado, que alguém pensava num cinema de verão, ao ar livre...? Quando chegou o verão, os paroquianos de Salzano contemplaram, assombrados, o jardim da casa paroquial transformado em cinema aberto, encantador, com umas velhas colunas que davam um ambiente próprio ao bloco dos assentos. Dos seis mil habitantes da povoação, cerca de mil trabalham nas fábricas de Marguera, um centro industrial vizinho, tingido de vermelho até aos ossos. Alguns homens de Salzano foram enredados por Marguera nas malhas do comunismo. Mas em Salzano não se manifestam, porque a paróquia e as próprias famílias dos comunistas estão nas mãos do pároco. Um desafio de futebol colocou onze pais de família em frente de onze rapazes novos. Um dos sacerdotes fazia parte do grupo dos homens, quase todos comunistas. Apesar dos esforços do padre, bom jogador, os jovens jogaram duro e procuraram bater os mais velhos. Também no campo das ideias, a juventude limpa e serena de Salzano vai ganhando a partida ao comunismo de há dez anos. O pároco diz que tudo isso não tem outra explicação lógica além da colaboração dada, desde o alto, por um pároco anterior que por ali passou.

Chamava-se ainda D. Beppi. Numa manhã fresca da primavera de 1867, o Bispo convocou as «forças vivas» de Salzano para uma reunião no seu palácio de Treviso. Queria apresentar-lhes pessoalmente o novo pároco, que chegara de Tòmbolo para tomar posse. Ali compareceram alguns salzaneses, presididos pelo Vice-Presidente da da Câmara, Paulo Bottacin. O Bispo recebeu-os. Antes de lhes apresentar o novo prior, entreteve-se alguns minutos em conversa com eles. A curiosidade dos salzaneses podia mais do que o frio. Escutaram atentos.

— Tenho feito muito por Salzano — dizia o Bispo, enaltecendo as qualidades de D. Beppi.

Por uma porta lateral entrou um sacerdote pálido, tremendo de frio, embrulhado num sobretudo velho. Enquanto Sua Excelência o apresentava, Paulo Bottacin não pôde dissimular um movimento de displicência e murmurou ao ouvido do vizinho:

— Diz o Bispo que tem feito muito por Salzano... Oh! que êxito! (Esta frase, pronunciada em dialecto veneziano, tem um sabor intraduzível: «Il gato fa calcosa di belol» Como quem diz: «Belo presente, na verdade!»).

Com o tempo, Paulo e D. Beppi haviam de tornar-se amigos íntimos. O substituto do presidente da Câmara pôde verificar que o

Bispo de Treviso conhecia bem os seus sacerdotes. Quando tropeçamos pela primeira vez com um padre mais ou menos novo, um tanto aturdido, fraco e inocente, não podemos adivinhar a chama que arde dentro dele e que em breve se propagará pelas aldeias. Repetidas vezes, rindo de boa vontade, Paulo comentou com D. Beppi a sua primeira impressão. Quando Paulo foi a Treviso felicitar D. Beppi por ter sido nomeado Bispo de Mântua, este último sorriu com ironia:

— Ah! compadrel «Il gato fa calcosa di belol»

2

Não era apenas aos fiéis de Salzano que aquele padre destinado à sua paróquia parecia homem de fraca categoria. Vários priores das imediações manifestaram a opinião de que Salzano merecia outro reitor que não aquele jovem de trinta e dois anos, coadjutor de Tòmbolo. Contava Salzano, naquela época, cerca de duas mil almas — gente boa e pacífica, entregue quase por completo à cultura da planície em que a povoação está situada. Pertencia e pertence à província de Veneza e à diocese de Treviso. A proximidade das duas cidades ainda não tinha embriagado aqueles tranquilos agricultores, que só bastantes anos depois viriam a escutar as arengas comunistas. Talvez fosse motivo de discussão e de comentários a presença na Municipalidade de caciques ingênuos — de um deles foi recolhida em Salzano uma frase histórica, pronunciada no dia da sua eleição, ao falar com sua esposa: «Agora sou eu o rei de Salzano, e tu a rainha. Havemos de erguer a guilhotina na praça e cortar cabeças pela raiz». Incapazes de ler o jornal de ponta a ponta, guerreavam de vez em quando com o pároco, único poder que lhes fazia frente. Com tudo isso, Salzano ganhara boa fama entre o clero, e a passagem por aquela paróquia representava uma disposição prestigiosa para os postos elevados. Foi sem dúvida esse o motivo por que alguns sacerdotes se sentiam ofendidos com a nomeação de Sarto.

O afável pároco de Tòmbolo, D. Constantini, com o direito que a sua paternidade sobre D. Beppi lhe conferia, escreveu uma carta a um amigo, queixando-se com amargura daqueles que «medem o indivíduo pelo peso específico dos seus corpos, pela curva do seu abdómen, pela entoação da voz ou pela espessura do anel...» Tinha a certeza de que D. Beppi pareceria «pouca coisa» em Salzano.

Nos primeiros dias de Julho de 1867, D. Beppi mandou adiante suas irmãs Rosa, Lúcia e Antônia, com o fim de arranjam a casa paroquial. No domingo, 14 de Julho, os salzaneses ouviram pela primeira vez a missa do seu novo pároco. A missa e a palavra: «Meu Deus, é muito grande a responsabilidade de ter de vos prestar contas de todas estas almas confiadas ao meu cuidado. Concedei-me a vossa ajuda. E quanto a vós, salzaneses, tão profundamente cristãos, confio na vossa cooperação.» Explicou a seguir o evangelho do dia. A igreja, cheia de fíéis, estava mergulhada num recolhimento magnífico, que se rompeu num murmúrio de aprovação quando o pároco desceu do púlpito. Os velhos, de expressão medítunda, mexiam as cabeças em ligeiro sinal de aprovação.

Não conheço entrega mais radical de um homem ao serviço dos seus semelhantes que a de um pároco disposto a viver deveras o seu múnus pastoral. Minuto a minuto, os paroquianos vão-lhe arrancando os grãos das suas ocupações diárias, como quem arranca os grãos de uma espiga de milho. Cada sofrimento, cada regozijo, qualquer reccio e todas as esperanças ecoam na alma do pároco compreensivo. Alguns paroquianos acorrem imediatamente e bem dispostos; outros tardam a comparecer; não faltam os transviados pelos matagais cheios de espinhos. Para todos eles há um refúgio aberto entre aqueles braços amorosos. O pároco tem de saber rir e chorar, rezar e pregar; convém que tenha boa voz e boa figura. Os paroquianos podem sentir-se orgulhosos do seu prior. Bondoso sempre, sempre acolhedor. É um ofício admirável o de pároco. Mas é difícil. Proceder como bom pároco ao longo de um ano exige grandes qualidades e um esforço poderoso. Mas é tão belo!... Manter essa atitude durante uma dúzia de anos é heróico.

D. Beppi não chegaria a atingir a dúzia de anos. Mas os seus nove anos de pároco em Salzano vibram num acorde harmonioso que há-de captar perfeitamente a sensibilidade dos nossos padres.

O novo prior encontrou na paróquia três sacerdotes—dois deles, D. Luís Moretto e D. Fernando Wurbs, coadjutores. O outro, Pedro Panchera, era «pensionário».

Durante o tempo em que Sarto permaneceu como pároco em Salzano, sucederam-se como coadjutores D. Domingos del Oste, D. João Arturo e D. José Luise.

Quando, em 1861 faleceu o velho «aposentado» D. Pedro Panchera, o pároco Sarto escreveu à Cúria solicitando que, em vez de lhe envia-

rem um sacerdote com o fim exclusivo de prestar os serviços correspondentes a um «aposentado» os fizesse recair sobre um dos coadjutores existentes, pois assim ficariam resolvidas várias dificuldades. A sua indicação não foi imediatamente atendida pela Cúria; só teve seguimento ao cabo de alguns anos.

Foi sua preocupação constante trazer a Salzano, em ocasiões oportunas, sacerdotes de outras terras, a fim de que os paroquianos se pudessem preparar para as grandes festas com plena liberdade de consciência. Durante a quaresma, era quase permanente a presença de um padre pregador. No seu registo privado de despesas, tomou nota uma vez de três libras e meia que lhe tinham custado um par de sapatos oferecido ao pregador. Por aí se vê que esse orador não se limitava a agitar os braços. Confirmava as suas prédicas à força de pontapés no púlpito.

Monsenhor Zinelli anunciou-lhe o seu propósito de fazer a visita pastoral a Salzano nos primeiros dias de Dezembro daquele mesmo ano. D. Beppi, de Julho a Dezembro do seu primeiro ano de pároco, dedicou-se por um lado a conhecer a sua gente e a derrubar qualquer muro de separação que pudesse existir, incluindo no seu conhecimento os mais distantes, os que nunca iam à igreja. Por outro lado, foi preparando o relatório que havia de apresentar ao Bispo por ocasião da visita, e que lhe serviria depois de ponto de partida para as suas campanhas.

O Bispo chegou na tarde de 7 de Dezembro, acompanhado por um cônego de Treviso. D. Beppi tinha mobilizado a população. Um rapaz — chamava-se Luís Boschin, mas a partir daquela data ficou a ser conhecido por «Canhões» —, filho do sineiro, organizou um festejo por sua conta: preparou uns morteiros e, quando seu pai acabou o toque das Ave-Marias, disparou uma descarga cerrada em honra do Bispo, que naquele momento estava a jantar. Pelo visto, as armas de fogo tinham proporcionado ao Bispo, pouco tempo antes, um desgosto. Logo que começaram os estampidos, Sua Excelência sentiu-se dominado pelo pânico e pôs-se a tremer, pensando em algum atentado contra a sua pessoa. Em breve se esclareceu tudo e surgiu a paz, sem outras consequências além de alguns sopapos aplicados ao pobre «Canhões».

O Prelado diocesano encontrou o arquivo em ordem, o prior informado dos mais íntimos pormenores, a igreja limpa, e a paróquia em condições de acometer o intensíssimo plano de expansão do Natal próximo. No seu regresso a Treviso, assinou um decreto manifestando a sua

satisfação ao arcebispo de Salzano e ordenando que esse mesmo decreto fosse colocado na sacristia, para conhecimento público.

As portas do ano de 1868, D. Beppi sentia-se optimista.

3

O cura de aldeia dispõe de uma arma secreta que lhe conquista as simpatias dos fiéis e arrebatava as graças do céu. Os homens chamam-lhe caridade. Deus encara-a como desprendimento. Para os homens, é a manifestação de um amor indiscutível. Para Deus, é a mais exacta prova de confiança, é a fé «sem glosa» de quem se desfaz de laços preexistentes para se defender unicamente da paternidade divina.

O pároco de Salzano não vacilou na selecção do seu método fundamental. Vinha bem treinado de Tómbolo. A sua caridade correu montes e vales, apoiada em dois princípios que ele exprimiu em frases encantadoras.

— «Tutto a tutti e la Provvidenza non manca mai». É esta, por assim dizer, a sua fórmula metafísica. Tudo para todos, para qualquer que seja o primeiro a subir as escadas. O outro princípio considerava o lado prático, a prudência, que aconselha a não explicar à mão esquerda aquilo que a direita vai manejando. O arcebispo costumava dizer ao beneficiado:

— «Ciapa, va la e tasi». Toma, vai-te embora e cala-te.

Era um método bem simples. Costumava amenizá-lo com algum dito de espírito ou alguma saída que alegrava a alma de quem, possivelmente pela primeira vez, vinha levemente murcho e retraído. Pedir ao prior de Salzano era uma felicidade. Porque ele dava, e além de dar, sorria. E com o seu sorriso obrigava a rir.

Os salzanese depressa o compreenderam. Até então, a casa paroquial estava fechada a sete chaves com um mastim, que dava pelo nome de «Senhora Adriana», à janela. Batia um infeliz à porta e entreabria-se o postigo:

— Bons dias, Senhora Adriana.

— Bons dias. Que queres?

— Falar com o Arcipreste.

— Diz-mo a mim. É a mesma coisa.

Agora, a porta está sempre aberta, de dia e de noite. Ao cair da tarde, D. Beppi tinha sempre à mão um jarro de vinho para os moços que quisessem jogar uma partida. Durante a noite... o pregador da

quaresma admirou-se de ver baixar tão depressa o nível dos molhos de lenha amontoados na cave da residência paroquial.

— É possível que se queime tanta lenha nesta casa?

— Padre, a porta aqui também está aberta durante a noite.

Hoje em dia muitos curas de aldeia, possuem uma bicicleta para atenderem às várias povoações a seu cargo, e os paroquianos estabeleceram uma prática segundo a qual a bicicleta do sacerdote é um pouco de todos e está à disposição da comunidade paroquial, para ser utilizada em qualquer momento de apuro. Nos tempos de D. Beppi, o cavalo supria a bicicleta. Comprou um cavalicoque e uma carrocita, e tomou mesmo a soldo um criado para cuidar do animal. Pobre cavalo! Conheceu os caminhos de todas as fazendas do distrito de Salzano, e o seu físico nem sempre se apresentava são quando regressava de algum empréstimo. Até que um dia foi necessário vendê-lo para pagar uma conta. O criado emigrou.

Aquele afã esmoler trazia fatalmente más consequências para o regime alimentar da família Sarto. No referente a morigeração, as irmãs do prior compartilharam a vocação de seu irmão. Se a meio da manhã chegava um pobre à porta e as liras andavam escassas, o Arcipreste não hesitava em tirar os tachos do lume e dar-lhe a carne do almoço, sem se preocupar com as consequências. As irmãs tiveram que vigiar a entrada da cozinha.

Por decisão do Conselho municipal, o pároco foi nomeado presidente de uma Congregação de Caridade que, bem orientada, produziu nas suas mãos uma colheita abundante. A Congregação era regida por leis oficiais, e destinava-se a remediar as necessidades dos pobres mediante uma contribuição imposta aos ricos. D. Beppi estudou conscienciosamente a realidade, procurou excitar a generosidade dos poderosos e tratou de regular a mendicância em exemplar colaboração com o Município. A assistência imediata era exercida através de um Hospício-Hospital, cuidadosamente administrado. Ordenou-se aos salzanese que não atendessem aos pedidos de transeuntes, que talvez não tivessem verdadeira necessidade, ou que se negavam a trabalhar e reduziavam as diminutas possibilidades dos lavradores. Fixou os dias em que os pobres haviam de recolher as esmolas e proibiu que fossem utilizadas crianças de qualquer sexo como excitantes da compaixão. Todo um plano orgânico de caridade inteligente.

Ironias da vida. Em 1870, o Governo italiano ordenava um recrutamento extraordinário de soldados para a campanha definitiva

que havia de arrebatat Roma ao Papa. De Salzano, tiveram de ser incorporados no exército jovens cujos braços sustentavam as famílias, e homens casados que lá deixavam as esposas e os filhos. D. Beppi foi entretanto atendendo às necessidades diárias.

4

A caridade criava o ambiente. Era necessário proceder com agilidade para tomar posse dos espíritos e conquistar as almas para a vida cristã.

D. Beppi abriu a porta da sua catequese infantil com a «famosa palanchetta» de doces e presentes, rifas e diplomas, que em todas as latitudes prendem a vontade das crianças. Divertia-se com elas. Puxavam-lhe pela batina, penduravam-se-lhe nos braços e, como encerrados numa jaula de vidro, deixavam-se arrastar por ele através das ruas, até à porta da igreja. A entrada na sala de aula — a sacristia — fazia-se com toda a seriedade. Durante a lição, a disciplina era severa. Estabeleceram de comum acordo um sistema expedito que assegurava a atenção: quando D. Beppi notava um olhar distraído ou uma língua contumaz, atirava o barrete ao rosto do transgressor, que devia recolher o projectil e restituí-lo ao seu dono.

O sistema agradou, também aos mais crescidos. D. Beppi, depois de verificar a sua eficácia na catequese, não hesitou em introduzir aquela prática no púlpito. Se do alto da sua tribuna, aos domingos, localizava um elemento perturbador, o barrete partiça disparado. Os que o viram, afirmam que nunca falhava a pontaria. Entre os salzaneses e o seu prior, os vínculos de mútua inteligência tinham-se estreitado de tal forma que, se para os outros aquilo podia parecer excessivo, para eles significava apenas uma prova de carinhosa confiança.

Não cheguei a saber como é que D. Beppi conseguiu despertar na sua rústica gente miúda a fome eucarística. Mas o certo é que o castigo máximo consistia na ameaça:

— Não te deixarei comungar enquanto não tiveres um bigode tão comprido como a estrada que vai de Salzano a Veneza.

→ Preocupava-o a instrução religiosa dos adultos:

— Não venham às Vésperas, se não tiverem tempo para isso. Mas nunca falem ao Catecismo.

A sua habilidade e a sua graça colaboraram arduamente para que os homens sentissem o apetite da instrução. Durante algum tempo conseguiu montar um sistema de explicações dialogadas, que lhe atraía à igreja não só a freguesia em peso, como também bandos de gente das aldeias vizinhas. Tornaram-se proverbiais, essas explicações.

Adorava a homilia dominical. Preparava-as com mimo. Escrevia quase sempre o que ia dizer. Entre os seus manuscritos encontram-se modelos para todas as oportunidades, esquemas de sermões adaptados à série completa do Santoral. Na quaresma de 1873 pôs tal fervor na pregação, que os seus paroquianos decidiram manifestar-lhe o seu agradecimento. No dia 20 de Abril, oitava da Páscoa, alugaram uma banda de música que, depois do último sermão, acompanhou o Arcipreste a sua casa e deu depois um concerto. Houve foguetes e morteiros, e entre trecho e trecho da charanga o inclito «Canhões» cantava louvores ao Pároco. É claro que alguém disse que naquela tarde o «Canhões» olhava de soslaio para as janelas da casa paroquial, e não precisamente à procura dos olhos do Pároco...; que uma das irmãs de D. Beppi se chamava Lúcia...; que o «Canhões» e a Lúcia...

Lúcia era a irmã mais parecida, no físico e na jovialidade, com D. Beppi. O «Canhões», que de facto estava enamorado da Lúcia — é já os dois se tinham prometido mútua fidelidade —, andava com muito cuidado porque a precipitação seria mortal. Pouco depois da chegada de D. Beppi a Salzano, uma das suas irmãs, Antónia, entrou em relações com Francesco de Bei, alfaiate de profissão. D. Beppi mandou-a para Rièse, dizendo a sua mãe: «Cuide dela, porque eu não tenho tempo para guardar raparigas enamoradas».

O «Canhões» preferia esconder as coisas e ter Lúcia perto de si. Por fim, o Arcipreste adivinhou o que se passava. O «Canhões» era já sacristão oficial da paróquia. D. Beppi deu a entender que compreendia e não expôs a sua opinião. Um dia, já no último ano da estadia de D. Beppi em Salzano, a mais velha das suas irmãs disse-lhe:

— Beppi, amanhã o Luís vai a Pádua.

Ir à Pádua significava que o Luís queria comprar os móveis para o casamento. Era preciso pensar no dote de Lúcia.

— Minha Mãe Santíssima — respondeu o Arcipreste —. E que lhe darei eu, se não tenho nada?

Ao cair da tarde, Luís apresentou-se na casa paroquial.

— Toma, aqui tens tudo quanto eu possuo — disse-lhe D. Beppi, entregando-lhe 25 liras. Faz o que pudeses.

A madrugada do dia seguinte encontrou Luís a caminho de Pádua. Comprou uma cama, uma mesinha de cabeceira, um armário, um lava-tólio e um espelho. Sobraram-lhe duas liras; à tarde levou-as a D. Beppi, que lá morrendo a rir.

— Que terá comprado esse abençoado «Canhões»?

Mas afinal os móveis agradaram a todos.

Aproximava-se o dia da partida de D. Beppi. Luís queria casar-se antes, mas os documentos não estavam em ordem. Uma tarde, o Arcipreste passeava lendo o Breviário. O «Canhões» aproximou-se.

— Que queres tu? — perguntou D. Beppi sem erguer os olhos do livro.

— Vim para lhe falar daquele assunto...; eu queria concluí-lo antes que o senhor se fosse embora.

— «Non possumus» — respondeu D. Beppi.

— Também o Papa disse «Non possumus», e os italianos tiraram-lhe Roma... — replicou o «Canhões». E desatou a correr, para se livrar de um pontapé de D. Beppi. *Lúcia: 29-V-143 - - - 124, 76 anos, casada a 9-11-76, aos 27 anos.*

No dia 9 de Fevereiro de 1876, Lúcia Sarto e Luís Boschín contraíram matrimónio na igreja paroquial de Riese. Já então D. Beppi era o Cônego Sarto, da Catedral de Treviso. «Canhões» e Lúcia viveram como sacristães em Salzano até 1908. Naquele ano, Boschín, devido à sua idade avançada, teve de abandonar a sacristia. Dedicou-se a contar as belas histórias, que ele conhecia a fundo, de certo pároco de Salzano que chegara a Papa. Tinha uma memória feliz.

— Se eu tivesse estudado para sacerdote — costumava dizer — teria corrido bem pelos púlpitos, mas não seria cunhado do Papa.

Lúcia viveu em Salzano até 1924, ano da sua morte, cuidando das coisas da sua casa.

— Perdoe, poderíamos cumprimentar a irmã de Pio X? — perguntavam os viajantes àquela velhinha que abria a porta.

— Que penal Não sei quando é que ela voltará — respondia Lúcia.

É a pobre Antónia?

Francisco não se resignou facilmente a perdê-la. Um dia ^{partiu} mudou-se, e empreendeu a pé o caminho de Riese. Um dia ^{mudou-se} chegou e apresentou o seu pedido à «Senhora Margarida», a mãe de Beppi.

Margarida admirou-se da longa caminhada.

— Jesus, Maria e José. Muito lhe debes querer para andares tanto por causa dela!

Santo em Salzano, havia ano e meio

O casamento celebrou-se em Riese, a 27 de Janeiro de 1869. Até à morte, os dois esposos continuaram em Salzano com a sua vida de trabalho.

Ana Antónia: 26-1-43 - - - 17, 74 anos, casada em 27-1-69, aos 26 anos e 1
5

Mas estávamos a comentar as prédicas de D. Beppi.

→ Quase todos os púlpitos da diocese de Treviso conheceram a voz do prior de Salzano. Foi uma boa oportunidade para que depois da esmola espiritual, repartida com os lábios, as mãos de D. Beppi reparatsem como esmola material as liras que lhe ofereciam a título de caridade pelo sermão. Naquela tarde de folgado paroquial de que vínhamos falando, os paroquianos obsequiaram-no com uma bonita soma que ele lançou integralmente na caixa das esmolas da igreja. Por certo que o entusiasmo daquele dia acabou em tragicomédia, porque o excelente «Canhões», tão solícito em cantar ao prior com os olhos cravados na janela de Lúcia, não notou que se estavam a incendiar as canas que levava no bolso, que rebentaram, ardendo o casaco. Houve apenas a registar algumas queimaduras.

A pregação de D. Beppi tinha o seu travo de malícia. Nas tardes em que, devido à intensidade dos trabalhos agrícolas, era menor a assistência aos actos da igreja, pegava num livro piedoso, dirigia-se ao altar da Virgem, lançando de passagem um olhar ao auditório e, fingindo ler no seu livro precioso, improvisava um pequeno sermão, que assentava como uma luva a João ou a Pedro ali presente. Em certa ocasião, o «Canhões» quis encontrar aquele pedaço do livro de D. Beppi que tinha feito corar Natale ou que pusera Paulina em péssima disposição de nervos...

Nas devoções do seu povo, a firmeza de D. Beppi conseguiu sempre estabelecer uma certa hierarquia. A eucaristia foi sempre objecto das suas predilecções. Salzano conservava a recordação de um velho milagre eucarístico: um sacerdote, acompanhado do sacristão e de um menino de coro, levava o Santo Viático a um doente de uma aldeia vizinha. Ao chegar à margem do rio, as árvores inclinaram-se reverentes e os animais que pastavam no prado ajoelharam-se. Alguns deles seguiram o sacerdote até à porta do doente, e não se retiraram enquanto o pároco não lhes lançou a bênção.

A memória desse milagre manteve em Salzano uma viva tradição de piedade eucarística. D. Beppi aproveitou-a para dar incremento à

devolução das Quarenta Horas. Redigiu um Estatuto e deu vida nova à Confraria do Santíssimo Sacramento. Instituiu também a Confraria do Sagrado Coração e agregou-a à de *Santa Maria sopra Minerva*, de Roma.

Em Salzano não se praticava a devoção do mês de Maio. Consta que a partir de 1869 D. Beppi pôs em alvoroço a paróquia para conseguir flores. Alguns anos pregando, e outros lendo aqueles seus livros prodigiosos, que pareciam expressamente escritos para a gente de Salzano.

D. Beppi entrelaçou aos pés da «Madonna» os amores dos seus filhos.

E o Papa? Corriam tempos bem duros para o Sumo Pontífice. O nosso Arcipreste mostrava continuamente a alma a transbordar de inquietação e de carinho. A 16 de Julho de 1871, celebrava-se em

Papa desde 1846,
Bispo desde 1827.

todo o mundo o jubileu pontifical de Pio IX. Era dia de trabalho. D. Beppi celebrou uma missa solene ao romper da manhã, para que os seus homens pudessem assistir a ela antes de irem para o campo. No domingo 18, fez coincidir a festa do Papa com a consagração da paróquia ao Sagrado Coração de Jesus. Foi uma das jornadas mais consoladoras dos seus nove anos de Arcipreste.

D. Beppi, bom, bondoso; D. Beppi, suave, acolhedor, caritativo e esmolero, alegre e comunicativo. Nas veias de D. Beppi corria um sangue forte. Por temperamento, o seu génio arrastava, impunha critério, dominava. Limou as asperezas, mas perante a má-vontade, o pecado e a injustiça, D. Beppi não se esforçava por dissimular os seus sentimentos. A sua nobreza inata repugnava a dissimulação. Exigia mão firme contra os abusos. Se os seus ouvidos surpreendiam uma blasfémia, a tempestade interior descarregava com um par de bofetões ou com uma repreensão ríspida. Um dia, estava ele à porta da hospedaria de Bottacin, quando se ouviu dentro uma praga. Entrou com a maior naturalidade, localizou o blasfemo e aproximou-se da mesa. O homem levantou-se e ofereceu-lhe de beber. A resposta, seca, ressoou pela sala.

— Não quero; o teu copo sujar-me-ia a boca.

Trazia o Governo Municipal numa roda viva. Por vezes pedia «protecção para alguma desgraçada que merece toda a nossa compaixão». Outras vezes exigia «a força moral da palavra e, onde ela não seja suficiente, a ameaça do castigo, para se alcançar o necessário resultado». Se era preciso, as suas exposições revelavam a pessoa concreta e as circunstâncias do escândalo. Inimigo de diatribes, fez tudo quanto podia para manter a paz, mas sem admitir contemplações

com a injustiça. Pôs imediatamente na rua um atrevido que se permitiu entrar com ar insolente na residência paroquial. Quando soube que a lição fora proveitosa, foi ao seu encontro, escrevendo: «Não pretendi ofendê-lo nem humilhá-lo, e não quero que se ponha o sol antes que saiba que lhe estendo a minha mão de bom cristão e de sacerdote». Quando a Cúria de Treviso se descuidava em enviar respostas urgentes, não hesitava em manifestar que «tais negligências redundam não só em desdouro da própria Cúria, como também em ruína para a moralidade pública e para o espírito religioso, e também em tormento para os pobres párocos que, sem terem culpa, podem ser alvo de críticas...»

Essa firmeza de carácter salvou-o de um atoleiro em que as más línguas o colocaram quando iniciou a «Schola cantorum». Inaugurou-a no inverno de 1868, com a intenção de educar o gosto litúrgico e musical dos seus paroquianos. A «Schola» foi alvo de críticas e de calúnias, que o Arcipreste cortou pela raiz numa carta cheia de severidade, dirigida ao presidente da Câmara, em que se lamentava dos «que procuram cabelos no ovo».

6

Em 1869, o Conselho Municipal de Salzano ofereceu a D. Giuseppe Sarto o cargo de Director Escolástico, qualquer coisa como Director de Grupo Escolar nas nossas aldeias, «visto ser pessoa dotada de todas as qualidades, e que sempre deu provas de grande interesse pela instrução popular». A população escolar, incluindo o lugar anexo de Robegano, era de 300 alunos, acrescido de uma centena na escola nocturna de adultos. Regiam os moços estudiosos dois mestres em Salzano e outros dois em Robegano, mestre e mestra em cada localidade.

D. Beppi acolheu de boa vontade esse cargo que punha nas suas mãos a vigilância da conduta moral dos mestres, o cuidado da disciplina, a selecção dos textos e programas, a concessão de matrículas gratuitas. Cuidou com amor dos mais pequenos de alhos: a tinta, o giz, a modificação do horário, a nova sineta para a escola de Robegano. Os professores conheceram a sua bondade e, numa ou noutra ocasião, se para tal havia motivo, a severidade do Director. Em 1872, o Ministério da Instrução Pública ordenou que os professores italianos colaborassem com as Secretarias dos Municípios na elaboração do censo nacional. Eram autorizados a prescindir da escola nocturna, e propunham-lhes a possibilidade de merecerem uma medalha. D. Beppi diri-

gia um relatório ao Conselho Municipal, fazendo-lhe saber que, com aquele novo trabalho, a educação dos adultos se ressentia consideravelmente; e que, por outro lado, os professores eram prejudicados, porque perdiam a gratificação das aulas nocturnas, que não seriam compensadas com uma possível condecoração, «poesia e honra com as quais se não vive».

Vou parar-lhe às mãos um problema desagradável. A professora Maria Palaoro começou a gostar do vinho. Depois da aula costumava permanecer na escola, mandava algumas rapariguitas à mercearia, para lhe trazerem o brabo elemento e, trago a trago, chegava embriagada ao fim da tarde. O espectáculo era pouco edificante, e as raparigas encarregavam-se de o divulgar por todas as esquinas. D. Beppi recorreu por escrito ao Conselho Municipal, mas o presidente da Câmara achou o caso muito melindroso e incumbiu o próprio D. Beppi de chamar a atenção à professora. O pobre Arcipreste encheu-se de coragem e falou à Palaoro. Esta chorou, prometeu e mostrou-se disposta a acabar para sempre com o vício. A entrevista teve lugar numa quarta-feira. Na tarde de sexta-feira, Maria estava de novo embriagada. D. Beppi manifestou ao Conselho as suas poucas esperanças e atreveu-se, meio a sério e meio a brincar, a entremear com advertências os seus encontros com a professora.

— Senhora professora, qual é melhor, o tinto ou o branco?

— Vamos lá a ver: Será de tinta essa nódoa que tem no vestido? Disse-me que o álcool limpa as nódoas. Faça o favor de experimentar, senhora Professora.

A Palaoro ficava vermelha como um tomate. D. Beppi fingia que não dava por isso.

Mas em compensação, em Maio de 1873, pôde apresentar uma informação calorosa sobre a suplente Paulina Piccotti, que foi admitida como professora efectiva na escola de Robegano.

O encerramento dos cursos foi organizado com aparatosa solenidade, com o duplo fim de estimular os pequenos e de garantir a preocupação dos grandes pelos seus filhos. Cânticos, poesias, um quadro de honra com os nomes dos premiados, o pequeno discurso de saudação às autoridades e aos pais, escrito por D. Beppi, e lido com hesitações pela pequena mais inteligente.

A mania esmoler de D. Beppi não afrouxava com a sua independência paroquial. A diferença em relação a Tòmbolo estava em que agora a família dos «alpinistas» abrangia mais alguns objectos. Por

exemplo, o anel paroquial, que os párocos italianos estimam carinhosamente. O próprio «monte» ganhou em categoria, porque perto de Salzano já não está o de Castelfranco ou o de Citadella, mas sim Veneza, com um belo «Montepio» onde é quase um prazer deixar as coisas empenhadas.

Os forasteiros que vêm a Salzano perguntam admirados porque é que ceifam tão cedo aqueles campos, ainda não bem secos. Os salzaneses sorriem. São campos da paróquia. D. Beppi deve ter pressa em vender o grão, ou já o terá vendido, para pagar alguma prestação de empréstimo que se venceu. É uma engenhosa combinação que lhe dá lucro e lhe permite resolver as dificuldades. Pedir um empréstimo a outra pessoa para liquidar uma conta urgente. E pedir a Deus que o sol aqueça bem, para que as espigas fiquem doiradas a tempo. Um dia terá de subir velozmente ao andar superior da casa, para «não estar» com suas irmãs, quando vem «cumprimentá-lo» um amigo credor que... apenas queria falar um pouco com ele.

Um dia, a mais velha das irmãs perde a paciência.

— Não temos que comer hoje, Beppi. Tens de remediar esta situação.

— Há-de haver aí alguns ovos...

D. Carminati, um daqueles que conheceram D. Beppi em Tòmbolo e o nomearam «coadjutor de^{os} coadjutores», passou por Salzano. Caía a noite. Sem bater à porta, entrou de roldão pela casa até à cozinha. Junto à lareira, D. Beppi fazia roda com meia dúzia de rapazitos em torno de um tabuleiro. Saltavam os dados e vibravam as gargalhadas.

D. Carminati passou a noite em Salzano. Pela manhã, Rosina dirigiu-lhe a palavra:

— Perdoe, D. Carlos. Como é um bom amigo de Beppi, não o poderá convencer a comprar um pouco de pano para eu lhe fazer umas camisas? As que tem estão todas rotas. Ontem trouxe dinheiro, mas por certo vai deixar pouco em casa...

Carminati interveio junto do pároco.

— Disparates. As que tenho estão boas. Que necessidade há de gastar dinheiro com outras camisas?

D. Carlos calou-se. Mais tarde, quando apareceu um vendedor ambulante, manifestou interesse, em comprar alguma coisa. O homem desatou os seus fardos. Carminati separou uma peça e mandou cortar uns metros de pano... D. Beppi, confiado, presenciava a cena. Carminati pegou no tecido e, voltando-se para o seu amigo, disse-lhe:

— Tantos metros a tanto... Faça o favor de pagar, D. Beppi. O génio de Beppi brilhou nos seus olhos. Mas foi só por um momento. Riu de boa vontade e pagou.

Desprendido, cheio de dívidas, D. Beppi foi incapaz de pensar em economizar. Se entregava por completo a vida aos outros, como poderia pensar em negar as quatro moedas que lhe caíam nas mãos? Por isso mesmo nos surpreende o escrupuloso rigor com que administrava os bens paroquiais. Ninguém seria capaz de o esperar daquele santo de mãos rotas. Os fundos de que a paróquia dispunha eram muito limitados. As dívidas, resultantes das reformas e da ampliação da igreja, empreendidas pelos párocos anteriores, pesavam como um lajedo sobre as contas paroquiais. D. Beppi não vinha a Salzano para liquidar velhos enredos; vinha para trabalhar com toda a sua alma. Renovou o pavimento da igreja, mandou restaurar o órgão, renovou a mesa do altar-mor, comprou vários quadros, adquiriu paramentos e vasos sagrados, demoliu o velho baptistério e construiu no espaço que ficou livre os alicerces de uma sala para catequese. Só os alicerces, porque antes de concluída a obra D. Beppi deixava Salzano.

• Com as dívidas velhas e as despesas sempre a aumentar, a lista dos credores aumentava de um modo alarmante. D. Beppi teve receio de perder o sono por completo. Um remédio?

Apresentou aos seus paroquianos um «relatório sobre a situação», muito minucioso, que os punha ao corrente do estado em que se encontrava a caixa paroquial. Leu-lhes o documento, entremeando algumas observações jocosas.

— «Tinha-lhes prometido que, com a oferta dos frangos, começáramos este ano a comprar os cortinados. Mas teremos de sacrificar mais uma vez esse projecto e esperar, porque não seria justo que andássemos bem vestidos antes de pagarmos as nossas dívidas.

«Além da oferta dos frangos, é necessário que vos recomende vivamente a contribuição para a caixa das esmolas. O ano passado, nos primeiros dias de festa, recolheram-se dois florins e meio, ou três florins; e depois, cada vez menos. Agora, começa a crescer o volume, mas há criaturas que, não sabendo como se hão-de desfazer das moedas falsas, as lançam na caixa. Muito obrigado, mas também nós não sabemos o que havemos de fazer com elas...»

Os fiéis de Salzano esforçaram-se por ajudar o seu prior. Mas os tempos corriam maus, e as dívidas não minguavam. D. Beppi compreen-

deu que seria insuficiente o recurso às contribuições dos amigos. Que mais poderia fazer? Recorreria ao trabalho.

E foi assim que o bom do pároco de Salzano tentou vários negócios, muito limpos, na esperança de resolver aquela situação aflitiva. Nos fins de Outubro de 1870, a Municipalidade de Salzano abria concurso para o fornecimento de brita destinada à reparação das estradas — caminhos rurais — da área municipal. D. Beppi sentiu-se iluminado: apresentaria a sua proposta e, se ela fosse aceite, os seus bons ^{paroquianos} fregueses que não lhe podiam dar dinheiro dar-lhe-iam prestações pessoais sob a forma de dias gratuitos de trabalho, com cujo valor trataria de sanear a dívida paroquial. Na proposta que dirigiu à Municipalidade, D. Giuseppe Sarto oferecia o metro cúbico de brita a 6,75 liras. A empreitada foi-lhe adjudicada. D. Beppi dirigiu e administrou os trabalhos, utilizando por vezes pessoal das aldeias vizinhas. Trabalhou com tenacidade, viu-se a braços com terríveis quebra-cabeças, e ao cabo de quatro anos alcançava o seu lucro de... 1.000 liras.

O resultado não correspondia por certo aos esforços. Tentaria outros negócios? Em 1874 comprou 207 quilos de cânhamo, que lhe custaram 306 liras. Revendeu o cânhamo, depois de fiado, e ganhou 92 liras líquidas.

O balanço deste último negócio fechava por forma irrevogável com uma nota de D. Beppi.

«N. B. — Não me ocuparei mais de semelhantes especulações, porque não vejo compensadas pelo lucro miserável as preocupações que me causam».

Esgotado por essas provas, o pároco resolveu recorrer a uma solução heróica: utilizar o fundo mais forte de que a paróquia dispunha, proveniente da cedência à Municipalidade dos direitos sobre grandes extensões de terrenos de pastagem. Solicitou as licenças civil e eclesiástica, apresentou um requerimento ao Papa, expondo-lhe o perigo em que se encontrava de ser levado aos tribunais, e chegou um dia feliz em que pôde respirar com tranquilidade.

A ténpera humana de D. Beppi saltava limpamente por uma dessas facturas por pagar e esses receios da próxima visita. Vivia no meio da sua gente disposto a desfazer-se nas suas bocas como um grão de sal que

condimentasse a vida sombria dos pobres camponeses. Ou melhor, como um pequeno torrão de açúcar. Porque a convivência com D. Beppi achia de novas ressonâncias a atmosfera de Salzano. Brincava com os pequenos e com os crescidos. Uma brincadeira era quase sempre a avançada que fazia saltar as portas mais frias, fechadas à presença do pároco.

Um dia escondia a um certo Damião o burrico que este soltava todas as tardes a pastar em liberdade; outro dia oferecia a Meno meio litro de vinho se ele se atrevesse a dar uma volta pelas ruas metido numa calção de teatro; falava com os lavradores acerca do estado das terras e da chuva. Gostava de abrir pessoalmente uns sulcos com o arado. Uma vez desafiou Santiago e os dois correram até mais não poder, do campo até à casa dele, onde o Arcipreste foi hóspede daquela família humilde, que nunca tinha recebido uma visita de tal categoria.

Despertou curiosidade, naquela ocasião e mais tarde, a amizade que o pároco travou com a família Romanin-Jacur. Moisés Vita-Jacur, judeu, era dono de uma oficina de tecidos de seda que dava trabalho a muitas jovens de Salzano. D. Beppi parecia prescindir da diferença religiosa que o separava daquela família, e manteve com ela umas relações de relativa intimidade, que poderiam escandalizar algumas pessoas. O nosso pároco limitava-se a dizer:

— Jacur é um hebreu^{judeu} que vale por muitos cristãos.

Ao sacerdote exige-se que abra de dia e de noite as portas do seu coração a qualquer sinal de amizade. Com isso corre o risco de tingir as suas relações com um verniz de afecto que não penetre nos recantos da alma. Perguntei a mim próprio se o pároco Sarto soube querer sinceramente aos seus filhos camponeses de Salzano, ou se apenas fingiu votar-lhes um carinho que lhe era fácil simular. Entre os indícios de autenticidade escolho um que me parece convincente: a piedade amistosa com que D. Beppi os seguia, um a um, mais para além da vida, quando tinha de anotar os falecimentos no registo de defunções.

«Mufatto, Ângelo. 5 de Setembro de 1869 — Marido afectuosíssimo, apenas vencida a paralisia que o tinha amarrado à cama durante oito meses, surpreendido por nova doença, quando provia ao necessário à família. Deixa dois filhos órfãos, e viúva a esposa Adelaide que, desolada com a perda irreparável, chora sem cessar».

«Polli, Inocência. 30 de Setembro de 1869. — A mais religiosa das mães de família, a mais afectuosa das esposas, a mais solícita das mães,

deixa enlutado o marido e desoladas as filhas, com a sua partida repentina».

«Cusinato, Aquiles. 17 de Outubro de 1870. — Jovem, modesto, amoroso, orgulhoso de seus pais, amparo dos irmãos e delícia dos amigos, mestre de clavicórdio aos dezasseis anos, organista em Mirano, arrancado à vida como uma flor ceifada... Quê as harmonias celestes confortem aquele que aqui na terra nos recordou o céu».

8

→ E durante a noite, o estudo. Sobre a mesa revolta de D. Beppi floresciam os velhos livros de moral e de dogma. Passou-me pelas mãos certa descrição pitoresca que um paroquiano fez da mesa de estudo do seu prior. Pouco mais ou menos como as mesas de Leonardo e de Pedro, meus amigos sacerdotes de paróquias rurais; como as mesas de tantos padres que as têm durante tantas horas do dia rodeadas de crianças. Papel timbrado da paróquia, o terceiro tomo do homiliário, seis ou sete revistas ainda não lidas, os jornais de três dias, caixas de fósforos e alguma bola na austera vizinhança dos selos paroquiais. Aqui, um livro grande aberto, e sobre as suas pacientes clavículas um baralho de cartas e o tabuleiro do passatempo infantil... Como a mesa de Leonardo. Apenas com a diferença de que por cima de tudo nadavam o *Bertoldino* e o *Robinson Crusoe*, em vez do *Cavaleiro mascarado*, ou de algum folheto de Salgari.

De noite, D. Beppi pegava no livro grande, colocava-o sobre o Robinson, sobre o baralho ou sobre o tabuleiro, e deixava correr em imponente silêncio aquelas horas, que eram as únicas de que podia dispor para si próprio.

Porque estudaria tanto D. Beppi? Dizem que em Tômbolo também estudava...

Agosto de 1873. Luís Silvestri acaba de morrer nos braços de D. Beppi, vítima da cólera. Tinha cinquenta e dois anos e esteve doente durante poucas horas. A sua morte foi como um sinal. Poucos dias depois, cerca de cem salzaneses calam nas garras da epidemia.

As condições higiénicas da povoação eram regulares. A intervenção médica estava interceptada pela superstição dos camponeses, entre os quais correm velhas fábulas, contando que em tempos de peste os

médicos envenenam os doentes, para que acabem mais depressa. D. Beppi há-de correr de cama em cama, animando, incutindo confiança, consolando.

— Senhor pároco — diz um velho atacado pela febre — estou morto!

— Quê? Não estás nada morto!

— Sim, sim, estou morto. Confesse-me imediatamente.

— Vou-te confessar já. E voltando-se para um familiar do doente: — Vai a minha casa e traz um litro de vinho.

Trazem o vinho.

— Bebe, bebe imediatamente.

— Não, senhor pároco; não me faça morrer.

D. Beppi compreende: é o medo do veneno. Pega num copo, enche-o de vinho e bebe-o de um trago. Passa o jarro ao doente.

— Agora tu.

O doente bebe com avidez. Meia hora depois dorme. Na manhã seguinte estava bom.

Daquela centena de doentes morreram apenas oito. Mas todos eles em pouco mais de um mês. Além de tudo, havia que atender à sua partida deste mundo sem esquecer os cuidados com os que se curavam. D. Beppi queria atendê-los a todos, ele próprio em pessoa, e pediu aos ← coadjutores que se afastassem do perigo.

— Esta tarefa é exclusivamente da minha conta — dizia-lhes.

Presenciou cenas muito tristes. A morte de Vittorio Gâmbaro, de vinte e um anos, casado havia oito meses; e no dia seguinte a morte da esposa do mesmo Vittorio, Judite, de vinte anos. O pároco escrevia no seu registo de defuntos: «Os que estiveram unidos em vida pelo amor, também o estiveram na morte».

Os enterros, de noite, sob o olhar frio das estrelas, eram salpicados de pequenos pormenores que o faziam estremecer. Numa ocasião teve de substituir um homem, dos que estavam designados para conduzi-rem o féretro, porque se apresentou em completo estado de embriaguez. De outra vez teve de dar o exemplo àqueles que, receosos ou remissos, diziam ser incapazes de caminhar. Abençoou o cadáver, entoou o *De Profundis* e, sem tirar o roquete nem a estola, pegou num dos braços do ataúde. Os outros imitaram-no.

Em Outubro cessou a epidemia. O pároco organizou um acto solene de acção de graças «pelo perigo desaparecido».

Agora, o perigo levava-o ele próprio no corpo.

— Bem vê, D. Carlos — explicava Rosina a D. Carlos Carminati, que chegara de visita —, ^{enfermo, doente} acabará desfeito. Diz a tudo que sim. Nunca se cuida. Não pensa em tratar-se. É o moço de recados de todos. Repare como ele está: não lhe resta mais do que a pele por cima dos ossos.

Rosa tinha razão. O esforço da temporada da cólera tinha arrasado o nosso prior, que não sabia fazer as coisas a medias.

— Estás doente, com certeza, Beppi.

— Parece-te?

— Sim, tua irmã tem razão. Trabalhas demasiado, Beppi. Lembra-te que tantas vezes vai o cântaro à fonte que uma vez fica...

— Felicito-te, meu caro — interrompeu D. Beppi, tomando o seu amigo pelo braço —; não sabia que eras tão bom orador.

Carminati não se deu por vencido. Compreendeu que os excessos pastorais de Beppi eram violentos e podiam custar-lhe a vida. Falou portanto com o seu amigo Pozzi, Secretário do Bispo e também amigo de Beppi. Foi por esse intermédio que o Bispo conheceu com precisão a obra magnífica do seu Arcipreste de Salzano, e os extremos a que o seu espírito ardente o impelia. Ficou pensativo. Encarregou o Secretário de chamar da sua parte a atenção de Sarto, exigindo-lhe que cuidasse um pouco mais de si. E continuou a pensar no caso.

D. Beppi era incapaz de seguir à risca os conselhos do Bispo. Mas este preparava já uma solução mais eficiente.

— Tendes observado um pouco o olhar do nosso Pároco?

Perdeu um tanto daquele ar douto que o Coadjutor de Tômbolo trouxera de Pádua. Parece mais cansado. Tem o cabelo mais negro e mais espesso, mais desalinhado. Os cantos dos seus olhos endureceram, e as rugas do sobreceño sombreavam-lhe o olhar. Adivinha-se, no entanto, que é este o semblante do Pároco quando está sério; quando põe a para o retratarem. Isso sucede poucas vezes. Em geral, sorri. Quanto mais delgado vai ficando, mais doce é o seu sorriso. Ao ver esta fotografia do Arcipreste formal, por certo que rebuttonou a rir, mostrando-a ao pequeno grupo dos seus amigos, aqueles que todas as noites formam círculo em torno do cartão de jogo.

— Quem é que trouxe a notícia?

— Sabe-se lá!

— D. Beppi vai-se embora. Vão fazê-lo cónego?

Monsenhor Zinelli, o Bispo de Treviso, nomeou na primavera de 1875 Pároco de Fossalunga o seu Secretário Particular. Era necessário preencher rapidamente uma vaga tão importante. No Seminário faltava um Director Espiritual, e no coro da Catedral estavam vagas várias cadeiras. Escreveu uma carta ao Pároco de Salzano, comidando-o a comparecer no Palácio Episcopal.

D. Beppi não se fez esperar.

— ...e pensei em vós para preencher simultaneamente os três cargos: Cónego, Secretário da Cúria Diocesana e Director Espiritual do Seminário.

Sarto, desorientado, respondeu:

— Senhor Bispo, deixe-me com os meus camponeses de Salzano! Monsenhor Zinelli não se rendeu.

Era verdade: «D. Beppi vai-se embora. Vão fazê-lo cónego». Os nove anos de Salzano tinham atingido o seu termo.

Era o segundo dos períodos de nove anos de Beppi Sarto, cada um dos quais parecia terminar com um milagre.

«Os sapatos vermelhos» que D. Constantini tinha profetizado para o seu Beppi. Embora ele já só os visse do céu: morrera dois anos antes.

Os salzaneses acolheram como honra própria a tríplice nomeação do seu Pároco. Mas choraram a sua partida. Os colegas de Anteprestado fizeram uma homenagem ao seu novo superior.

«D. Beppi» ficava em Salzano. Para cónego seria excessivamente familiar. Era necessário substituí-lo por «D. Giuseppe». Em breve, muito em breve, «Monsenhor Sarto».

D. Beppi ficou semeado entre dois mil corações honrados, enchendo-os com um ar optimista, vigoroso, recordando-lhes um garbo de espírito que misturava por forma feliz a graça e a firmeza de dois olhos acesos. Bom humor e caridade... Compuseram veros que recolhiam no duro dialecto veneziano a memória de D. Beppi, que partira:

«El xe vegnuo con la veste sbrisa

El xe partio senza camisa».

Exactamente. Precisão milagrosa do sentido popular. «Ele veio com o fato roto; e foi-se embora sem camisa». Num poema de duas linhas soluçantes, os nove anos da vida de D. Beppi. Foi-se na realidade sem camisa. Sem camisa... ^{senso}

Sem que ninguém o soubesse, ^{de 1875} no dia 27 de Novembro, D. Giuseppe Sarto saía às escondidas de Salzano.

Em Salzano vive ainda uma velhinha de noventa anos, que em 1873 recebeu a Primeira Comunhão das mãos de D. Beppi. Chama-se Fosca, mas o seu semblante é claro, risonho. Correm por esse mundo fora cento e vinte e seis criaturas, de todos os tamanhos, que lhe chamam avó. Humilde obreira da Igreja, a velha Fosca foi uma vez atingida pelo barrete disparado por D. Beppi.

— Pus-me vermelha... Mais tarde acariciou-me. Queríamos-lhe com toda a alma.

Comentando a vida paroquial do nosso tempo em Salzano, a velha Fosca disse-me que suspeita que não teriam agradado a D. Beppi estes divertimentos modernos do futebol e do cinema, que os padres patrocinam hoje em dia.

Parto de Salzano pensando que Fosca, a avó de cento e vinte e seis netinhos, se engana na sua suspeita.

Penso nos empreendimentos do Pároco D. Beppi.

Penso que lhe agradava dizer que tinha Salzano na palma da mão.

Penso... que D. Beppi, pároco nove anos em Salzano, será um bom patrono para o clero jovem.

D. Beppi... ^{mão-aberta} Pobre, quase um «mãos-rotas», alegre, falador, amado e fervoroso.

D. Beppi... Semeado com uma mão-cheia de açúcar num sulco de dois mil camponeses.

D. Beppi... que chegou com o fato roto e partiu sem camisa.

Publicado em www.leiturascatolicas.com

SECRETÁRIO DE TRÊS BISPOS

1

No Seminário de Treviso conserva-se uma caixa de bombons vazia, um pouco amarelecida pelo tempo, que encerra no seu interior, uma cinta de seda azul com que veio atada, e um minúsculo cartão de visita, no qual Monsenhor Bressan, Camareiro secreto do Papa Pio X, saúda os professores do Seminário e lhês envia o presente da parte de Sua Santidade. No verso do bilhete, uma mão satisfeita escreveu estas palavras: «Mangiati con letizia» — comidos alegremente. O bom D. Arnaldo, bibliotecário do Seminário, que no dia 12 de Janeiro de 1913 tomou parte no breve mas delicadíssimo festim, ainda lambe o açúcar dos lábios quando mo descreve.

Das mãos do mesmo Monsenhor Bressan chegou ao Seminário de Treviso um jogo de paramentos litúrgicos que tinha sido utilizado por Pio X. Pude celebrar Missa envergando a alva engomada do Papa, a sua sobrepeliz e a sua casula branca. Ao revestir-me, encontrei uma suave intimidade na sacristia em que Pio X se preparava para celebrar as suas missas de simples Cónego. Nesse tempo não tinha a alva engomada.

Mas a Biblioteca do Seminário conserva ainda uma recordação maravilhosa. Quando da eleição do Papa, era prefeito de Estudos de Treviso Monsenhor Angelo Marchesan, conterrâneo de Sarto, de uma aldeola próxima de Riese. Marchesan, nos seus tempos de seminarista, fora dirigido espiritualmente por Monsenhor Sarto. Escritor infatigável, pensou em publicar uma vida do Papa. Ninguém em melhores condições do que ele para o fazer: oriundo da sua própria região, conhecedor das povoações e das gentes com que Sarto tratara, Cónego do mesmo Cabido a que o Papa pertencera, anteriormente aluno e agora professor

do Seminário em que Pio X vivera nove anos. Marchesan meteu mãos à obra e escolheu uma abundante colecção de dados e documentos em que se saciaram todos os biógrafos posteriores de Pio X. Com o fim de suprimir inexactidões, pediu a Monsenhor Bressan, seu amigo, que desse uma vista de olhos às provas. Bressan falou com o Papa, e Pio X — muito em harmonia com o carácter festivo do D. Beppi de Salzano — sentiu grandes desejos de saber que coisas iriam dizer dele. Monsenhor Bressan apresentou-lhe as provas, e foi assim que o livro de Marchesan teve a invejável fortuna de ser corrigido pela mão do próprio Papa, cujas peripécias narra. As provas impressas, corrigidas pessoalmente por Pio X, estão guardadas na Biblioteca do Seminário de Treviso. Uma jóia, cujas páginas nos enchem de emoção quando as percorremos. Marchesan, numa nota autógrafa que deixou escrita, explica que pediu ao Papa para corrigir os erros, deixando intactas as opiniões que o autor exprimia sobre a vida e as obras do seu biografado, porque «a sua humildade e a sua modéstia ter-me-iam devolvido as páginas riscadas de alto a baixo».

E foi assim que o Seminário de Treviso — Seminário de Pio X como me agrada chamar-lhe — se converteu num relicário que guarda as melhores recordações do Papa Sarto.

D. Giuseppe Sarto chegou ali na tarde de sábado 27 de Novembro de 1875, véspera do primeiro Domingo do Advento. Nas suas roupas, no aspecto do seu chapéu, nos seus próprios sapatos, havia aquele perfume inconfundível do padre rural, esse encanto misterioso que nos obriga a pensar num homem carregado de boas obras, de sacrifícios praticados em silêncio. Ruborizar-se-ia um pouco ao sentar-se a jantar com todos os professores e superiores, que ali viviam como internos em autêntica comunidade sacerdotal, ao lado da comunidade dos seminaristas. No fim de contas, trazia consigo a ingenuidade dos seus camponeses e muito havia de lutar o tempo para lha arrebatá-la.

Foi Monsenhor Zinelli, o Bispo, quem quis que D. Giuseppe Sarto, o novo Director Espiritual, residisse no Seminário. Bastava para isso o motivo do cargo. Mas na realidade, o Bispo, informado da severa austeridade de Sarto para consigo próprio, da sua despreocupação no referente a dinheiro e alimentos manifestou especial empenho na incorporação do Cónego Sarto na comunidade sacerdotal do Seminário. Ali teria de se acomodar à tónica geral de vida e de costumes que regiam o horário dos seus companheiros. Era um meio de

proteger a saúde de Sarto e de assegurar a necessária agilidade mental e física para as suas múltiplas responsabilidades.

2

Na manhã do primeiro Domingo do Advento, Monsenhor Sarto iniciou a sua vida canonical. Em breve a límpida simplicidade da sua alma lhe conquistaria a confiança dos seus companheiros de Cabido. Entretanto, todos iam observando com curiosidade o perfil humano e sacerdotal do Chanceler da Cúria.

O cargo era sempre importante, mas ainda o era mais naquela conjuntura. Ao Bispo Zinelli começavam a faltar as forças mentais. Enérgico e culto, tinha imposto à Diocese um ritmo acelerado, moderno. Chamava-se Frederico Maria, nascera em Veneza, de uma família rica e nobre, era conhecedor inteligente das ciências e dos homens. Foi sua preocupação constante «escolher os homens adaptados aos cargos», e não «forçar os cargos para neles enquadrar os homens». Agora que o Bispo ia atingir os setenta anos, os entendidos perguntavam se teria acertado na escolha do homem em quem ia depositar a sua confiança. Não era fácil agradar-lhe. Habitado a intervir directamente nos mais ínfimos pormenores do governo, o facto de se ver substituído por um Secretário eficiente implicaria para o Bispo um conflito psicológico. Por outro lado, o recorrer a ele constantemente não seria uma solução, porque durante certas temporadas não estava em seu perfeito juízo. Quanto ao Vigário Geral, também era velho. Ver-se-ia agora como se conduziria o Secretário.

→ Sarto começou como quem não repara no ambiente, na situação delicada, nos olhares que o seguiam fixamente. Começou sentando-se à hora exacta à sua mesa de trabalho, despachando com o Prelado, recebendo amavelmente os sacerdotes, estudando com serenidade todos os conflitos. O seu pulso tranquilo regulou com a precisão de um relógio bem acertado, a marcha da Diocese. Essa serenidade pôde mais do que todos os cálculos e permitiu-lhe apoderar-se das rédeas de comando. Os sacerdotes encontravam um interlocutor afável, eram ouvidos e sentiam que se procurava uma solução acertada para os seus problemas. Os Cónegos verificaram a seriedade com que o Secretário trabalhava. O habilíssimo Bispo Zinelli afeiçoou-se profundamente àquele Chanceler experiente, sisudo e optimista, que entre

documento e documento lhe punha o sorriso nos lábios com um gracejo ou uma observação irónica. Como não havia de rir o Bispo?

— Hoje, Excelência, veio à Secretaria um rapaz que estava noivo. A sua noiva cansou-se dele; há tempos travou relações com outro. Quere casar-se, mas nem as pessoas de família nem o pároco puderam conseguir que o primeiro pretendente renuncie ao seu direito de casar com a rapariga. Trouxeram-no à minha presença. Entretanto, chamei dois dos oficiais da Cúria para porem em ordem alguns papéis. Iniciei conversa com o rapaz, piquei-o levemente e perguntei-lhe:

— Mas então essa rapariga não é boa nem séria?

O rapaz explodiu imediatamente.

— Nem boa, nem séria. Nem a pode querer quem conheça a sua perversidade, a sua vaidade, a sua cabeça doidivasas...

— Então, não te queres casar com ela?

— De forma alguma.

— Pois bem, meu amigo, acabas de o declarar, e aqui estão as testemunhas. Podes, portanto, assinar-me a declaração da tua renúncia.

O pobre rapaz tentou reagir um pouco ao ver-se apanhado, mas acabou por assinar, e o caso ficou arrumado.

Os padres das aldeias ficavam maravilhados com o tacto, e por vezes com a malícia com que o Secretário captava a realidade descrita pelas informações. Monsenhor Sarto não perdera por certo o tempo nos seus anos de coadjutor e de pároco.

O Arcipreste de Tentin organizou uma rifa, com o objectivo de obter dinheiro para restaurar a igreja. Afirma que os beneficiários terão direito a um par de vitelas. Hoje, na Cúria, mostrou os bilhetes da rifa ao Secretário.

— Um par de vitelas? Estás tão rico ^{assim} como isso? Estás certo de que possuis esse par de vitelas?

O Arcipreste sorri também ligeiramente corado. E declara confidencialmente que comprará as vitelas quando tiver vendido os bilhetes suficientes para cobrir essa despesa.

→ Monsenhor consegue ter tempo para confessar e pregar nas igrejas de Treviso e para fazer rápidas visitas às aldeias vizinhas. Gosta de entrar em contacto com os sacerdotes, de falar com eles no seu próprio terreno. Respeitam-no e estimam-no. Alegram-se sentindo-o a seu lado. Os Cônegos admiram-no, porque apesar das suas idas e vindas — à Cúria, ao Seminário — a cadeira do Secretário poucas vezes está desocupada.

Como pregador, sentiu certa preferência por Pádua, a cidade de Santo António. Em épocas de trabalho exaustivo, aceitou sermões comprometidos e novenas. Levava consigo problemas da Cúria para estudar lentamente durante as horas do dia; madrugava, e ao romper da manhã estava preparado para o sermão. Costumava encarregar-se de o despertar um velho criado que se sentia feliz com a obrigação de bater à sua porta às três da madrugada. Monsenhor, delicadíssimo, se alguma vez se levantava antes das três, apagava a luz por um momento quando o criado chegava, para o não privar da satisfação de o ter acordado.

Em Junho de 1877, gozou uma semana de verdadeiro descanso: foi durante a viagem que fez a Roma para assistir, como delegado da Diocese, ao jubileu episcopal de Pio IX. Mal podia suspeitar quantas vezes havia de reviver a agitação de sentimentos daquela primeira viagem.

As dignidades do Cabido de Treviso eram por ordem decrescente de importância: o Deão, o Arcediago e o Chantre. Vaga esta última em Junho de 1879, Monsenhor Zinelli conferiu-a ao seu Secretário, na certeza de que o Cabido e o clero acolheriam com gosto a nomeação.

Houve um pormenor da conduta de Sarto que foi objecto de murmurações nos conciliábulos do Cabido. É que não havia forma de convencer o novo Cônego de que devia usar habitualmente as insígnias do seu cargo. As vestes dos Cônegos de Treviso luziam mais que as do Bispo, submetidas como estavam a essa curiosa evolução histórica que enriqueceu extraordinariamente os hábitos canonicais de tantos Cabidos: um dia uma distinção de Roma; outro, a cruz pastoral com que a Sereníssima República de Veneza os quis distinguir; mais tarde, a luzida capa magna com que os dotou o Senado veneziano. Em resumo, cada um dos cônegos, se ao comprar o tecido procurasse que a respectiva cor se aproximasse mais do vermelho que do violeta, e que em vez do pano fosse seda, vestia como um Cardeal e brilhava como se estivesse forrado de púrpura. Milagres que o sol costuma produzir dentro das Catedrais, avermelhando as roupas, doirando as ilusões.

Sarto não apreciava o esplendor nos hábitos. Gostava, sim, de se cingir ao que estava estritamente estabelecido, e procurava não pecar por omissão. Mas nunca por excesso. Fora da Catedral, usava apenas o cabeção de cônego. Nem cruzeiros, nem borlas, nem cordões.

Alguns dos colegas levaram a mal a simplicidade do Secretário. «Se se envergonha das nossas coisas, que renuncie». Mas o seu exemplo

acabou por se impor. A sobriedade conquistou terreno entre o Cabido. Mais tarde, quando Sarto foi nomeado Vigário capitular, com faculdade para o fazer, dispôs que os hábitos canonicais se ativessem aos Regulamentos. O roxo, roxo, e o pano, pano. Quando foi Papa, recordou com afecto os seus companheiros de Cabido; talvez se recordasse também dos panos e das sedas. E para o demonstrar, nomeou-os a todos protonotários apostólicos, com o direito de envergarem as luzidas vestes.

3

O Reitor do Seminário, quando Sarto ali se foi instalar, era D. Pedro Jacuzzi, o antigo coadjutor de Riese. Assim se voltaram a encontrar ao cabo de tantos anos.

O Seminário de Treviso corresponde exactamente ao ambiente de gentileza que se respira naquela terra. Parece que no decorrer da sua longa história só durante poucos anos esteve livre de projectos e reformas. Nas suas origens, quando os bispos regressaram do Concílio de Trento com instruções urgentes para criarem os Seminários, o Bispo Cornaro vendeu uma mitra preciosa e jóias pessoais, para obter fundos. Hoje, depois de ter peregrinado por vários edifícios, continua sujeito a um plano de reforma que o há-de deixar moderno e capaz. Como sucedeu com toda a cidade, foi torturado por um bombardeamento absurdo durante a última guerra. Possui uma rica biblioteca, uma capela esplêndida, um bom quadro de professores.

E um pequeno aposento com esta inscrição na porta:

«Neste aposento
de 1875 a 1884
habitou Pio X
então cónego José Sarto».

Da primeira vez que eu a li, tinha traçadas por baixo duas linhas, da mão do notável latinista que agora lá habita, com um dístico que resume a tarefa de Sarto no Seminário: «Aqui trabalhava, não para as suas coisas, mas ao serviço dos outros».

No Seminário viviam 54 seminaristas e 160 rapazes de um Colégio que eram atendidos pelos mesmos superiores. O plano de estudos, revisto por Monsenhor Zinelli, compreendia cinco aulas elementares, cinco ginásiais, três liceais e quatro de Teologia. Os professores pos-

suiam todos um título civil, devidamente equiparado, depois das provas prestadas perante a autoridade académica. Monsenhor Zinelli pretendia assim conseguir que os seus jovens seminaristas pudessem apresentar-se em situação de igualdade com os rapazes de qualquer liceu. Enquanto pôde, visitava pessoalmente o Seminário uma ou duas vezes por dia.

A prática com que D. Giuseppe se apresentou aos seus novos discípulos como Director espiritual foi curiosíssima. Advertiu-os, com a sua característica ironia, de que não era homem de conhecimentos profundos, que não possuía outro título além do de cura de aldeia; mas que tanto ele como os seus jovens ouvintes deviam resignar-se e dispor-se a fazer cada qual o melhor possível, posto que a vontade de Deus era clara e o tinha trazido ali contra todas as previsões.

- As instruções, os retiros, as alocuções de D. Giuseppe, lançavam os laços de comunicação directa que o coadjutor de Tômbolo e pároco de Salzano estava habituado a estabelecer com os seus ouvintes. Uma
- exposição concreta, jovial. Os seminaristas riam de boa vontade com os esboços simpáticos que D. Giuseppe desenhava em duas pinceladas.
- E era breve nas suas exposições. Explicava às vezes que, em seu entender, era necessário desqualificar esses directores espirituais que martirizam um desgraçado conjunto de seminaristas que aguenta à força uns sermões intermináveis, pesados como uma comida indigesta.

- O tom geral, o estilo, poderíamos dizer, de D. Giuseppe, Director espiritual, estava dominado por três ideias: um forte sentimento de
- confiança na providência divina que com a sua acção imediata na alma do sacerdote conserva o seu vigor sobrenatural; um amplo senso prático capaz de captar e comandar a realidade das coisas e das situações.
- e um optimismo simpático, comunicativo, que preserva a alma das amarguras e a mantém elástica e ágil para todos os empreendimentos.

Os rapazes renderam-se. Procuravam-no para que os confessasse e os orientasse, confiavam-lhe os seus desalentos; punham-no às vezes em apuros com certas angústias de tipo monetário. Ele, afável, não tinha outra coisa em que pensar. Os volumosos maços de papéis da Cúria tinham de esperar que os seminaristas, chegada a noite, se fossem deitar. Nessa altura, D. Giuseppe, transformava-se em Monsenhor Sarto, e estudava os assuntos da Secretaria. À meia-noite, o seu vizinho de quarto batia no tabique:

— Deite-se, Monsenhor, e deixe os papéis para amanhã. Olhe que trabalha mal quem trabalha demasiado.

— É verdade, D. Francisco; é verdade. Mas comece o senhor por se deitar e trate de dormir bem.

Formava os seus seminaristas em função do futuro ministério. Queria-os muito presos à ideia sacerdotal, afeiçoados ao catecismo, ao convívio com as pessoas que eles haviam de aproximar de Deus. Queria-os respeitosos e obedientes, limpos, muito devotos à Virgem Maria. Ele próprio preparou, com um grupo de seminaristas, umas encantadoras cerimónias vespertinas na Catedral, para comemorar as festas da Virgem. Monsenhor Sarto procurava chegar um pouco tarde ao jantar, para encontrar os seus rapazes no refeitório, e se a Salve-Rainha tinha saldo bem afinada trazia-lhes da confeitaria mais próxima pacotes escondidos debaixo da capa.

A convivência com os rapazes do Colégio anexo ao Seminário deu lugar a que se manifestassem os seus velhos métodos pastorais de Salzano. Um dia, observou que ao entrarem na capela brincavam fazendo uma espécie de caricatura do sinal da cruz. Levaram muito tempo a esquecer a inflamada repreensão que ele lhes dirigiu, e de futuro fizeram sempre o sinal da cruz com respeito e devoção. Quis preparar pessoalmente para a primeira comunhão o grupo dos mais pequenos. Adorava ensinar-lhes o catecismo e esquecia-se dos longos períodos de trabalho que o aguardavam à noite.

É assombroso verificar que Sarto ao longo de toda a sua vida, conseguiu submeter o tempo, como que adaptando-o aos seus múltiplos afazeres. Se um seminarista ou um superior adoecia, o Director espiritual fazia guarda permanente junto à sua cama, como se não tivesse mais nada que fazer. Quando algum deles morria, a sua dor era das mais vivas, e as suas palavras das mais evocadoras.

Era, evidentemente, um «mãos-rotas». Como em Tômbolo, como em Salzano, como sempre. Comprava às escondidas, mantas e roupas de abrigo para os seus pequenos, que se ressentiam do duro inverno de Treviso. Dificuldade de dinheiros, também ele as teve.

Um moço seminarista contou-lhe um dia, entre lágrimas, a situação difícil em que se encontrava seu pai, pobre trabalhador. Eram necessárias umas liras.

— Causa-me muita pena isso. Tanto mais que me encontro agora sem dinheiro.

O rapaz começou a chorar.

— Vamos, não desespere. Eu procurarei o dinheiro.

E no dia seguinte:

— Há esperanças? — perguntou D. Giuseppe.

O rapaz respondeu desconcertado:

— Esperanças?

— Julgas então — explicou D. Giuseppe, meio a sério meio a brincar — que eu posso fabricar as notas?

O pobre pequeno soluçava como na véspera.

— Está bem. Anda cá, que eu estou a brincar. Toma lá o dinheiro pois consegui encontrá-lo. Quando fores sacerdote, hás-de te lembrar de mo devolver, porque o pedi emprestado.

Perante situações desta natureza, foram cedendo um a um os três pedaços de terra que a família Sarto possuía em Riese e que, depois de vendidos, não deixaram o menor vestígio de economias. A própria casita chegou a estar em grave perigo. Uma visita oportuna de D. Carminati, o bom amigo de Galliera, no momento em que D. Giuseppe tratava de chegar a acordo com o possível comprador da casa, salvou-a. A venda nada teria solucionado, porque o dinheiro escapava-se por entre os dedos de D. Giuseppe.

Durante um ano, por ausência do professor, ensinou religião aos alunos do Liceu. Viram-no corresponder ao seu novo cargo com uma delicadeza significativa. Não se orientou por qualquer texto. Pôs a sua alma em cada uma das lições, em cada um dos problemas. Dava as aulas com verdadeiro entusiasmo e entregava aos alunos os apontamentos de que ele próprio tirava cópias.

O plano de reformas a que esteve submetido o Seminário de Treviso fez com que a Capela do tempo de Sarto se transformasse em Biblioteca. Por isso foi para mim mais fácil aquecer com o calor da devoção as tardes que ali passei revolvendo livros e jornais do seu tempo. Parecia-me, por vezes, que o via sorrir de um canto qualquer da sala.

Tropecei agora com um exemplar do «número único» do jornal que um antigo aluno do Seminário, D. João Baptista Celi, dedicou a Pio X, aquando da sua eleição para Papa. Tem a data de 15 de Agosto de 1903, e é dedicado às «suas suaves recordações». Há nele meia coluna com umas palavras que o Director espiritual de Treviso pronunciou nesta mesma sala onde estou trabalhando. Segundo conta D. Celi,

foi na tarde de 20 de Fevereiro de 1878. Acabava de chegar a notícia da eleição de Leão XIII. D. Giuseppe reuniu os seminaristas na capela e falou-lhes:

— Rezai, rezai pelo Santo Padre Leão XIII, a quem corresponde governar a Igreja em circunstâncias delicadíssimas... E rezai ao mesmo tempo pelo Papado, pelo Pontificado Romano, para que todos os Santos Padres que se sucederem na Cátedra de Pedro obtenham de Deus as forças e a luz necessárias para corresponderem dignamente à sua altíssima missão.

Nem ele nem os seus rapazes previam que a primeira pessoa sobre quem recairia o fruto daquelas orações seria precisamente D. Giuseppe Sarto, então Director espiritual do Seminário de Treviso.

Os superiores do Seminário encontraram em Sarto o companheiro ideal. Todos esperavam pela refeição e pela sobremesa como descanso para as fadigas do dia. Monsenhor vinha directamente da Cúria quando já todos se encontravam sentados à mesa. Deixava num canto a pasta volumosa, com todas as preocupações. E, como o mais simples de todos, começava a narrar histórias alegres e a fazer comentários irónicos. Provocava discussões intermináveis. Trazia sempre preparada alguma indirecta intencionada, que visava algum dos presentes, despertando risadas unânimes. Estabeleceu-se um regulamento que proibia falar ou discutir sobre coisas sérias durante aquela hora — a única de que os professores dispunham para se distraírem um pouco. Quem pronunciasse a palavra «lógica» era castigado com uma multa e obrigado, a título de indemnização, a contar uma anedota.

Monsenhor Sarto, nas suas cartas de Mântua e de Veneza, enviava carinhosas saudações para a «tavola» reunida em pleno.

5

No dia 24 de Novembro de 1879 morreu o Bispo Zinelli. No dia 27, os Cônegos de Treviso ofereceram ao velho Vigário Geral, Monsenhor De Paoli, o cargo de Vigário Capitular. O titular deste cargo, quando fica vaga uma Sede, governa-a como Bispo até à nomeação do novo Prelado. De Paoli recusou, alegando a sua idade muito avançada. Os Cônegos elegeram então por unanimidade Monsenhor Sarto.

Foi um excelente treino que veio ao seu encontro. A Diocese de Treviso tem duzentas e dez paróquias. Na realidade, desde os tempos da doença de Zinelli, quem vinha resolvendo os problemas era Monsenhor Sarto. Agora ia fazê-lo com completa autoridade.

Os seus métodos de vida não variaram. Limitou-se a imprimi-lhes um ritmo mais veloz: passou a deitar-se mais tarde, a chegar mais tarde à «tavola», a trabalhar com mais afinco. Na circular que dirigiu ao clero anunciando a sua eleição, manifestava plena confiança nos sacerdotes. Foi, de resto, uma das suas atitudes habituais: confiar no clero. Essa confiança colocou-o, como Secretário, como Vigário e como Bispo, numa posição de vantajosa intimidade, que lhe permitia obter os efeitos mais «pedindo» do que ordenando.

→ Também soube ser forte. Nem a bondade nem a firmeza eram para ele sacrifício. Punha idêntica jovialidade no exercício das duas virtudes. Certo sacerdote não se sentia muito tranquilo com a feição que tomariam os seus assuntos quando chegassem às mãos do Vigário. Não se lembrou de outra coisa senão de se ir confessar ao próprio Vigário, que assim ficaria colocado numa situação difícil, sem poder fazer uso daquilo de que tomava conhecimento por meio da confissão. O sacerdote foi ao Seminário. Bateu à porta do aposento de Monsenhor, aquele aposento onde todos encontravam carinhoso acolhimento. Mas aquele caso foi uma excepção. Carinho não deixou de haver, porque o Vigário gracejava enquanto ia fechando a porta, sem admitir à confissão o devoto penitente.

Que ironias esconde a vida! No seu tempo de Vigário, Sarto firmou os seus créditos de excelente administrador. Quando o dinheiro não era seu, tudo caminhava às mil maravilhas. Desfez uma interminável meada de complicações em que a inépcia de certo administrador — abusando da confiança do pobre Bispo adoentado — tinha colocado o Seminário. Custou-lhe o assunto muitas noites de insónia e graves receios. Foi preciso adoptar medidas excepcionais: limitar a admissão, reduzir as matrículas de favor. O Seminário entrou nos eixos, salvando-se de um perigo que o poderia ter afundado irremediavelmente.

Os recursos da cúria episcopal eram escassos. Sarto enviou um requerimento ao Real Economato, solicitando que lhe aplicassem os benefícios de leis recentes. Atribuíram-lhe 1.200 libras anuais. Pelo correio seguinte enviou o seu protesto:

«Cem libras mensais? Quarenta gastamos nós em selos!»

Associações, imprensa, peregrinações... Foi uma época de fervor. Por ocasião de uma assembleia sacerdotal em Vicenza, Monsenhor Sarto pronunciou um discurso analisando as características da filosofia de São Tomás. Um professor comentou:

— Monsenhor Sarto não morrerá na sua cama de Treviso.

Naquele seu primeiro ensaio de autoridade diocesana revelou o género de «nepotismo» que estava disposto a praticar. Os seus familiares tinham-lhe medo. Queria-lhes muito, mas nenhum deles obteve favores pelo simples facto de serem seus parentes. Tinha na Diocese um primo sacerdote, que ele transferiu da paróquia em que estava para outra inferior: toda a gente sabia — e o Vigário também — que se tratava de um homem de faculdades muito limitadas.

Um sacerdote coadjutor de Masano enlouqueceu. Foi a Treviso e andava pela rua fazendo travessuras. Ninguém se sentia com coragem para tentar encerrá-lo, pois era um colosso de robustez e força física.

O Vigário mandou-lhe dizer que precisava de lhe falar.

O demente apresentou-se na Cúria. Desfazia-se em cumprimentos.

— Se soubesses — disse-lhe o Vigário — a quantidade de trabalho que temos nesta Cúria! Não dispomos de um só momento livre.

— Faço ideia, faço ideia.

— Tenho estas cartas urgentes para responder. Mas preciso de sair imediatamente para tratar de um assunto de urgência. Desejaria estar mais algum tempo contigo. Outro dia será. Desculpa-me. — E levantou-se para pegar no chapéu, acrescentando logo a seguir: — A menos que me queiras acompanhar. Iremos falando pelo caminho.

— Oh, Monsenhor! Será para mim uma honra.

Pela rua fora, o Vigário e o pobre louco fizeram rir as pessoas, porque o bom do doente detinha os transeuntes e obrigava-os a descobrirem-se em honra do Vigário.

No manicómio já estavam prevenidos. Entraram os dois para uma sala de visitas. Um enfermeiro anunciou:

— O senhor Director espera-o, Monsenhor.

— Dá-me licença. Espera aqui um pouco. É só um momento.

— Com todo o gosto — assentiu o louco. — Eu espero aqui.

Monsenhor não voltou a aparecer, e o demente foi posto a bom recato.

O mandato de Sarto durou sete meses. No dia 26 de Junho de 1880, ao meio-dia, fez a sua entrada em Treviso o novo Bispo, Monsenhor Callegari, um jovem de trinta e nove anos. No próprio acto

Sarto com 45.

da posse confirmou os cargos de Sarto e De Paoli. Callegari esteve apenas dois anos em Treviso. Sarto trabalhou a seu lado com exemplar lealdade. O Bispo, professor do Seminário de Veneza, não estava habituado aos problemas de governo. Sarto foi o seu anjo da guarda. Travaram uma íntima amizade, que perdurou quando Callegari foi transferido para Pádua. Pio X havia de o fazer Cardeal. Juntos fizeram uma viagem a Roma. Leão XIII disse ao cônego fiel:

— Eu vos abençoo... Sede fiel ao vosso Bispo.

A Monsenhor Callegari sucedeu Monsenhor José Apolónio, que de Bispo de Adria foi transferido para Treviso. Simples, humilde, cuidou da diocese com paternal solicitude. Com o seu último Prelado, o Secretário dispôs de um pouco mais de liberdade, que aproveitou para multiplicar as suas tarefas de pregação.

Por vezes, na «tabela» do Seminário, Monsenhor caía nas mãos dos seus amigos:

— Quando fordes Bispo, Monsenhor...

Sarto ria de boa vontade.

— Já é tempo, não é verdade? Não sei porque esperam. Acabarei por me fazer velho.

Mas depois, na intimidade, se alguém lhe falava a sério, a resposta era seca:

— Deixem-se de histórias. A cruz que o sacerdote leva debaixo da batina é uma doce companhia. Mas levá-la por fora, presa a uma corrente de ouro, é um peso esmagador.

Monsenhor Sarto, Secretário e confidente de três Bispos, tinha muita experiência.



ACEPIPES DE ALMOÇO EPISCOPAL

1

UMA CONVERSA NO PALÁCIO DE TREVISO.

— Caríssimo Monsenhor, tenha a bondade de vir comigo.
O Cônego Sarto, levemente surpreendido, segue o Bispo Apolônio em direcção à capela.

— Ajoelhemo-nos, caríssimo Monsenhor, diante de Jesus Sacramento, e rezemos por um assunto que nos interessa aos dois.

A surpresa de Sarto converteu-se em assombro. Começava a recear. O Bispo levantou-se e depôs uma carta nas mãos do seu Secretário.

— O Santo Padre nomeia-vos Bispo de Mântua.

Sarto treme dos pés à cabeça. Relê a carta. As letras dançam-lhe entre as lágrimas. Não pode ser. Alguma confusão. Roma deve saber que ele não está preparado. Escreverá ao Papa.

— Ajudar-me-eis, Excelência. Confirmareis a minha renúncia...
A cabeça desfalecida de Monsenhor descansa sobre o peito do Bispo.

— É a vontade de Deus. O Papa assim o quer...

2

CARTA DE MONSENHOR SARTO
AO BISPO DE PÁDUA.

«Treviso, 13 de Setembro de 1884.

Ao cabo de quinze dias de penosa agonia, chegou-me ontem à tarde a confirmação absoluta de que o Santo Padre me quer Bispo de

→ Mântua. Supliquei com toda a minha alma para que o Papa me quisesse deixar, miserável como sou, na minha pobreza. Mas as minhas súplicas não foram ouvidas.

3

DO DIÁRIO DE UM VELHITO CORCOVADO.

Aleixo Pozzan. Nasceu em 1802, há precisamente oitenta e dois anos. Pequenininho, corcovado. É um daqueles «Cónegos honorários» que nascem nas catedrais, para alívio dos cónegos que não assistem ao coro. Eles, os leigos, não faltam nunca. São poucos, um ou dois em cada cidade. Quando uma Sé Catedral está desprovida desses velhinhos beatos, nota-se imediatamente que está mais triste. Aleixo, o bom velho da Catedral de Treviso, registou dia a dia os acontecimentos ocorridos entre Junho de 1848 e os últimos dias de 1884. *desde 2 anos antes de Sarto ir para o Seminário.*

«16 de Setembro de 1884. Dia sereno, um pouco enevoadado, quente. Mercado e concorrência de forasteiros nas praças. Chega hoje ao Cabido desta Catedral a notícia de que o Cónego Monsenhor José Sarto, chantre, foi nomeado Bispo de Mântua, designação há muito vaticinada ao modesto mas douto e laborioso chanceler do Bispado, que já foi Vigário Capitular, estando a Sede vacante. O redactor destas pobres *Memórias* não raras vezes teve oportunidade de lhe manifestar que muitos admiradores dos seus dotes, da sua virtude e do seu saber, lhe vaticinavam insistentemente uma mitra. Modestíssimo, porém, não queria ouvir uma palavra a esse respeito.»

4

DE «LA DIFESA», JORNAL DE VENEZA.

«20 de Setembro de 1884.

→ Quando se soube da designação de Monsenhor Sarto para a Sé episcopal de Mântua, aqueles que o conhecem (e são muitos, mesmo fora da sua Diocese) não ficaram surpreendidos. Limitaram-se a dizer: Já o esperávamos. Porque nem todos possuem como ele certas

qualidades que o hão-de converter num Bispo ideal, daqueles que têm inteligência e coração para cuidar do bem espiritual dos seus filhos. Quem desejar conhecer as qualidades de coração do novo Bispo, pergunte-o aos paroquianos de Salzano, onde foi pároco durante cerca de dez anos».

5

TELEGRAMAS DE ROMA

«Seminário Treviso
Roma, 6 Novembro.

Viagem felicíssima. Rezámos. Saudações e agradecimentos a todos. Consistório secreto segunda-feira. — Sarto. Mander».

«Seminário Treviso.

Roma, 10 Novembro 14.

Monsenhor Sarto foi ^{confirmado} preconizado Bispo de Mântua às onze. Faz as visitas prescritas. Quinta-feira, consistório público. Sábado, juramento. Domingo, consagração. Estamos muito bem. Mander».

6

TRÊS FRAGMENTOS DAS CARTAS DE SARTO

«A consagração será, se Deus quiser, na igreja de Santo Apolinário, pelo Eminentíssimo Senhor Cardeal-Vigário, assistido pelos Arcebispos Rota e Berengo, no próximo domingo, 16, dia que a cidade e a diocese de Mântua celebram como festa especialíssima do Patrocínio da Santíssima Virgem». 16-XI-84.

A Monsenhor Jacuzzi, velho amigo.

«Dizei a Monsenhor Jacuzzi (que, como sabeis, tem um certo fraco pela música) que apesar de me ter de apresentar às onze da manhã na antecâmara do Eminentíssimo Secretário de Estado, não pude resistir à tentação de ir primeiro à missa da igreja del'Anima. Saboreei o *Asperges*, o *Introito*, o *Ofertório*, em cantochão, a três vozes, com *acompanha mento* de harmónio, e o resto, também a três vozes, em canto semi

sonado, sem acompanhamento. Qualquer coisa de admirável, como para nos deixar enamorados».

Ao Professor D. Carlos Agnoletti.

«Ahl Pelo caminho em que não nos agrada andar, é por vezes necessário correr. E eu tive certamente que correr estes dias, subindo e descendo escadas, algumas por duas ou três vezes, sem encontrar o que procurava. Amanhã partimos para Assis e Loreto, e pararemos um dia em cada Santuário. Calculamos estar em Treviso no próximo sábado».

Ao Professor D. Carlos Agnoletti.

7

1885. A MANHÃ DO DIA 8 DE FEVEREIRO, domingo,
NA IGREJA PAROQUIAL DE SALZANO

Monsenhor Sarto, Bispo de Mântua, veio despedir-se dos seus camponeses. Celebra a missa, de Pontifical. O menino de coro que agita o turbulo olha de soslaio para o Bispo:

— Dizem que me baptizou, quando era prior da freguesia. Que grande anel que ele leva...

Monsenhor Sarto explica o Evangelho, ^{ver a pág. 333} com a mitra posta. Desta vez, não poderá atirar com ela a quem conversar, como fazia com o velho barrete. Conversar, não conversa ninguém. Mas as mulheres solutam todas. Os homens, nervosos, dão voltas ao chapéu que têm nas mãos. Os garotos olham admirados.

De tarde, prega um sermão sobre o Sagrado Coração de Jesus. A meio da oração, entra na igreja Monsenhor Callegari, Bispo de Pádua, que quis fazer uma surpresa ao seu novo e bem amado colega.

8

NUM VAGÃO DO CAMINHO DE FERRO DE MESTRE

Monsenhor Sarto gosta de andar sem insígnias episcopais, embuçado no seu hábito negro. Subiu acompanhado de um outro sacerdote.

Em breve se anima a conversa. Viajam naquele compartimento dois cavalheiros ilustrados, segundo se vê. Aproveitam a presença dos dois sacerdotes para opinar sobre Roma e o Papa, sobre os novos Bispos e a política da Igreja. Um deles, advogado de Mântua, segundo diz, aborda o caso de Monsenhor Sarto, recém-consagrado para aquela cidade. O Bispo camuflado detém com um olhar de inteligência o movimento do seu companheiro. Concorde com as afirmações do advogado:

— Não há dúvida. Parece mentira. Para uma cidade do nível cultural e aristocrático de Mântua, onde nasceu Virgílio, onde teve as suas raízes a brilhante árvore dos Gonzagas, ninho familiar de São Luís, terem eleito Bispo um pobre diabo, um cura rural, coadjutor e pároco, cónego de Treviso! É preciso acabar com essas pretensões. Que os párocos de aldeia continuem a pregar aos aldeões, e deixem livres os cargos de maior responsabilidade aos homens cultos e preparados.

O advogado mantuano está encantado. Desceu à estação para se despedir dos sacerdotes. Poucas vezes tinha tratado com uma pessoa de espírito tão penetrante, tão arguto. Detém por um momento o outro sacerdote.

— Se me faz favor, quem é este bom eclesiástico?

O companheiro de Sarto não se pode conter. Há bons momentos que a rajada lhe brinca na ponta da língua:

— Monsenhor Sarto, Bispo de Mântua.

9

DO BISPO AO PRESIDENTE DA CÂMARA DE MÂNTUA

«Treviso, 5 de Março de 1885.

Ilustríssimo Senhor:

Mal acabada de receber a notícia do «placet» concedido pelo Ministério da Justiça às bulas pontificias que me designam Bispo dessa ilustre Diocese, sinto a necessidade de me apresentar como novo cidadão a Vossa Senhoria Ilustríssima, para lhe formular os meus respeitos e para implorar o concurso da sua autoridade onde ela me for necessária.

→ Conheço as minhas forças, muito distantes da altura do ofício a que o Santo Padre me destina, e por isso solicito a sua ajuda, já que me domina.

o pensamento de não poder proporcionar à cidade e à diocese todo o bem que têm direito a esperar do seu Bispo.

Ao cumprir este acto, asseguro a Vossa Senhoria que, conhecedor da missão que recebi do Senhor, conheço também o meu dever de me mostrar inteiramente devotado à Autoridade constituída; e, Ministro da Religião que tem por bandeira o estandarte da paz e por lei a caridade, convencido também, por temperamento e experiência, de que o sacerdote só pode trabalhar onde reina a concórdia, asseguro a Vossa Senhoria Ilustríssima que no campo da acção contribuirei com todas as minhas forças para manter o pacífico acordo, e que estou disposto a todos os sacrifícios honestos para evitar as mais pequenas fricções, tão fatais para a prosperidade dos povos e para a paz dos corações.

Entretanto, aperto a mão de Vossa Senhoria e declaro-lhe que serei feliz quando me encontrar entre aqueles a que chamo concidadãos e filhos queridos, para os servir como pai e como amigo. Confio em que não me faltará o apoio de Vossa Senhoria para o exercício das prerrogativas de cidadão e de Bispo. Com a benevolência de todos prosperará a minha tarefa.

Tenha Vossa Senhoria Ilustríssima a bondade de manifestar os meus sentimentos aos senhores Vereadores da Junta Municipal e aos ilustres Conselheiros, dizendo-lhes que o novo Bispo, pobre de tudo, mas rico de coração, só pretende proporcionar-lhes a saúde da alma e formar com todos uma só família de amigos e de irmãos.

Desejando que chegue em breve o momento de repetir de viva voz e com obras os meus sentimentos, tenho o prazer de me oferecer,

D. V. S. Ilma., dedicadíssimo e afectuosíssimo servidor,

† José Sarto, Bispo de Mântua».

É importante que o leitor conserve a recordação desta delicadíssima carta. Digo delicadíssima pela sua finura e pela sua sagacidade.

«Em Mântua, como nas pousadas espanholas onde comemos as provisões que levamos connosco, o viajante que procure recordações de Virgílio terá de recorrer à sua própria erudição para dar pábulo aos seus desejos.

«De Anda, onde nasceu o poeta, não resta mais do que uma encosta deserta e escavada. Nem sequer um nome. Havia neste lugar uma pequena aldeola, Piétole. Mas Napoleão riscou-a com um traço de pena e ordenou a sua reconstrução meia légua mais adiante, onde actualmente se encontra, para dar o lugar à edificação de uma fortaleza.

«A própria moldura das Éclogas desapareceu. As encostas já perderam a sua verde frondosidade, e os prados verdejantes que desciam até à ribeira foram suprimidos pelos aluviões. É preciso recorrer aos estudos e aos trabalhos da Academia Virgiliana para seguir a pista do poeta.

«No Norte desenha-se a negra mancha de Mântua, no meio de três lagos com que a circunda o Mincio, atravessado, entre o Superior e o Médio, por uma velha ponte coberta, enquanto um arroio cruza a cidade, unindo o Superior e o Inferior com ares de canal veneziano.

«Se é verdade que também dali desapareceu todo e qualquer sinal da permanência dos etruscos, e toda e qualquer recordação do município romano, a cidade enriquecida pelos Gonzagas, oferece, pelo contrário, um aspecto que quase não mudou desde esse período faustoso. A transparência de uma ligeira bruma, que a envolve sempre, salpica delicadamente de prata os seus monumentos e as suas torres.

«A Praça da Erva vê afluir diariamente, sob as tendas de cores vivas, os legumes e as frutas prodigalizadas pelas terras vizinhas. Os gritos dos mercadores e dos «fachini», moços de fretes, mantêm a vida dentro do seu quadro tradicional.

«Como em todos os antigos municípios, vemos o Palácio da Razão, com o seu pórtico, e a torre do Relógio, ladeada pela rotunda romana de São Lourenço, de um lado, e pelo Palácio Brotelo do outro. Em frente, a Basílica de Santo André, que abriga o túmulo de Mantegna.

«Muito perto, na praça Sordello, a Catedral, com o seu campanário lombardo, e o Palácio Episcopal, de estilo barroco, em harmonia com a fachada da igreja, parecem contemplar a Regia.

«A Regia era o Palácio ducal dos Gonzagas. Tem um belo pátio com pórtico e está unida ao Castelo de São Jorge, cujos muros ameaçados deitaram para o lago por um labirinto interior, que se foi complicando de século para século, e onde se encontra a famosa Câmara dos Esposos, decorada com frescos de Mantegna.

«Em frente da Regia encontram-se o Palácio Bonacolsi, ou Magna Domus, e o Palácio Capitano, que sustentam arcadas góticas severamente ameaçadas.

«A família Bonacolsi reinou em Mântua antes dos Gonzagas. A sua tirania foi tão cruel — vê-se ainda numa terra? a caixa de ferro onde encerravam os seus prisioneiros — que uma revolução sangrenta os expulsou do poder nos princípios do século XIV. Dominico Morone pintou a «Caça aos Bonacolsi». O quadro encontra-se na Regia, e é curioso notar nele, fielmente reproduzida, a imagem do Palácio Capiti-ano, que continua de pé.

«Junto às portas do sul da cidade, o Palácio de Te, de nome obscuro, oferece-nos a sua riqueza ornamental concebida por Julio Romano, cuja casa se ergue ali perto».

11

O ESCUDO DO BISPO SARTO.

Porque não se analisou, também o de Papa? E o de Cardeal?



«Terá por certo desejo de saber em que forças me apoio para promover tanto: no meu escudo, que representa a esperança «que temos como âncora segura e firme para a alma» (Hebr., VI, 19). A esperança, única companheira da minha vida, sumo apoio nos casos difíceis, fortaleza invencível. A esperança, não nos homens, que só é motivo de calamidade e desengano; a esperança em Cristo que, confiada nas promessas celestiais, torna invencível e fortíssimo qualquer enfermo; «Os que esperam em Deus serão fortes» (Isaías, XL, 37)». Não: Is 40, 31.

Monsenhor Sarto, 15 de Março de 1885.

12

DA PRIMEIRA PASTORAL DO BISPO DE MÂNTUA

«Queridíssimos filhos... Ó nome suave, de tão doce sabor para mim quando penso em vós, recomendados pela Divina Providência aos meus cuidados pastorais. Dia formoso e digno de perpétua memória, aquele em que Deus, por cujo império são regidos todos os seres, e que jogando na terra (Prov. VII, 31) escolhe, por vezes homens

*brincando
folgando
relebrando*

VIII

ineptos para cargos importantes, e com a sua luz os converte em realizadores de coisas grandes, manifestando assim o seu poder e a sua glória, me confiava esta grande família para substituir os filhos espirituais que perdi. Que alegria poderia ser mais profunda se me concediam novos filhos para acalantar com o meu abraço, acariciar com o meu afecto, chorar nas suas desgraças, consolar nas suas aflições, dar-lhes de comer se têm fome e defendê-los com celestial protecção?

...Estou persuadido de que só Deus pôde fazer com que as portas da Diocese de Mântua se abrissem para um homem tão obscuro como eu...

...Consagraram-me o vosso concidadão, o Cardeal Parocchi, e os dois ilustres predecessores que deram brilho à vossa diocese.

*Cardeal
Anselmi
e Berti*

...Longe, portanto, qualquer pensamento de tristeza.

...Quem não amará este povo jamais olvidado da piedade dos seus antepassados? Quem não amará uma tão fecunda mãe de Santos?...

Da nossa Residência no Seminário Episcopal de Treviso, na Festa de Santo Anselmo, Bispo e Confessor, Padroeiro Principal de Mântua.

† José, Bispo

13

NO CANTO XX DO «INFERNO», DA «DIVINA COMÉDIA», DE DANTE

Quindi passando la vergine cruda
Vide terra nel mezzo del pantano,
Senza cultori e d'habitanti nuda

Lì per fuggire ogni consorzio umano
Ristette có' suoi servi a far sue arti
E visse e ni lasciò suo corpo vano

Gli uomini poi, que intorno erano sparti,
S'accolsero a quel logo, ch'era forte
Per lo pantan che avea da tutte parti:

Fer la città supra quell'ossa morte;
E per colci, che in luogo prima elesse
Mantora l'appellar senz'altra sorte.

Già fur le genti sue dentro più spesse.
Prima che la mattia di Casolodi
De Pinamonte inganno ricevesse.

Virgílio conta a Dante a origem de Mântua.

Num lugar coberto de pântanos pelas águas

do Mincio, julgou Mantó, a feiticeira, filha

de Tiresia, encontrar um sítio a propósito

para a sua gente assentar arraisais. Edi-

ficou a cidade no meio do pântano. Os

seus sucessores engrandeceram-na, apro-

veitando as suas condições naturais de

defesa. Em recordação de Mantó,

sua fundadora, chamaram-lhe Mântua.

Depois, com o decorrer do tempo e o

crescimento da população, passou vicissi-

tudes complicadas. «Previno-te — con-

*Mantó
Mãe de
Mancos
de Teo
profeta*

Pero t'assenno, che se tu mai odi
originar la mla terra altrimentì
La verità nulla menzogna frodi.

clui — que se alguém explica de outro
modo a origem da minha cidade, incorre
numa falsidade».

14

DO ÚLTIMO DISCURSO DE MONSENHOR BERENGO

Monsenhor João Berengo, Bispo antecessor de Sarto na diocese de Mântua, despede-se dos seus fiéis para tomar posse do Arcebispado de Udine, sua nova sede. Estamos a 5 de Abril. Depois de amanhã partirá, deixando aqueles que tanto o amam. Não é de estranhar que hoje, enquanto ele prega, chore ele próprio e chorem os seus ouvintes.

«Terminou a minha missão entre nós, e eu parto ao encontro da minha nova grei. Mas não vos deixo órfãos. Recebereis um pastor e um pai superior a todo e qualquer elogio. Amai-o. Correspondei sempre aos seus solícitos cuidados. Isso encher-me-á de alegria.

15

VIRGÍLIO PENSAVA NA SUA PÁTRIA.

«...et qualem infelix amisit Mantua campum pascentem
niveos herboso flumine cycuos».

(Georg. II, 198).

«...e um campo como o que perdeu a infeliz Mântua, que
apascenta brancos cisnes no ervoso rio».

«...Primus Udamaes referam tibi, Mantua, palmas, et viridi
in campo templum de marmore ponam propter aquam, tardis
ingens ubi flexibus errat Mincius et tenera praetexit harun-
dine ripas».

(Georg. III, 12).

«Eu serei o primeiro a levar-te, ó Mântua, as melhores palmas,
e construirei um templo de mármore junto à água, no campo
verde, por onde passa em lentas curvas o Mincio, e cobre
as ribeiras com tenras canas».

16

O ANJO DA GUARDA DE SÃO LUÍS GONZAGA.

Posso ter sonhado. Não será verdade, e por isso previno o leitor.
Não gozamos da fortuna do Dante quando nos pomos a pensar nas coi-
sas do céu. A ele, Beatriz deixou-o em companhia de São Bernardo.
A nós, é a fantasia apenas, e talvez o desejo e a esperança que nos podem
guiar.

O caso é que vi desprender-se um raio de cristal do nono círculo
angélico. São Luís Gonzaga sorriu vendo-o partir. Era o seu Anjo
da Guarda, que o acompanhou pelos caminhos de Castiglione a Mân-
tua, de Mântua a Castiglione.

O Senhor restituiu-o à terra, para que ilumine os passos bons
de um novo Bispo.

17

DE UM JORNAL POPULAR DE MÂNTUA
«TOMOU POSSE O NOVO NOSSO BISPO»

18-IV-85, sábado
Mântua, 19 — Ontem, às sete horas da tarde, fez a sua entrada
triumfal nesta histórica cidade o novo Bispo, Mons. José Sarto, que foi
Cónego de Treviso.

O Bispo passou os dias da última semana em Riese, sua aldeia
natal, onde residem sua mãe e suas irmãs. Os seus conterrâneos cumu-
laram-no de felicitações e de presentes, orgulhosos como estão do pre-
claro filho de Riese.

No Seminário de Treviso, onde foi Director espiritual, Mons.
Sarto viveu nove anos. Diz-se que ontem de manhã partiu incógnito,
sem avisar os seus amigos, com o desejo de lhes evitar emoções, tomando
uma carruagem que tinha mandado preparar secretamente fora da
cidade.

A sua viagem de comboio foi acompanhada de contínuas manifestações de afecto. Em Verona, esperavam-no as representações oficiais do Cabido, da Cúria e dos párocos de Mântua.

A chegada à nossa estação foi apoteótica. Entre as atenções dos sacerdotes e dos fiéis, Monsenhor Sarto subiu para a carruagem do Senador Bagno, colocada à frente de um longo cortejo de carruagens com as famílias mais nobres de Mântua. Enquanto se dirigia à Catedral, os sinos de todas as igrejas de Mântua encheram de alegria os espaços. Junto ao portão da Catedral, aguardavam-no os Cónegos e o Seminário em cheio. Depois de recolher ao seu Palácio, o Bispo recebeu os cumprimentos do Abade de Santa Bárbara, dos professores do Seminário, dos párocos da cidade e de grande número de sacerdotes das povoações vizinhas. As associações católicas apresentaram-lhe também o seu testemunho de submissão.

Entretanto, a multidão apinhada na praça, diante do Palácio, gritava estrondosamente: «Queremos ver o nosso Bispo!» O Bispo apareceu no balcão central da fachada, agradeceu com gestos de afecto e, visivelmente comovido, abençoou os seus fiéis diocesanos.

Está anunciada para amanhã, dia 19^o ^{domingo} a entrada oficial do novo Bispo na Catedral. Monsenhor Sarto pregará a sua primeira homilia.

18

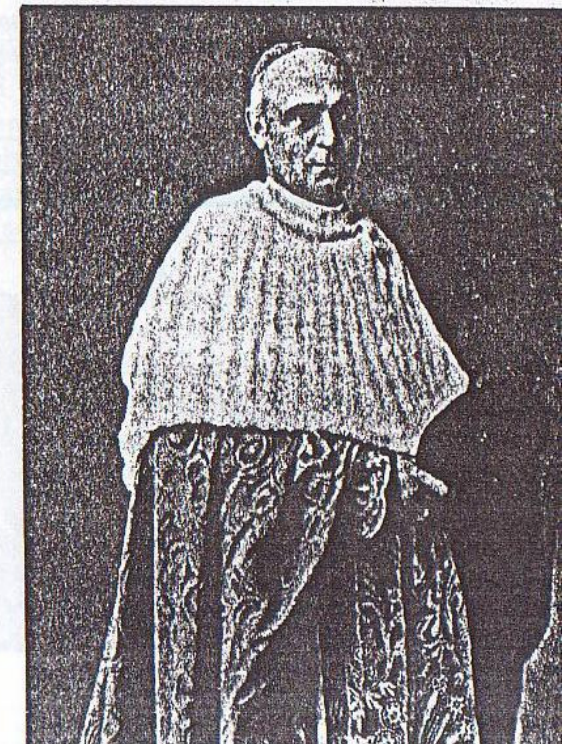
FOTOGRAFIAS «UFFICIO FERRETO». TREVISO.

Ferreto possui uma curiosa galeria de retratos da mesma pessoa: O coadjutor D. Giuseppe Sarto. — O ^{Vicario} Arcipreste Sarto. — Monsenhor Cónego Sarto. — Monsenhor Sarto, Bispo de Mântua.

O Bispo?... Vemos um homem maduro, mas dá-nos uma extraordinária impressão de juventude, como se começasse uma nova vida. Andará pelos cinquenta anos, que se revelam no seu cabelo branco e na sensação de plenitude da sua fronte. Os seus olhos denotam uma vasta ciência acerca das coisas e dos homens. O retrato diz-nos bem claramente que os seus filhos lhe falarão cheios de confiança, sem reservas. E que não hesitarão em lançar-se nos seus braços, porque ele também não tardará em os abrir.



Mariano
CARDEAL RAMPOLLA
del Tindaro



Rafael
CARDEAL MERRY DE VAL



CARDEAL DE LAI
Gaetano



CARDEAL VIVES Y TUTÓ, Capuchinho
Espanhol, residente no Colégio
Espanhol.



CARDEAL FERRARI



CARDEAL MAFFI Pedro, Arce-
bispo de Pisa, nascido em 1858, Cardeal em 1907.

BISPO DE MÂNTUA

1

Nicolau disse-o aquela noite na taberna. Sabia que não acreditariam nele assim de chofre, e por isso não o dizia tão alto nem tão rapidamente como lhe apetecia. Calou-se durante algum tempo, enquanto iam pondo os copos diante de cada um. Os outros, como sempre, enchiam de vinho e de gargalhadas os duros recipientes. Nicolau apertava o seu com a mão, e o charuto com os dentes. Quando todos se tinham instalado, cuspiu a ponta do charuto e desabafou. Brilhava-lhe nos olhos a estupenda maravilha. Disse-a, contou-a.

O Bispo tinha estado com ele na Ponte de São Gregório. O Bispo novo, que há cinco dias chegara de Treviso. Tinha estado com ele, sim senhor, com Nicolau. Tinha um anel grande como a cabeça de um peixe. De resto, vestido como qualquer padre. Perguntara-lhe pelas redes, pela pesca; quis ver os cestos. Falaram durante bastante tempo. Quis saber se pagavam alguma taxa para poderem pescar debaixo da ponte, e a quanto vendiam os peixes.

— Não se riam, não! É um bom homem. Disse-me «até amanhã». Somos amigos. Quem o quiser ver, venha amanhã à ponte. Eram seis horas, pouco mais ou menos, quando ele lá esteve hoje.

No dia seguinte, por volta das seis, o Bispo foi à Ponte de São Jorge falar com Nicolau. Assim lhe foi fácil travar amizade com os pescadores, com a gente humilde de Mântua. Perguntava-lhes pelas famílias, entretinha-se com cada um deles, puxava pelas redes. Os pescadores foram descobrindo que o seu Bispo era filho de um aguazil, que a mãe dele vivia num «paesino» para além de Castelfranco, e que tinha um irmão carteiro na própria cidade de Mântua, próximo da Madonna das

Oraças. Nicolau adquiriu uma certa representação diplomática perante o Bispo, da qual se sentia orgulhoso. Foi um dos pontos de apoio de que Sarto se serviu para penetrar, por simpatia, nos meios humildes de Mântua.

Ali, com efeito, no posto de correio que existe junto do Santuário das Oraças, vivia Ângelo Sarto, irmão do Bispo. O «Signor Angelo» ^{20 anos antes do irmão.} era novo para Mântua, em 1865, como cabo de gendarmes. Ali conhecera Eleanora Silipandri, com quem casou em 1867. ^{havia 18 anos.}

O «Signor Angelo» abandonou o exército e, montou um negócio de comestíveis, inscrevendo-se depois na corporação dos Correios. Foi esse o seu destino definitivo. Teve cinco filhos, que foram morrendo um após outro, ainda muito novos. Quando seu irmão já era Patriarca de Veneza, morreu também Eleanora. Ângelo continuou à frente do seu posto de correio, diligente e elogiado, espreitando desde a manhã até à tarde a chegada da diligência, para recolher e entregar o seu correio. A partir de 1903, a gente da rua murmurava:

— É o irmão do Papa.

O «Signor Angelo» parecia ignorar esse aspecto. Para ele, tudo continuava como anteriormente, tudo bom e tudo simples. Era humilde e excelente conversador. A sua casita era clara. Quando Sarto foi eleito Papa, Ângelo escreveu a Roma, perguntando se o clima daquela cidade seria bom para Beppi.

O «Signor Angelo» morreu às onze e meia do dia 9 de Janeiro de 1916. L'Avenir do dia 11 encabeçava a notícia dizendo que fora um homem modesto de alma e simples no convívio.

Em breve o Bispo se tornou popular. Os pobres consideravam-no como algo que lhes pertencia, e contavam uns aos outros que as portas do Palácio estavam sempre abertas, que se podia falar com o Bispo quando algum pescador tinha a mulher doente ou precisava de procurar emprego para o filho.

Um bom homem quis um dia tentar a sorte. Apresentou-se no Palácio com a sua história. Numa das salas encontrou um sacerdote que quis saber o que é que se passava com ele. O homem não reparou que era o próprio Bispo. Expôs as suas mágoas, e no fim perguntou intranquilo se «Sua Ilustríssima lhe prestaria atenção». O seu interlocutor deu-lhe uma palmada nas costas:

— Tem confiança, homem; tem confiança no teu Bispo.

Andava pelas casas e pelas ruas singelamente vestido de preto. Depois, nos dias grandes, os seus pobres amigos alegravam-se vendo-o revestido de roupas ricas e paramentos solenes; alegravam-se como se vissem brilhar alguém da sua própria família. Certa pessoa não pôde um dia dissimular a sua estranheza:

— Excelência, ninguém diria que sois Bispo.

— Porquê?

— Onde estão o peitoral, o anel, a faixa, o solidéu?

— Ora vê: aqui está o anel, aqui está o peitoral — e mostrou-lhos misturados com os papéis que cobriam a mesa.

— E este quarto, que tal achas?

— Não o podia fazer mais pequeno, nem mais baixo, nem...

— E depois?...

E em desordem, como em Treviso, livros sobre a mesa, livros nas cadeiras, livros no chão... Recorda-se, Monsenhor?

2

Essa acertada visão da realidade que Mons. Sarto teve ao chegar à sua sede episcopal, é uma das qualidades que nos levam a considerá-lo como Bispo dos tempos modernos.

Há um conceito feudal do episcopado, que correspondeu justamente à situação social e política das nações europeias em séculos passados. O bispo era, antes de mais nada, objecto de veneração, como representante da mais selecta autoridade, como símbolo da hierarquia espiritual, que estava em íntimo contacto com todas as camadas sociais. Os próprios adversários da Igreja reverenciavam a superioridade episcopal.

O abalo incoercível^{atueis} que abriu o caminho aos tempos modernos, fendeu, entre tantas outras coisas, a veneração popular pelos Prelados. Em muitos lugares, o Bispo passou a ser o símbolo de um estado social ultrapassado, o representante de forças opressoras. Se o não atacavam, no melhor dos casos, mantinham-no segregado no fundo de um palácio com portas de bronze, que se não podiam abrir.

Assim como o pároco tem de conquistar um a um os homens da sua freguesia, atrair o afecto deles para lhes poder ensinar que Deus é bom, assim se desenha a figura do novo Bispo, que, se alguma vez^{vez} veste com esplendor as insígnias refulgentes, procura por outro

lado ganhar um contacto pessoal e humano com os seus diocesanos, com as aldeolas das montanhas e com os grandes prédios da cidade. Um Bispo que deseja conhecer as suas ovelhas e deseja que as suas ovelhas o conheçam a ele. Que se interessa pelo alimento que, para o corpo e para a alma, tomam os seus fiéis. Um Bispo íntimo e acolhedor. Que entra nos palácios e nas choupanas. Um Bispo que faz exclamar aos afastados e aos ressentidos: «Se todos os padres fossem como ele!...»

A verdade é que Monsenhor Sarto teria tido muito mais trabalho em adaptar os seus ossos ao padrão do Bispo feudal. Tòmbolo, Riese, Salzano..., a constante ladainha popular que durante anos recitara, nunca a poderia esquecer.

→ A sua primeira arma, aliada à caridade do coração, que repartia sem medida, foi a caridade do dinheiro. Já vimos atrás como a esmola se apossou do pároco de Salzano. Em Mântua... é um nunca mais acabar de contar.

A senhora Romanin-Jacur — aquela família israelita de quem foi íntimo —, ofereceu-lhe como presente, por ocasião da sua consagração episcopal, um valioso anel pastoral. Pouco tempo depois, visitava o Bispo no Palácio de Mântua. Olhava satisfeita para o anel, que o Bispo pusera propositadamente à vista.

— Veja bem, minha senhora, veja bem. É um pedaço de vidro.

Tinha substituído a pedra por outra falsa. Via-se que o diamante tinha sido acometido de amores «alpinistas».

O seu Secretário pretendeu indeferir determinado requerimento, alegando que satisfazê-lo naquelas circunstâncias seria abrir um rasgão nos costumes estabelecidos. O Bispo, fazendo um jogo de palavras com o seu apelido Sarto, que em italiano significa alfaiate, respondeu:

— Lá isso do rasgão é comigo. Se por causa de uma obra de caridade não fosse capaz de remendar um rasgão, seria um péssimo alfaiate.

Abundavam em Mântua os judeus, que dominavam a pulso de ferro o comércio e as finanças da cidade. Os seus métodos de usura sofreram uma grave crise na época de Sarto. Mas o Bispo desenvolveu uma arte tão subtil na luta empreendida, que os próprios judeus reconheciam, encantados, a elevação com que ele procedia:

— Monsenhor Sarto tem um coração tão grande...

Essa orientação, de aproximação e de inteiro serviço em prol dos necessitados, conquistou-lhe as simpatias dos poderosos. Não inte-

ressava ao Bispo uma amizade com eles por conveniência pessoal. Queria-lhes como a filhos, e como a filhos lhes mostrava o caminho que deviam seguir, para merecerem de Deus a recompensa de uma vida feliz. É maravilhoso aquele retrato de um Bispo que sorri enquanto recebe do rico a esmola que, com o mesmo sorriso, vai depositar nas mãos do pobre. Em várias ocasiões o livraram de dificuldades.

Bastavam cem liras para se resolver o problema urgente de certa família necessitada. O Bispo sentia-se um pouco triste, porque a sua bolsa estava vazia — nem sequer havia cem liras na caixa do Bispo! — e não queria faltar à sua gente.

— Entre.

— Foi Deus que a trouxe aqui, Senhora Marquesa... Não sabia como resolver...

Sobraram-lhe novecentas liras, e ficou satisfeitiíssimo.

Nunca a porta do Bispo se fechou para quem quer que fosse. Todos acudiam a ele. Afável sempre, e tanto mais afável quanto maior era a necessidade ou a angústia dos seus filhos. Esta opinião foi pouco a pouco confirmada pela experiência popular. Das visitas que se faziam ao Bispo saía-se sempre a sorrir. A não ser que se tivesse cometido alguma falta grave. Mas mesmo então, depois das palavras duras — que as havia — vinha o rebufado.

O talento pastoral de Monsenhor Sarto revela-se na cuidadosa tática com que trabalhou nos seus anos de Mântua. Alguns poderão pensar que o Bispo se dava excessivamente, sem peso nem medida. Ter-se-ia esgotado amparando momentaneamente o estado espiritual da diocese. Mas não era disso que Mântua necessitava mais urgentemente. Precisava, sim, duma acção inteligente, que atacasse o mal pela raiz.

Mântua era uma cidade difícil. Guerreira pela história, pelo temperamento e pelo aspecto, começava a sentir o tédio das pessoas conflituosas que não encontram com quem brigar. Todo o norte da Itália, em tensão permanente nos últimos anos pelas lutas com a Áustria, até obter a sua definitiva incorporação na nova Itália, amolecera numa paz sem glória. Mântua, cidade feudal de guerras, de cercos, de litígios e de sonhos imperiais, desembocava na Idade Contemporânea

sem ter tido o cuidado de ordenar com exactidão as suas possibilidades sociais. A miséria espreitava-a. Pobre de recursos, abandonada a província pouco restava à cidade do rumor das abelhas virgilianas.

A isso acrescenatrat-se nos últimos tempos a escassês do clero. E como se ainda não fosse bastante, a fraca preparação dos poucos numerosos sacerdotes: o seminário diocesano, por mil motivos, estivera encerrado durante muitos anos. O Bispo antecessor de Sarto, graças a um supremo esforço, abria-o para que ali pudessem estudar os seus seminaristas, sem se verem forçados a mendigar a entrada noutros seminários. Chegaram-lhe as forças para conseguir abri-lo, e bastante fez com isso. Mas deixara-o sem estrutura nem vigor.

Paróquias sem pároco, campos sem cultura, famílias sem pão. A usura nas lojas, a fome nas choupanas. Em conjunto, uma atmosfera liberaloide que empestava, facto insuportável na cabeça dura dos mantuanos, cavaleiros andantes caldos na indigência.

Era difícil prognosticar se o novo Bispo teria de se apoiar mais no vigor do que na paciência. Astuto, santamente astuto teria ele de ser, para não tropeçar. Com essa astúcia invencível que nasce da bondade não abastardada. Dizem que Leão XIII, um pouco curtido por experiências anteriores, exclamara quando Sarto partia de Roma a caminho de Mântua:

— Se os mantuanos não amarem o seu novo Bispo, nunca amarão ninguém.

O olhar do Bispo enfrentou o problema decisivo: o dos seus sacerdotes. Era necessário procurar rapazes sãos, eficazmente preparados nos anos de seminário, distribuí-los pela diocese muito em contacto com o seu Bispo; empreendi uma tarefa em conjunto que elevasse o nível espiritual da região. Este plano implicaria não poucos anos de trabalho e abundantes fadigas. Mas o nosso Bispo não era homem para recuar perante essa perspectiva.

Procurou convencer os sacerdotes de que os pensamentos e as esperanças do Bispo estavam neles; que desde o primeiro momento lhe mereciam toda a confiança, que confiava neles sem reservas; que conhecia as dificuldades com que os seus trabalhos apostólicos tropeçavam naquele ambiente hostil. No Palácio havia alegria quando os sacerdotes vinham das aldeias visitar o seu Bispo. Entretinha-se com eles, escutava os relatos das suas penas, acarinhava-os. As entrevistas costumavam concluir com o convite do Bispo para que o sacerdote almoçasse com ele. Estes desculpavam-se confusos, mas o Bispo insistia,

e juntos dirigiam-se para a mesa... Frugal, sem dúvida, mas a conversa amena e a confiança do Bispo tornavam-na muito saborosa.

Em breve, as conversas com os seus padres despertaram no Bispo o desejo de percorrer a diocese. Queria estar com eles em cada aldeia, visitar as suas igrejas, conhecer a gente do campo... A terrível tentação de Sarto: misturar-se com a gente, andar no meio do povo. Era, ao mesmo tempo, o modo de conhecer cada um dos padres no seu ambiente, e de poder exigir uma reforma ou dar um conselho a quem dele necessitasse. *Apenas 1 ano e 4 meses após chegar a Mântua.*

No dia 18 de Agosto de 1886 anunciou a visita pastoral. Cumpriria com a sua obrigação de pastor e disfrutaria o prazer de conhecer todos os seus filhos: «E não tereis melhor maneira de me corresponder do que vindo ao meu encontro, falando comigo pessoalmente, para dar lugar à comunicação de afectos: abraçar os meus filhos, conhecer as suas necessidades, enxugar as suas lágrimas e diminuir as suas angústias».

Possuía uma experiência preciosa no referente a faltas de dinheiro; recebera como pároco a visita pastoral do Bispo; e por isso lhe era fácil colocar-se agora na situação psicológica dos sacerdotes que o iam receber. Não iria fiscalizar, mas apenas levar uma mensagem de confiança e optimismo. Quanto a despesas e festejos, o seu desejo foi terminante: «Saiba cada pároco que, compartilhando com ele a sua comida de todos os dias, me sentirei à vontade em sua casa». Não queria bandas nem festejos: «Chegarei pela manhã cedo e desejo encontrar os fiéis na igreja, preparando-se para receberem a Comunhão. Será essa a melhor maneira de me receberem. E a melhor festa, a de encontrar confiança, simplicidade, corações abertos, rostos serenos e respeito para quem traz a bênção do Senhor».

Pouco amigo de palavras vãs, Monsenhor Sarto cumpriu exactamente o seu programa. Chegava a uma aldeia de madrugada, entrava na igreja e sentava-se num confessionário, para ajudar o pároco na preparação dos fiéis. Passava o dia com a gente da terra, entrava nas casas, explicava o catecismo, visitava os enfermos. *Queriam conhecer os que viviam tibiamente a fé do baptismo?* *Quer queriam quer não, eles mesmos* chamarei os transviados, procurarei os perdidos. Se ao procurá-los me ferirem os espinhos da selva, entrarei pelos caminhos mais estreitos, andarei por todas as sendas e, com toda a força que Deus me der, chamarei e procurarei o transviado».

Admitiu na visita todas as informações que lhe pudessem dar uma visão exacta dos problemas. Mas em forma directa, sem anónimos nem insinuações tolas. À sua alma nobre repugnava a vileza da calúnia.

No plano architectado pelo Bispo, a solução total devia ser procurada nas futuras gerações sacerdotais. Na sua primeira carta pastoral, afirmou que o Seminário seria o objecto capital das suas preocupações. E teve muito com que se entreter.

Bastará citar um facto entre muitos outros: foi encontrar como Reitor do Seminário um homem tão amigo do vinho que os seminaristas o viam constantemente em atitude pouco exemplar. Nunca cuidara de rezar com eles, não os recebia uma única vez durante o ano, e de noite encontrava-se geralmente embriagado.

O Bispo viu-se em sérias dificuldades. Desejava substituir integralmente o pessoal do Seminário, começando pelo Reitor. Queria mudar de professores, reformar o plano dos estudos e completar as cadeiras. Para tudo isso, precisava de pessoal e de dinheiro. Nem um nem outro estavam ao seu alcance. Sabia perfeitamente que a penúria limita as forças do sacerdote; que se não pode exigir aos párocos da cidade, mal retribuídos, um esforço para o qual não estão preparados. Pobre Bispo! Que iria ele fazer com o Seminário?

Ponderou seriamente a situação. Resolveu não demitir o Reitor e intervir ele próprio na marcha do horário, das aulas, da vida de piedade dos seminaristas. Entretanto, iria preparando gente nova, escolheria alguns sacerdotes que deveriam completar os seus estudos em Roma. Se algum professor faltava, o Bispo regia a cadeira; se surgiam dificuldades disciplinares, tratava de as solucionar pessoalmente. Presidia aos exames, seleccionava os novos candidatos. Ensinou canto gregoriano, e, durante muito tempo, teologia moral. Nos últimos anos da sua permanência em Mântua, licenciou o Reitor e assumiu pessoalmente a direcção do Seminário.

Solicitou o apoio económico dos fiéis. A sua carta de 7 de Julho de 1885 é emocionante: «No Seminário estão concentradas as minhas maiores preocupações. É essa a obra mais digna de um Bispo». Fazia-lhes ver a tristeza de um Prelado que lhes queria tanto, e que tanto desejava enviar a todas as aldeias sacerdotes bons, quando recebia solicitações nesse sentido e as não podia atender por falta de clero. Lembrava-lhes como era amargo ter de permitir que sacerdotes de idade se matassem em trabalhos que já não eram compatíveis com as

suas forças depauperadas. Entretanto, o Seminário, por falta de recursos, não podia receber os jovens melhor dispostos para o sacerdócio. Era necessário reunir dinheiro. Pedia-o aos pobres e aos ricos. Aos pobres dizia: «Sei que o vosso dinheiro é escasso. Mas sois muitos. Grão a grão se enchem os celeiros; as gotas de água concentradas produzem as nuvens; muitas notas reunidas compõem harmonias admiráveis. Deus abençoou o vosso donativo aoabençoar a pobre esmola da viúva». E aos ricos lembrava: «Antigamente, também as famílias ricas se orgulhavam de entregar os seus filhos ao Santuário; mas parece que agora Deus só bate à porta das pobres cabanas. Quem de entre vós, se recusará a contribuir pelo menos com o dinheiro que Deus vos deu?»

Confiava aos sacerdotes o bom êxito da campanha: «Amai o Seminário. Isso será o suficiente para que o vosso Bispo faça milagres». Dava-lhes normas concretas para organizarem as comissões paroquiais a favor do Seminário, as colectas em géneros, as pregações sobre o tema, as oferendas em momentos especiais da vida paroquial. Não queria ouvir mais lamentações nem vozes agoirentas: rapidez e eficácia.

As colheitas daquele ano não foram boas, o que limitou o impulso inicial. Mas a consciência estava criada, e os anos que se seguiram deram frutos esplêndidos. O Bispo revia o quadro das pensões e a concessão de bolsas. Queria que todas as famílias pagassem parte das despesas do filho seminarista, para que dessa forma apreciassem melhor o benefício. Alegrava-se-lhe a alma ao ver crescer a planta regada com tanto mimo: «Este ano tenho 147 alunos com um apetite terrível. Seriam capazes de comer pregos e digerir o ferro. Antes assim, porque a Providência não nos há-de faltar. Importa apenas que o Senhor lhes abençoe a alma e o corpo, e que o diabo se não meta de permeio».

Um dos alunos deixou escritas as suas impressões sobre o Prelado. Amava-os com loucura. Exigia-lhes muito. Queria que fossem o fermento para a nova diocese com que sonhava... Distraía-os e alegrava-os com os seus ditos. Era inexorável com os vaidosos. Nos exames, divertia-se desconcertando-os, fazendo-os perderem-se em deliciosos labirintos. Tomou a sério as aulas de moral, dando-lhes sentido prático e mostrando-se experiente, arguto. Estudavam muito, e ele exigia-lhes reflexão. Conhecia-os intimamente a todos... E todos sabiam que ocupavam as fibras mais delicadas daquele coração gigantesco.

sinfonias

Apenas 30 dias após
sua chegada em Mântua.

Por isso a partida do Bispo, quando deixou a diocese, foi chorada por eles e por ele próprio. O Seminário ficava convertido numa instituição exemplar, com superiores renovados e escolhidos, com um Reitor bem preparado. O quadro dos estudos era consciencioso, e a base económica estava garantida.

4

Em Março de 1886, o Bispo interrompeu por algum tempo a visita pastoral, para celebrar as festas centenárias de Santo Anselmo — Bispo de Lucca e de Mântua nos tempos de Gregório VII, defensor intrépido dos direitos do Papa — patrono da diocese. O corpo do Santo, enterrado na Catedral, recebeu as homenagens de oito séculos, «que encontraram — dizia o Bispo Sarto nas vésperas da solenidade — dentro dos mármore do sepulcro, não apenas cinzas e ossos, mas também a alma, o espírito de protecção...»

A comissão das festas, a colecta para cobrir as despesas, a ordem do tríduo que reuniu em Mântua um grupo nutrido de Bispos presididos pelo Cardeal Agostini, Patriarca de Veneza, as conferências preparatórias, tudo foi dirigido pelo Bispo e realizado sob o seu controlo imediato. As festas constituíram um sucesso de organização e de esplendor. Todos se regozijaram. Também Monsenhor Sarto, embora um pouco fatigado. Deus sabe onde teria dormido naquelas noites, em que os aposentos do palácio estavam ocupados por outros Prelados. Mas esses pequenos pormenores não constituíam problema para ele, e eram silenciosamente subordinados ao bom êxito de qualquer empreendimento.

O Bispo de Mântua percorria implacavelmente todas as etapas. Concluiu a visita pastoral. Já conhecia os seus padres, a situação espiritual da diocese, os vícios, as virtudes, as possibilidades. Tomara o pulso à sua gente. Podia pensar no diagnóstico e num plano de acção eficaz.

Reuniria na Catedral todos os sacerdotes da diocese. Juntos rezariam ao Pai que ilumina e dá forças. Juntos recordariam a unção das mãos que os haviam consagrado ao serviço infatigável das almas. Juntos traçariam o plano de acção conjunta e cobriam ânimo para o trabalho.

Com estas intenções, convocou Monsenhor Sarto, no dia 16 de Fevereiro de 1887, o Sínodo Diocesano, espécie de assembleia dos trabalhadores da vinha de Cristo. Havia duzentos anos que o clero se

Empreendeu,
em agosto.

Apenas 1 ano e 10 meses
após chegar.

não reunia com esse fim na Diocese de Mântua. Sarto queria ouvir os seus sacerdotes, que em velho contacto com as aldeias conheciam bem os padecimentos e os remédios. Designou o tema que os padres de cada arciprestado deviam estudar e discutir juntos. Os relatórios seriam enviados à Cúria episcopal, que os passaria às respectivas comissões para um consciencioso estudo prévio.

No dia 10 de Setembro de 1888, ^{segunda-feira,} pelas oito horas da manhã, os mantuanos contemplaram atónitos uma longa procissão de 200 sacerdotes, que do Palácio se dirigia à Catedral. O Bispo celebrou missa de Pontifical. Explicou ao povo concentrado nas naves da grande igreja os motivos por que estavam ali congregados quase todos os sacerdotes da diocese. Acabada a missa, os fiéis abandonaram a Catedral, e o Sínodo iniciou os seus trabalhos.

Durante os três dias que durou aquela reunião, os sacerdotes ouviram a palavra ardente do seu Bispo, que lhes falava de zelo, de concórdia, de unidade. Um telegrama do Cardeal Rampolla transmitia a bênção especial do Santo Padre.

O Bispo submeteu ao estudo dos seus sacerdotes todos os problemas concretos da diocese, e para todos eles pediu, não brilhantes teorias, mas soluções possíveis e directas. Detestava as leis empoladas, que nascem já mortas. Não lhe interessava escrever um bonito volume que decorasse as prateleiras das bibliotecas, mas sim dispor de um código sensato, que coordenasse os pontos de vista e estabelecesse as normas para um trabalho imediato. Revendo os pontos mais destacados do Sínodo mantuano de 1888, pensamos na história daquele Bispo, que dia a dia foi conhecendo em primeira mão as preocupações pastorais: imprensa, relações dos católicos com os inúmeros hebreus de Mântua, colégios, seitas, blasfémias, obras missionárias, associações católicas... E sobretudo catecismo, como preocupação capital, como urgência inadiável. O ensino das verdades da fé, dos mandamentos divinos, das fontes da graça às crianças e aos adultos. Que todos os párocos estabelecessem e cultivassem a Congregação da Doutrina Cristã. Que na Quaresma e no Advento proporcionassem catequese diária às crianças de primeira confissão e primeira comunhão. Que os párocos se sentissem gravemente obrigados a dá-la, e os pais a vigiarem a assistência dos seus filhos. E não poderia ser absolvido quem descuidasse essa gravíssima obrigação.

Mais orientações? Nas igrejas da diocese de Mântua, queria o Bispo que os seus sacerdotes se preocupassem com a dignidade da

música. Queria música sagrada; que fossem suprimidos os alvoroços indignos.

Pedia também desprendimento aos seus padres. Que se mantivessem sempre acima dos liames do dinheiro. Que a sua esmola aos pobres, quando morressem, fosse um funeral digno.

Foram grandes os suores do Bispo pelo êxito do Sínodo. Mas pôde escrever, cheio de satisfação, a um amigo de Treviso:

«Garanto-lhe que dei um longo suspiro e cantei um desses *Te Deum* que fazem época... Trabalhei muito, usando de todas as delicadezas possíveis, sem poupar sacrifícios nem dinheiro. Consegui agrupar os meus sacerdotes em torno de mim. Devo prestar homenagem à verdade. Com a sua presença, com o seu porte e a sua docilidade, deram-me a mais bela das satisfações».

procedimento

5

Será necessário dizer que Monsenhor Sarto, Bispo de Mântua, estudava durante as noites?

→ Deitava-se muito tarde, passada à meia-noite, dominado pela fervorosa dedicação ao estudo.

A «soneca» do costume em anos anteriores bastava-lhe: às cinco da manhã estava celebrando a Santa Missa. Concluía as suas orações e descia à Catedral, onde se sentava durante longas horas no confessional. Regressando ao Palácio, tomava como primeira refeição uma grande chávena de café. Rezava o breviário e ocupava-se dos múltiplos assuntos que lhe enchiam o pensamento. Recebia as visitas a qualquer hora, sem mostrar cansaço. Pelas onze horas, costumava fazer uma visita rápida à cozinha, onde tomava um pouco de vinho branco. Continuava a trabalhar até às duas menos um quarto, hora do almoço: a «menestra» (1) italiana e um pouco de carne; como sobre-mesa, queijo. Um pouco de vinho, porque a água de Mântua não é potável, e, como ele dizia, devia ser usada «para lavar». Se tinha algum convidado à mesa, entretinha-o com algumas anedotas. Costumava descansar depois um pouco, mas sem chegar a adormecer.

Recomeçava o trabalho antes das quatro horas. A meio da tarde,

(1) Sopa popular italiana forte e saborosa, que em muitíssimos lares constitui o único prato da refeição (N. do T.).

140 Se «uma grande chávena de café» e «um pouco de vinho branco» desde antes das 5 da madrugada até às «duas menos um quarto»?

safa para visitas, fazendo alguma especial, se a tinha no seu programa. Se não, visitava o Hospício, o Hospital. Também se dirigia com frequência à ponte de São Jorge, para passar algum tempo com Nicolau e os seus amigos pescadores. De noite rezava o terço com as suas irmãs, jantava frugalmente e... começava a estudar.

Este programa tão simples, frequentemente alterado pelas saídas a que o obrigavam as visitas ou os negócios extraordinários, deve o leitor enquadrá-lo num ambiente de pressa, de urgência. Os projectos pisavam os calcanhares uns dos outros. O tempo multiplicava as coisas em que pensar. Monsenhor apertava os minutos de cada uma das suas horas, para reunir na rápida sucessão dos dias os seus afazeres. No momento oportuno metia mãos à obra, sem considerar previamente se a ocupação a que se ia entregar era ou não compatível com a dignidade do seu cargo. Suas irmãs surpreenderam-no várias vezes na cozinha, preparando uma refeição para qualquer mendigo ou para um amigo que por ali passava apressadamente.

Uma manhã, como tantas outras, o Bispo de Mântua trabalhava debruçado sobre a sua mesa. Suas irmãs estavam na missa. Uma voz perguntou à porta:

— Pode-se entrar?

— Faça o favor.

O jovem forasteiro pediu desculpa. Não encontrara nenhum porteiro à entrada e continuara por ali dentro. Chamava-se Monsenhor Aquiles Ratti, e vinha de Milão, para compulsar determinados trabalhos no arquivo episcopal de Mântua.

— Talvez não tenha ainda celebrado a sua missa, Monsenhor? — perguntou o Bispo.

— Sim, celebrei-a na Catedral.

— Nesse caso, aceitará uma chávena de café.

Saiu do gabinete chamando por suas irmãs. Ainda não tinham regressado.

— Não faz mal. Vamos nós tratar do caso.

Desceram juntos à cozinha, e o Bispo de Mântua, futuro Pio X, preparou o pequeno almoço de Monsenhor Aquiles Ratti, conhecido na história como Pio XI.

Esta simplicidade do Bispo criava situações embaraçosas aos seus amigos. Um dia, estando também ausentes suas irmãs, preparou ele próprio uma refeição frugal para dois professores que tinham chegado de Bérghamo com o fim de organizarem umas peregrinações a Casti-

glione, aldeia natal de São Luís. Pediu-lhes desculpa de não lhes pôr a toalha sobre a mesa, porque não conseguira encontrá-la. De outra vez, já Cardeal, ajudou à missa o seu amigo, o padre Agnoletti, de Treviso. Este tentou impedi-lo.

— Deixa-me cá. Julgas que um Bispo da minha categoria não sabe ajudar à missa? Em fraca conta tens os Cardeais!

Mas houve ocasiões, em que o Bispo de Mântua teve de lançar mão das suas reservas de bom-humor, para se não deixar vencer pelos dissabores — os quais abundavam, como o leitor pode adivinhar, dado o estado em que encontrou a diocese. Para Sarto, a vida não escondeu muitos segredos. A ideia do muito que os outros sofriam consolava-o nas suas amarguras. «Se víssemos erguidas num prado — dizia — as cruzes de todos os homens, cada qual iria imediatamente pegar na que lhe tocou neste momento».

Sabia esperar. Não pretendeu transformar de um dia para o outro o estado da diocese. O seu plano era eficaz, e as coisas eficazes exigem perseverança, solidez. Calúnias, fadiga, incompreensão, tudo superava com um gesto de bom-humor. Só perante a deslealdade dos seus, dos seus amados sacerdotes, é que desanimava. As coisas ligeiras applicava remédios picantes. Um certo padre da cidade, que gostava de se levantar muito tarde, e que se espreguiçava na cama enquanto os fiéis esperavam na igreja, desceu um dia todo sonolento ao templo, como era seu hábito, e ficou atónito esfregando os olhos. O Bispo estava no confessionário atendendo os fiéis. Mas Sarto encontrou-se perante casos mais graves, perantes deserções irremediáveis. Nesses casos, o sacerdote era perseguido pela oração e pelas lágrimas do seu Bispo, angustiado pela apostasia dos anjos da luz.

Uma noite, jantava na companhia de seu sobrinho João Baptista, que o viera visitar. Bateram apressadamente à porta. Pediam a assistência do Bispo para um sacerdote moribundo. Era um dos castigados com «suspensão», devido à sua má conduta. O Bispo chegou a tempo de lhe dar um abraço: foi o pórtico para os últimos sacramentos.

Os pródigos viam repetir-se a história do bom pai de família. Aca-riciava-os, confiava-lhes as suas amarguras: «Fizeste-me trabalhar tanto... Mas enfim, tudo foi bem empregado».

Um liberaloide à moda da época difundiu por Mântua um folheto de asquerosas insinuações em torno da pessoa do Bispo. Soube-se o

seu nome. O público indignou-se e pediu ao Bispo que o levasse aos tribunais.

— «...Precisa mais de orações que de castigos». Pouco tempo depois, o desgraçado, um comerciante, viu-se a contas com um revés da fortuna. O primeiro auxílio chegou-lhe das mãos do Bispo.

— Não lhe digam quem é que lhe manda o dinheiro. Se o perguntar, respondam-lhe que foi a Virgem Auxiliadora.

Venceu na hora decisiva a inimizade de muitos infelizes. Certo professor materialista do Instituto de Mântua estava a ponto de partir para o outro mundo. Na cidade corriam vozes afirmando que o homem morreria impenitente. Mas o Bispo não descansava. E por fim, enviou um recado ao enfermo perguntando-lhe se aceitava uma visita do «amigo Sarto». O professor sentiu-se comovido com aquela cortesia e respondeu que o esperava. Veio o «amigo Sarto». No dia seguinte, toda a cidade comentava os pormenores da morte cristã do professor.

Quando soube que Jacinto Gallina, ^{ou ator?} autor teatral que se proclamava ateu, estava em perigo de vida, apresentou-se em sua casa. Em torno do moribundo, os seus confrades montaram um cerco que impediu a passagem do Bispo. Foi um dos momentos mais dolorosos que passou Mântua.

As autoridades civis não tiveram tempo para adoptar uma atitude rígida em relação a Monsenhor Sarto. Conquistou-as com finíssima gentileza: enviou-lhes uma atenciosa saudação antes de chegar, ofereceu-lhes incondicionalmente os seus respeitos, deu por assente uma atitude de benevolência que os outros se viram obrigados a assumir. Por isso, foram mais eficazes os seus protestos, que formulava sempre que havia motivos de fricção. Os inimigos sabiam que Monsenhor Sarto, tão bondoso, tão benigno, era um adversário poderoso, que não deixava passar o menor movimento mal intencionado e estava sempre disposto a desmascarar a maldade, sem temor às consequências. Tiveram ressonância em toda a Itália os seus protestos contra o projecto de lei a favor do divórcio, e contra os atentados à dignidade do culto.

Os municípios da Itália celebraram com pompa o aniversário de Humberto I. A ilustre comissão de festejos de Mântua pensou em ampliar a festa organizando um *Te Deum* na Catedral e um acto na sinagoga dos israelistas, que eram numerosos na cidade. O rabino ufanou-se com a categoria que lhe concediam, em igualdade com o Bispo. Mas este julgou que a seriedade da religião ficava compromete-

tida e cortou o mal pela raiz, desautorizando o programa. Os próprios judeus, para com os quais tivera sempre atenções delicadas, compreenderam que a razão estava do seu lado.

Era muito correcto e gentil com a aristocracia mantuana, elemento que era necessário ter em conta, naquela cidade altaneira. Os aristocratas estimavam-no e manifestavam-lhe o seu afecto, proporcionando-lhe os subsídios necessários para as suas peregrinações entre os amigos da ponte de São Jorge.

6

Quatro anos em Mântua envelheceram um pouco o Bispo. Mas a sua tenacidade mantinha-se firme, pois era preciso dar o novo passo previsto no plano pastoral. O Sínodo do ano anterior pusera armas eficazes nas mãos do clero. O Bispo já não podia dormir tranquilo, sem ver como se conduziam nas lides os seus sacerdotes. Nos fins de Maio de 1889, anunciou a sua segunda visita pastoral. A primeira fora uma visita de cortesia e o preâmbulo para o Sínodo. Esta seria a definitiva na organização apostólica da diocese. O Bispo e cada um dos párocos examinariam à luz da experiência a eficácia do Sínodo. E ele aproveitaria a oportunidade para os felicitar, para os orientar, para lhes exigir.

«Uma nova fadiga para vós e para mim. Mas, porventura abraçamos nós o sacerdócio para procurarmos uma vida cómoda? É preciso trabalhar com firmeza; é esse o nosso primeiro dever. A Igreja chama-se vinha, campo, edifício, milícia... A coisa é bem clara: «sacerdote» lembra o mesmo que homem obrigado à fadiga». A sua segunda visita teve em vista um objectivo principal: o ensino paroquial do catecismo. Abriu um concurso que premiaria os estudos mais acertados na orientação da catequese paroquial. Antecipou a notícia de que esse seria o objecto exclusivo do próximo Sínodo, que pensava celebrar em 1894. Mas essa data ficava fora do alcance dos seus nove anos de Bispo.

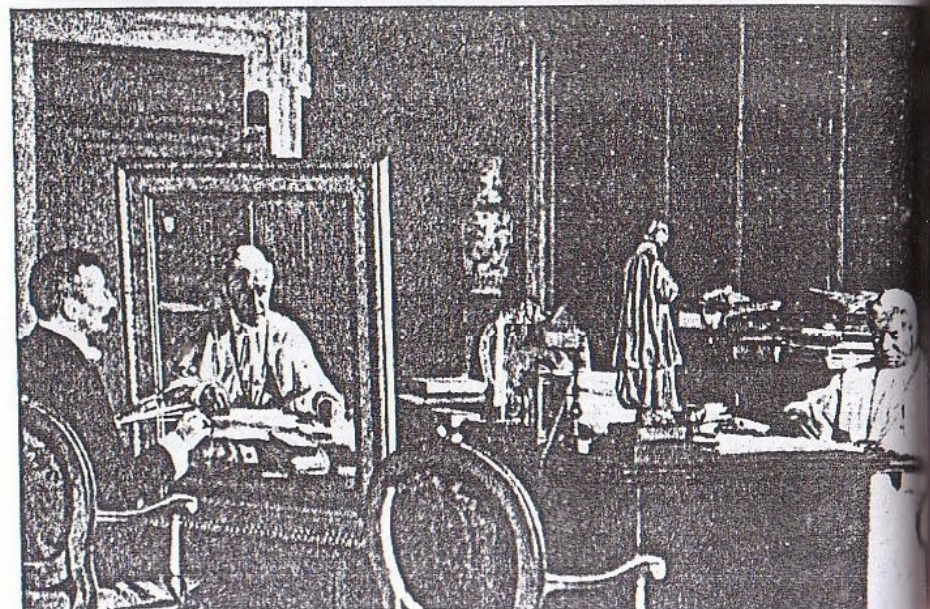
Não estava concluída a visita, e já o Bispo se entregara em cheio a umas intensíssimas jornadas pastorais: o terceiro centenário de São Luís Gonzaga. Repetiram-se as solenidades das festas de Santo Anselmo: pontificaes, procissões, assembleias. Castiglione brilhou aos olhos da juventude com atraente beleza. O Bispo escreveu uma pastoral inteiramente dedicada aos jovens e não se pôpou a fadigas.

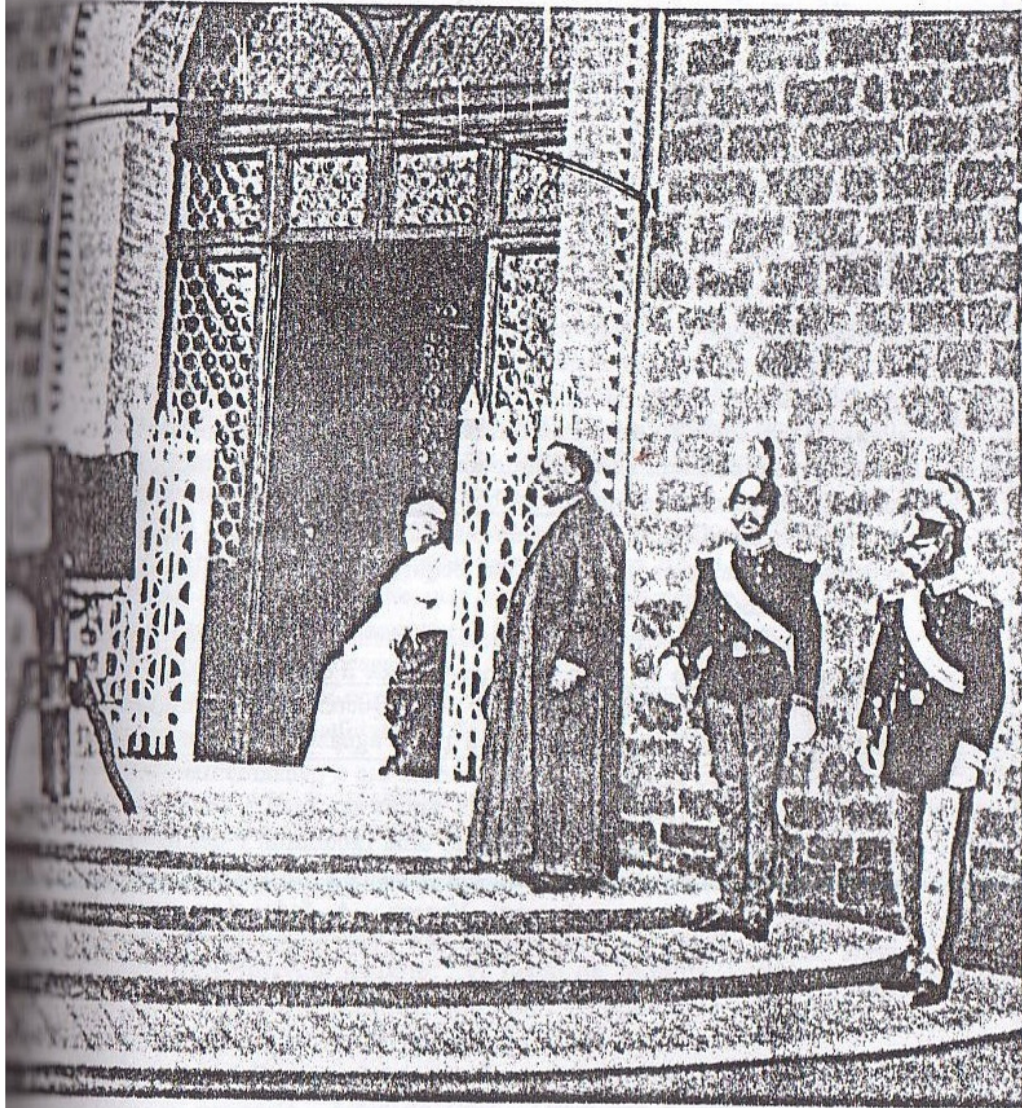
4 anos após
chegar a
Mântua.



ASSINATURA DO A
DO COM A SÉRVIA
LADO DO CARD
MERRY DEL VAL, M
EUGÉNIO PACELI

À SUA MESA DE
BALHO, ENQU
UM PINTOR LI
O RETRAT





PIO X DIANTE DE UM FOTÓGRAFO

Compôs um hino ^{em latim} latino que a imprensa publicou e que concluiu assim:

«Misturai lírios com rosas acesas».

As ambições oratórias do coadjutor de Tómbolo que queria pregar bem, e do pároco que corrigia os seus sermões, adquiriram plenitude em Mântua. O bispo dispunha de uma catedral esplêndida, onde os seus fiéis diocesanos escutavam homilias e sermões. A fama de pregador que D. Beppi conquistara em Treviso alcançou outras províncias, pelo que se via submetido a constantes convites. A sua facúndia adquiriu uma espécie de consagração quando, em Fevereiro de 1893, foi convidado a pregar em Roma um dos três sermões com que se solenizou em S. Lorenzo in Panisperna o jubileu de Leão XIII. Os outros dois foram pregados pelo Bispo de Perugia e pelo Cardeal Parrochi. Quando Sarto desceu do púlpito, os romanos comentavam: *Cardeal Vigário*

— Que bom cardeal se faria dele!

Era perigoso esse desejo quando estavam a atingir o seu termo os nove anos do santo bispo.

Alguns dos sacerdotes de Mântua perguntavam se o bispo não seria um revolucionário. A tensão do seu método pastoral parecia dá-lo a entender. Sarto estudava os problemas a fundo, atento a todas as circunstâncias. Pesava os prós e os contras. Chegado o momento de resolver, acometia-os de frente, sem se perguntar a si próprio se os seus actos podiam quebrar velhas tradições. As suas cartas ao clero abordavam todos os temas pastorais com um delicioso sentido prático. Utilizou inteligentemente a cooperação dos religiosos. Esforçou-se por conseguir uma solução para o doloroso problema dos emigrantes. Estudou os problemas sociais da diocese e promoveu a criação de institutos dedicados ao estudo sereno das condições do trabalho na Itália.

Com os anos, cresce nele a paixão pelo Papa. Procura fazer ^{stear} prender essa chama no coração dos seus seminaristas. Dola-lhe ir a Roma e encontrar ali o ambiente frio dos fins do século passado: «O inferno empenhou-se em paganizar também esta pobre cidade». As visitas ao Papa comoviam-no e reconfortavam-no. Estava certo de que não se havia de gastar enquanto pudesse de vez em quando ir deixar naquele abraço todas as suas melancolias.

Na tarde de 25 de Maio de 1894, um jovem clérigo beijou pela primeira vez o anel pastoral de Sarto, que atravessava a praça da Catedral a caminho do Palácio. Lourenço Perosi nunca mais se esqueceu desse encontro.

de 22 anos
1872 - 1956. 84 anos.
Compositor galego italiano.
Diretor musical da Capela Sistina,
de 1898 a 1915.

Publicado em
www.leiturascatolicas.com

PRÍNCIPE DA CIDADE ENCANTADA

Este capítulo da nossa história tem o ar de um conto de fadas.

Repete o poema do menino pobre, do menino aldeão, que numa manhã fresca se perdeu na espessura do bosque e andou, andou pisando silvas, procurando o sol, sem se atrever a gritar, com medo das feras. Vencido pelo cansaço, caiu desamparado ao pé de um álamo. Ador-meceu. Os gnomos levam-no em bolandas, a fada boa veste-o de luz, de nácar e damasco, o rei nomeia-o seu herdeiro e senta-o num trono carmesim, onde os capitães lhe vêm beijar os pés.

É a história do príncipe azul.

Beppi Sarto poderia ter-se perdido numa manhã fria, quando madrugava antes do sol para não chegar tarde à escola de Castelfranco. Os gnomos e a fada brincam com ele. Querem fazê-lo esquecer... Mas ele lembra-se sempre de que seu pai é aguazil em Riese e de que Beppi é o filho do aguazil. A fada acaricia-lhe o pensamento. Ora vê. Tocou com a varinha no meio das águas do mar. Uma bola de espuma começa a inchar. Incha como uma montanha e desfaz-se logo em mil cores, em praças e em ruas, em palácios e em pontes. À cidade do milagre, os gnomos chamam Veneza. A fada ri-se, enquanto veste Beppi de púrpura. Dar-lhe-á por trono uma gôndola. Beppi subirá para ela como quem sobe para o dorso de um cisne.

1

31 de Dezembro de 1891. quinta-feira.

Com o ano, encerrou-se a vida do Cardeal Agostini, Patriarca de Veneza.

A sua morte marca o começo de uma das etapas mais laboriosas das relações do pontificado de Leão XIII com o governo italiano.

Dissemos no capítulo I que a diplomacia vaticana ignorava oficialmente a existência em Roma do Governo italiano, usurpador dos poderes Pontifícios e da própria cidade de Roma em tempos de Pio IX. Esta situação difícil prolongou-se até ao pontificado de Pio XI, que a resoluiu em 1929 com o Pacto de Latrão. Entretanto passaram-se Papas, Leão XIII, Pio X e Bento XV, vencendo delicadas complicações que surgiam a cada momento. Se oficialmente as relações não existiam, na prática eram contínuas, e compreende-se que assim fosse porque do Governo italiano dependia a Itália inteira, com toda a sua vida social, económica e política, aspectos dos quais se não pode isolar a vida religiosa de um país. E na Itália menos ainda, dada a compenetração íntima de todos esses aspectos sob o Governo pontifício.

No caso concreto de que nos ocupamos, o Governo italiano dizia-se herdeiro de todos os direitos que a Santa Sé tinha outorgado à república de Veneza em matéria religiosa, ao longo dos séculos anteriores. Vejamos as consequências desse princípio.

Leão XIII ofereceu a Sé Patriarcal de Veneza ao Bispo de Treviso, Monsenhor Apolónio. Numa carta escrita em seu nome pelo auditor pontifício, o Papa pedia-lhe que aceitasse a nomeação.

Monsenhor Apolónio renuncia à honra que lhe oferecem. Está velho para mudar de diocese.

O Vaticano percorreu com o olhar a lista dos bispos do Veneto, para acertar com o candidato à Sé veneziana. Monsenhor Sarto, Bispo de Mântua?

Sarto apressou-se a apresentar os motivos por que achava que devia recusar. Desejava continuar em Mântua. Julgava-se inepto e indigno do Patriarcado, que tinha ligada a si a púrpura cardinalícia.

Em Roma desiludiram-se com aquela dupla renúncia, e o Vaticano deixou adormecer o assunto. O Bispo de Mântua, inicialmente inquieto com a proposta, respirou tranquilo: «Os patriarcados — escrevia — não são bocados para a nossa boca».

Súbitamente, Roma mostrou pressa. Monsenhor Sarto recebeu uma segunda proposta. Maio de 1893. Desta vez, a proposta vinha acompanhada de uma nota oficiosa em que se fazia saber ao Bispo de Mântua que o Santo Padre veria com desagrado uma nova recusa.

Sarto compreendeu. Aceitou e procurou silenciar o facto. Não tinha o menor interesse em que a notícia se propalasse.

Mas a 23 de Maio, ^{terça-feira} *La Voce de la Verità* escrevia: «Julgamos saber de fonte segura que no próximo Consistório, Monsenhor José Sarto, Bispo de Mântua, será promovido à Sé Patriarcal de Veneza».

No dia seguinte, a notícia foi confirmada officiosamente.

O leitor pode percorrer uma ladainha de nomes que começa em Riese, e se vai desfiando em Tómbolo, Salzano, Treviso e Mântua, acendendo em cada um desses lugares pequenos faróis de regozijo e estremecimentos de emoção: Beppi, D. Beppi, D. Giuseppe, Monsenhor, o nosso Bispo... Cardeal!

Monsenhor Sarto foi recebido por Leão XIII no dia 7 de Junho. ^{quarta} Em afável conversa, o Papa manifestou-lhe o seu propósito de o criar Cardeal como Bispo de Mântua, antes de o designar Patriarca de Veneza, a fim de que se revelasse bem claramente que as honras eram tributadas à pessoa do Bispo, como recompensa pelo seu trabalho exemplar.

No Consistório secreto do dia 12 de Junho, ^{segunda-feira} foi proclamado Cardeal. Recebeu as visitas «de calore» no Palácio do Vicariato. No dia 14, ^{quinta} pela tarde, os Cardeais Sarto e Graniello escutaram as palavras alentadoras do Pontífice: «E também a ti, verdadeiro bom pastor do povo...»

Pelos acompanhantes, o Papa soube que ainda vivia a mãe de Sarto: — Vive a vossa mãe? Quanto me alegro!

E ordenou que lhe transmitissem por telegrama uma bênção especial.

Na manhã do dia 15, o Cardeal Sarto devia receber o capelo, na Capela Sistina, depois dos juramentos do ritual. Estava à espera na ante-sala, com o seu secretário, pois, segundo o cerimonial, não devia entrar antes de um determinado momento. Por erro, não o avisaram. Lá dentro, todos aguardavam que ele entrasse. Fora, o Cardeal esperava que o chamassem. Alguém se lembrou de que poderia ter adoecido repentinamente. O Papa mandou chamar o seu médico pessoal, para que fosse ver imediatamente o que é que se passava. O Cardeal viu aproximar-se dele um homem pouco tranquilo, que lhe perguntou como é que se sentia e que o queria auscultar e despir. Olhou para ele com estupefacção. O médico explicou:

— Sou médico de Sua Santidade, e chamaram-me urgentemente para que perguntasse a Vossa Eminência se necessita de alguma coisa.

O Cardeal reparou na confusão. Segundo o seu costume, quis fazer espírito:

— Naturalmente. Podiam trazer-me um copinho de bom vinho?

No dia 21, às seis da tarde, tomou posse do seu título: São Bernardo nas Termas. Pronunciou um belo discurso, declarando sentir-se

profundamente feliz por três motivos: primeiro, porque a sua igreja era uma das que tinham tão próximas recordações de mártires; depois, porque estava confiada a uns monges que rezariam todos os dias pelo seu Cardeal; e finalmente, porque tinha como titular São Bernardo, o Santo da Virgem Maria. Passo a passo, o Cardeal recordou as predilecções de que a Mãe do Céu lhe tinha dado provas.

2

O Sr. Justo aborrece-se porque viemos a Veneza nesta tarde enevoadada. E aborrece-se ainda muito mais quando me atrevo a dizer-lhe que não troco este milagroso postal das lages da praça de São Marcos, banhadas por uma mistura de água e de falsa luz de lanterna, pelas cores maravilhosas do verão no Lido.

Se o leitor for a Veneza no inverno, num dia feio, asfiziado pelo nevoeiro, posso prometer-lhe um quadro inesquecível. Verá como na estação de Mestre o «diretíssimo» se encrespa, afina a testa como o focinho de um gato e abala indómito, perfurando o mistério. Nevoeiro cinzento pela frente, nuvens baixas por cima; no solo, acabou-se a terra: à direita e à esquerda, a água azulada e distante do mar. Não é possível adivinhar em que é que se apoiam os carris. O comboio corre, corre mais do que nunca. O leitor chegará a admitir que vai despertar em Atenas ou nas enseadas de Bizâncio. Mas aí temos a terra outra vez. Veneza. Qualquer pessoa diria que o maquinista nos pregou uma partida, levando-nos a ver o mar, como se se tivesse extraviado. Nessa noite, ao jantar, contará a reacção dos passageiros à sua mulher. E rir-se-ão os dois, porque nos pregaram um susto.

Uns homens amedrontados, que procuravam covas onde esconder as suas cabeças, fizeram nascer Veneza. Pelo norte da Itália trotavam os bárbaros na segunda metade do século v. Átila, visigodos, ostrogodos, saltaram os Alpes, procurando o vale do Pó. Desciam como um vendaval pelo desfiladeiro fácil da espinha dorsal alpina. Os habitantes da terra invadida fugiam em tropel. Aldeias inteiras da Marca Trevisiana levantavam voo e corriam a refugiar-se nas costas pantanosas do Adriático, onde os rios, cansados de uma longa viagem, se desfazem na calma insalubre de mil lagoas. Já andavam a pensar em regressar à terra firme, abandonando aquele refúgio, quando surgiram tempos melhores. Montaram povoados provisórios, misturas de naus e de palafitas. Mas a situação prolongava-se, e nasceu

um esquema de organização político-administrativa. Caça e pesca, exploração do solo, tentativas de navegação. Os imperadores bizantinos estabelecem contactos com a nascente Veneza.

A partir de então, começa uma história ardente, por vezes tenebrosa, como os subterrâneos carcerários do palácio ducal, por vezes brilhante, quando o sol bebe as cores aos mosaicos de São Marcos. Os venezianos lutam, navegam, traficam, roubam colunas e relíquias no Oriente, para embelezar os palácios onde a Sereníssima República administra a justiça e ensina economia. E como ambicionam também prestígio na hierarquia religiosa, trazem o corpo do Evangelista São Marcos, para que seja o vértice da mais fina arquitectura. Atemorizam os restantes estados italianos, travam diálogo com as grandes potências europeias. Certo dia, os canhões imperiais da Espanha desembarcarão perto das lagoas, apontando para as torres de Veneza, sem no entanto pretenderem disparar.

E depois morreram os Doges, apagou-se a Senhoria. Na realidade, Veneza morreu com a morte do último Doge. O que ficou é uma nostalgia e uma recordação de tempos que se foram e não voltarão. Um grande canal, incomparável, com gôndolas amarradas aos postes das casas, como cavalos brancos que esperam que o seu amo lhes salte para a garupa. Homens embuçados com longos capôtes e chapéus cinzentos.

É por isso que Veneza me agrada no inverno, quando a chuva se faz miudinha para caber entre os muros das ruas estreitas, e parece esperar que a cada postigo assome uma cabeça para lhe contar velhos amores dos Doges. O bulício do verão casa-se mal com a angélica alegria dos mosaicos de São Marcos. O festival do cinema é a praia moderníssima embriagam o ambiente estival. Veneza, a sereníssima, é essa Veneza ausente que brilha nos olhos tristes das crianças. Bastante trabalho me custou fazer sorrir uma criança. Depois, uma vez encetada a conversa, disse-me que nascera na Sicília.

3

O Cardeal Sarto regressou de Roma disposto a reunir apressadamente os seus objectos de uso pessoal em Mântua e a liquidar as suas obrigações administrativas. Perdera algum tempo com as sondagens de que fora objecto, e convinha que Veneza recebesse quanto antes o

seu Patriarca. Por parte de Sarto, a demora seria o mais breve possível. Bastava mandar para lá uma semana antes as suas três irmãs, como o fizera em Salzano e em Mântua. Mas certas dificuldades graves vieram desta vez complicar a sua partida.

Mântua recebeu o seu Cardeal-Bispo com invulgar brilhantismo. Desde os seus anos de esplendor que não voltara a ver um dos seus bispos elevado à dignidade cardinalícia. O último a receber essa honra fora Francisco II Gonzaga, trezentos e vinte e oito anos atrás, em 1565. A circular do Cabido convocando os fiéis para a recepção, referia que o Papa quisera manifestar uma delicadeza para com a cidade de Mântua ao exaltar o seu Bispo.

As cinco e meia da tarde do dia 23 de Junho, chegava à estação o comboio, por entre os aplausos populares. O cortejo que conduziu o Cardeal até à Praça do Duomo foi muito mais extenso do que aquele que se tinha formado por ocasião da entrada de Monsenhor Sarto na cidade, como Bispo. Mântua, a difícil, entregara-se àquele bom Pastor que tinha um coração tão grande. Uns assalariados de ofício aventuraram-se a soltar meia dúzia de vivas à liberdade, que soaram como um desafio à Igreja. A multidão abafou-os e esteve a ponto de os linchar. Na Catedral entoou-se um Te Deum, e o Cardeal viu-se depois obrigado a aparecer à varanda do Palácio para abençoar o seu povo.

No dia 24 foi cumprimentado pelas autoridades civis de Mântua. No dia 29 celebrou um Pontifical, e o discurso custou-lhe lágrimas a ele próprio e aos seus ouvintes. Agradeceu aos fiéis mantuanos tanto carinho, prometendo que jamais os havia de esquecer.

Durante os meses seguintes, Sua Eminência visitou igrejas e santuários das regiões vizinhas. Em cada uma das estações era acolhido com fervorosas manifestações de afecto, e em cada confessionário era aguardado por dezenas de pessoas; uma vez lá metido, parava-lhe o relógio, e não sentia apetite nem sono.

Na manhã de 14 de Outubro, partiu para uma viagem excepcional.

Não sei se por acaso à noite os anjos se lembrariam de contar à mãe Margarida as andanças de seu filho. Para ela, Beppi não avançava na escala. Era simplesmente o seu Beppi. De vez em quando vinha visitá-la. Ela compreendia que andava ocupado com as coisas do Pai celestial, e soubera aceitar, com a singela aceitação do silêncio, o sacrifício das ambições que a tinham mantido firme durante os anos duros dos estudos de Beppi. Quando os terminasse, iria viver com o filho... Era o desejo de todas as mães que vão ter um filho sacer-

dote... Mas quantas vezes o Senhor não lhes pede precisamente o sacrifício da separação!

Agora, diziam-lhe que tinham vestido o seu Beppi de púrpura, que o tinham feito cardeal, que no mundo inteiro só havia 72 como ele, e que tinha assento junto do Papa de Roma, coisa que para ela significava quase o mesmo que estar já no céu. Queria vê-lo antes de morrer. Já eram horas de descansar.

No percurso que liga Citadella a Castelfranco, de ambos os lados da via férrea, formaram guarda os homens, as mulheres, os velhos e as crianças de Tômbolo, para saudarem o Cardeal à passagem. O prior tinha-os instruído devidamente. Repetiu-lhes milhares de vezes que ele agora se chamava «Eminência». Mas eles só se lembravam do coadjutor de outros tempos, e chamavam-lhe D. Beppi.

De Castelfranco a Riese, que esplêndida procissão de carruagens! O Cardeal desceu à porta da igreja. Sentiu oprimir-se o coração. Ajoelhou-se enquanto o pároco dava a bênção do Santíssimo. Uma pequenita recitou-lhe uns versos de boas-vindas. Ele chorava. Quis dizer-lhes alguma coisa e puseram-se todos a chorar.

Novamente a procissão das carruagens. Agora vão da porta da igreja até à porta daquela casita que fora do aguazil. O Cardeal aperta sua mãe nos braços. Que velhinha que ela está! Que pequenina! Como encolheu! Ela, pelo contrário, encontrou o seu Beppi maior, mais crescido, mais homem. E tanta gente e tantas carruagens atrás dele!... Passou a noite em sua casa. No dia seguinte, celebrou a santa missa na igreja paroquial, e pregou durante meia hora sobre a pureza da Virgem Maria. Terminado o acto, colocou-se à porta da igreja e cumprimentou um por um os seus companheiros de brincadeiras. A gente de Riese não cabia em si de satisfação. Acudiram muitos forasteiros das aldeias vizinhas, que vinham passar o dia em Riese e beijar o anel do Cardeal. Armaram-se arcos engalanados nos cruzamentos das ruas. Uma banda de Castelfranco tocava sem cessar na praça. Riese vibrava. A três recém-nascidos, que ainda não tinham sido baptizados, quis o Cardeal baptizá-los pessoalmente. A festa rematou com um luzido fogo de artifício. O Cardeal retirou-se da residência paroquial para a casita de sua mãe, e o povo, com a banda, foi ainda atrás dele deitando foguetes.

Pela manhã, a mãe Margarida, vencida pela emoção dos dias anteriores, levantou-se um pouco mais tarde. No seu quarto de dormir entrou Beppi, vestido de capa magna, com toda a majes-

tade da púrpura... Margarida chorava... Ela só sabia chorar e trabalhar.

→ O Cardeal quis celebrar a missa no santuário de Cêndrole. Ainda teve tempo para crismar um batalhão de crianças. Às três da tarde, despediu-se de sua mãe. Às cinco, a procissão das carruagens, um pouco triste, empreendeu o caminho de Castelfranco.

Margarida pouco mais durou. No dia 2 de Fevereiro de 1894, *sexta-feira* aos oitenta e um anos de idade, extinguiu-se sem ruído. Numa pagela muito simples, o Cardeal de Veneza escreveu acerca de sua mãe: «Coroou com a morte uma vida de trabalho e de sacrifício». Chorar e trabalhar. Não quero reproduzir aqui a sua importantíssima vida sem importância. Todos os homens deviam escrever um livro que ninguém pudesse ler: a vida de sua mãe. É o que a terra nos dá de mais pessoal. Sarto tinha esse livro bem escrito no seu coração. No entanto, ainda permitiu que se inscrevesse outra frase na lápide do cemitério de Riese:

«Nas alternativas de dores e alegrias,
manteve-se resignada e equânime».

4

A autoridade religiosa mais antiga da zona de Veneza tinha a sua sede em Aquileia. Cresceu rapidamente em importância, de forma que em meados do século IV aparece como Sede metropolitana, governada por um Arcebispo que em breve se intitulou Patriarca. Quando a invasão dos bárbaros originou a fuga dos venetos para a lagoa veneziana, o Patriarca de Aquileia refugiou-se na Ilha de Grado e, com autorização pontifícia, aplicou à sua nova residência o título patriarcal. O Papa Sérgio dividiu em duas a circunscrição religiosa, a fim de evitar complicações: a primeira, «marítima», com sede em Grado, compreendia a parte de Veneza independente, por assim dizer, em relação directa — durante muito tempo de verdadeira dependência — com o Império do Oriente. E a província «de terra firme», Aquileia, em poder dos lombardos.

No século XI, a província marítima transferiu a sua capital religiosa para aquilo que é hoje Veneza. Data de então — exactamente de 1054 — uma Bula do Papa Leão IX a Domingos, Bispo de Castello.

Para evitar complicações com a múltipla autoridade civil e militar que apertava o cerco sobre Veneza, o Papa declara, com palavras que parecem marteladas, a sede isenta de qualquer subordinação hierárquica, dependente única e exclusivamente de Roma, e administrada com omnimoda independência das autoridades civis.

Do importantíssimo documento, apenas fragmentariamente conhecido, foi há pouco tempo encontrada no Arquivo Patriarcal uma cópia de 1222. Que bom serviço ela teria prestado há cem anos!

Em Outubro de 1451, o Papa Nicolau V anulou o título patriarcal de Grado e estabeleceu a denominação definitiva: Sé Patriarcal de Veneza. Era então bispo um monge formado na solidão do Mosteiro de São Jorge, um filho da lagôa que servira de ninho a um punhado de homens eminentes. O monge bispo chamava-se Lourenço Justiniano, e foi o primeiro que utilizou a designação de «Patriarca de Veneza». Mais tarde foi inscrito no catálogo dos Santos.

Por morte de Justiniano, a república de Veneza pediu humildemente ao Papa que lhe concedesse, por uma única vez e a título de excepção, o direito de eleger o sucessor na Sé Patriarcal. Nicolau V acedeu ao pedido. Pio IV, com o intuito de premiar a colaboração que os venezianos prestaram na luta contra o turco, confirmou essa concessão com carácter permanente.

Quando a república de Veneza desapareceu como estado independente, os seus conquistadores não puderam continuar a exercer um direito que necessariamente ficara extinto com a supressão do sujeito. A própria Áustria, no tempo em que dominava em Veneza, solicitou essa graça, que lhe foi concedida por Pio VII, mas com uma limitação: «A ti e aos teus sucessores na dinastia austríaca».

Ao ser criada a unidade italiana, o Governo pretendeu exercer os direitos históricos que Veneza tinha usufruído na designação do seu Patriarca. A Santa Sé negou-se a admitir essa pretensão. O Governo italiano, disposto a não ceder, negou o «placet» régio ao Cardeal Sarto, designado para Veneza por Leão XIII. A situação tornou-se tensa. Prevvia-se que o governo não cederia sem obter uma compensação que lhe parecesse justa. Entretanto, Sarto não teria autorização governamental para entrar em Veneza.

Os venezianos perdiam a paciência. O ano de 1893 findava sem que o seu Patriarca pudesse tomar posse da nova sede. Dois anos de orfandade. Murmuravam pelas ruas, rezavam nas igrejas, formula-

vam votos ferventes ao Rei para que a questão se resolvesse depressa. O «exequatur» não chegava.

No primeiro dia de Janeiro de 1894, a Comissão Diocesana de Jovens Católicos dirigiu um manifesto aos filhos de Veneza. Recordava as glórias da cidade, injustamente vexadas. Pedia protestos energéticos. Convocava os bons venezianos para o dia 7 na igreja de São Pedro di Castello, onde estivera a cátedra dos antigos Patriarcas. Uma forte nevada obrigou a adiar a concentração para o dia 14.

O Cardeal sentiu-se comovido com o entusiasmo daqueles rapazes. Chegou-se a dizer que, se o Governo não cedesse, Sarto seria proposto para cardeal da Cúria, com residência em Roma. O interessado escrevia: «Depois de viver cinquenta e nove anos livre como um pássaro no bosque, não me agradaria converter-me em pássaro de gaiola».

Na primavera, coube aos homens sérios organizar uma reunião magna, presidida pelos advogados Paganuzzi e Gastaldi. Discursos, salamações... Elevaram um protesto ao prefeito de Veneza, com o pedido de que o fizesse chegar ao Governo do Rei: «Considerando os gravíssimos danos que causa à cidade e à diocese de Veneza a ausência do Patriarca nomeado pelo Santo Padre, os católicos venezianos, reunidos em comício, pedem ao Governo do Rei que, afastado todo e qualquer obstáculo, possa o Eminentíssimo Cardeal Sarto entrar na sua sede e exercer livremente o seu múnus pastoral».

Os ecos da reunião chegaram ao Parlamento. Mas o Governo não parecia disposto a resolver o caso.

O Cardeal, amigo da paz, teria desejado que o Papa o confirmasse como Bispo de Mântua, dispensando-o da nomeação patriarcal. Porque aquela situação instável tornava-se incómoda para ele. Não podia trabalhar eficazmente em Mântua, dada a sua interinidade, e não podia entrar em Veneza. Mas estava de permeio a defesa dos direitos da Santa Sé e, para cobrir essa falha, Sarto teria consentido que o matassem antes de ceder.

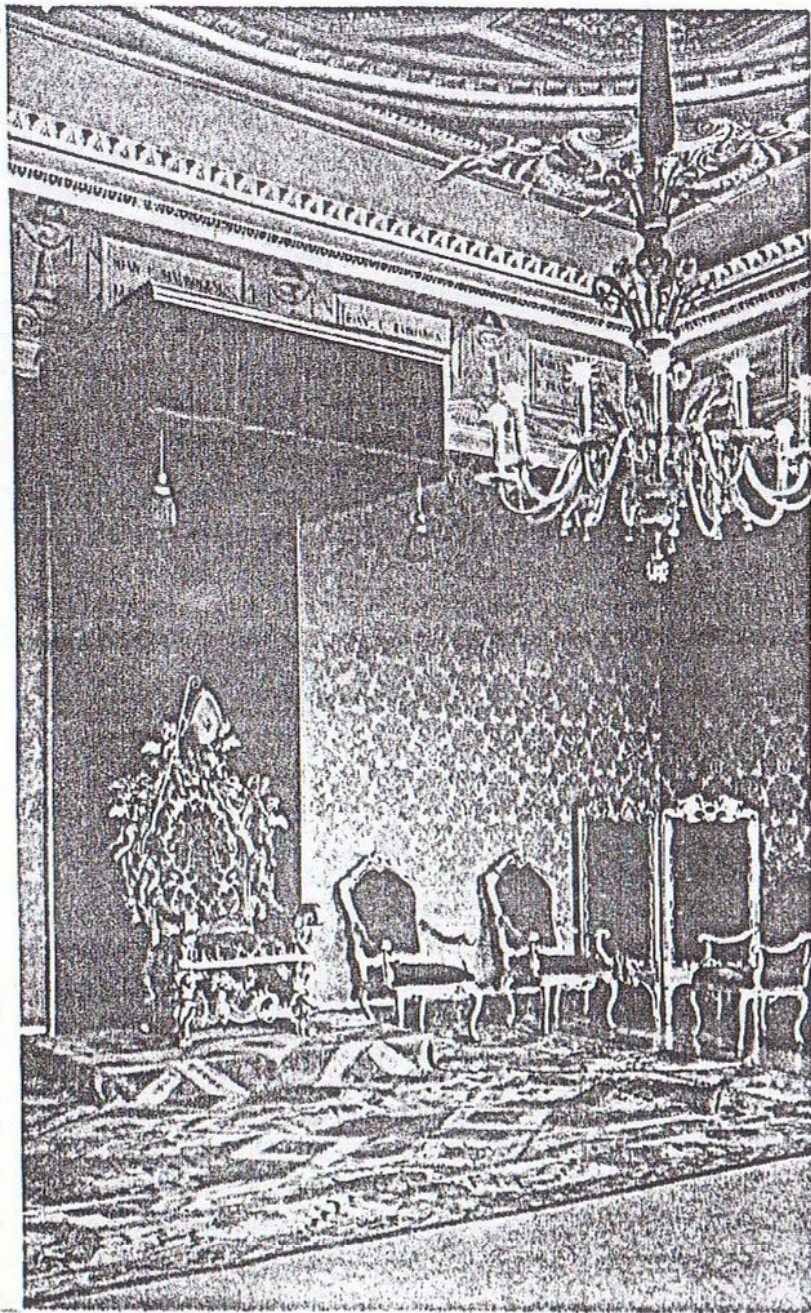
No verão, através do jornal *La Difesa*, os advogados católicos de Veneza e de outras cidades desafiaram os que se inclinavam pelo Governo, a aceitar uma discussão pública em que as posições se esclarecessem.

Mas antes que aparecesse qualquer opositor, chegou de Roma a notícia inesperada: no dia 5 de Setembro, o Governo assinara o «exequatur». Parece que o Governo cedeu para corresponder à erecção canónica de uma Prefeitura Apostólica na Eritreia, colónia italiana.

Isso não interessava aos venezianos. O certo era que o Cardeal vinha. *La Difesa* publicou, na tarde de 7, um suplemento extraordinário que difundiu a notícia. A 12 de Outubro, um telegrama de Mântua confirmava-a oficialmente de parte de Sua Eminência. Uma multidão de representações de Veneza, impacientes por lhe patentearem a sua alegria, apresentou-se em Mântua para saudar o Cardeal. Este marcou a data de 24 de Novembro para a sua entrada em Veneza.

1894, sábado,

1 ano e meio, desde a aceitação do cargo, por S.



NOVO DUX PARA OS MARES DE VENEZA

1

«Devo manifestar-lhe a minha gratidão pela honra com que me distinguiu esta manhã: o meu diploma de «Sócio de honra da União Católica para os Estudos Sociais». Agora começo a compreender o porquê dos etc., etc., etc., que se põem diante de certos nomes, entre os quais veio a figurar à última hora (que honral) também o meus.

Assim escrevia Monsenhor Sarto, Bispo de Mântua, ao seu amigo Callegari, Bispo de Pádua. Aquele padre D. Beppi, que começara a extraviar-se por caminhos de honrarias quando o chamaram de Salzano para cônego de Treviso, era o primeiro a admirar-se. Já lhe causava um certo receio aquele caminhar directo, lento mas incoercível, cada vez mais para o alto.

Primeiro, o próprio Callegari que, segundo soubemos oportunamente, fôra Bispo de Treviso antes de o ser de Pádua, e teve Sarto como Chanceler, quis levá-lo consigo para o nomear Vigário Geral. «Na minha negativa, escrevia-lhe Sarto, deve Vossa Excelência atender mais ao juízo da minha razão que ao sentimento do coração: apesar do afecto que tenho à minha diocese, que me faz temer qualquer saída, o pensamento de estar a seu lado e de lhe aliviar um pouco a cruz, ter-me-ia obrigado a voar para junto de si. Mas a razão aconselha: Monsenhor Callegari será, muito em breve, conhecido em Pádua; e isso bastará para que o seu governo seja abençoado por Deus; a minha presença poderia representar uma dificuldade que impedisse os seus filhos, os sacerdotes da diocese de Pádua, de se lançarem generosamente nos braços do seu bispo».

Veio depois a consagração episcopal. Ele, «um pobre diabo», como se chamava a si próprio, percorria a diocese, e, ante a

ação espiritual dos fiéis que lhe estavam confiados, punha-se a tremer: «Aqui estou, «in partibus infidelium». Imagine que numa paróquia de trinta mil almas compareceram à missa do Bispo, quarenta mulheres, das quais comungaram cito...» Por vezes fazia um pouco de espirito com as suas preocupações, mas o sentimento da responsabilidade era nele vivíssimo, mesmo quando os sorrisos o dissimulavam, achou que está doente. Conserve-se na cama, evite caminhar e falar em público. É um sacrifício grande, mas necessário. Eu, pelo menos, pensar de que não estamos lá muito comodamente neste mundo, não me dá a sua sugestão de ir imediatamente para o outro, porque me custa o purgatório reservado aos Bispos...»

Eram estas as suas aventuras, carregadas de planos e de dúvidas, quando o seu nome começou a ser apontado para Cardeal de Veneza. Sarto sabia a nova série de complicações que isso implicava. Por isso ele negou terminantemente. Monsenhor Callegari escreveu-lhe a pedir uma resposta urgente, visto ter de informar a Santa Sé sobre o que ele resolvia acerca do cardinalato. O Bispo de Mântua limitou-se a responder com este telegrama:

«Senhor Bispo.

Pádua.

Só me faltava essa! — Sarto».

De Roma insistiram, e Sarto aceitou. De susto em susto, acabou por receber o barrete e o capelo: «Nada te conto das preocupações destes dias. Na quinta-feira, no Consistório público, e sobretudo no segredo, pareceu-me que pouco faltava para morrer. Fui forte enquanto pude, mas no final do juramento, uma reacção imprevista turvou-me a vista e a palavra. Envergonhado na presença do Santo Padre e dos cardeais, não pude conter as lágrimas, que ainda me estão a cair quatro a quatro. Peçam por mim».

Agora era preciso pensar na entrada solene em Veneza. Quem o visse, sorridente e animado, julgaria que Sarto se sentia feliz no meio do triunfo. Mas ele, na intimidade, escrevia: «Quem me dera evitar o aborrecimento da entrada oficial, que me agrada tanto como o fumo nos olhos!»

Os trevisanos tomaram como ponto de honra a entrada do Cardeal em Veneza. Sarto, nascido na Marca, pertencia-lhes. Eles é que tratariam de montar o andor triunfal que havia de deixar o Patriarca na sua nova sede. Quiseram que a comitiva partisse de Treviso, escoltada pelo afecto e pela devoção.

Durante três dias retiveram o Cardeal com aparatosos festejos. Por fim, a 24 de Novembro de 1894, ^{sábado} compuseram um comboio de trinta e sete ^{vagões} carruagens e partiram em direcção a Veneza. As estações do caminho, alvoroçadas com a sua banda de música assoprando atrás da comissão concelhia, aclamavam o comboio à passagem. Um dia que tão cedo não esqueceriam. A locomotiva ia engalanada com grinaldas floridas, como um cordeiro de Natal.

Foi delirante a entrada em Veneza. Próximo da estação, tinham-se reunido nas águas do Grande Canal revoadas de gôndolas, de lanchas e outras embarcações. O Patriarca quis visitar o Santíssimo na Igreja dos Descalços, situada quase junto à estação. Os apertões da multidão eram de tal ordem que se temia alguma desgraça. Os polícias mal podiam manter o cordão de segurança junto à margem do Canal.

Já o Patriarca estava na proa da sua barca. Um «vival» clamoroso faz estremecer os ares: é a voz veneziana de saudação ao Doge no seu regresso triunfal. As águas do Grande Canal saltam nervosas ante a quilha da gôndola, desejando acariciar o rosto do homem que despertava tantos anos adormecidos de história. Aquelas águas desejam um novo desposório. Se o Patriarca lhes oferecer o seu anel, as sereias tecerão de novo velhos contos de fadas e de milagres.

Onde está o leitor que desconhece o ritual dos Doges? Nasceu de legítima prosápia, em Bulas papais. Corria o século XIII quando Alexandre III instituiu os desposórios de Veneza com o mar. O Papa ofereceu ao Dux um anel:

— Recebe este penhor do teu império sobre o mar. Todos os anos, em tal dia, celebrarás os desposórios para que a posteridade saiba que o mar te pertence por direito de conquista, e que eu consagro o teu domínio sobre ele, como o domínio do esposo sobre a esposa.

Nenhum Dux esquecia, no dia da Ascensão, a cerimónia dos desposórios. Rodeado de toda a pompa nobre dos Conselhos, do Núncio e dos Embaixadores, avançava até ao cais dos Schiavoni e ocupava

o trono armado na proa da galera ducal. Os sinos enchiam os ares. As gôndolas escoltavam-no. Quando o cortejo chegava ao Lido, o Dux lançava o seu anel às vagas.

— Desposamus te, mare, in signum veri perpetuique dominii.

A orgulhosa cerimónia encheu de ciúme determinado sultão, que mandou embaixadas a Veneza:

— Dizei ao Dux que eu o obrigarei a consumir o matrimónio. Mas deixámos o nosso Patriarca nas águas do Canal.

Quando a comitiva passou pelo ^{Prefeitura} Palácio Municipal, estalou um grito de indignação irreprimível: fechadas as portas, escuras as janelas, nem um tapete, nem uma bandeira. O sectarismo dos que constituíam a Junta levava-os a ignorar a festa do dia.

Foi uma má decisão. Não conheciam esses senhores a ténpera daquele novo Patriarca, a quem insultavam no primeiro momento da sua vida em Veneza. Quinze dias antes, escrevera-lhes ele uma delicadíssima carta de apresentação datada de Mântua. Convidava-os à conciliação, ao trabalho em comum. O presidente da Câmara respondeu com uma carta cheia de distinções subtis, tão fria e comedida que chegava a ser descortês.

Pensando na cidade, o equívoco da Câmara também foi notório. Não é possível amarrar demasiado os povos. Veneza tivera que suportar muito com as histórias do «exequatur». A massa dos cidadãos vira com desgosto uma dilação tão prolongada. Agora, enquanto acolhiam finalmente o Patriarca, dispostos a esquecer, o Conselho Municipal, imperdoavelmente ausente, abria a ferida. A resposta, recebia-a com aquele protesto espontâneo que foi chocar contra as paredes mudas do Palácio.

O Patriarca ergueu os seus grandes olhos e manteve o olhar sereno. Por dentro sorria. Em breve o Conselho Municipal compreenderia que um Cardeal pode conhecer melhor a alma popular do que todos os membros de uma Junta.

Da varanda do Patriarcado, Sua Eminência enviava bênçãos aos venezianos. Havia muito que se não conhecia um dia como aquele. Pelo salão do trono desfilarão comissões oficiais, o Capítulo de São Marcos, o Cabido dos Párcos, os dirigentes das Associações Católicas.

Na manhã seguinte, realizou-se o acto solene em São Marcos. Poucas comunidades cristãs se poderão orgulhar, como a de Veneza, de terem a assembleia dos seus fiéis forrada de ouro. A Basílica de São Marcos não é mais do que um cerco doirado para a oração dos

cristãos ali reunidos. Depois do *Te Deum* — briosa acção de graças ao cabo de incontáveis vicissitudes — e da homenagem do clero, Mon-
senhor Zarbellon pronunciou num latim magnífico a oração de saudação. Zarbellon conhecera Sarto no Seminário de Pádua, onde o tivera como discípulo de oratória. O Cardeal, acomodando-se à praxe, respondeu primeiro ao Cabido em latim. Depois, voltou-se para o povo, e pronunciou em italiano a sua primeira homília.

«Ai de mim se vos não amasse!

«Embora nunca vos tenha visto, trago-vos a todos no meu coração.

Sois a minha família, os meus filhos.

«Anunciar-vos-ei a verdade. O trabalho será para mim alegria, a glória o meu cansaço. ... Os tesouros do Bispo serão tesouros dos pobres. Os ricos ajudarão a caridade do Bispo. Será como se me dessem a mim a esmola, como se a dessem a Cristo. Para salvar os pobres, darei o meu sangue».

De longe, Leão XIII vigiava. Queria saber como é que Veneza receberia o seu Patriarca depois da agitação de dois anos. Um telegrama de Rampolla trouxe de Roma a satisfação pontifícia por aquelas brilhantes jornadas.

Os vinte cônsules das nações acreditadas em Veneza, presididos pelo representante da Áustria, visitaram o Cardeal. Com eles tratou dos tristes aspectos da emigração italiana.

Recebeu muitas outras visitas, incluindo a do presidente da Câmara. O Patriarca mostrou-se gentil, sem sequer aludir à carta, nem ao silêncio do Palácio.

Ocupou vários dias em responder às visitas. A aristocracia veneziana acolheu com admiração aquele Patriarca tão simples e tão elegante. Parecia que nascera cardeal. Bondade, bondade finíssima. Quando ele começasse a exigir, não haveria forma de lhe dizer que não.

Os jornais de Veneza publicaram uma nota, anunciando que o Patriarca receberia todos os dias das dez às duas, no seu Patriarcado, quem o quisesse ver; e que aos domingos e às quintas-feiras, ao meio-dia, ministraria o crisma às crianças que estivessem por confirmar.

Os festejos da recepção acabaram, na realidade, em meados de Março de 1895, quando os venezianos ofereceram ao Cardeal uma preciosa gôndola, entalhada pelos melhores artistas. O Patriarca enviou uma nota de agradecimento aos jornais.

Veneza, por alguns anos — nove? — tinha encontrado o seu Dux.

A Administração local parecia procurar um contrapeso para o movimento popular de 24 de Novembro, acentuando as suas disposições sectárias. As instruções secretas penetravam nas escolas, na organização dos actos oficiais e nas manifestações públicas, embebendo tudo numa atmosfera maçónica.

Mas agora estavam em perigo. Tinha chegado o Patriarca. Pensou maduramente, encomendando-se a Deus no silêncio do seu oratório, recorrendo à oração das freiras enclausuradas. E lançou-se à luta.

Muita gente não mede as consequências de um critério de separação radical entre a Igreja e o Estado, que o espírito liberal destilou em tantos cérebros. Como se à Igreja pudesse ser indiferente um ou outro governo, que em determinado momento fechasse o cadeado da intransigência em relação à educação cristã da juventude, à pregação do Evangelho, à salvaguarda da moralidade pública. Gritam então que a Igreja se mete na política. Ignoram que esta, a alta política que rege a convivência humana, está ligada aos primeiros princípios da moral e da fé; que um homem não se pode desprender das suas funções quando defronta o duríssimo labor de governar um povo; que da acção desse homem dependem os interesses temporais e eternos de muitos concidadãos. Se governa com normas sectárias, e os católicos se vêem amordaçados pela teoria de que a Igreja nada tem que fazer em matéria política, o resultado é que nos entregamos, atados de pés e mãos, à sua má-vontade.

Sarto não entendia essas «distinções». Os homens tinham de ser bons. Se para o conseguir era necessário que o prior, o Bispo e o Patriarca dialogassem com os políticos, não pensava duas vezes. Em Salzano, convencera uma tarde o presidente da Câmara de que devia proibir e castigar a blasfémia. O argumento era bem simples:

— O senhor vigia o respeito pelo nome do Rei. Há uma lei que assim o ordena. O Rei, di-lo sempre no seu título, reina pela graça de Deus. Portanto, quem ofende publicamente o nome de Deus, ofende o nome do Rei...

Em Veneza estavam anunciadas as eleições municipais para o ano de 1895. A primeira empresa que Sarto teria escolhido, se lhe dessem a escolher, vinha-lhe parar às mãos.

Condensou o seu programa em três palavras e um lema firme: «Trabalhai, orai, votai». Reuniu os católicos em torno da sua vontade de vencer. Trabalharam sem descanso: comissões, reuniões, manifestos, imprensa, tudo candente e submetido a um plano inteligente de campanha. Oraram, desde o Cardeal até à última velhinha que não percebia lá muito bem o que era isso das eleições, mas que, quando o Patriarca o dizia... No próprio dia da votação foram-se revezando nas igrejas falanges de fiéis que rezavam à Virgem. A insistência do Cardeal em que, para vencer, era necessário orar, revelou mais claramente a todos os fiéis a importância do problema.

E votaram. As obrigações cívicas foram o tema constante das conversas, das instruções. Os católicos dispunham de um meio legal para lutar contra o sectarismo. Deviam utilizá-lo.

Quase nas vésperas da votação, o presidente da Câmara propôs um novo elemento de combate proibindo as «pontes votivas» que, nas festas de Julho, iam desembocar todas na Basílica de Nossa Senhora da Saúde. Esta medida exasperou tanto os venezianos, que muitos indiferentes juraram vingar-se.

Realizadas as eleições, a Junta Municipal ruíu com estrépito. Ao presidente Selvático sucedeu o Conde Grimani, filho exemplar da Igreja. Durante os vinte e cinco anos do seu governo, esteve garantida a presença de Cristo nas escolas de Veneza e o respeito pelas veneráveis tradições religiosas. No dia 21 de Novembro daquele mesmo ano, numa festa soleníssima, a Junta Municipal celebrou na Basílica de Nossa Senhora as honras da Virgem. O Patriarca e o povo acolheram os vereadores entre salvas de aplausos. Veneza não se envergonhava da fé de São Marcos, que a fizera grande.

O triunfo ressoou por toda a Itália. A Tribuna, jornal liberal de Roma, não ocultava a sua admiração: «O Patriarca Sarto é um político de primeira ordem, que conseguiu organizar o partido clerical e dominar o Município, a vida pública, a cidade». Sarto, em Veneza, sorria como no dia da sua entrada, mas agora, por dentro e por fora, podia dizer:

— Em Veneza mando eu...

As relações do nosso Cardeal com os soberanos da Itália eram extraordinariamente cordiais. O leitor deve ter presente uma observação que muitos desconhecem, e sem a qual se não pode explicar por completo essa aparente contradição: enquanto em Roma o Papa estava

recluso entre os muros do Vaticano, recusando qualquer aproximação com um governo que lhe arrebatara os Estados Pontifícios e a própria cidade de Roma, um cardeal em Veneza dialogava com os membros da família real.

A situação era muito delicada. Direi melhor, muito complicada. Em face de um caso excepcional, os prelados acudiam em rápida consulta à Santa Sé, e cingiam-se às instruções de Rampolla, Secretário de Estado de Leão XIII. A unidade italiana não se realizava só pela absorção dos Estados Pontifícios. Integravam-na também outras províncias, que anteriormente eram independentes do Papado. Era evidente que as relações oficiais não podiam ser as mesmas naqueles e nestas. Sem dúvida que todos os bispos tinham sempre presente que tratavam com os usurpadores do Papa, e esta verdade condicionava o seu diálogo. Mas distinguiam entre a pessoa e o princípio. Demonstravam claramente que o princípio de independência e superioridade ficava a salvo. Com as pessoas, aceitavam a convivência. A Lombardia e o Veneto eram territórios conquistados pela Casa de Sabóia ao estrangeiro. O Cardeal de Veneza não tinha motivo para se conduzir com as reservas de Roma.

Era prudente, conciliador. Nas deferências, extraordinariamente delicado. Em Abril de 1897, na presença dos príncipes de Nápoles, o Cardeal Sarto abençoou a «Saint-Bon», lançada ao mar em águas de Veneza. Foi numa bela manhã, em que o Patriarca conversou afavelmente com Suas Altezas, depois de a Princesa ter lançado ao mar o seu anel, atado com uma fita que pendia do navio. Aquela Veneza, empenhadamente entusiasmada em semear anéis nas ondas do mar!

O mês de Julho de 1900 vestiu luto pelo assassinato do rei Humberto I. O Cardeal redigiu uma carta pastoral reprovando o facto e decretando exéquias em todas as igrejas. Ele próprio em pessoa oficiou as de São Marcos. Um mês depois, a rainha Margarida procurava a paz suave de Veneza para sedativo da sua alma. Sarto, gentil, visitou-a e consolou-a.

Em Março de 1903, visitou Vitor Manuel III. Essa visita deu muito que falar antes e depois. O Rei e o Cardeal, com elegante gentileza, não se preocuparam com os comentários.

«Pio X, para praticar a caridade, empenhará São Pedro».

Assim diziam os venezianos, quando o seu Patriarca foi eleito Papa. Boa experiência tinham.

Um pequeno desastre. O Patriarca escreveu a um pároco de Mântua — vê-se que eram ali recordadas as suas fraquezas — que solicitava um donativo para a sua caixa paroquial:

«Em Mântua era pobre; aqui estou literalmente arruinado». A frase italiana é de um vigor preciosíssimo. Vou copiá-la, para deleite de quem a possa apreciar: «addirittura pitocco».

O Patriarcado converteu-se numa instituição de seguros sociais: os acidentes de trabalho, os incêndios, as desgraças familiares, tudo encontrava eco nas pobres arcas patriarcais. Sua Eminência organizou um autêntico epistolário de recomendação. Os funcionários do Município, os agentes de empresas, os dirigentes das associações de caridade, notaram que, durante aqueles nove anos, quase todos os pedidos solicitando trabalho ou protecção eram escritos com a letra elegante, insinuante, do Patriarca. Escrevia-os segundo o que lhe ditavam as gentes humildes, e em muitos casos fazia-os acompanhar de um bilhete de recomendação.

Sentia grande predilecção pelas instituições de beneficência. Os asilos e o hospital, viam brilhar semanalmente o sol na púrpura do Cardeal... Daquele Cardeal enigmático, que gostava de ir pelas ruas vestido de negro como um sacerdote qualquer e que, no entanto, vestia a capa magna para ir ao hospital ou ao asilo, porque as crianças e os enfermos deliciavam-se em vê-lo refulgente.

Em Setembro de 1900 encarregou um afamado missionário de pregar uma série de retiros na prisão da «Giudecca». O Cardeal ouviu as confissões dos reclusos, organizou a festa final e pregou o sermão de despedida. Os presos choraram, compuseram versos, cantaram-lhe coplas. Aquele lugar converteu-se num cáldo ninho das suas amizades.

A caridade de Sarto adquiriu em Veneza matizes especiais, em relação com uma situação social com que até então não tropeçara, pelo menos em tão grande escala: a pobreza envergonhada. Em Veneza abundavam as famílias arruinadas, que preferiam morrer, a mendigar abertamente. O palácio do Patriarca oferecia a vantagem

de um segredo impenetrável. Parece que foi essa a razão principal da fama de Sarto. Porque naquelas ocasiões não sabia dizer que não.

Se não tinha dinheiro, lançava mão de qualquer objecto precioso. Um primoroso crucifixo de marfim, passou para as mãos de um necessitado, que certamente o vendeu por bom preço.

— Tenho muita pena — lamentava-se o Cardeal, mostrando a um amigo o seu belo relógio de ouro. Este relógio não pode adquirir os hábitos «alpinistas» que honraram os seus antecessores de Treviso e de Mântua. Quando mo ofereceram, tiveram a infeliz ideia de lhe gravar o escudo no tampo... E não estaria bem que as armas do Cardeal andassem pelas casas de penhores.

Estes aspectos do múnus pastoral do Patriarca adquiriram a configuração de um autêntico programa social. Fundou patronatos de assistência e recreativos. Para os manter, procurou dinheiro nos lugares mais inverosímeis. Apoiou a fundação da Sociedade Católica de Seguros. Os Congressos de estudos sociais realizaram-se sempre, com a assistência e as intervenções do mais popular dos cardeais.

Em certa altura, a acção das seitas concentrou-se sobre as mulheres operárias: a propaganda maçónica insistia na urgência em se constituírem Ligas femininas para a defesa dos direitos da mulher. Nada se dizia acerca de religião e de moral, mas o veneno notava-se à flor da pele. O Patriarca visitou as fábricas de Veneza, exortou as operárias a engrossarem as fileiras dos patronatos católicos e desmascarou os intuitos perversos ocultos sob as peles de ovelha.

Os bispos da região veneziana encontraram um dia, mais outro motivo de assombro na genialidade do bondoso Cardeal: andava de cidade em cidade um caixeiro-viajante de bordados «com recomendação patriarcal».

«Aos excelentíssimos bispos e reverendíssimos párocos, o Cardeal de Veneza recomenda encarecidamente este vendedor de bordados, fabricados na ilha de Burano, deste Patriarcado...» O Cardeal tinha encontrado um belo circunlóquio latino para verter em latim a difícil palavra: *...rel textilis tenui filo pinnatae!* E acrescentava em francês *dentelle* e em italiano *merletto*.

Burano é uma das ilhotas da lagoa veneziana. No inverno de 1872, com a lagoa gelada, os pescadores de Burano viram-se na miséria. A Itália inteira preocupou-se com essa desgraça, ajudando a socorrer aqueles infelizes. A Condessa Adriana Zon-Marcelo recordou que

antigamente Burano defendia a sua existência graças à indústria dos bordados. Era necessário ressuscitar aquela fonte de receitas. Só uma velhinha de oitenta anos conhecia o segredo do ponto de Burano. A Condessa chamou para junto desta uma boa discípula, que em breve passou a ser mestra de outras oito. Quando Sarto chegou a Veneza, mais de 500 raparigas estavam ocupadas no trabalho dos bordados. O Patriarca ajudou-as quanto pôde, sabendo que era aquela a base principal da economia da ilha.

A Acção Católica italiana teve uma pré-história trabalhosa: a chamada obra dos congressos católicos. Muito discutida, muito difícil, mas muito eficaz, apesar do ambiente hostil em que se debateu. O Cardeal Sarto deu franca aquiescência aos trabalhos daqueles bravos propagandistas. Paganuzzi, o presidente nacional da obra, nos seus instantes mais desolados dispôs do alento e da defesa de um cardeal que apoiava a verdade e a recta intenção, sem olhar para os lados. ^{para se fazer} O Patriarca ordenou que todos os seus párocos organizassem as «comissões paroquiais», reflexo da obra em cada paróquia. Queria que por esse meio cada pároco concentrasse à sua volta um punhadô escolhido de católicos dispostos a travarem a batalha da renovação cristã. Os congressos foram alentados pelas cartas e discursos do Prelado. «Necessitamos de homens de acção — repetia —; chegou a hora das realizações.»

Manteve com dinheiro, que só ele sabia quantos sacrifícios lhe custava a encontrar, o jornal católico *La Difesa*. Sem o seu apoio, quantas vezes teria falido! Conseguiu fazer dele um porta-voz respeitado, e até temido pela imprensa liberal italiana.

Enfrentou sem vacilações a maçonaria, praga repugnante do *risorgimento italiano*. Os católicos venezianos perderam o medo às sombras. Sabiam-se apoiados por um espírito vigoroso.

Esse ambiente de segurança, de confiança e de decisão aureolava a figura do Cardeal:

— Ali vai o nosso Patriarca. Que Deus os abençoe, a ele e à sua mãe!

EM PLENA TAREFA

«Quando me convencer de que já não posso puxar pelo carro, virei ter contigo aqui, para te servir de coadjutor», dizia o Cardeal ao seu sobrinho João Baptista, Pároco de Possagno. Eram muito breves, essas férias que Sua Eminência se permitia de vez em quando. Passava-as com João Baptista, seu sobrinho predilecto. Com excepção dos dias de Possagno, o descanso do Cardeal reduzia-se aos seus passeios matinais pelo Lido de Veneza, impostos pelo médico. O resto do dia era ocupado por uma laboriosa tarefa pastoral.

1

As características da diocese veneziana são diferentes das de Mântua. Uma cidade populosa, com uma feição espiritual muito pessoal, e o contorno das paróquias do estuário, próximas e pobres.

O método inicial do Patriarca foi o mesmo que adoptara em Mântua. Visita pastoral imediata, feita com uma eficiência que lhe era bem característica. Quis adaptar as visitas ao mesmo esquema cheio de simplicidade: nem festejos, nem despesas. Mas ele era o Patriarca; a gente excedia-se em manifestações de veneração. Confessou nas paróquias, comeu com os seus padres, visitou os enfermos e explicou o catecismo a pequenos e a grandes. Os paroquianos de Murano publicaram uma nota no jornal, pedindo ao Cardeal «que pensasse um pouco em si próprio», pois que o amavam demasiado para consentirem que se matasse, agora que o conheciam.

Nessa mesma época, na primavera de 1895, celebrou-se o oitavo centenário da consagração da Basilica de S. Marcos. O Cardeal deci-

reproduzir ao vivo os mosaicos que adornam a Catedral: rodeou-se dos bispos vizinhos, traçou um programa esplêndido, desempenhou com delicadeza extrema as funções de culto, perfumadas de música cristã. Numa homília sua, cantou as glórias de Veneza. Por três vezes, os aplausos inevitáveis interromperam o discurso. Na «Sala dos banquetes» do Patriarcado, homens eminentes deram tom ao centenário, numa «Academia literária» salpicada de composições musicais de autoria de Perosi.

Sua Eminência quis aproveitar as festas de São Marcos para reunir uma conferência episcopal, em que os bispos da região examinariam a situação moral e religiosa das suas dioceses, elaborando um plano conjunto de acção. As conferências episcopais em que participava o Cardeal Sarto ofereceram sempre características especiais: os Prelados viveram dias de intimidade, de confiança. A hora do almoço assestava-se àquela de alguns anos antes, no Seminário de Treviso: o Patriarca punha de parte as distâncias; as suas anedotas e as suas observações graciosas mobilizavam toda a assembleia.

Como resultado da conferência, os bispos da região veneziana publicaram uma pastoral colectiva, assinada em Veneza no dia de São Marcos: programa bem estudado, que fundamentaria proveitosamente uma acção de conjunto; disposições da Igreja relativas à pregação e catequese, à documentação prévia ao casamento, ao espinhoso costume da cremação dos cadáveres; à obrigação de o sacerdote cuidar da sua santificação pessoal. Um elenco de obras de zelo. «Sempre nos encontrareis a vosso lado para vos servir de apoio, se nos ajudais com as vossas obras generosas e concordes».

O ano de 1897 decorreu cheio de acontecimentos importantes. Em primeiro lugar, as solenidades que honraram a memória de São Pedro Orseolo, o antigo Doge que renunciou ao mandato para se entregar à vida contemplativa. Depois, o Congresso Eucarístico, o melmo nono na lista dos internacionais, e o quinto dos celebrados em Itália.

Num velho calhamaço do arquivo patriarcal de Veneza pude encontrar a pré-história do Congresso. É necessário rever um a um os esquemas, as minutas das cartas, as respostas arquivadas e os comunicados às autoridades civis, para se fazer uma ideia do imenso trabalho que sobreparregou os meses do Patriarca. Tudo do seu punho, tudo pensado e realizado por ele. Um trabalho pessoalíssimo e esgotante. Aqui, uma carta já amarelada do Ministro da Inspeção Pública, com adver-

tências impertinentes. Naquele envelope, a correspondência trocada com o chefe do arsenal, para combinar a presença das lanchas que fariam escolta ao S.^{mo} no seu passeio pelo Grande Canal. Acolá um telegrama do Arcebispo X, que adoeceu à última hora e não pôde preparar o sermão do pontifical; programa, convites, lista de alojamentos, a penosa organização da «Exposição Eucarística»... Mas a fibra de Sarto que vemos vibrar é a mais sensível: o seu amor à Eucaristia. Preferiria rebentar esgotado, deixar afrouxar o seu zelo. E o cortejo pôs-se em marcha.

A pastoral de Novembro de 1896 anunciava o acontecimento aos fiéis. Um tema repetido ao longo da preparação foi o da necessidade de que as festas penetrassem na intimidade das consciências: conferências e missões paroquiais deviam contribuir para esse fim.

O tríduo de 9 a 11 de Agosto de 1897 ficou assinalado na história de Veneza: quatro cardeais, cinco arcebispos, vinte e três bispos, dois abades mitrados, um deles cisterciense. Jornadas de estudo nas igrejas de São João e São Paulo. Discursos documentadíssimos, pronunciados pelas primeiras figuras do pensamento católico italiano. Pontificais em São Marcos. E uma procissão encantadora pelos rios venezianos. «Reavivai a fé destes dias — dizia o Cardeal na sua despedida —, e com santa violência rogai-lhe que fique em vossas casas: «Senhor, fica connosco». Reconhecei-o na comunhão, apreciái as doçuras do seu amor divino, e sentireis arder em vós a chama da caridade que nestes dias vos inflamou: o vosso coração ardia enquanto Jesus falava».

O senso prático do Cardeal não se satisfazia com festejos. O Congresso Eucarístico teve o seu verdadeiro encerramento numa pastoral que ele dirigiu aos fiéis com data de 15 de Agosto de 1897: «Esquecemo-nos frequentemente de manifestar a gratidão que nos merecem os benefícios recebidos. Para se conservar o fruto do Congresso, convém reavivá-lo nos nossos corações». Indica como meio eficiente, muito concreto, a comunhão dos enfermos.

«Como não hei-de deplorar a falsa compaixão daqueles que, para não assustarem os enfermos, os rodeiam de cuidados amorosos, enquanto vão adiando a visita do sacerdote até que o doente já não possa receber os auxílios religiosos? De quem será a culpa, se o doente morre sem se reconciliar com Deus? Tremenda responsabilidade, para quem causa um mal irreparável». Comunhão frequente, assistência à missa: «Vinde à missa, caríssimos venezianos».

Santa Tereza
agoniza.

Logo
indocant

O Patriarca tinha o direito de desejar que os fiéis correspondessem de boa vontade ao seu afecto paternal.

Boa ocasião esta para recordar que o Cardeal de Veneza trabalhou de modo infatigável pelo esplendor do culto eucarístico e sobretudo para fomentar a comunhão. Em Abril de 1895, antes do Congresso, deu-se um sacrilégio na Igreja dos Descalços: uns desalmados roubaram o cibório do Sacrário. Os venezianos viram sangrar o coração do seu Pastor.

«Esta tremenda notícia transformou em tristeza a alegria que eu sentia por me encontrar entre vós. Não me posso convencer de que o sacrilégio se tenha verificado estando eu convosco, e pergunto a mim mesmo se não serão os meus pecados a causa de que Veneza tenha chegado a esta desventura. Só me resta a esperança de que o sacrilégio não tenha sido obra de um veneziano».

A reparação pública, dirigida pessoalmente pelo Patriarca, foi consoladora. Pouco depois, iniciavam-se os trabalhos preparatórios do Congresso Eucarístico.

Desejava que os mais velhos comungassem com frequência, e as crianças... o mais cedo possível. De Veneza procedem os primeiros episódios que nas revistas piedosas ganharam a simpatia para o Papa da Eucaristia.

Naquela época, ainda se negava a comunhão às crianças até à idade de doze a catorze anos. Uma senhora levou ao Patriarcado uma rapariguita de sete anos, que chorava porque não a deixavam comungar.

— Minha filhinha — perguntou-lhe o Patriarca —, quantas naturezas há em Jesus Cristo?

— Duas: a natureza divina e a natureza humana.

Sua Eminência compreendeu naquela resposta, cheia de vivacidade, o domínio do catecismo que a criança possuía.

— Basta. E voltando-se para a senhora: — Avise o pároco de que amanhã darei a comunhão a esta menina.

Terminava a visita pastoral. No dia 1 de Novembro do mesmo ano de 1897 — o Cardeal não se conformava com descansos prolongados — transmitiu aos sacerdotes instruções para que cada um redigisse um estudo baseado no último Sinodo diocesano — celebrado em

1865, havia trinta e dois anos —, registando as modificações e renovações que julgasse oportunas. Enviados à Cúria, leu-os todos e convocou sessões preparatórias para que fossem examinados. O Sinodo, depois de duas séries de retiros dos sacerdotes no Seminário, abriu a 8 de Agosto de 1898. O esquema foi adaptado à experiência de Mântua: discurso aos fiéis explicando o sentido da reunião que estavam presenciando; orações nos conventos de clausura. E uma coroa muito luzida de sacerdotes, entre os quais o Patriarca se sentia tão bem.

No conjunto das disposições do Sinodo de Veneza, destaca-se o regulamento cuidadoso das escolas de catequese; a vigilância sobre as seitas; a insistência por um trabalho esforçado dos sacerdotes; a atenção aos problemas do Seminário, com a promulgação do regulamento da obra das vocações *S. Lourenço Justiniano*. Dois pormenores interessantíssimos: o Sinodo considera fundamental a cultura do clero; para que ela seja estimulada, estabelece, além das conferências sobre casos de moral, umas reuniões, a que em Veneza concorreram também alguns leigos escolhidos, nas quais seriam discutidos temas vivos que tivessem relação com as ciências eclesiásticas. A outra instrução refere-se ao traje do clero, com uma insistência escrupulosa sobre o critério de que o sacerdote se não deve apresentar excessivamente desleixado nem de modo a dar nas vistas. Foi esse um dos temas permanentes na mente de Sarto.

Como consequência do Sinodo, a pregação e a catequese entram numa nova fase. O Patriarca comanda os esforços: fala, prega, escreve, sempre de pé, sempre pronto. As suas pastorais abordam, em orientações de carácter prático, as verdades da fé.

Exige dos sacerdotes uma pregação chã e directa: «Prega-se demais e instrui-se muito pouco. Ponde de parte os discursos floridos. Pregai ao povo, de forma simples e chã, a verdade da fé, os preceitos da Igreja, os ensinamentos do Evangelho. Preocupai-vos mais com o bem das almas do que com o êxito da pregação. O povo está sequioso da verdade. Procurai instruí-lo com a sua própria linguagem: porque então, comovido, chorará as suas faltas e frequentará os sacramentos».

Assim agradava tanto ao Patriarca que os seus sacerdotes dessem exercícios espirituais: por isso o contacto de alma para alma revelaria ao pregador as necessidades dos fiéis, permitir-lhe-ia verificar a terrível incultura religiosa em que eles viviam, e sentir o afã de os instruir. «Admite-se a priori que os fiéis estão instruídos nas verdades

se pregam, e pretende-se recordar-lhes aquilo que eles já sabem. Ignorassem essas verdades?» Não basta a pregação das grandes coisas, nem sequer a homilia dominical: é preciso trazer os adultos à catequese. Uma catequese adaptada à sua situação social e mental, uma catequese atraente. «É necessário vencer o preconceito de que só as crianças necessitam do ensino do catecismo como se os mais velhos pudessem ser deixados sem alimento...»

Vigiu atentamente o cumprimento desse dever nas paróquias. Alguns alegaram o costume contrário. A resposta era muito racional. «O costume contrário é neste caso uma falta ao cumprimento do dever, portanto, não adquire força de lei com os anos nem com os sujeitos».

As catequese infantis reverdeciam como numa idade de ouro. As escolas de catequese funcionavam com exactidão exemplar, e multiplicaram-se os oratórios festivos, os concursos e os certames. O Patriarca podia ser encontrado com frequência, à tarde, entre qualquer grupo de crianças.

Podia também encontrar-se entre os gondoleiros ou com os pescadores. Ou passeando com a gente mais humilde. Ou ministrando a confirmação, no domicílio dos enfermos. A incomodidade era um elemento implacavelmente riscado das suas equações: nunca se julgava com direito a descansar. Por isso lhe sobrava o tempo, e lhe sobravam também os frutos.

Esse desejo de atender o povo fê-lo acolher com o maior carinho as obras de D. Bosco, o infatigável apóstolo da juventude pobre. O Cónego Sarto, Chanceler de Treviso, visitou um dia D. Bosco, em Turim, que o convidou a almoçar com ele. O Patriarca Sarto abençoou e apoiou as fundações salesianas. Dois espíritos tão afins tinham por força que se entender.

A pregação do Patriarca era acompanhada das correspondentes horas de confissão, das visitas aos doentes e aos pobres. Dirigia retiros, cursos de conferências para homens, alguns para operários. Trabalhava nas temporadas da Quaresma como um obreiro mais na vinha do Senhor.

O clero veneziano reuniu-se em pé de guerra em torno do Cardeal. Um homem assim, acessível e íntimo, entregue com zelo a um trabalho urgente, faz manter tenso o espírito apostólico. Durante os nove anos da sua permanência em Veneza pregou o retiro mensal do clero. Em qualquer momento, os sacerdotes contavam com a orientação e o auxílio do seu Patriarca. Tinham as costas guardadas. Repetidas

vezes saiu à liza na imprensa, em defesa da honra de algum sacerdote. O clero rural merecia-lhe uma atenção muito especial: escutava, infundia ânimo, remediava. Antes que a mais ninguém, entregou sem reservas o seu coração grande aos sacerdotes. O clero não sabia resistir a esse laço: o Patriarca era deles, podia mover os seus pés segundo as conveniências que as almas aconselhavam: eles não lhe faltariam. Recordam-se frases de Sarto que ficaram como provérbios na memória dos sacerdotes venezianos.

A um padre, que parecia assustado com a necessidade de servir numa paróquia afastada de Veneza, insinuou:

— Vá, porque seria para mim muito desagradável ter de lhe retirar as licenças.

A outro, um coadjutor que tinha atritos com o seu pároco, homem de mau génio, disse:

— Vá, e escreva-me logo que se der algum incidente. Eu próprio irei lá pôr as coisas na ordem.

Pelo Seminário sentiu a preocupação que era bem lógica nele. Prestou-lhe contínua atenção. Durante certas temporadas, visitava-o diariamente. Três características desejava ele para os seus seminaristas: cultura ampla, fervor apostólico e apego a Roma. Obteve de Leão XIII autorização para criar no Seminário de Veneza uma Faculdade de Direito Canónico, com três cursos: Preparatórios, Licenciatura e Doutorado. Os graus podiam ser obtidos pelos sacerdotes da província veneziana.

3

A Bial de Veneza teve também que ver com o patriarca Sarto. Ou melhor: o patriarca Sarto teve que ver com a Bial.

Ricardo Selvático, o presidente da Câmara de Veneza — já conhecido dos nossos leitores pela sua célebre descortesia para com o Patriarca no dia da sua entrada na cidade e pelo carácter anti-clerical da sua administração — Ricardo Selvático, dizíamos, expôs na sessão municipal de 19 de Abril de 1894 a feliz ideia da exposição internacional de Arte. O rei Humberto I inaugurou em 30 de Abril de 1895 a primeira Bial de Veneza. Entre os quadros expostos, figurava um do pintor piemontês Santiago Grosso, que a imprensa católica considerou escandaloso. O Patriarca proibiu os fiéis de visitarem esse quadro, intitulado «Supremo Convegno», Suprema Reunião.

A poeirada liberal e maçónica que se levantou foi fenomenal. Os conhecidos argumentos, que vinte anos antes encadeavam os nossos avós: clericalismo, obscurantismo, retrógrados, intransigência... António Fogazzaro publicou na imprensa uma carta exaltando a moralidade do quadro e pondo em destaque o seu profundo simbolismo. Grosso, entrevistado pelos jornalistas, confessou ignorar que o seu quadro fosse tão rico de significados como afirmava Fogazzaro.

Os organizadores pretenderam talvez tentar a paciência do Patriarca, pois atribuíram o prémio ao «Supremo Convegno». Mas Sarto não era homem que, uma vez cumprido o seu dever, se preocupasse com as consequências. Aos que lhe expuseram os seus temores e as suas lamentações, respondeu de bom humor, jogando uma vez mais com o significado do seu apelido:

— É evidente que, para mim, a «Suprema Reunião» é uma suprema desgraça, porque, se a gente resolver andar nua, como no quadro, que farei eu, que sou «alfaiate»?

→ A conservação dos tesouros artísticos das igrejas deu lugar a severas disposições do Patriarca, ordenadas com o fim de evitar que os párocos se desprendessem inadvertidamente de autênticas jóias, que passavam para as mãos de judeus ambulantes. Por seu mandado, foram restauradas obras que se encontravam em perigo.

Encanta-me pensar que não se pode separar de Veneza a história da renovação da música sacra. Esse velho anseio martelava o espírito de um seminarista, de um coadjutor e pároco... que quando bispo e cardeal encontrou em Veneza uma ocasião esplêndida para meter mãos à obra.

A Providência colocou Perosi no caminho de Sarto. Lourenço Perosi nascera em Tortona, em 1872. Filho do director da Capela Musical da Catedral, foi iniciado nos segredos da composição por seu próprio pai. Percorreu, ainda menino, as escolas de Roma, Milão, Monte-Casino e Ratisbona. Em 1894, foi nomeado Mestre de Capela de Imola. Em Abril do mesmo ano, o Patriarca instava com ele para que se mudasse para Veneza. «Mio caro Cardinale», recordou sempre Perosi. Ordenado sacerdote por Sarto, em Setembro de 1895, Perosi era convidado a almoçar à mesa do Patriarca, que foi para ele consolo nas dificuldades e nervo nos empreendimentos. O Cardeal convidou-o a dirigir a Capela Musical de São Marcos. Juntos haviam de empreender a grande obra.

sacra
No dia 1 de Maio de 1895, Sua Eminência publicava uma pastoral sobre a música sacra. Aproveitou as festas centenárias celebradas na Basílica de São Marcos, para dar aos venezianos uma oportunidade de ouvirem comovidos uma suave música religiosa. Afrontava a batalha sem receio, com a convicção, — nele clássica —, de que importa acometer rapidamente aquilo que se tem de fazer.

Volto a ler a maravilhosa pastoral e sinto-me tentado a compará-la — para os leitores seria surpreendente — com o «Motu Proprio» de Pio X sobre a música sacra. Limito-me a reproduzir fragmentos, que exprimem sem rodeios o pensamento do Cardeal de Veneza.

→ A finalidade da música religiosa é «impelir os fiéis por meio da melodia à devoção, dispô-los a colherem com maior desejos frutos da graça própria dos mistérios celebrados».

«Por consequência, a música sacra, ligada à liturgia e ao texto litúrgico, deve participar com elevado grau de três predados: santidade, bondade, universalidade».

O Patriarca expõe como a Igreja de acordo com essas três condições criou um duplo género de música sacra: o canto gregoriano e a polifonia clássica.

«O primeiro é o canto estritamente litúrgico, isto é, o canto gregoriano, que a Igreja romana, como consta pela tradição de doze séculos, recebeu do grande Pontífice São Gregório e propagou uniformemente, ao mesmo tempo que a sua liturgia, por todas as igrejas do mundo. Canto, que pela santidade da sua origem e das suas formas, é o único que a Igreja apresenta como propriamente seu e, portanto, o único que admite e prescreve nos seus livros litúrgicos, que artisticamente causou sempre, e causa ainda, a admiração de todos os doutos nas disciplinas musicais. E é tão superior a qualquer particular gosto nacional, que o mundo inteiro o admitiu e o admite ainda como sendo a música verdadeiramente universal. Porque, apesar de não ser ajudado pelo ritmo ou medida, oferece aos inteligentes e imparciais um carácter tal de grandeza, uma harmonia tão cheia de dignidade e uma tão fecunda variedade de afectos na própria repetição da melodia, que dá resposta plena aos sentimentos da natureza».

→ «O segundo género é a polifonia clássica, própria especialmente da Escola Romana, que atingiu no século XVI a sua máxima perfeição, por obra de Pedro Luís de Palestrina, continuando logo nesse século, e ainda nos dois seguintes, a produzir composições de sabor litúrgico e musical que causam também, mesmo nos nossos dias e não obstante o

progresso da música moderna, a admiração do mundo inteiro. Essa polifonia clássica, inspirando-se no canto gregoriano, tem nas suas formas um carácter de solidade e de misticismo tão profundo que a fez a julgar sempre conveniente no templo, e ainda mais, a única verdadeiramente digna de permanecer ao lado do canto gregoriano. Atendendo ao seu valor como obra de arte óptima, pertence, não menos que o canto gregoriano, ao património universal de todas as nações».

Em seguida, contrapõe esse género musical litúrgico as aberrações do tempo:

«Dessa espécie é propriamente o estilo teatral, tão em voga na Itália durante este século. Na realidade, não apresenta nada que lembre o canto gregoriano ou as formas mais severas da polifonia. O seu carácter intrínseco é a ligeireza em reservas; a sua forma melódica, embora muito agradável ao ouvido, é excessivamente doce; o seu ritmo é o da poesia italiana nas formas que têm menos cadência; o seu fim é o prazer ao ouvido, e portanto pretende apenas o efeito musical que agrada mais ao vulgo, mais amando nos trechos de concerto e mais clamoroso nos coros. O seu carácter atinge o máximo do convencionalismo, que aparece ora na composição e na tessitura de cada trecho, ora no conjunto de uma partitura: a ária do baixo, a romanza do tenor, o dueto, a cavatina, a cabaleta e o coro final, todos eles são trechos convencionais, que nunca faltam. Acrescente-se a isto que muitas vezes se copiaram as próprias melodias teatrais, acomodando-as vilmente ao texto sagrado. Com mais frequência compuseram-se outras novas, mas sempre segundo o padrão do tiro ou com reminiscências dos seus temas, reduzindo-se assim as funções mais augustas da religião a representações profanas, convertendo-se a igreja em teatro, profanando-se os mistérios e a nossa fé até ao ponto de merecer a admoestação de Cristo aos profanadores do templo de Jerusalém: Vos autem fecistis illam speluncam atronum».

A Igreja aceita a música moderna, mas repudia a música teatral:

«E não se pode dizer que a Igreja, nas suas últimas prescrições, imponha somente o canto gregoriano ou o canto polifónico de carácter puramente eclesiástico, proibindo absolutamente as produções modernas. Não. Está Mãe do verdadeiro progresso não impede que também ao nosso tempo se produzam obras originais de verdadeira música sacra, desde que as novas produções — já temos tantas! — possam competir com as antigas, pela perfeição no estilo religioso, e desde que sejam para

sempre proscrias das igrejas as músicas luxuriosas e clamorosas do teatro: toda a espécie de música, cujo canto e harmonia sejam de índole profana».

O Patriarca responde aos argumentos da oposição:

«Outra objecção contra o canto litúrgico é a de ser demasiado breve, pois em três quartos de hora se celebra uma missa solene. É verdade! O povo cansa-se sempre com as funções demasiado longas, mas para se secundar esse gosto do povo — vêde que lógico! — a missa solene deve ser longa, devem ser antepostos ao canto longos prelúdios de sinfonia, o canto tem de ser interrompido com eternos «intermezzos», e para que a música agrade é preciso repetir pelo menos vinte vezes o *Gloria*, o *Laudamus*, o *Gratias*, o *Domine*, sem falar das mil repetições do *Credo*, tantas vezes com perigo de se fazer dizer aos cantores, que com ele deveriam fazer uma profissão de fé, os despropósitos mais atrevidos e as heresias mais espantosas. E o povo fica contente com isso, porque terminado o credo terminou a missa. E assim abandona o templo quando começa verdadeiramente o augusto sacrifício».

«Mas entretanto espalhou-se entre o povo o preconceito de que a missa cantada não vale para cumprir o preceito, e o clero, quase persuadido da profanação de tais missas com tais músicas, ajuda a confirmar esta opinião falsa; e assim vereis que, em quase todas as igrejas, durante a missa solene se celebra outra rezada, novo motivo para que o povo abandone o templo em qualquer momento da missa solene, que ordinariamente se aplica por ele».

A música sagrada em Veneza passa a ser regulada por uma série de disposições. Para esse efeito, o Patriarca nomeia uma comissão especial. A carta termina:

«Oh veneráveis sacerdotes! Não nos façamos réus de tão grande sacrilégio. E Veneza, que por tanto tempo cultivou a beleza na arte, que seja também desde agora, como nos tempos do seu maior esplendor, tão amante da música sagrada que quantos visitem as nossas igrejas e assistam às sagradas cerimónias tenham de repetir: «Que amáveis são, Senhor, os teus tabernáculos! A minha alma suspira e desfalece de amor nos teus átrios santos».

Não é necessário esclarecer que o programa da restauração foi levado a cabo em Veneza com a maior precisão. Sua Eminência não estava disposto a que, «se Jesus voltasse, os primeiros golpes de açoite fossem para os responsáveis pela triste situação do culto nas igrejas».

Sarto nunca tinha subido na sua vida a outro monte que não fosse o monte da Piedade, quando o seu relógio ou qualquer outro objecto «alpinista» era atacado da febre do penhor. Mas em Agosto de 1901 trepou pelas encostas do Grappa.

A cavalo, numa mula branca, escoltado por carabineiros e sócios do Clube Alpino, com um lenço enrolado ao pescoço, o Patriarca de Veneza sorria. O caminho era longo. A linha do Grappa atinge 1.779 metros. No alto, como augúrio do século que começava, os fiéis quiseram colocar uma bela estátua da Virgem Maria. Devia ser abençoada por Monsenhor Callegari, porque o Grappa pertence à diocese de Pádua. Mas está doente. E pediram ao Cardeal...

Pernoitou na cabana dos guardas florestais. Na manhã seguinte, teve no alto a surpresa de ser aguardado por dez mil almas. E assim foi como, num dia 4 de Agosto, precisamente dois anos antes da sua elevação ao Sólido Pontifício, Pio X cantou no cume do Grappa os louvores a Maria... A hora da partida, os rapazes do Clube Alpino ofereceram ao Cardeal um ramo fresco de edelweiss; Sua Eminência acariciou as flores e colocou o ramo na fita do chapéu.

A praça de São Marcos de Veneza é, por certo, um dos quadriláteros mais harmoniosos do mundo. No seu ângulo, o «Campanile» ergue-se como um vigilante dos mares longínquos. É o mais conhecido dos venezianos. No dia 14 de Julho de 1902, os seus conterrâneos viram desmoronar-se o querido «Campanile». Tinha contado o regresso dos Doges, nos tempos áureos. Agora caía vergado como um titã moribundo. Os venezianos choravam.

O Patriarca deu outro rumo aos sentimentos, fazendo notar que as lamentações se deviam converter em acções de graças, porque a queda do «Campanile» não custará vidas humanas. Nem sequer tinha arranhado os muros da Basílica de São Marcos, que podia ter sofrido com a derrocada.

Quanto ao «Campanile», levantariam um novo, idêntico ao que tinha caído.

A colocação da primeira pedra teve lugar no dia 25 de Abril de 1903. A multidão enchia a praça. Com as autoridades civis e o Ministro da Instrução, assistia o Conde de Turim, Príncipe de Sabóia,

em representação do Rei. Os venezianos olhavam cheios de curiosidade para a púrpura esplendorosa do seu Cardeal.

A cortesia do Patriarca converteu em alegre encontro uma coincidência que poderia ser desagradável: um membro da família real e um Príncipe da Igreja.

O Ministro da Instrução permitiu-se incluir no seu discurso palavras que feriram a sensibilidade dos presentes: «Venezianos em primeiro lugar; depois, cidadãos», e outras coisas neste estilo.

O Patriarca não se deu por aludido. Ao chegar a sua vez, com senhoril mestria, cantou as grandezas de Veneza e as glórias de Deus na grandeza de Veneza, corrigindo pela raiz os conceitos do Ministro e encantando os ânimos com a sua palavra poética e profunda.

Assistiu à festa um ministro do Governo francês, que teve ocasião de fazer o seguinte comentário por escrito:

«O Cardeal é um homem esplêndido e atraente: de rosto aberto em linhas claras e enérgicas, dulcificadas por uns olhos brilhantes de juventude, sem qualquer servilismo ou lisonja; as suas maneiras para com o Conde de Turim foram correctas, como é próprio de um homem que se sente senhor de si».

Uma velhinha da região veneziana, contemplando a figura graciosa do Cardeal Patriarca de Veneza, dizia tudo isso numa palavra:

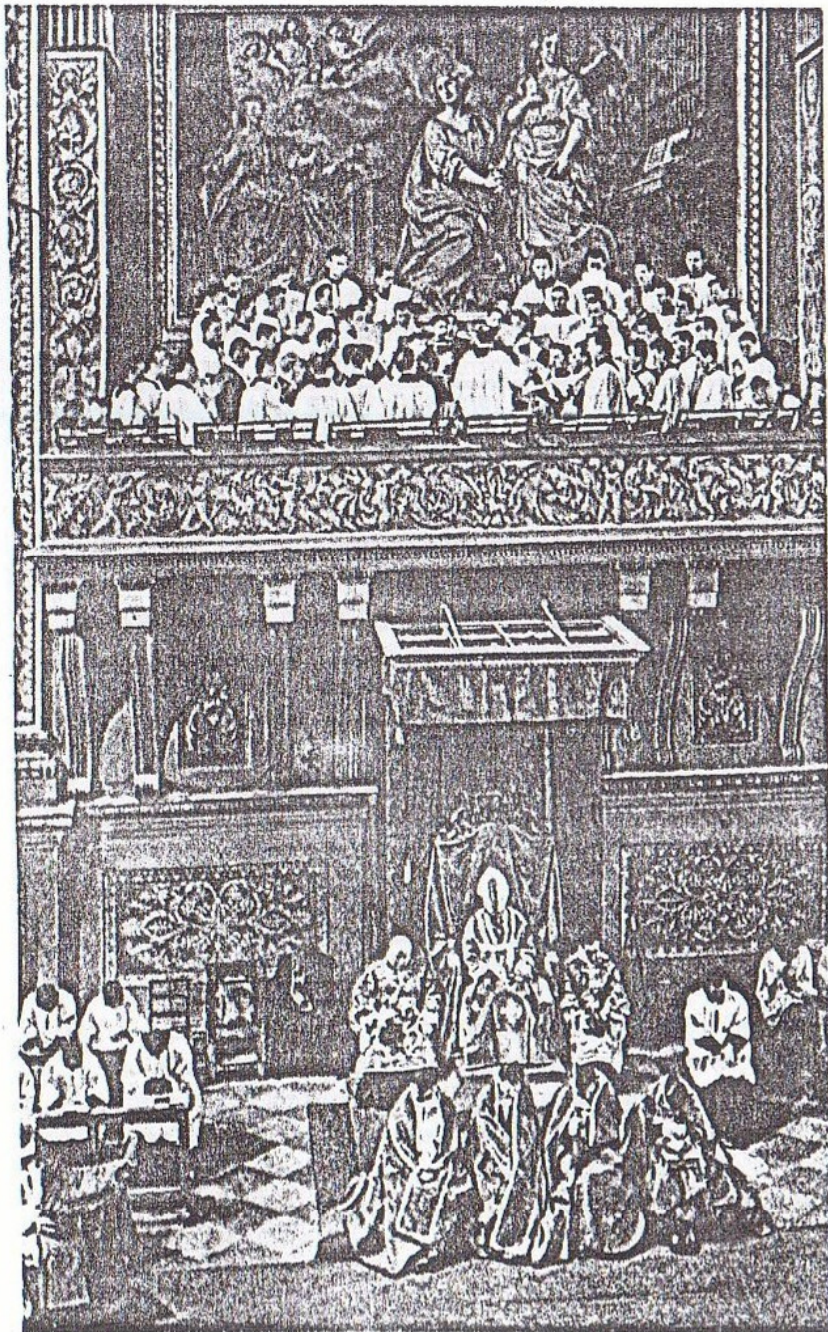
— Que belo Pio XI!

Se me pedissem para comentar numa frase a impressão que me produziu o longo contacto com as obras e os escritos do Patriarca Sarto, sentir-me-ia desconcertado. Não é fácil esboçar em dois traços uma figura tão complexa. Mais depressa me atreveria a dizer-vos que matizes, que factos, que pensamentos ou projectos correspondem ou não correspondem à sua sensibilidade e aos seus ideais. Talvez dissesse que o cardeal José Sarto, Patriarca de Veneza, se revelou como homem de acção inteligente. Temperamento activo, evidentemente, por natureza e por graça. Mas afeiçoado a uma acção inteligente, harmónica, que por sendas metódicas prossegue fins bem meditados. As suas múltiplas actividades podem parecer dispersas: na realidade, a sua mão teve a rara virtude de dominar a vida, de a reduzir a normas, e de fazer avançar as coisas e os homens pelos caminhos que ele desejava. Sarto caminha sob o olhar de Deus. «A Venezia commando io» (Em Veneza mando eu): não era apenas um gracejo simpático do amável Cardeal. Veneza foi feliz na sua mão.

Publicado em

www.leiturascaticas.com

INTERMEZZO



PAPA SARTO, NÃO PAPA SANTO

As leis humanas não podem julgar as intenções dos homens. Castigam ou aplaudem os actos externos, mas está fora do seu alcance penetrar no santuário íntimo da personalidade, onde se agitam os desejos. Talvez os amigos consigam penetrar nas águas furtadas da nossa morada. Mas a intimidade do castelo, o segredo escondido do nosso pensamento e dos nossos desejos, ninguém o pode violar.

No mundo judicial existe, no entanto, uma excepção: há um homem a quem é permitido revolver o subsolo secreto, ~~analisar~~ as intenções ocultas das personalidades mais vigorosas da história, daqueles que viveram contactos íntimos com Deus e empreendimentos aventureiros com os homens. A esse inquisidor privilegiado o ~~vício~~ chama «advogado do diabo».

Quando se introduz a causa da beatificação de uma pessoa tida como santa, compete ao Promotor Geral ~~de~~ pôr em destaque todas as dificuldades que impedem o bom êxito da causa. É ele que investiga os defeitos dos santos, que faz incidir ~~a luz~~ sobre as mais secretas intenções que os moveram na terra. Por isso a gente ~~chama~~ chama o advogado do diabo.

Do outro lado encontra-se o advogado ~~defensor~~ da causa, que investiga a vida, os escritos, as relações e ~~amizades~~ dos santos, para poder destruir as objecções do advogado do diabo, pondo a descoberto a santidade da pessoa submetida a exame. Se o advogado defensor não consegue explicar satisfatoriamente ~~algumas~~ das encruzilhadas, a causa perde-se e a pessoa fica privada das honras que lhe preparavam.

Não é que o advogado do diabo tenha o coração duro. Na realidade, a sua função contribui para o ~~espírito~~ dos santos, pois que, submetendo a sua santidade a uma prova ~~atenciosa~~ atenciosa, consegue dois

feitos: impedir a passagem aos que na realidade não mereçam a glória do altar e fazer com que brilhe mais limpidamente a virtude dos santos. Não há lugar para reticências nem para turvos receios. Tudo quanto é obscuro se esclarece antes da sentença definitiva. Quando o Papa se pronuncia, recebeu uma informação cabal, de modo que, mesmo descontada a assistência do Espírito Santo, que nesse momento o preserva de qualquer erro, os elementos humanos de que dispõe fundamentam uma certeza inquebrantável.

O julgamento a que se submeteu a vida de Pio X foi inflexível. As situações em que ele se encontrou durante a sua permanência na terra são muito comprometedoras. Sempre em contacto com o povo, sempre submetido à fiscalização de todos os olhos, como quem vive separado dos outros por paredes de vidro. Ao povo das aldeias não escapa qualquer movimento dos seus priores. Depois vieram as dificuldades de Bispo, Cardeal e Papa, e as delicadas resoluções de governo.

Foram citadas 205 testemunhas: 51 no processo de Roma, 73 em Veneza, 26 em Mântua, 55 em Treviso. Aquelas que tinham alguma coisa a dizer, de bom ou de mau, foram pacientemente ouvidas, e lavrou-se acta notarial de todas as suas palavras. Em Treviso, prestaram declarações companheiros de infância, gente da sua aldeia, parquianos de Tômbolo e Salzano, cônegos do Cabido, professores do Seminário; em Mântua e em Veneza, pessoas da sua intimidade, sacerdotes que tinham estado sujeitos à sua prelatura, fiéis diocesanos; em Roma, as pessoas, muitas delas cardeais, que mais de perto tinham seguido os seus passos no difícil governo supremo da Igreja, suas irmãs, seus sobrinhos, o cardeal Merry del Val, seu Secretário. As questões de mais difícil explicação tiveram de ser submetidas a um exame especial.

Tantos esforços deram como resultado uma vigorosa imagem. Traço a traço, foi aparecendo o perfil amabilíssimo e forte do Pio X, que as crianças amavam.

O advogado do diabo que agitou a bandeira das dificuldades chamava-se Monsenhor Natucci. Quase às portas dos setenta anos, há vinte e dois que vive recolhido no último andar do Palácio de São Calixto, onde a Sagrada Congregação dos Ritos tem a sua sede; é muito difícil falar com ele, e recusa-se terminantemente a deixar-se retratar. O advogado defensor da causa do nosso herói foi João Baptista Ferrata, um jurista romano de fama internacional. Fala um latim elegante e domina a teologia das virtudes.

Um pode dar-nos a luz, o outro as sombras. Do encontro bro-

tará o mais exacto perfil de Pio X. Sabem tantas coisas que se poderia suspeitar que Ferrata é assistido pelo anjo bom de Beppi Sarto, e Natucci pelo tentador.

FÉ

Parece-me que Beppi Sarto saiu da sua casa de Riese como um arceiro que se lança a andar por mundos novos. Passo a passo, caminhou pelas mais retorcidas encruzilhadas, sem se surpreender com as caras com que ia tropeçando, com os homens diversos com quem tinha de viver, com os negócios complicados que lhe foram parar às mãos. Não tinha outro programa além do de praticar o bem e servir a Deus, ou sejam os dois conceitos essenciais daquilo que a Itália do Norte se chama *fare il prete*, ser sacerdote. Admiravam-se muito de que Sarto nunca perdesse a tranquilidade, mantendo-se num plano equânime, insubornável. Acompanhava-o o seu segredo: «A Providência nunca falha».

Em pequeno, os garotos da sua aldeia idolatravam-no; corria mais do que ninguém, trepava melhor do que todos pelos troncos das árvores, sabia sempre a doutrina e dirigia o grupo dos meninos do coro. João Baptista, o modesto aguazil, assustava-se um pouco com o entusiasmo de seu filho pelos estudos. A princípio, recusou-se a deixá-lo ir à escola de Castelfranco. Beppi cunhou então uma daquelas frases cheias de senso comum e de decisão que foram o nervo da sua vida: «Quero ser sacerdote». Até que o pai, bem aconselhado pelos sacerdotes do lugar, cedeu. E «quero ser sacerdote» foi a sua palavra de ordem quando, a meio dos seus estudos, o pai morreu, deixando a humilde família dos Sarto numa situação difícil: Beppi era o mais velho, e parecia indicado que ocupasse o cargo que o pai deixava vago no quadro municipal de Riese. É curioso verificar que um pontificado esteve por um momento em perigo de ficar afogado entre os lobes de latão de um uniforme de aguazil. «Quero ser sacerdote». Se fosse necessário, e foi-o por vezes, durante algumas temporadas, daria as férias do verão a pedir esmola.

A fé robusta, o sentimento da proximidade de Deus, aqueciam as palavras do bravo pregador de Tômbolo e Salzano. Os seus ouvintes sentiam um ardor inabalável quando excitava a fome da eucaristia; sentiam uma encantadora delicadeza quando lhes falava da Virgem Maria, uma intransigência severa quando reprimia os escândalos. Pela

verdade e pela pureza da fé, ter-se-ia deixado matar: teve ocasião para isso, quando Papa, nas amarguras da luta contra o Modernismo, ao declarar que estava disposto a derramar o seu sangue.

Possuía a percepção fina dos homens que sabem auscultar as consciências. Os nossos povos perdem a fé porque uma praga corrói os fundamentos em que ela se apoia: a ignorância religiosa. É necessário ensinar o catecismo. Esta norma foi válida para ele quando Coadjutor e quando Papa. Constituiu uma santa mania.

Ensino do catecismo concebido por ele em toda a sua grandiosidade histórica e teológica: «Queria levar toda a gente ao Senhor». Teremos ocasião de verificar o seu amor às artes, a sua preocupação pelas galerias artísticas do Vaticano. Isso faz com que estimemos mais a sua dor de alma, quando exclamava pensando nos infelizes: «Venderia todos os tesouros de arte do Vaticano para ajudar a propagar a fé entre os gentios». Multiplicou os missionários e mandou para o Japão sacerdotes jesuítas, que haviam de fundar a Universidade de Tóquio.

Na Itália, lutou para que a educação das crianças não calasse nas mãos dos protestantes. O Governo pôs os órfãos do terremoto de Messina à disposição do Patronato Oficial «Rainha Helena», cujos dirigentes eram ateus, alguns, e os outros protestantes. Pio X mandou um navio espanhol com o fim de recolher as crianças. Mas o Governo teve todo o interesse em que o navio chegasse tarde. O Papa não se deu por vencido e chamou D. Orione, o santo apóstolo da infância, e disse-lhe:

— Benze-te duas vezes e vai procurar a senhora Spalletti (a Presidente do Patronato). Vamos a ver como te arranjas para lhe arrancares as crianças.

D. Orione foi onde o mandavam, e a senhora Spalletti não soube resistir à boa intenção do sacerdote. Um deputado comentava:

— Sois afortunado, D. Orione: o primeiro santo do calendário da Sra. Spalletti.

D. Orione rosou que lhe não agradava muito a sua inscrição naquele calendário, cuja ortodoxia lhe não infundia excessiva confiança. E acrescentou:

— O negócio saiu-me bem porque andavam de permeio a bênção e as orações do Papa.

Sarto é o homem de fé no seu sacerdócio. Os que o conheceram deixaram disso testemunho explícito. Viveu a mania da glória de Deus; instaurar em Cristo os tempos e os homens; vender tudo a esse preço: a saúde, o repouso, as ambições; viver totalmente o sacerdócio: na

ordem íntima, por um aproveitamento esmerado dos elementos de santificação pessoal de que o sacerdote dispõe; na ordem externa, com uma dedicação apaixonada pelos seus ministérios. Essa fé de Sarto no seu sacerdócio é o ponto de vista exacto para entender a continuidade nas múltiplas acções do homem que um dia, jovem coadjutor, consome a tarde, sem pressas, conversando com os camponeses de Tómbolo; outro dia, vestido de cardeal, aproveita o trajecto da gôndola a caminho de Santa Maria das Graças, em Veneza, para fechar os olhos e preparar a celebração da sua missa; e mais tarde, na suprema hierarquia da Igreja Católica, se empenha em adiantar a comunhão das crianças para que «antes do diabo, entre nelas o Senhor».

Meia dúzia de sacerdotes de Treviso veio a Roma com uma centena de leigos, e foram todos admitidos à missa do Papa. Todos receberam das suas mãos a comunhão, incluindo os sacerdotes, que naquele dia deixaram de celebrar para esse fim. O Papa repreendeu-os depois:

— Isso não está bem. Nunca deveis deixar de celebrar a vossa missa, nem sequer para receberdes a comunhão das mãos do Papa. A missa é a flor do vosso sacerdócio.

ESPERANÇA

A esperança é, no fundo, uma nostalgia com certeza de remédio. «Melhor estaríamos além...», costumava dizer Pio X quando as contradições se acumulavam.

A sua confiança na misericórdia divina alcançou também um simpático matiz de temor:

— Paraíso, paraíso. Dizeis muito bem. Quem sabe que purgatório me espera? Porque o Papa tem de prestar contas do mundo inteiro.

Este sentido de responsabilidade fazia-lhe derramar lágrimas. Quando era padre e quando era bispo, tinha um remédio que o estimulava: trabalhar, não dormir, procurar os transviados. Agora, o peso era maior, enorme, e não havia um remédio imediato. A um amigo veneziano que tentava consolá-lo, respondia:

— Ah, meu caro: é diferente dirigir uma gôndola de governar uma armada.

A sua robusta fé na Providência, que notámos anteriormente, dava esteio a uma confiança limitada. Em primeiro lugar perante os apuros

económicos em que o colocava o seu afã apostólico. Manejou o dinheiro com segurança: Deus providenciaria no momento oportuno. Que nenhuma obra ficasse em projecto só por receio da falta de meios:

→ — Avante, que temos um bom patrão.

Em segundo lugar perante as amarguras que as suas disposições lhe proporcionavam, sobretudo quando era Papa. Refugiava-se na oração. Nunca perdia a calma. Olhava de vez em quando para o crucifixo:

— Basta-me seguir o caminho que Deus quer. É essa a minha política.

A doença serviu-lhe de nova oportunidade para manifestar o domínio sobre si próprio. Pensava nos outros:

→ — Quero morrer em três dias, para não incomodar.

CARIDADE

A conta da caridade é tão longa como longa é a vida de Sarto. No decorrer dos cinco períodos de nove anos que repartiam entre si os cargos do nosso homem, desde o seu posto em Tómbolo até ao Conclave de 1903, a caridade é, na opinião de todos, a característica mais saliente.

Caridade para com Deus: não só para os preceitos da lei divina, como também para os preceitos da Igreja, demonstrou ele um respeito exemplar, mesmo nos seus tempos de Papa, em que se poderia dispensar a si próprio das leis eclesiásticas. Tinha um conceito cabal da submissão à lei. Esforçou-se por lograr que os clérigos cumprissem cuidadosamente as obrigações próprias do seu estado.

Caridade para com o próximo. Sarto não soube distinguir entre misérias do corpo e necessidades da alma: atendia a umas e a outras. Também não distinguiu entre sujeitos e sujeitos. Para ele era indiferente que se tratasse de amigos ou de inimigos, quando o seu auxílio era solicitado. Enquanto pároco e bispo possuía um tacto especial que lhe permitia observar a necessidade dos pecadores, e sabia aproveitar subtilmente a ocasião para dar a sua pontoada. Constituiu-se guardião zeloso da fama do próximo:

— Somos todos de carne e osso.

O Papa recebia pacientemente a informação do que os seus inimigos propalavam a propósito de qualquer minúcia, e concluía inexoravelmente recomendando uma oração por eles.

Dois amores se destacaram no conjunto dos seus beneficiados: os doentes e as benditas almas do purgatório.

Os pobres jogaram à vontade com ele. Suas irmãs, temos de reconhecer que muito justamente, lamentaram-se por vezes:

— Hoje desapareceu também o almoço!

— Olha, Rosa: apareceu um pobre morto de fome e dei-lho, tal como estava ao lume.

Quando era Patriarca, tinha medo da segunda metade do trimestre, que costumava encontrá-lo com o balanço fechado. Ficava uma ampla margem de acção para aquela Providência «que nunca faltava».

PRUDÊNCIA

Convém que o homem de governo seja especialista numa virtude: a prudência. Um pároco prudente conta com metade das probabilidades a favor do seu êxito. Um pároco imprudente fracassará irremediavelmente. A prudência dá ao pároco a percepção exacta do momento e cria-lhe um sexto sentido que lhe permite adivinhar circunstâncias, embora as não saiba concretizar.

A vida de Sarto assemelha-se a uma corrida de obstáculos. E foi-os superando um a um, à medida que surgiam. Como coadjutor e como papa soube dar e receber conselhos. Achava muita graça àqueles que pedem conselhos a toda a hora e nunca os seguem. Nas decisões mais importantes do seu Pontificado pedia conselho e orava.

Deu sinais de rara prudência na selecção de bispos e cardeais. Não teve em conta quaisquer interesses humanos. Com frases duras exprimiu em certa ocasião a um secular de categoria que não estava disposto a vender as mitras.

Ninguém o pôde acusar de favorecer a sua família. Essa tentação seria facilmente justificável numa família que sofreu pesadas calamidades e que agora se podia ressarcir de amarguras passadas. O Papa Sarto procurou com avidez as ocasiões de se mostrar alheio ao nepotismo. Ofereceram-lhe em Roma um lugar para seu irmão Ângelo, o carteiro do bairro de Nossa Senhora das Graças, de Mântua. A resposta, deixou-a escrita o próprio a quem ela foi dirigida:

— Meu irmão não deve sair das Graças nem gozar benefício algum pelo facto de eu ser Papa... Como viveu até agora, há-de continuar a viver no futuro.

Na correcção era severo e forte, mas sempre paternal. Não ocultava os seus desejos nem a satisfação que lhe causavam os que se corriam de andar por vias tortuosas.

Pela região trevisana vi sorrir todos os que haviam tratado com ele, quando lhes perguntava se era simpático. Todos se lembravam de factos engraçados. Brincou com os que se colocaram ao seu alcance. Possuía um dom especial, que lhe permitia recorrer à ironia em situações deliciosas.

Um velho soldado da guarda suíça recorda que lhe coube uma vez a guarda sob a janela do quarto de dormir do Papa, no pátio interior. Foi numa das primeiras noites em que Pio X dormiu no Vaticano. De alabarda ao ombro, o suíço caminhava para cá e para lá. Os seus passos ressoavam nas lajes. A janela abriu-se, e o Papa perguntou de cima:

— Bendito, que fazes aí?

O suíço, desconcertado, respondeu que lhe correspondia aquele turno de guarda.

— Olha. É melhor deixares isso — respondeu o Papa —. Vai-te deitar, que é melhor. Assim ambos poderemos dormir.

JUSTIÇA

Nas suas relações para com Deus e para com os seus santos, foi obsequioso e pontual. Quanto a costumes, fica tudo dito numa frase, contra a qual não há na sua vida uma única sombra: Simplesmente, angélico.

Tivemos ocasião de notar acima como, mãos largas por natureza e por graça, administrou de forma inatacável os bens alheios. Nunca se aproveitou do dinheiro da Igreja para usos pessoais. No seu testamento deixou escritos, com a sua honrada simplicidade, três palavras emocionantes: «Nasci pobre, vivi pobre, morro pobre». A seguir suplica que a benignidade do seu sucessor conceda uma renda para que suas irmãs possam viver, com cem liras mensais cada uma!

Amigo da família, obediente a todos os superiores a que esteve sujeito em vida, cordial com os amigos, soube tratar os inferiores com rara delicadeza. Sabia dizer:

— Inferiores, inferiores. Quem sabe se os inferiores são eles ou somos nós?

FORTALEZA

Era a sua virtude heróica.

Começou a carreira descalço. Alguém encontrou o menino com as sandálias às costas a caminho de Castelfranco. Falaram, e o pequeno contou que assim ia fazendo penitência.

Fortaleza de um padre paupérrimo em Tòmbolo, que passou grandes necessidades. E graças que podia comer em casa do pároco. Mas o santo D. António também não andava muito sobrado de recursos.

Forte durante as fadigas da cólera em Salzano.

Fortíssimo em dominar o próprio temperamento. Conseguiu domá-lo de tal forma, que duma natureza viva e colérica fez um carácter brando, benigno. A sua paciência resistiu a embates à prova de bomba.

Acometeu grandes empresas. Recontá-las-emos a seguir, em sucessivos capítulos. Nunca a doença, o cansaço ou o medo o fizeram abater. Monsieur Albert de Rochetal, insigne grafólogo parisiense, emitiu em 1904 este juízo grafológico sobre a escrita de Pio X:

«As letras são grandes, elegantes, harmoniosas, revelam imaginação de artista, ampla inteligência, profundidade de pensamento. As maiúsculas, de altura média, denotam simplicidade e modéstia... Cérebro equilibrado, linha de conduta raciocinada, invariável». E concluiu assim o seu exame: «Homem bom e conciliador. Mas firme e enérgico. Pio X será forte no momento oportuno».

A conduta de Pio X confirmou as profecias do grafólogo sagaz, quer elas procedessem do exame da escrita ou de conversas havidas em Veneza: Mistérios da grafologia.

E TEMPERANÇA

As mortificações de Pio X não atingiram rigores extraordinários. Mas temperou a sua vontade num domínio íntimo constante.

Nunca se saciou por completo. Os que o rodeavam procuravam adivinhar-lhe os gestos e embelezar-lhe a vida. Não dava importância à comida. Nem reparava em requintes. Quando os párocos, por ocasião da visita pastoral, se excediam na preparação da comida, a despeito dos insistentes avisos em contrário, o Bispo dava a entender que lhe não agradavam aqueles luxos. Para cear, bastou-lhe muitas noites um pouco de queijo.

Amava o asseio. Era de uma grande simplicidade no seu vestuário, na decoração dos seus aposentos, nos objectos de seu uso pessoal. Seu relógio pertencia ao célebre corpo dos «alpinistas». Até que, Patriarca, lhe ofereceram um com o escudo gravado, a que atrás damos referência.

Humilde, era muito humilde, o Papa Sarto. Era sua, em grande parte, a culpa do conceito tão difundido, de que Pio X era um homem não muito inteligente. Falou sempre tão convicto da sua incapacidade, da sua falta de preparação, da sua condição rústica, que chegou a convencer os outros daquilo de que ele próprio se convencera. Reportava as honras, mas não as amava. Era muito comedido na sua forma de falar.

É esta a figura que, baseado em testemunhos de primeira mão, descreveu Ferrata, o sábio advogado da causa de Pio X. É tempo de reflectirmos por um instante. Maravilhas? Não. A vida de Pio X não é estrepitosa; é mansa e tranquila. Cada minuciosidade ocupa o seu posto no esquema das virtudes, e parece não oferecer relevo especial. Mas esse conjunto harmonioso não se pode obter sem uma bênção especialíssima de Deus. Uma vida serena, que arrebatava pela beleza daquilo que a rodeava, da intimidade. Quando lhe chamavam «Papa Santo», corrigia, dizendo que havia engano numa letra:

— Não Papa Santo, mas sim Papa Sarto.

E aludia ao seu apelido de «alfaiate», em italiano. Papa Sarto, Papa alfaiate. Boas costuras, as deste alfaiate, que pespontou uns retalhos de amável virtude, formando com eles uma libré de perfeita santidade.

MILAGRES?

No convento das freiras que limpavam a roupa do Papa, uma Irmã sofria das pernas. Num certo dia, entre devoções e travessuras, as freiras quiseram calçar-lhe uma das meias que o Papa usava. A Irmã ficou curada.

Não souberam guardar o segredo, o que não era de admirar. Chegou aos ouvidos de Pio X, que comentou a rir:

— É curioso. Eu calço essas meias todos os dias e não me curam as dores. E a freira curou-se calçando-as apenas uma vez.

O certo é que lhe atribuíram em vida muitos milagres. Há testemunhas concordes em afirmar que lia nos corações; e que já como

Bom homem, simplório

Bispo de Mântua tinha a intuição dos segredos. Predisse vários acontecimentos, entre os quais a guerra europeia. Quanto a curas milagrosas, verificaram-se tantas em circunstâncias tão estranhas, que não parece que possam ser explicadas sem intervenção sobrenatural. No entanto, creio recomendável todo o receio de equívocos neste terreno. Por isso ponho de parte muitos factos, mais ou menos deformados, e limito-me a copiar as palavras textuais de várias testemunhas dignas de fé, que declararam no processo.

A) Testemunho do Emmo. Sr. Victorio Amadeo, cardeal Ronuzzi de Bianchi:

«Em Junho de 1913, veio-me procurar a Superiora da Sagrada Família do Sagrado Coração, Soror Maria Renata de Lille de Latrone, para me solicitar uma audiência do Servo de Deus, com o fim de lhe apresentar a Irmã Maria Frontuto, atacada de uma enfermidade incurável; eu pensava que era um tumor.

Devido a essa enfermidade fora excluída da Profissão e estava muito pesadosa. Queria portanto apresentar-se ao Santo Padre, com a plena confiança de ser por ele curada. Falei do caso ao Servo de Deus antes da audiência, e ele pareceu aceitar. Fiz com que colocassem a Irmã num lugar da sala onde pudesse ser facilmente vista por ele. Acrescentei ainda que eu próprio lhe indicaria, como fiz de facto. O Servo de Deus colocou a mão sobre a cabeça da doente, dizendo-lhe:

— Porque não te sentes bem? É necessário que te ponhas boa.

Naquela ocasião não soube mais nada, mas dois ou três dias depois, com grande surpresa minha, disseram-me da parte da Superiora que Soror Maria Frontuto ficara curada precisamente naquele momento, e que a cura fora verificada pelo médico, tendo ela portanto sido admitida na Profissão.

B) Testemunho do Rmo. D. António Tait, Cônego da Catedral de Trento:

«Em princípios de Novembro de 1908, fui chamado repetidas vezes a Roma por Monsenhor Virili. Eu não queria partir, porque havia dois meses que minha mãe se encontrava gravemente doente, com inflamação visceral, e havia três anos que fora atacada de hemiplegia, receando-se a sua morte de um dia para o outro, pois já se não podia alimentar e contava quase setenta e seis anos.

Minha mãe chamou-me um dia do seu leito e perguntou-me por-

que não ia a Roma. Respondi-lhe que não tinha ânimo para a deixar naquele estado, e ela replicou: «Parte imediatamente; deves cumprir o teu dever, e tem como certo que, se poderes conseguir a Bênção do Santo Padre para mim, me curarei».

No dia seguinte pus-me a caminho de Roma, e logo que cheguei apresentei-me ao Mordomo e Mestre de Câmara, Monsenhor Bisletti, obtendo a graça de poder ver o Santo Padre numa audiência colectiva que teve lugar no dia seguinte.

Apenas me viu, o Servo de Deus saudou-me com grande afabilidade, informando-se acerca da minha saúde e da de minha velha mãe. Respondi que a deixava moribunda e que ela esperava uma Bênção especial. O Servo de Deus respondeu: «Com muito gosto». E unindo as mãos ergueu os olhos ao céu, fez o sinal da Cruz e, batendo-me no ombro, disse-me:

-- Faço votos ardentes para que o Senhor te conserve ainda por muitos anos.

Depois da audiência mandei um bilhete a minha irmã, participando-lhe a Bênção do Santo Padre para nossa mãe. Quarenta horas depois recebi uma carta de minha irmã, dizendo-me que nossa mãe na véspera, pelo meio-dia, se tinha sentido bem, levantando-se e vestindo-se, tendo tomado algum alimento. Ao receber essa carta, notei que a cura tivera lugar precisamente à hora em que o Servo de Deus rogara por ela e lhe enviara a Bênção. Também minha mãe e minha irmã reconheceram que a cura devia ser atribuída à oração e à Bênção concedida pelo Servo de Deus».

C) Testemunho do Rmo. P. Julio Sanbat:

«O Servo de Deus durante a sua vida curou meu pai, de setenta e oito anos, de uma pneumonia dupla. Eis como isso foi:

A Superiora das Irmãs da Cruz, de Roma, — de que sou Capelão — tendo sabido que eu partira repentinamente porque meu pai se encontrava em perigo de vida, pediu para ele uma Bênção ao Servo de Deus. Chegado o telegrama que anunciava a bênção do Papa, meu pai, que se encontrava em estado comatoso, de que foi despertado para lhe ser anunciada a bênção que lhe fora enviada, quis ler o telegrama e ditar a resposta; e desde aquele momento ficou livre de perigo. Assim, ao chegar, encontrei-o em franca convalescença pelo que fiquei admirado, por julgar que o iria encontrar morto.

A minha família atribuiu esta cura à bênção do Servo de Deus».

D) Testemunho do Ilmo. D. José Fornari.

«Estava eu veraneando em Roca di Papa quando se me apresentou uma mulher do povo, que na verdade eu não conhecia, dizendo-me que tivesse em conta um facto extraordinário que lhe sucedera, relativo ao Papa Pio X. Tratava-se, em resumo, do seguinte: a mulher tinha dois filhos surdos-mudos de nascença, e estava interessada com todo o ardor da sua fé em ser apresentada ao Servo de Deus, convencida de que uma bênção sua daria a fala aos dois pequenos. Pude conseguir o que ela desejava por intermédio do Com. Atilio Ambrosini, Camareiro de Honra de número. O Servo de Deus ouviu-a e, pondo as mãos sobre a cabeça das duas crianças, pronunciou algumas palavras, indicando que o mais pequeno morreria e o outro falaria. Com efeito, assim aconteceu pouco depois».

E) Testemunho do Emmo. Sr. Octavio Card. Cagiano de Azevedo:

«Procurou-me uma senhora irlandesa, que tinha uma filha muito doente, coberta de chagas. Não me recordo do nome da senhora, nem do da doença da sua filha. Esta dizia com frequência a sua mãe: Se me leverses a Roma, ao Santo Padre, curar-me-ei, porque Jesus deu aos Apóstolos a faculdade de fazerem milagres, e com a maior razão ao seu Vigário na terra.

A filha tanto insistiu, que a mãe acabou por levá-la a Roma, embora os médicos se não mostrassem favoráveis à ideia da viagem.

Chegada a Roma, foi admitida a uma audiência do Servo de Deus que, passando junto dela, lhe pôs a mão em cima. E a filha, voltando para junto de sua mãe, disse-lhe: «Estou curada».

A mãe hesitou em tirar-lhe o penso. Mas fê-lo poucos dias depois, e encontrou-a perfeitamente curada.

A própria mãe, com sua filha, veio procurar-me para me contar o caso, dizendo: «Veja que rejuvenescida ela está, quando antes se encontrava tão abatida pelo mal.»

O pai dessa rapariga era protestante, mas ficou também tão impressionado pelo facto, que nas suas viagens levava sempre consigo o retrato do Servo de Deus.

O leitor agradecer-me-á que, como testemunho definitivo da santidade de Pio X, lhe dê notícia exacta dos dois milagres estudados e aprovados para a beatificação pelos severíssimos tribunais da Sagrada Congregação dos Ritos. Fazendo-lhes referência, podemos suprimir vacilações e afirmar solenemente: milagres.

1) Cura instantânea e perfeita da Irmã Maria Francisca Deperrás: osteossarcoma na coxa esquerda.

Um dos casos em que se deve agradecer uma enfermidade tanto melhor quanto mais terrível. Para o advogado da causa de Pio X, o nosso João Baptista Ferrata, foi uma bênção que o «osteossarcoma» estivesse classificado pelos médicos entre «as mais terríveis» doenças.

Sóror Maria Francisca Deperrás era uma irmãzinha do convento da Visitação, de Dole, em França. Quando nova, antes de entrar no convento, teve um tifo, não muito forte, e foi operada de uma hérnia. Gozou, depois, de boa saúde, até que em 1928, no princípio do verão, a Superiora notou que ela estava a enfraquecer de forma notável. Em Setembro caminhava com dificuldade. Sóror Maria não se queixava, e procurava dissimular. Um dia, nos princípios de Outubro, estavam as irmãs reunidas, trabalhando em comum. Sóror Maria estava sentada junto a Sóror Agostinha. Esta notou que a irmãzinha tentara erguer-se por duas ou três vezes, sem o conseguir. Pegou-lhe no braço e ajudou-a. — Sente-se doente, irmã?

Sóror Maria rogou-lhe que não dissesse nada, porque nada tinha dito ainda à Superiora. Sóror Agostinha, inquieta, falou à Madre, e esta ordenou que a irmã enfermeira viesse ver a doente.

As freiras assustaram-se. Sóror Maria tinha a perna esquerda extraordinariamente inchada. Chamaram o médico. Visitaram-na os doutores Burgeat e Sullerot, que falaram do caso ao doutor Jeunesseaux. Concordaram os três no diagnóstico: a irmã Maria sofria de um osteossarcoma na coxa esquerda, e não poderia durar mais de dois meses. Dado o estado adiantado do mal, não se podia pensar numa operação. Também as aplicações de raios já não teriam eficácia. Convinha ministrar qualquer calmante à doente e aguardar o desenlace irremediável.

«Não tinha apetite — contou a doente. Sofria muito, tanto que a dor me abstrahia de tudo o mais. Os doutores não me disseram nada, mas asseguraram à irmã enfermeira que não havia remédio. Compreendi-o bem porque ela, ao voltar para junto de mim, sem me explicar o que haviam diagnosticado, recomendou-me que me entregasse à vontade de Deus. Não me restava outra coisa senão preparar-me para a morte».

A enfermeira tinha outra irmã religiosa na Visitação, que lhe mandara como presente uma reliquia de Pio X. Pensaram em começar uma novena, pedindo por intercessão do Santo Padre a cura da irmã Maria. A comunidade rezava todos os dias um padre-nosso e uma ave-maria com a invocação: «Santo Padre Pio X, curai-a». Aplicaram a reliquia à doente. A novena concluiu sem que fossem notados sintomas de melhoras.

Cheias de confiança, as irmãs iniciaram uma segunda novena. Na manhã de 7 de Dezembro de 1928, a irmã enfermeira verificou a gravidade do estado de Sóror Maria. Esta, pela tarde, sentiu o desejo de se sentar na cama, e quis fazer a estranha prova de se calçar. A enfermeira olhava para ela assombrada. Sóror Maria explicou-lhe que desejava tentar descer à capela no dia seguinte, festa da Imaculada. E assim sucedeu. Começou a comer e a restabelecer-se rapidamente.

Com data de 28 de Janeiro de 1929, existe uma declaração minuciosa do doutor Henrique Sullerot, que palavra a palavra arranca exclamações de assombro: a enfermidade irremediável estava perfeitamente curada. O mesmo certificaram o doutor Burgeat e as comissões de doutores nomeados para o caso.

2) Cura instantânea e perfeita da Irmã Benta de Maria. Tumor canceroso na parte inferior esquerda do abdómen.

Constança de Maria, filha de António e de Ana Rinaudo, nasceu em Aisacca, França, a 16 de Abril de 1893. Aos vinte e três anos entrou como religiosa no Noviciado das Clarissas de Boves. Durante muitos anos exerceu o cargo de porteira.

Em Setembro de 1936 sentiu os primeiros sintomas de um tumor perigoso no baixo ventre. Dissimulou durante algum tempo, mas teve por fim que o revelar. Em Setembro de 1937 contou a sua doença à Abadessa, que mandou chamar o médico. O doutor Alexandre Abrate localizou rapidamente os sintomas de um carcinoma ovárico, e com prognóstico muito grave. A única solução possível era a de uma urgentíssima intervenção cirúrgica, que talvez não tivesse êxito, dado o estado

avanzado do caso. Adiar a operação seria condenar a doente à morte.

No dia 24 de Fevereiro de 1938, as freiras, já dispostas a que fosse praticada a intervenção, começaram uma novena a Pio X, aplicando à doente uma pequena imagem como relíquia.

Na noite de 26 para 27, Sóror Benta dormiu com extraordinária tranquilidade, ao contrário do que vinha sucedendo havia bastante tempo. Despertou ao som da sineta. «Parecia-me que estava no paraíso». Saiu da cama, apalpou a parte doente, e notou que o tumor se tinha desvanecido por completo. Não queria acreditar em si própria. Dirigiu-se ao coro e permaneceu ajoelhada durante três quartos de hora, em profunda adoração. As freiras, que nada sabiam, aproximaram-se, para lhe pedir que fosse para a cama. Ela dirigiu-se à Madre Abadessa e, tremendo de emoção, pediu «que lhe entregassem as chaves, para poder voltar a ocupar o seu posto de porteira». Estava completamente curada.

O médico ficou perplexo.

— Que fizeram a esta irmã? Aqui interveio uma força superior.

Sóror Maria Francisca Deperrás morreu no dia 15 de Maio de 1939, e foi enterrada a 17, no cemitério da cidade de Dole, segundo consta do registo de sepulturas do Mosteiro da Visitação.

Sóror Benta de Maria, segundo certificado médico de 28 de Julho de 1950, assinado pelo doutor Alexandre Abrate, vive no seu mosteiro de Santa Clara de Boves, em estado de saúde normal. *Ver pág. 336.*

Os dois milagres, submetidos a conscienciosos exames de peritos na matéria, revelaram um resultado incontestável:

Cura inexplicável do ponto de vista clínico-patológico, que deve ser atribuída a intervenção superior.

Pouco trabalho deu ao nosso bom Ferrata o advogado do diabo, na discussão dos milagres. A coisa estava demasiado clara.

No dia 12 de Fevereiro de 1951 terminava a emocionante história do processo de Beatificação de Pio X. *28 anos antes.* Tinha começado a 14 de Fevereiro de 1923, com um documento assinado por vinte e oito cardeais, que designava como Postulador da Causa o Abade de Santa Praxedes, Rmo. D. Bento Pierami. Depois de infatigáveis processos e informações, nesse dia 12 de Fevereiro de 1951, o advogado do diabo prostrava-se aos pés de Pio XII para lhe certificar que, «segundo resulta do conjunto do processo, podia passar-se «Tuto», isto é, com segurança, à beatificação, se Sua Santidade assim o dispusesse». Simpático, este

advogado do diabo. Sem dúvida desejava, ~~indo~~ ^{ver} que ninguém, a glorificação de Pio X. Vejamos as suas próprias palavras:

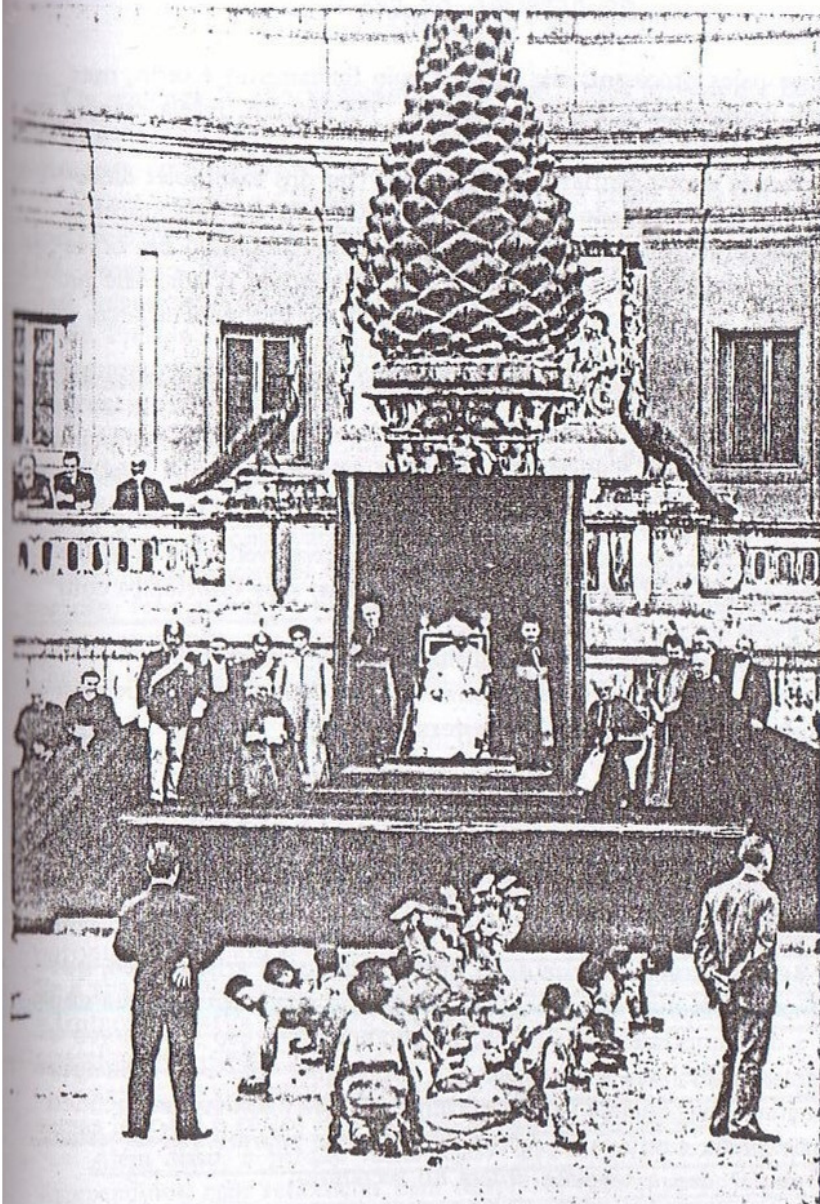
«Permite pois, Beatíssimo Padre, que, humildemente prostrado a teus pés, acrescente também a minha petição, eu, que procurei cumprir fielmente o cargo de censor que me fora ordenado. Sob o impulso da fé, julgo salutar e oportuníssimo, e confesso-o abertamente, que este exemplo posto autenticamente sobre o candelabro ~~ilumina~~ com o multiforme esplendor das suas virtudes não só os fiéis, ~~com~~ também os que vivem ainda nas trevas e na sombra da morte, e os atrai conduza ao reino da verdade, da unidade e da paz.

«Expondo este meu parecer humilde, ~~per~~ ^{per}ardentemente, Beatíssimo Padre, a bênção apostólica».

Roma, 12 de Fevereiro de 1951.

Salvador Rucci, S. Cons. Adv.
Procurador Geral da Fé





57

Publicado em
www.leiturascatolicas.com

OS DEFEITOS DE PIO X

Nós, os pequenos, gostamos de conhecer os defeitos dos grandes. Não pelo prazer de cravar os dentes na sua fama. As pequenas paixões, os aborrecimentos, os deuses menores de uma personalidade histórica, lançam uma ponte encantada, que torna a compreensão e o carinho mais fáceis. Notamos com maior clareza o laço da raça comum. Assistimos-nos um direito, termos perto de nós os heróis: são nossos irmãos mais velhos. Se as histórias só cantam a golpes de trombeta as grandes façanhas dos titãs, calmos esmagados por uma grandeza inacessível. Mas se a picardia encontra uma abertura por onde se possa introduzir na armadura do personagem importante para lhe fazer cócegas, travamos com ela uma certa confiança.

Referindo-nos aos santos, com mais razão ainda. Um santo que tenha sido perfeito desde o berço até ao túmulo esmagamos com uma santidade que afasta. A sua vida não pode servir de exemplo e guia para estas nossas pobres vidas, tecidas de esforços, de quedas e de novos esforços quotidianos. O santo que deixou na rede das suas virtudes pequenas aberturas para o humor e para a convivência, enche-nos a alma de refrigério. Porque foi vencido algumas vezes pela minúscula tentação de uma pequena vaidade. Ou deixou-se arrebatar por uma tarde de génio. Compreendemos então que o santo lavrou com persistência a mesma pedra da nossa pedreira. Que o seu peso de humanidade foi graciosamente aliviado.

Alguns censores da vida de Pio X manifestam desgosto pela sua capacidade de ironia, em que foi fértil. Naquilo que eles consideram um defeito, atrevo-me a ver um sinal de sabedoria. Sarto foi um homem muito maduro em idade precoce, devido por certo às dificuldades com que tropeçou. Essa maturidade temporã colocou-o num plano supe-

rior. E com a simplicidade natural da sua alma afastava o perigo que ameaça aqueles que se encontram em situação semelhante: a tentação de seguir por caminhos tortuosos, em busca de proveito pessoal. Sarto limitou-se a sorrir irônicamente, com um trayo melancólico que permite entrever o seu ceticismo perante muitas coisas.

Quanto ao riso, Sarto estava disposto a rir-se da própria estrela de alva. Ficou famosa entre todas, a audiência que o Papa Pio X concedeu à sociedade anti-alcoólica. Entre os membros dessa sociedade havia um grupo de Frascati, a célebre região do vinho romano. O Papa disse-lhes:

— Que não saibam lá que pertenceis a esta sociedade, porque se o souberem não vos deixam regressar a casa.

Na sala do trono esperava-o o Presidente:

— Nem sequer um copo, Presidente?

— Sim, Santo Padre, às refeições.

— Bem o dizia eu...

Notou a presença do Comendador Angelini, Director do Osservatore, homem muito gordo e luzidio.

— O quê? O senhor também é abstémio?

— Não, Santidade.

— Ah! Admirar-me-ia muito.

Nos seus métodos de governo introduziu, desde os anos de Secretário episcopal em Treviso, essa visão jocosa das circunstâncias. Depois, alguns diziam que ele não cumpriu as promessas feitas num plano hipotético. «Sarto de Montebeluna — lhe chamavam — que jamais mantém uma». D. Beppi ria, e comentava com o Prelado. Devemos notar que a palavra italiana «bugia» tem significado duplo: mentira e palmatória. A palmatória com que Monsenhor Callegari o apresentou tinha a seguinte inscrição: «Ofereço-te esta «bugia» pelas muitas que disseste quando eras Chanceler».

A promessa é uma arma que aqueles que governam têm por força de manejar. Por vezes, o próprio subordinado cria a aparência da promessa. Aqueles que rodearam Sarto nas várias épocas da sua vida podem discutir se ele prometeu coisas que depois não foram cumpridas. Mas ninguém discute a tenacidade com que negou o acesso a cargos de interesse aos que os não mereciam ou não estavam em condições de os desempenhar. Pôs sempre a imparcialidade e a rectidão acima da amizade e dos compromissos.

Corre pelos processos uma história cujo fundamento é certo, mas que está desfigurada e com acrescentos. No entanto, revela exactamente as maneiras de Sarto.

Era nessa época Patriarca de Veneza. Um dos sacerdotes diocesanos trazia-o preocupado com uma conduta mais do que suspeita. O Patriarca procurou fazer com que ele se sentisse mal ali. Em breve o sacerdote em questão pediu a um bispo vizinho que o admitisse na sua diocese. O Bispo quis pedir primeiro informações ao Patriarca, e aguardou um encontro com ele para o consultar.

— Eminência, esse sacerdote pede-me que o admita na minha diocese...

— Sim, sim...

— Posso recebê-lo?

— Sim, sim, de olhos fechados.

O Bispo admitiu o solicitante, que já o trazia preocupado quinze dias depois. Era na realidade um elemento indesejável. No primeiro encontro com o Patriarca, o Bispo contou-lhe os seus infortúnios com aquele padre.

— Mas como Vossa Eminência me disse que o recebesse...

— Disse-lhe que o recebesse «com os olhos fechados», porque com eles abertos não o receberia de certeza.

Nada dissemos acerca dos secretários que Pio X utilizou. Nomeado Bispo de Mântua procurou um, até que encontrou João Baptista Bressan, um sacerdote de Treviso, que o havia de acompanhar fielmente até à morte.

Com um dos antecessores de Bressan sucedeu ao Bispo de Mântua um pequeno incidente que ele próprio contava a rir:

Não encontrava maneira de se livrar de um casal aristocrático, que de dois em dois dias se apresentava no Palácio sem outro fim que não fosse o de cumprimentar o Bispo, perguntando-lhe pelo seu catarro e apresentando-lhe os seus respetos. Monsenhor Sarto a princípio achou graça, mas quando os seus afazeres se multiplicaram compreendeu que não podia continuar a receber aquela série interminável de vistas. Uma manhã deu a seguinte ordem ao secretário:

— Se os senhores X vierem hoje, diz-lhes que o Bispo não está.

Com efeito, os senhores X não faltaram. O secretário, muito amável, explicou:

— Há meia hora que Sua Eminência Reverendíssima me veio encarregar de dizer a Vossas Excelências, quando viessem, que ele não está em casa.

Os senhores X não voltaram a aparecer. Mas Monsenhor Sarto teve de pensar em mudar de secretário, apesar de se sentir no fundo muito grato para com aquele...

Ao ser elevado a Cardeal, os títulos jocosos como o de «Sarto de Montebeluna» cresceram também em dignidade. Passou a ser o «Cardeal Prometo da Ordem de S. Jovial». Enganar-se-ia no entanto, quem julgasse que os sacerdotes se sentiam despeltados com a atitude do seu Prelado. Nunca lhes faltou em matéria de justiça, e sempre o encontraram benévolo e compreensivo. Não poderia por certo nomeá-los cônegos a todos. Vi as cópias dos documentos que se trocaram num recurso elevado à Datária por um concorrente a certo benefício paroquial. São interessantes pelo que representam de excepcional na vida de Sarto, e pela caridade de que deu provas nesse assunto.

Muitos que conservam de Pio X uma imagem suavíssima, humilde e afável, ignoram que ele era irascível por temperamento. Bondoso de coração, foi-o sempre. Era um património que herdara da atmosfera em que se respira nas planícies de Riese. Mas era picado de génio. Chegou a conseguir a tranquilidade inalterável à força de dominar os nervos.

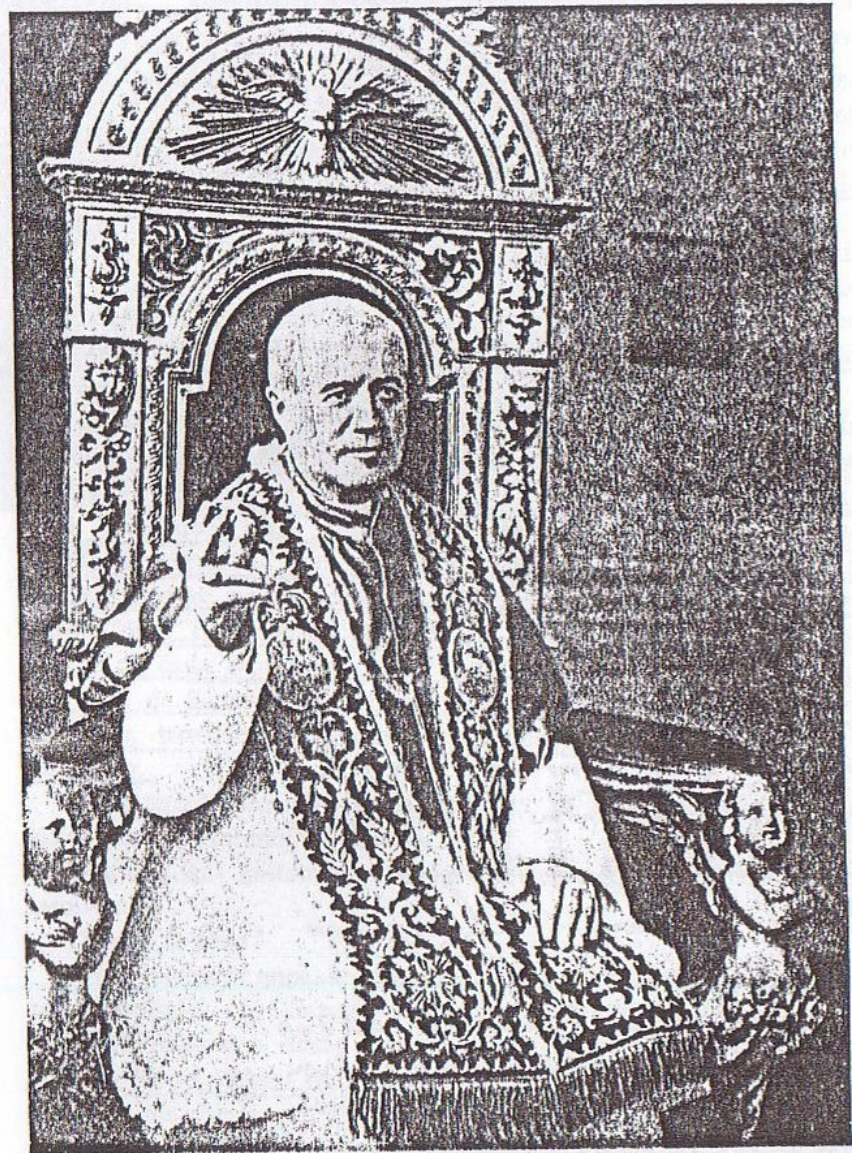
Beppi, rapaz fogaço, à frente da sua brigada de birichini, causou alguns desastres nos domínios das donas de casa de Riese. As testemunhas exigem sempre que às suas declarações se acrescente um apêndice: «fazia-o para alegrar a tropa *senza malizia*, sem más intenções».

Vieram depois as pregações severas, quando reprimia escândalos públicos. Fizeram época. Impressionavam, porque todos os seus paroquianos sabiam que elas brotavam de um coração que os amava. Se a sua mão atingiu o rosto de algum blasfemo, o correctivo foi aceito e frutuoso. Sarto, tão amigo dos livros dos Padres, recordaria o ardente conselho de Crisóstomo:

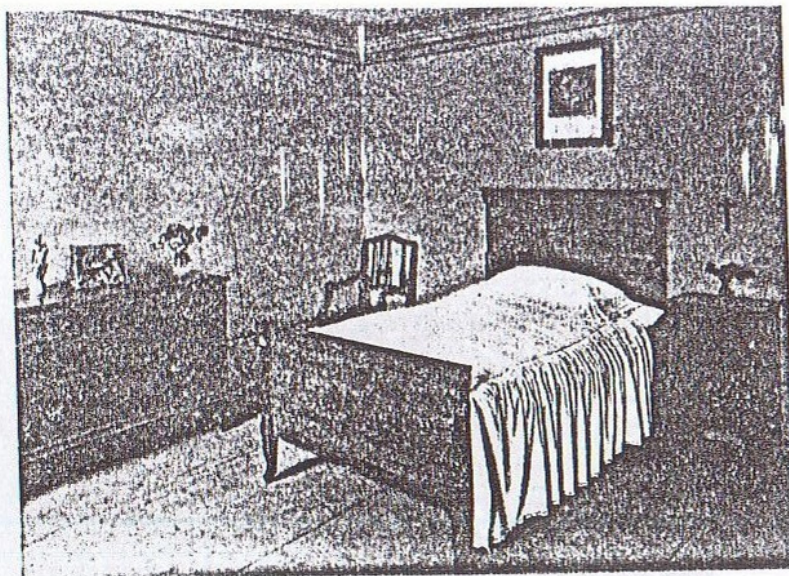
«— Se na rua ouvires que alguém blasfema o nome de Deus..., não temas ferir-lhe o rosto: Batendo-lhe, santificas a tua mão».

Além disso, o perdão vinha logo. Era largo no acolhimento aos arrependidos, sem reticências nem desprezo, com a particularidade de que as irritações de D. Beppi, de Monsenhor Sarto e do Cardeal Patriarca nunca corresponderam a ofensas de tipo pessoal: as calúnias, os vexames, não acendiam a sua ira. Talvez lhe arrancassem um triste sorriso de melancolia, e uma prece.

Sua irmã Rosa andava um dia a revolver a casa com as lamentações que lhe arrancava uma violenta dor de dentes



PIO X NA ÉPOCA DA COROAÇÃO



Eccellenza. Ilmo. e Rmo.

*Von ancora bene risentito dalle sgo-
rento per la tremenda voce, che
si aggrava, sento il bisogno di
condurre all'amico tenerissimo
e affettuoso saluto. Oh quanto ame-
re di vedenza per affondere nel suo
sorella ha piena del mio nio! Ma
non ho il coraggio di dirle: venga
fama. Bisognando di ogni bene
prima lettera, che fuio del Calvario
in cui mi ha scritto il signore con
un bacio affettuoso. In modo
che i miei di cuore e a tutti i
miei cari l'apostolo. Benedizione
Valecano e un obbligo affetto in Gesù
agosto 1903 Rio P. X*

UMA DAS PRIMEIRAS
CARTAS ESCRITAS POR

— Não serás capaz de te calar? — perguntou-lhe D. Beppi.

Rosa, com a violência do seu sofrimento, respondeu:

— Não, Beppi, não sou capaz de me calar. E gostaria de que experimentasses por uma hora uma coisa tão boa.

Três ou quatro dias depois, D. Beppi teve de se levantar da cama durante a noite. Uma dor de dentes atroz não o deixava dormir. Rosa ergueu-se e perguntou-lhe o que tinha.

— Estes dentes...

— Agora já sabes o que é bom. Oxalá te dure uma hora.

A mão de D. Beppi partiu disparada. Um movimento irreprimível.

A cinquenta anos de distância, essa bofetada, dada por D. Beppi a sua irmã, deu muito trabalho na causa da beatificação. «No fim de contas — explicaria o advogado defensor — é o único movimento de ira da vida de Sarto que se não justifica. O único acto que envolve uma ofensa pessoal. Concedido que seja uma falta, essa excepção, à qual não se pode acrescentar qualquer outra, é, no entanto, expoente de uma santidade alcançada com árdua tenacidade».

Por vezes, o punho cerrado do Papa vibrava golpes sobre o tampo da sua secretária, quando estavam em causa os direitos da Igreja. Não era estranho que o manifestasse exteriormente aquele que se viu forçado a lançar mão da mais invicta fortaleza de ânimo nos actos do seu Pontificado.

Consta que durante a infância e a juventude de Beppi a fome rondava em torno da família do pobre aguazil. Anos de aspereza que forjaram com ténpera rija o modo de ser do rapaz: trabalho, sobriedade e resistência. A mesa de Sarto nunca conheceu requintes. Frugal e, se os tempos o impunham — ou se a mão esmoler a limpava —, escassa. Sempre sem lhe conceder importância. As suas irmãs conheceram os apuros em que os sacerdotes costumam pôr as pessoas que cuidam da sua mesa.

Bebia vinho. Apreciava um bom copo. Nele se cumpriu a letra o conselho de São Paulo, porque a digestão causava-lhe peso no estômago. Se alguma vez «confraternizou» com os seus paroquianos de Tómbolo e Salzano, com o fim de se aproximar cada vez mais deles, mostrou-se muitíssimo discreto.

São Tomás disse que, se é necessário dormir para que o corpo descanse, também a actividade psíquica não pode ser constantemente man-

tida em tensão. É necessário fazê-la afrouxar de vez em quando. Lembro-me sempre como aborreciam Miguel Ângelo os homens que em todos os instantes do dia e da noite pretendem manter estirada a espinha dorsal, os homens que querem ser grandes até quando descascam uma maçã, inacessíveis à conversa amigável, ao sorriso benfazejo. Creio que entre os sinais de autêntica magnanimidade está a graça com que o herói desce ao trato chão dos comensais, à historieta que dá um tom desportivo, garboso, à seriedade das horas.

Em Pio X, a graça, entendida como gracejo, era conatural. A seu lado, os amigos gozavam e sentiam-se bons. Punha em cheque os seus defeitos, picava-lhes o amor próprio, mas suavizava os traços com tanta finura, que dava sempre lugar a novos sorrisos. Os puritanos tê-lo-iam acusado de banal, ligeiro, burlesco... Por sorte, a Santa Sé não lhes pediu conselho para o sagrar Bispo, nem o Espírito Santo para concentrar nele os votos do Conclave.

Notava a diversidade das situações: nunca se permitiu a uma confiança fora do lugar. O seu conceito da gravidade sacerdotal era um pouco rígido, e assim o exigiu dos seus sacerdotes de Mântua e de Veneza. Mas recusou-se a passar pela vida entenebrecendo as sombras. Preferiu a caridade do sementeiro de pequenas alegrias.

A caridade de Sarto para com o próximo, ilimitada, poderosa, era de certo modo o ambiente para um defeito que podia ter sido grave: descuido nas manifestações de piedade para com sua mãe e seus irmãos. Visitava sua mãe de vez em quando. Mas, demasiado entregue às suas ocupações pastorais, suspeitemos que tenha feito sofrer os seus familiares.

Tal suspeita não corresponde à verdade. Amou sua mãe com constância. As suas visitas eram escassas; havia muitos quilómetros de permeio. Mas seguiu com amor a marcha dos anos da velhinha. Compensou-a de pesares e reservou para ela as honras da mais solene visita cardinalícia. Tentou instalá-la a seu lado em Salzano, em Mântua, junto do seu Bispo. Mas Riese atraía-a tanto, que teve de regressar. E a sua velhice foi gloriosa, pelo fulgor de seu filho.

É certo que as irmãs não governaram a conduta sacerdotal de Sarto. Tinha-lhes delimitado bem o campo de acção. Queria-lhes muito, teve-as consigo, e elas salvaguardaram-no com uma assistência física que de outra forma ele teria descurado em extremo.

A prudência, eis o mais forte dos escolhos. Evitá-lo sem quebranto eleva a heroicidade, o dom predilecto de Deus, as virtudes de um homem que passou cinco períodos de nove anos em contacto pessoal com gente de toda a espécie, e onze anos no supremo Pontificado. Pobre Beppil

Entre todas, duas situações assinalaram com traço vigoroso um perigo grave: quando Bispo de Mântua, a reforma disciplinar do Seminário, que era governado por um reitor dado ao vinho e por superiores de capacidade discutível. Vimos como ele deu ao caso uma solução certa, firme, conseguida sem pressas.

A segunda, a mais grave, a preocupação que marca a cúspide de uma vida ^{de pesares} pesada: a luta contra o modernismo. Um dos extremos em conflito teria de perecer; a transacção era impossível, fosse qual fosse o pensamento dos que não mediam a gravidade da situação. Esta era tão grave que a causa da beatificação de Sarto esteve em suspenso durante bastante tempo perante a pergunta: deve esclarecer-se se o Papa Pio X acertou com a prudência de cada momento quando debelou o modernismo. A Secção Histórica da Sagrada Congregação dos Ritos empreendeu um estudo objectivo, baseado em documentos secretíssimos. O resultado foi magnífico.

Mas teremos ocasião, no capítulo xx, de rever as emocionantes vicissitudes do formidável desafio.

Para os que gostam de abordar problemas que os clássicos não resolveram:

Pio X fumava?

Nos primeiros anos de sacerdote, fumava. Não em excesso, mas com frequência. O Cônego e Director espiritual do Seminário reduziu consideravelmente a dose: um ou outro cigarro na sua residência. Quando Bispo, deixou por completo de fumar.

Não me consta que tenha pronunciado qualquer anátema contra o tabaco. Pela sua conduta progressiva, parece que tomou o gosto de fumar como distracção. Contam-se muitas coisas, algumas com aspectos de verdade:

Que seu irmão Ângelo lhe ofereceu um cachimbo quando era Bispo. Que o carregou, fumou um pouco, e que o guardou, sem voltar a carregá-lo.

Que mesmo já como Cardeal, em circunstâncias excepcionais, aceitava um cigarro quando lho ofereciam.

Que o seu Secretário, Monsenhor Bressan, fez uma bela colecção de charutos havanos que todos os anos chegavam de Cuba, como presente para o Papa...

Tomava rapé. Começou a tomá-lo quando era sacerdote, para acalmar desagradáveis dores de cabeça, e conservou o hábito. Quando já era Papa, tinha um cuidado especial de não manchar a sotaina branca...

Passámos revista, leitor amigo, aos defeitos de Pio X. Posso garantir-te que nos iluminava uma luz implacável, que não deixou de esquadriñar o mais oculto recanto da sua vida, e que teve especial interesse em agitar todas as suspeitas. A uma investigação como a do advogado do diabo nada se pode ocultar. Ele é o pior dos promotores de justiça, precisamente porque o guia a santíssima intenção de velar pela honra do registo católico em que só se inscrevem os nomes dos servos de Deus.

Nada mais tenho a dizer-te. Tu pronunciarás a sentença sobre setenta e nove anos de vida formosamente limpos, admiravelmente equilibrados. Os contemporâneos de Sarto abriam a boca estupefactos, vendo-o elevar-se... sem se saber como, sem obras aparatosas, sem escândalos de grandes empreendimentos. Dava a impressão de que a vivência sobrenatural se tinha encarnado no seu temperamento tão humano. Não lhe custava o menor trabalho urdir, entre quatro gracejos, a mais deliciosa das palestras espirituais. Simples, acolhedor...

Santo, até nos defeitos.

Publicado em
www.leiturascaticas.com

CIÊNCIA E SABEDORIA

Quero que este capítulo seja breve. É uma ^{apologia} alegação, dedicada àqueles que propagam a falsa imagem de um Pio X bonacheirão, escasso de luzes. Para eles vai este tríptico:

Dotes e preparação de Sarto.

Capacidade de adaptação.

O índice de realizações.

1

Os dotes do jovem Sarto mostram-se desde o primeiro ao último dos exames do seu curso. O Seminário de Pádua viu-o passar pelas suas aulas como o aluno mais destacado do seu tempo. Se alguém tivesse adivinhado que a tantos êxitos académicos se haviam de seguir dezoito anos de contínuo trabalho pastoral, tê-lo-ia lamentado. Sarto não se lamentou. À custa de esforço e da redução das suas horas de sono, acumulou a vocação pastoral com a dedicação ao estudo. Já como Bispo e Cardeal, manejou constantemente os Padres e a Sagrada Escritura. Sermões, pastorais, conferências, tratou com as pessoas, tudo circunstâncias que para ele produziam reflexões e apontamentos. O seu Secretário de Estado admira-se do conhecimento, que em várias ocasiões demonstrou, das intrincadas questões eslavas, da liturgia, das reivindicações nacionais. Atribuía essa clareza de ideias à experiência que lhe havia proporcionado o contacto com os fiéis em Veneza.

Evito as citações demasiado longas, mas quero copiar aqui a impressão que o Cardeal de Veneza deixou a um visitante sagaz:

«O colóquio deixou-me duas recordações intensas. A primeira,

que era um homem inteligentíssimo, conforme tinham dito em Mântua... Enquanto lhe falamos, tem cravados em nós os olhos que iluminam a sua fronte; ao olhar para nós dá-nos a impressão de se estar simultaneamente observando a si próprio, para não cair nas insídias que a nossa conversa lhe possa armar».

Teve preferências encantadoras nos seus estudos. A música, antes de qualquer outra. Foi a sua santa paixão. E as Humanidades. Versos italianos e latinos alternavam-se com os seus exercícios escolares, com as suas pregações paroquiais, e com cartas episcopais. Algumas das suas peças oratórias são modelos de primor e de talento.

Para as suas leituras aproveitou até os breves intervalos que a jornada pontifícia lhe deixava. Acompanhava de perto as publicações italianas e francesas. Lia o francês sem dificuldade. Evitava falá-lo, embora algumas vezes se atrevesse a fazê-lo por brincadeira.

Educou e matizou o seu gosto artístico nos ambientes tão requintados, em que teve de viver.

2

Tenho pressa de apontar aqui duas observações.

Os anos de uma bem orientada formação intelectual não podem ter como resultado uma especialização eficaz da mentalidade juvenil. A especialização concreta numa determinada matéria só se pode obter ao cabo de uma carreira concluída, quando o jovem, já homem, começa um trabalho pessoal que, mantido durante muitos anos e encerrado nos limites de um campo muito concreto, o faz tomar posse de todos os segredos, de todas as minúcias. Raras vezes se pode obter essa especialização em mais de uma matéria. Se se multiplicam os objectivos, deixa de ser eficaz. A primeira preparação não pode portanto ser medida por uma especialização impossível. Os estudos iniciais têm outra finalidade. Vão descobrindo os horizontes em toda a sua amplitude, vão mostrando a vastidão dos campos de trabalho, com os laços de conexão entre os aspectos da ciência. Despertam a fome de saber e proporcionam o treino nos métodos de estudo. Iniciam na consideração dos princípios e descobrem o interesse das conclusões. Os anos de formação, em resumo, dão como melhor fruto um terreno bem preparado, um entendimento aberto e apto, um fundo cultural.

instrumento O êxito dos estudos de Sarto, sob esse ponto de vista, foi esplêndido. A sua alma manteve-se aberta a todas as curiosidades intelectuais. Gostava de trabalhar, de ouvir, de conhecer. Se as circunstâncias, que são um sucedâneo da Providência, o tivessem arrastado por esse caminho, a sua especialização em qualquer matéria teria o êxito assegurado.

Essa capacidade cultural, essa vastidão aberta, que é o melhor património do bom universitário, manifesta-se com a maior exactidão numa pedra de toque: a adaptação aos diversos ambientes. É necessária uma agilidade mental extraordinária para que a mesma pessoa possa dialogar em plano de intimidade com os traficantes de Tómbolo e os teólogos de Roma. A maravilha da vida de Pio X é encontrar-se tão bem centrado, tão adaptado a cada uma das atmosferas que teve de respirar. Isso pressupõe um esforço que muitas inteligências, mesmo privilegiadas, não suportariam. A letra de Pio X era tão serena, tão limpa de correcções, quando escrevia os pequenos discursos que as meninas de Salzano os liam ao alcaide no final dos cursos, como anos depois, quando redigia pelo seu próprio punho a Exortação ao Clero católico e partes notáveis da «Pascendi», um dos documentos 'mais sérios que a Santa Sé promulgou.

3

A nota curiosa do índice de realizações pontifícias que vai ocupar os capítulos seguintes deste livro, é que supõe uma réplica às actuações do Pároco, Bispo e Cardeal, que viveu nos capítulos anteriores. Há uma continuidade assombrosa. Pio X encara tranquilamente os problemas mais graves, isola-os e acomete-os um a um, como se não desse importância à solução oportuna. Não teme. Não deixa quebrantar o seu ânimo. Ouve pareceres, confronta opiniões, pesa pessoalmente os prós e os contras, e acaba desenhando um esquema completíssimo do documento, ou escrevendo-o totalmente.

«...Leio todas as cartas que me são dirigidas. Não faço caso daquelas que propalam que eu estou sequestrado e que me escondem os assuntos importantes...»

«Respondo pelo meu próprio punho à sua carta, autorizando-o a declarar: 1) Que o Papa goza até hoje, graças a Deus, de boa saúde que lhe permite, como nos anos anteriores, dedicar mais de três horas

às audiências, e outras tantas à resolução dos assuntos das Sagradas Congregações e da Secretária particular; 2) Que no governo da Igreja o ajudam amorosamente muitos cardeais, mas que nenhum deles se atreve a tomar em seu nome qualquer resolução que não seja primeiro ordenada por ele e estabelecida de comum acordo; 3) Que quantos propalam que são três os cardeais que mandam, o fazem para se subtraírem ao dever obsequioso, criando-se a consciência de que não são obrigados a obedecer porque não é o Papa que manda...»

Isto são fragmentos das suas cartas.

Quando Pio X subiu ao Pontificado, o mundo comoveu-se, mais do que pelas suas qualidades — só conhecidas por um círculo muito limitado — pelo êxito pessoal de uma vida humilde. A história do novo Papa tinha aspectos romanescos. Nos nossos dias seria motivo para um bom filme. Julgavam-no mal preparado para a alta missão que tinha de desempenhar, e atribuíram às pessoas que o rodeavam, muito especialmente a Merry del Val, os actos do seu governo.

Vamos no entanto ao Índice, que vai sem comentários. A linha era clara e constante.

Veneza conheceu as preocupações do seu Cardeal na orientação política dos seus fiéis;

o Papa não se ocupava de temas novos para ele.

A música sacra entusiasmou-o desde pequeno, quando convivía com D. Pedro Jacuzzi; apaixonou-o no Seminário; serviu-lhe de instrumento apostólico em Tômbolo e Salzano; mereceu-lhe especiais cuidados em Mântua; deu origem a uma pastoral quando Cardeal de Veneza...

...que tem muito que ver com o «Motu Proprio» que posteriormente publicou.

Não vamos repetir as notas dispersas em que nos referimos à preocupação de Sarto pelo Catecismo;

Quando Papa, alargou o raio de acção e o campo visual da sua solicitude primeira.

Em Mântua, inclusive com artigos publicados, mostrou-se jurista de peso; em Veneza fundou a Faculdade de Direito; em toda a sua tarefa pastoral falou da conveniência de uma codificação, que se iniciou poucos meses depois de começar o seu Pontificado.

A disciplina hierárquica, a função sacerdotal, o fervor eucarístico, a reforma dos Seminários, a erecção das bibliotecas, são tarefas que têm

profundíssimas e longínquas raízes na vida do Sarto anterior a Pio X. Pertencem à pré-história do Papa. Estão focadas e resolvidas com unidade de estilo. Ocupam nos «Acta Pontificis» uma formosa colecção de tomos que são um tesouro.

Antes, porém, de os começarmos a examinar com todo o respeito, era necessário referir os seus antecedentes.



Publicado em
www.leiturascaticas.com

TRABALHAREMOS JUNTOS

1

Paco Tormo foi um famoso hoteleiro valenciano, que nos princípios deste século condimentava a sua «paella» com anedotas picantes. As suas historietas ainda hoje são recordadas em Valência. Era um homem pitoresco, que concorreu uma vez a um congresso internacional de hoteleiros, entre confrades ingleses, franceses e alemães. Irritaram-no tanto os discursos, para ele incompreensíveis, que na última sessão ergueu-se, disposto a arrelhar os assistentes, narrando-lhes em castelhano um conto de Calleja, certo de que ninguém entenderia uma palavra. Mas à cautela, tentou explorar o terreno.

— Peço a palavra, e rogo que me seja concedida autorização para me exprimir em castelhano.

A mesa presidencial conservou-se silenciosa. Nos olhares dos congressistas notava-se a mais completa desorientação. Mas uma das jovens secretárias do congresso ergueu-se:

— Pode falar em castelhano. Traduziremos depois a sua intervenção.

Tormo mudou de cor, e apenas conseguiu dizer:

— Por essa é que eu não esperava, minha boa amiga. Dou por concluída a minha intervenção.

Este Tormo a que me estou referindo foi na sua juventude moço de cosinha do Cardeal Arcebispo de Valência, Herrero y Espinosa. Acompanhou-o ao Conclave. Quando o Cardeal se sentiu gravemente enfermo e pediu a entrada do seu vigário, Tormo penetrou também no recinto sagrado: era ele quem melhor podia cosinhar segundo os gostos do doente. Depois da eleição, quando casualmente se falava de Pio X em Valência, Tormo comentava:

— *A éste el varem fer Papa mosatros*. (A esse, fomos nós que o fizemos Papa).

Tormo não tinha razão. «Césare», o velho porteiro do Colégio Espanhol de Roma, acompanhou como *cameriere* — todo italiano que se preze sabe o que vale um digno criado — o próprio Cardeal Espinosa. Foi ele quem me contou que, ao acercar-se Monsenhor Merry del Val, na sua qualidade de Secretário do Conclave, da Vela do Cardeal de Valência para recolher o seu voto, os obrigaram a deixar o enfermo só. Mas este, impulsivo e impaciente, apenas Merry e os seus acesores assomaram no fundo do corredor, começou a gritar:

Rampolla... Rampolla... Eu voto por Rampolla...

Foi assim da primeira vez, e também da última, quando no escrutínio de 4 de Agosto cinquenta Cardeais votaram por Sarto. O Cardeal enfermo não se deixou convencer, e continuou aferrado à sua devoção por Rampolla.

Sarto quis-lhe dar uma prova de especial benevolência: a sua primeira visita, uma vez eleito, foi para ele. Apresentou-se no aposento do Cardeal Herrero, deu-lhe um abraço e a sua primeira bênção. O pobre Arcebispo de Valência julgou morrer de emoção:

— Santíssimo Padre, ser-vos-ei fiel como um escravo.

E disposto a cumprir a sua promessa, em vez de morrer como todos esperavam, regressou a Valência rejuvenescido, contando que o Papa era um santo e fazia milagres.

— Como não há-de ser um santo? — comentava Tormo —: fomos nós que o elegemos...

2

O abalo que Sarto sentiu durante os dias que levou a eleição foi violentíssimo. Não teve a preocupação de dissimular os seus sentimentos. Os Cardeais contemplavam emocionados a alma inquieta daquele homem que olhava com uns olhos grandes de criança. A fortaleza sobrenatural dará em breve entrada no seu ânimo honrado:

«Adiante, pois que é da vontade de Deus».

Mas entretanto, Pio X tinha direito a chorar suavemente. Não esperava aquele resultado. Bressan expediu um telegrama para o Palácio patriarcal de Veneza:

«Santo Padre, chorando, manda primeira bênção apostólica a suas irmãs e família patriarcal».

A saudade dos seus amigos está patente na carta que no dia 5, logo depois das eleições, escreveu a Monsenhor Callegari:

«Ainda não refeito do choque... sinto o desejo de enviar uma afectuosa saudação ao meu queridíssimo amigo.

«Quanto desejaria vê-lo, para derramar no seu coração a grande pena que aflige o meu.

→ «Banhando em lágrimas esta primeira carta que escrevo do Calvário em que o Senhor me quer...»

Pouco a pouco, a ideia do supremo Pontificado vai penetrando na sua mente, e nela se radica profundamente. Sarto será um Papa íntegro. Mas deste primeiro assombro, ficará sempre vestígio na suave tristeza do seu olhar. Talvez Pio X tenha de fazer um esforço maior do que um certo D. Beppi, para tratar as coisas com bom humor. Quanto ao seu trabalho futuro, podemos estar tranquilos. Adoptará diante do irremediável a única atitude lógica:

«Agora é necessário trabalhar como Papa.»

Curiosíssimo entretenimento é examinar as opiniões e profecias motivadas pela eleição de Pio X. Em geral, o primeiro movimento foi de surpresa. Poucos o conheciam intimamente. Alguns tinham ouvido referências à obra pastoral magnífica, do Bispo de Mântua e Patriarca de Veneza. Quando os jornais começaram a falar de um aguazil de Riese, de uma família humilde, de uma terreola do Norte chamada Tòmbolo e de outra chamada Salzano, os eternos fariseus rasgaram as vestes: era esse o Papa?... O sucessor de Leão XIII?...

Mas a confiança ia ganhando terreno. Em parte, pelo mero afecto de que, em tempos abertos às comoções proletárias, um filho de povo tivesse chegado a possuir a suprema autoridade religiosa do mundo. Em parte, porque Riese, Tòmbolo, Salzano, Treviso, Mântua e Veneza fizeram tanto clamor com as suas manifestações de alegria e as suas loas aos dotes pastorais do novo Papa, que se previu uma época de reformas acertadas. Il Leone di San Marco, semanário veneziano, publicou um número especial, cuja leitura comove ainda, apesar dos muitos anos decorridos. Os artigos foram escritos com as frases recolhidas nos pequenos grupos que se formavam na praça, nas pontes do Grande Canal: «Esperávamo-lo», «Filho do povo», «O beijo da despedida», «Iremos a Roma»... E os venezianos perguntavam-se: terá Pio X apenas nove anos do Pontificado? Il Leone respondia: «Se existisse outra dignidade mais alta na terra, assim o poderíamos esperar; mas

como essa dignidade não existe, asseguramos-lhe não muitos, mas muitíssimos anos de Pontificado».

A primeira representação de Veneza chegou a Roma e não perdeu tempo a introduzir-se pelas salas do Vaticano. Assistia-lhe legítimo direito para tal. Pio X recebeu-a imediatamente, e nem ele nem os visitantes puderam dizer muitas coisas. Choravam. O Papa repetiu: «Meus pobres venezianos».

Os de Riese não se fizeram esperar. Na lista oficial das audiências pontifícias do dia 8 de Agosto, entre um grupo de cardeais e personagens de Roma, as «Acta» da Cúria Romana notavam:

«D. Francisco Andreazza, chefe do município de Riese, aldeia onde nasceu Sua Santidade». *Trefate*

De Tômbolo e Salzano chegaram dignas representações. Na ante-sala do Vaticano causavam certa estranheza aqueles grupos de camponeses endomingados que vinham ver o Papa. Contando curiosas histórias de D. Beppi. Pio X quis vê-los a todos, abençoou-os, acariciou-os. Os pobres aldeões ficavam boquiabertos, como se aquilo não fosse possível.

Nos princípios do século, as nações europeias respiravam a plenos pulmões uma atmosfera pretenciosa, que agora achamos divertida. Conscientes do novo rumo que as teses liberais imprimiam aos homens e às coisas, submetiam a conduta dos poderes públicos a uma revisão conscienciosa. O resultado das críticas e das sentenças, levado de boca em boca, arejado nos jornais, ia tomando corpo numa instituição que os contemporâneos veneravam: «A opinião pública».

O leitor de hoje em dia achará curioso, mas o caso é que para os nossos avós a opinião pública era como que uma rainha intangível e sábia, coroada de luz e poderosa. Ai de quem atentasse contra a «opinião pública»! Ninguém conhecia a sua morada nem a cor dos seus olhos. Mas era a «opinião pública». Não era possível escandalizá-la. Não era permitido ignorá-la. Em última instância, era ela que pronunciava o sim ou o não definitivo sobre a conduta do governo.

Pio X — pobre D. Beppi — desconcertou a opinião pública.

Talvez os cardeais tivessem procedido com falta de tacto na eleição. Não seria lógico exigir para o Sólido pontifício uma preparação intelectual e diplomática que Sarto não possuía? A «opinião pública» teria dado os seus conselhos, mas o Conclave, isolado de pedra e cal, não os admitiu. Agora teria a Igreja de se enfrentar com as consequências. Seria um Papa dócil? Seria forte? Que se passaria no cenário diplo-

mático do Vaticano? Não parecia que a Áustria e a França tivessem motivos concretos de predilecção especial pelo Papa. O Governo italiano olhava com receio para o rosto honrado do Pontífice, que havia de fazer ou de desfazer, mas sempre por caminhos rectos. Os intelectuais, os estadistas, nobres e plebeus, todos achavam curiosa a presença do rapaz de Riese na Santa Cátedra. Mas era ainda mais curiosa para o próprio interessado.

3

Ao começo da noite de 4 de Agosto, Monsenhor Merry del Val, bateu à porta do aposento do Papa. Levava as primeiras cartas que Pio X devia autorizar com a sua assinatura pontifícia, pelas quais notificava oficialmente a sua eleição aos Soberanos e Chefes de Estado. O Papa estava a rezar o *Breviário*. Quando Merry entrou, Pio X ergueu o olhar e sorriu. Merry apresentou as suas desculpas:

— A hora é tardia, Sua Santidade está fatigado; mas as cartas têm de seguir com urgência.

— Sim, sim, Monsenhor. Não se preocupe... Não está também fatigado? Bem sei como tem trabalhado estes dias.

Merry apresentou as cartas. Pio X vai assinar pela primeira vez. Como que a treinar-se, escreveu num pedaço de papel: «Pius Papa X».

— Assim, Monsenhor?

Assinadas as cartas, Merry recolhe-as e solicita do Papa licença para regressar aos seus aposentos da Academia dos Nobres. O Conclave tinha terminado e com ele as atribuições do Secretário.

Pio X esboçou um gesto de surpresa.

— Quere-me abandonar, Monsenhor? Não, não; fique comigo. Ainda não decidi. Não pensei ainda em ninguém para se conservar a meu lado. Fique aqui como «Pro-Secretário» de Estado. Depois veremos. Seja bondoso para comigo.

— Santo Padre, eu não quero abandonar Vossa Santidade, mas a minha missão terminou. Vossa Santidade deve nomear um Secretário de Estado.

— Sim, nomeá-lo-ei. ^{por enquanto} Mas entretanto continuá a meu lado.

A verdade era que Merry estava cansado. Ele próprio o escrevia a um amigo inglês: «Deus ajuda-me de um modo extraordinário. Só

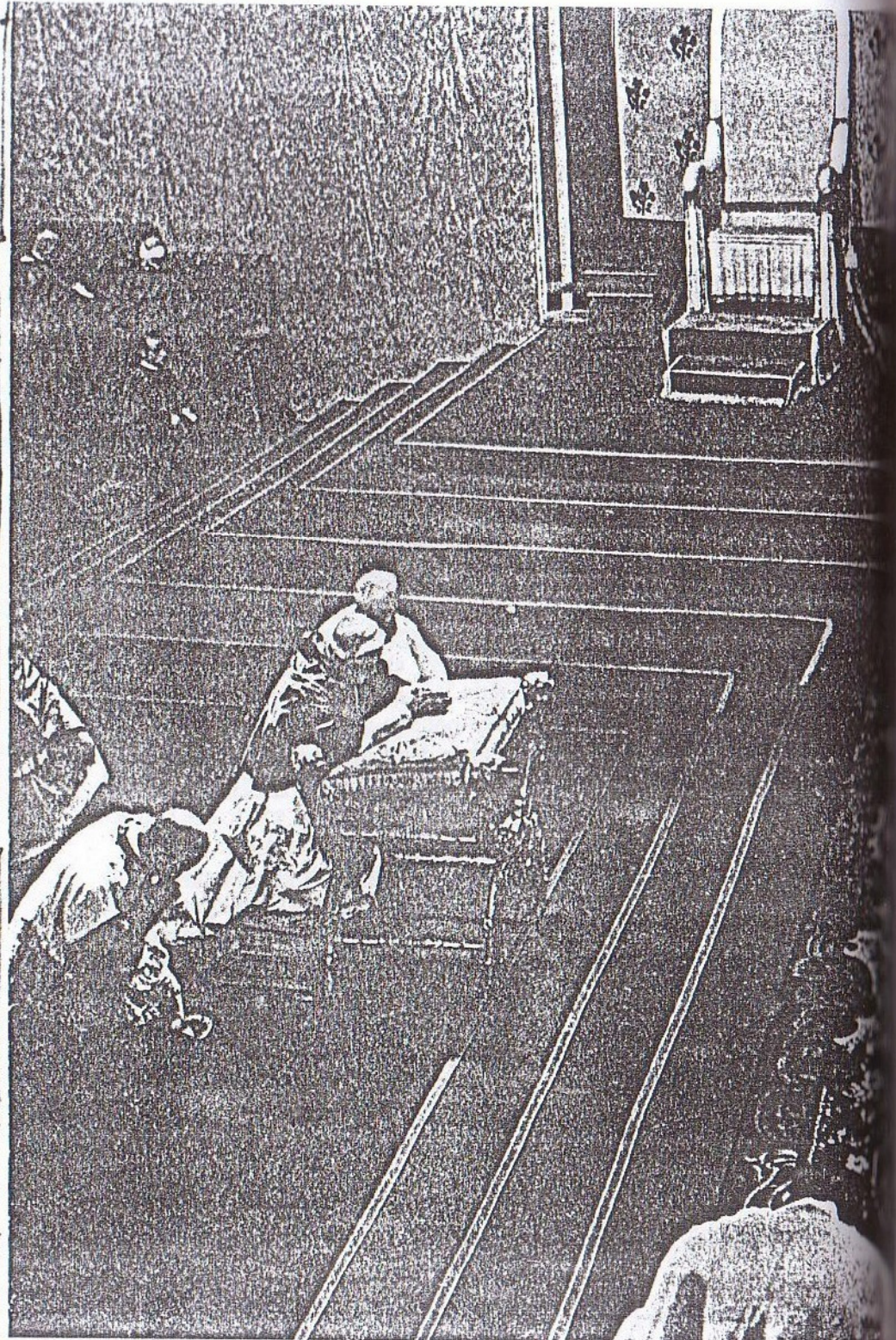
assim posso resistir. O calor é opressivo. Necessito de uns dias de sossego... Temos um Papa Santo, parece-me muito prudente e avisado: é atraente e de uma extraordinária docura».

Como joga Deus Nosso Senhor com os destinos dos homens! Al pelo ano de 1865, enquanto um jovem sacerdote ia deixando a pele no duro trabalho com os vendilhões de Tómbolo, numa casa da praça de Gloucester, de Londres, nascia um filho a Sua Excelência o Senhor Marquês Merry del Val, conselheiro da Embaixada de Espanha. Puseram-lhe como primeiro nome o de Rafael. Espanhol de nacionalidade, filho de marqueses por linha paterna e de condes por linha materna, quem poderia suspeitar que os fios da sua vida estavam ligados ao destino do humilde coadjutor de Tómbolo? Rafael Merry del Val teve a sua infância submetida às mudanças de ambiente próprias da condição diplomática de seu pai. A educação familiar despontou nele as suas melhores essências aristocráticas. Vendo-o crescer fino e bondoso, sua mãe insistiu nas suas orações, que pediam a Deus um filho sacerdote. As diabruras de Rafael não podiam ser como as de Beppi; limitava-se a esconder de vez em quando as luvas da professora. Mas as suas notas de colegial no «Baylis House» e depois nos colégios de jesuítas de Namur e Bruxelas, essas sim, tiveram paridade com as de Sarto: a mais alta classificação. Ginasta, amigo do desporto, da equitação e da esgrima, o seu corpo elegante reflectia a formosura da sua alma. Muitos olhos se cravaram nele, mas os seus, esses estavam fixos mais além.

Iniciou os estudos eclesiásticos na Universidade de Ushaw. Concluído o biénio filosófico, o Cardeal Vaughan, Arcebispo de Westminster, manifestou o seu desejo de que Rafael cursasse Teologia em Roma. E foi assim que no outono de 1885 o Embaixador Merry del Val conduziu a Roma seu filho Rafael, para o qual fora reservado um lugar no Colégio escocês. O Embaixador de Espanha junto da Santa Sé notificou Leão XIII da presença dos Merry em Roma, e o Papa quis vê-los. Recebidos em audiência, Sua Santidade penetrou com o seu olhar característico nas profundidades da alma de Rafael. E dispôs que, em vez de uma cela no Colégio escocês, o estudante ocupasse um aposento da Academia Pontifícia de Nobres Eclesiásticos. Rafael Merry del Val continuaria a sonhar com um apostolado fervoroso para a conversão dos ingleses; a vontade expressa do Papa encarreirou-o por um caminho de actividade diplomática que não era tanto do seu agrado, mas no qual havia de prestar à Igreja serviços notáveis.

despertou

Santo em Mantua, desde 18-18-18
Merry com 20 anos
Papa com 73



— Regressai — disse Leão XIII ao Embaixador —, eu fico aqui como pai do vosso filho.

De vez em quando, o jovem clérigo Merry del Val interrompia os seus estudos na Gregoriana para se incorporar em missões pontifícias por desejo pessoal do Papa. Um dia, o próprio alfaiate de Leão XIII foi-lhe tomar as medidas... E Merry tomou conhecimento da sua nomeação de Camareiro Secreto, com o título de Monsenhor, antes de ser sacerdote. No dia 30 de Dezembro de 1888 foi ordenado pelo Cardeal Parocchi. Laureado na Gregoriana, foi incorporado na Corte pontifícia. O Papa distinguiu-o, ouvindo a sua opinião sobre todos os assuntos que se relacionavam com a Inglaterra. Monsenhor aproveitava todos os momentos que lhe ficavam livres para o apostolado nos subúrbios de Roma. Aos trinta e dois anos foi enviado ao Canadá como Delegado Apostólico para a resolução de assuntos espinhosos. A sua gestão obteve um êxito completo. No regresso, Leão XIII nomeou-o Presidente da Academia de Nobres Eclesiásticos, sendo consagrado Arcebispo titular de Niceia. Nesse cargo o encontrou o Conclave de 1903.

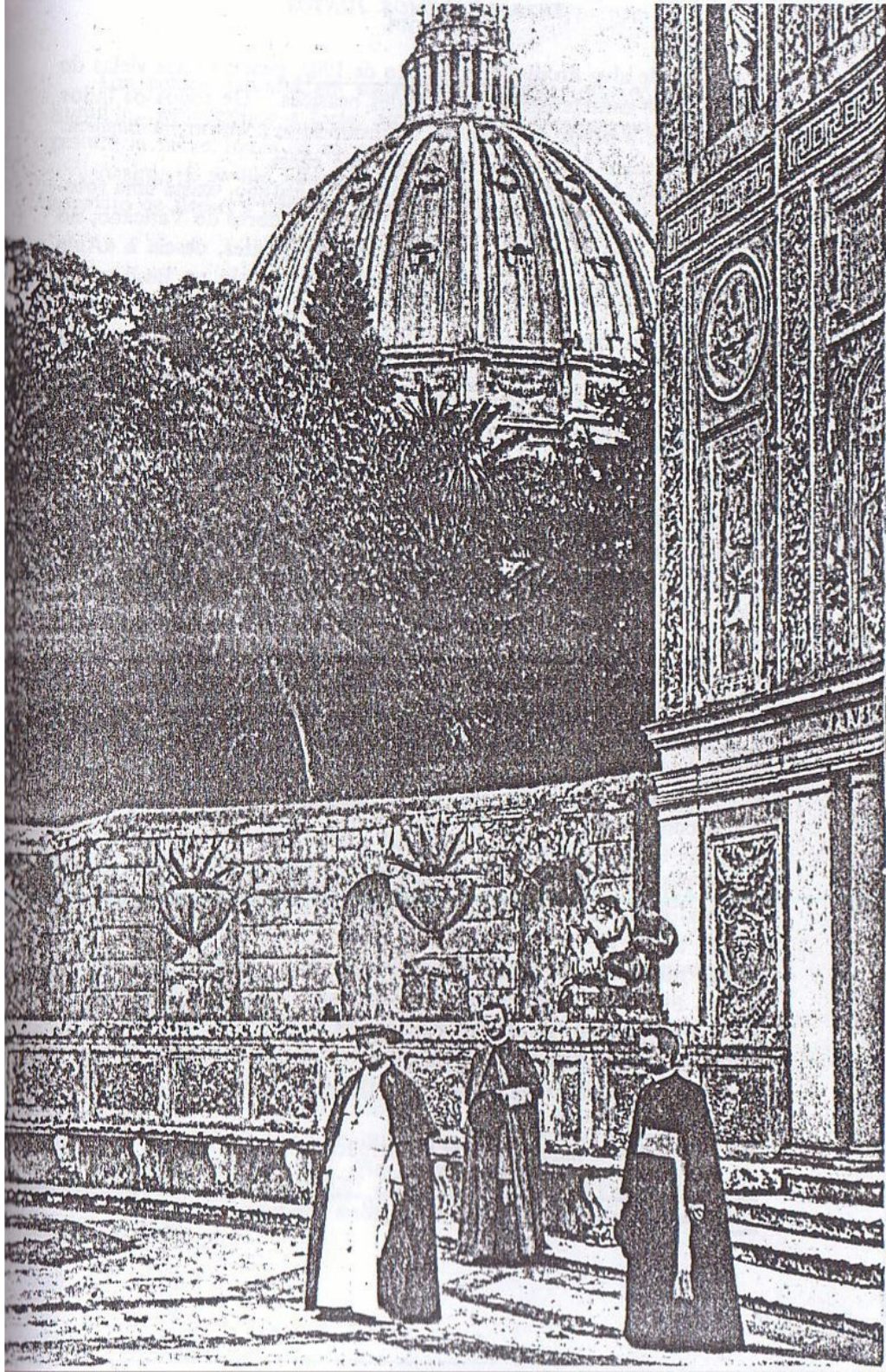
Merry del Val, ao receber a notícia.

→ Alto, fino, com o selo de uma distinção familiar insuperável, «teria sido necessário um Van Dick para o retratar». Dominava cinco das línguas europeias. Conquistava a confiança de quem conversava com ele. Conhecía desde criança as maneiras e as atitudes do mundo diplomático. Se se procurasse na Igreja de Deus um bom anjo da guarda para o Papa Sarto, não apareceria outro melhor.

Eis como o círculo do coadjutor de Tómbolo se entrelaçou misteriosamente com o do menino da praça Gloucester.

4

Antes da coroação, que Pio X marcou para o dia 9 de Agosto, haveria duas coisas a fazer: uma íntima, outra oficial e solene. A primeira, escolher uma cruz peitoral digna do Papa, pois aquela que Sarto trouxera de Veneza não estava muito em harmonia com a sua alta dignidade. O Cardeal Camerlengo rogou a Sua Santidade que escolhesse uma de entre as que haviam pertencido a Leão XIII. Apresentaram-lhe a pequena arca onde as guardavam. Pio X rogou a Monsenhor Merry del Val que escolhesse uma a seu gosto. Monsenhor indicou uma muito delicada, talvez pequena, com uma cruzita de esmeraldas ao centro. O Papa aceitou-a e colocou-a sobre o peito.



Não nos esqueçamos de que a eleição teve lugar nos princípios de Agosto.

Os membros do Corpo Diplomático acreditado junto da Santa Sé, suspensas as férias habituais, suportavam o calor de Roma. Com o fim de lhes facilitar a evasão, pensou-se numa audiência colectiva, que além de tudo pouparia ao Santo Padre as fadigas dos largos colóquios. Teria lugar no dia 6, pelas onze horas da manhã.

Os diplomatas subiam as escadarias do Palácio Vaticano comentando a impressão que a sua visita causaria ao novo Papa, mais dado segundo se dizia, a relações com a gente rural do que ao trato aristocrático.

A entrevista foi breve. O Decano leu, em nome de todos, a sua saudação oficial. Sua Santidade respondeu em poucas palavras, passando depois a saudá-los, entretendo-se durante uns minutos com cada um deles.

Monsenhor Merry recebeu o brilhante cortejo no seu gabinete da Galeria Borgia. Notou imediatamente que os diplomatas estavam impressionados.

— Monsenhor — perguntaram-lhe — que tem esse homem que o torna tão atraente?

Haviam de ter muitas oportunidades para repetir a pergunta. Pio X conquistou os corações daqueles homens do mundo que tiveram trato íntimo com o Papa e a quem pediram a bênção para as suas coisas familiares. Foi para eles um pai muito querido.

9 de Agosto.

Graças à facilidade das comunicações, contam-se já por milhões, nos nossos dias, os fiéis que presenciaram na Basílica de S. Pedro uma dessas cerimónias comoventes em que se esquece a marcha inexorável do tempo. Durante as cinco longas horas que decorrem das oito da manhã até à uma da tarde, a multidão aguenta-se a pé firme no mínimo espaço possível. Mas o incómodo não conta. Porque, entre as aclamações da multidão e as cores dos uniformes pontifícios, sente-se a presença de uma força superior. A alma pisa terra firme, definitiva. Está presente o Papa. E Cristo com ele.

A coroação de Pio X constituiu um dos espectáculos mais brilhantes dos princípios do século. Leão XIII foi coroado no retiro da Capela Sistina. Só os romanos mais velhos se recordavam da última coroação verificada em S. Pedro, a de Pio IX, havia cinquenta e sete anos.

À hora de alva do dia 9 de Agosto de 1903, penetrou nas vielas de Roma a febre característica das grandes ocasiões. De todos os lados chegava gente à praça de S. Pedro, apressando-se a entrar na Basílica. Antes das oito, a Igreja estava literalmente cheia.

Nos álbuns de Felici, o velho fotógrafo pontifício, existe uma fotografia, tomada de um ângulo qualquer dos corredores do Vaticano, no momento em que Pio X, rodeado dos seus assistentes, descia à «Aula dos Paramentos», para se revestir e entrar em cortejo na Basílica, na manhã da coroação. É uma estampa melancólica. O Papa deixa-se conduzir como arrastado, quase atemorizado. Ele, tão vigoroso, tão jovial, não podia sonhar com aquelas peripécias. Qualquer coisa de irremediável tinha desabado sobre ele. Superará a emoção, mas uma espécie de longínquo assombro há-de ficar sempre como vestígio na sua alma.

Não vou contar com pormenores como é que isso se passou. Coroaaram-no segundo o magestoso cerimonial dos Mestres Pontifícios. Um cortejo esplêndido de cardeais, arcebispos e bispos. Junto ao pórtico, recebeu-o o Arcipreste da Basílica, Cardeal Rampolla, que pronunciou uma formosíssima saudação, em que se falou de passagem de S. Marcos e de certa cidade banhada pelo Adriático. O Papa abraçou-o. As trombetas de prata, a adoração do Santíssimo. «Tércia» e a Missa, o triplo atrevimento de um Mestre de Cerimónias que se ajoelha diante do Papa e, queimando um pouco de estopa na ponta de uma vara de prata, lhe diz:

— Padre Santo, assim passa a glória do mundo.

Recordais-vos de um bom Cardeal que apreciava tanto as recepções faustosas como o fumo nos olhos?

A Missa foi salpicada de deliciosas interrupções. Abraços aos cardeais, canto das ladainhas, invocações e ares de triunfo, idas e vindas ao trono.

Terminada a cerimónia, uma nova procissão dá a volta à nave central da Basílica. Num sólio colocado diante da Confissão, lugar preciso onde há vinte séculos descansam os despojos do primeiro Papa, Pedro da Galileia, senta-se o Pontífice. Entre cânticos e orações, um cardeal tira-lhe a mitra. Macchi, primeiro Cardeal diácono, coloca-lhe a tiara, dizendo:

— Recebe a tiara, disposta em tríplice coroa, e sabe que és pai dos príncipes e dos reis, cabeça do orbe, vigário do nosso Salvador, Jesus Cristo, a quem pertence a honra e a glória por todos os séculos.

Um soluço triunfal? em todas as gargantas. Pio X, soberano e humilde, melancólico e forte, atravessa a Basílica erguido na cadeira gestatória sobre todas as cabeças.

Assim, já se lhe não hão-de romper as sandálias, como a certo rapazito de Riese, a caminho de Castelfranco...

5

Começou a correr o boato de que o Papa pensava em Monsenhor Merry del Val para Secretário de Estado. Mas os rumores careciam por certo de fundamento. Merry, homem excepcional, tinha contra si duas circunstâncias, ambas de vulto.

Merry era estrangeiro. Quem poderia pensar que o Papa iria escolher um estrangeiro como Secretário? E ainda por cima espanhol! Um espanhol, Secretário de Estado! Como é que se podia admitir semelhante coisa!

E Merry era quase um jovem. Não atingira os quarenta anos. Contava trinta e oito, diziam os que o conheciam. Quem poderia admitir a sério que um homem de trinta e oito anos fosse designado Cardeal Secretário de Estado?

Entretanto, o pobre Monsenhor trabalhava com toda a sua alma, numa situação incômoda. E escrevia:

«Não é invejável a minha posição. Não chego a compreender como é que um homem, vestido de roxo ou de vermelho (bispo ou cardeal), possa desejar este cargo. Nada sei da minha futura sorte: vou vivendo dia a dia. → O Santo Padre é em extremo cortês e trato dos assuntos com ele como se estivesse em situação normal. Não são poucos os que desaprovam este estado de coisas e que me desejam ver substituído. Oxalá eles conhecessem o meu íntimo desejo de me retirar, mas julgam que eu tenho apego ao cargo».

Tais desejos e conjecturas chegaram ao conhecimento do Papa. Todos lhes deram mais ou menos a conhecer os seus pontos de vista. Pio X ouvia em silêncio. Consultava os cardeais, meditava, e sobretudo orava. O próprio Merry permitiu-se apresentar ao Papa a candidatura de um cardeal da Cúria, que parecia o mais indicado. Era proposto por altas personagens. Pio X respondeu que em coisa de tão magna importância era melhor atender às indicações de Deus do que às dos homens.

Cresceram os rumores em torno ao nome de Merry. O pobre Monsenhor chegou a inquietar-se. Aproveitou a presença de um sacerdote que tratara com Pio X quando ele era Bispo de Mântua para indicar respeitosamente ao Papa:

— Diga em meu nome ao Santo Padre que tenho informação de como se manobra em torno dele a minha candidatura para Secretário de Estado. Peço-lhe que o faça notar que sou estrangeiro e demasiado jovem para tal cargo. Que pensem noutra.

O Papa respondeu:

— Mas não é verdade que Monsenhor Merry del Val foi designado para Secretário do Sacro Colégio por todos os cardeais do Conclave?

O amigo de Mântua insistiu:

— Se os cardeais tivessem sabido que essa nomeação podia dar pretexto para a eleição como Secretário de Estado, não o teriam eleito.

Vários cardeais apoiaram com agrado o parecer do Papa. Monsenhor Merry tinha revelado a sua capacidade. Era a melhor esperança. Durante os dias do Conclave, Pio X tinha apreciado, com os seus olhos habituados a medir as capacidades dos homens, o valor do jovem prelado. As últimas semanas tinham-lhe dado oportunidade para verificar as qualidades do seu «Pro-Secretário».

No dia 18 de Outubro, ao terminar o despacho habitual, Sua Santidade entregou a Monsenhor um envelope que lhe era dirigido.

— Isto é para si, Monsenhor.

Merry não se admirou, porque já em outras ocasiões o Papa lhe entregara daquela forma documentos de importância especial.

— Muito bem, Santidade. Guardá-lo-ei e informarei amanhã.

Na sala de espera, Monsenhor encontrou o Cardeal Mocenni, que estivera antes dele com o Papa.

— Então, Monsenhor, que notícias temos esta manhã? Quem será o novo Cardeal Secretário de Estado?

— Posso garantir-lhe que o não sei, Eminência. O Santo Padre não me falou a esse respeito.

O Cardeal mostrou-se surpreendido.

Monsenhor seguiu-o até aos seus aposentos. Uma vez sentados, Mocenni encheu-o de perguntas. Era lá possível que Merry nada soubesse acerca da decisão tomada pelo Papa!

Merry assegurou-lhe que nada sabia. Sua Santidade não lhe falara da nomeação. Limitara-se a despachar os assuntos, e no fim entregara-lhe um envelope fechado.

— Um envelope fechado...? — exclamou Moceni —. Por que não o abre?

Merry rasgou o envelope. E compreendeu tudo. O Cardeal olhou-o sorrindo e bateu-lhe amigavelmente nas costas. O envelope continha um autógrafo em que Sua Santidade lhe pedia que aceitasse o cargo de Secretário de Estado, e lhe anunciava a sua vontade de o criar cardeal no Consistório de 9 de Novembro. A carta continha um volumoso maço de notas de banco, com que Sua Santidade queria contribuir para as primeiras despesas do novo cardeal.

Monsenhor Merry del Val, com o envelope entre as mãos, correu a tremer até junto do Papa, para lhe suplicar... Foi inútil. Pio X nem sequer quis falar no assunto. O Papa tinha decidido, e Monsenhor tinha que se curvar perante a vontade de Deus, tal como o fizera o Papa por ocasião do Conclave.

— Trabalharemos juntos, Monsenhor. E juntos sofreremos por amor da Igreja.

RESTAURAR EM CRISTO

1859 — 1902. Beatificado por Pio XII, em 1947. 53 anos.

→ Em 1894, Contardo Ferrini, Catedrático da Universidade de Milão, explicava ao seu colega Olivi:

— Temos em Leão XIII um Papa que, com a sua profunda sabedoria, com o seu certo golpe de vista e com a sua arte finíssima, elevou acima de todas as esperanças a situação da Igreja no mundo... A sua morte, a Igreja pode necessitar de um Pontífice que a leve mais estreitamente às virtudes evangélicas dos tempos apostólicos, à bondade, à caridade, à pobreza de espírito, à mansidão... Sob esse ponto de vista, a eleição de Sarto poderia parecer oportuníssima, porque era por todos considerado um santo.

A visão de Ferrini enquadrava exactamente os planos de Pio X. O novo Papa não dissimulou os seus projectos. Desde a primeira encíclica pôs a claro o seu programa: restaurar todas as coisas em Cristo.

Programa estranho para aquela bendita «opinião pública», que queria saber se o Papa seria mais amigo da Áustria que da França, se tentaria encontrar uma solução para a «questão romana».... Restaurar em Cristo! Num século de luz e de liberdade, «restaurar em Cristo». Era estranho, evidentemente.

1

Agosto, Setembro... Que faz o Papa? Os impacientes queriam imediatamente um discurso, uma encíclica que traçasse o programa do Pontificado. O Papa respondeu a tanta intranquilidade:

— Dizei-lhes que o Papa está a orar.

Orava e pondera. Pio X não será homem de palavras vãs. Está demasiado habituado a cada programa o seu valor exacto. Quando bispo, procurava que os Sinodos ditassem leis impossíveis, aéreas, que, ignorando as coisas concretas da realidade, redundam em descrédito do legislador. A primeira encíclica do Papa será um documento muito pensado, não poderá descobrir todas as suas futuras atitudes.

O *Osservatore* dava a encíclica na tarde de 3 de Outubro. Os jornais do dia se divulgavam-na. Começava com as palavras: «E supremi apostolatus auctoritate.»

Peço ao leitor minutos de paciência. Não se arrependerá. Vamos examinar a partir desse primeiro documento, pedra fundamental no Pontificado de Pio X.

O Papa abre a encíclica recordando o receio que o angustiou ao ser eleito. Em primeiro, por se considerar indigno sucessor de um Pontífice que durante seis anos regeu sapientemente a Igreja de Deus. Além disso, que ao ser eleito recebia nas suas mãos uma sociedade enferma.

E que enfermidade? Não posso meditar sem assombro nesse maravilhoso diagnóstico, nos começos do século XX, a perspicácia de Pio X, exprime semos: «o nosso mundo sofre dum mal, o afastamento de Deus. Os homens afastaram-se de Deus, prescindiram d'Ele na ordenação política social. Tudo o mais são claras consequências dessa atitude».

Mas já não era hora para lamentações. O Papa estava eleito e, apoiado pela graça divina, devia meter mãos à sua obra.

Qual ia ser o programa do Papa? Para que partido se iria inclinar? Conservador ou liberal? O Papa é representante de Deus, desse Deus que os homens esquecem; o programa de Deus e os Seus desejos é o programa dos desejos do Papa. O seu lema de trabalho será portanto este: «Restaurar em Cristo todas as coisas», conduzir a Deus a sociedade humana, fazer ajoelhar de novo os filhos esquecidos perante o Senhor.

O esforço do Papa desárraigar do coração dos homens o pensamento de Deus, filial. Fez-se tudo para habituar os povos a passarem sem Ele.

O Criador, que dá aos homens com o dom maravilhoso da liberdade permite-lhes que sem dela pelo pecado. Mas em última aná-

lise, é Ele que vence, e um dia os seus inimigos proclamá-lo-ão irremediavelmente.

Entretanto, aqui na terra, a sociedade contemporânea recolhe os frutos da sementeira satânica. Cresce a intranquilidade, cresce a injustiça. Todo o mundo deseja a paz, mas treme perante o rumor da guerra que já se avizinha. É absurdo procurar a paz longe de Deus: onde Deus falta, reina a injustiça, é afastada a justiça, a paz desmorona-se. Nasceram nos últimos tempos, «partidos de ordem» que acima de tudo pretendem salvaguardar a paz. E não compreendem que só um partido pode afastar a perturbação: o partido de Deus.

A linha de raciocínio de Pio X tem uma nitidez encantadora. Não sei a que possa atribuir-se a força superior com que as frases da encíclica penetram o leitor. Talvez a tessitura ininterrupta de textos bíblicos. Talvez a limpidez da sua posição sobrenatural, precisa, sem concessões, nem compromissos. Talvez porque o Papa Sarto deixou nesse seu primeiro documento muito daquele são perfume da sua reflexão e das suas orações.

Adiante. Interessa em primeiro lugar pensar no caminho que há-de seguir a restauração em Cristo, o regresso dos homens aos desígnios de Deus. E depois, convocar os eleitos para a empresa.

É necessário proclamar os direitos de Deus, sujeitar as vicissitudes do mundo ao seu domínio. Pela oração, pelo limpo reconhecimento público e privado, e pela aceitação do reinado de Cristo. O Deus verdadeiro não é um Deus ausente, despreocupado das dores e dos prazeres dos homens: é o Deus vivo e próximo, uno em natureza e trino em pessoa, autor do mundo, que provê a todas as suas necessidades, que promulgou as suas leis e de acordo com elas castigará o vício e premiará a virtude. Esse reinado de Cristo tem a sua verificação prática na Igreja, resgatada com o seu sangue, depositária do seu poder e das suas graças.

O caminho, perguntais? Ser submisso à Igreja, pertencer a Cristo, em cujas mãos a Igreja repousa; entregar-se a Cristo, pertencer a Deus.

Deus vai de novo ocupar o posto que na ordenação social lhe corresponde. Vão ser respeitadas as suas leis. A Igreja proclamará de novo a santidade do matrimónio, a educação cristã das crianças, a justiça nas relações sociais, a responsabilidade dos que governam e as bases da ordem internacional.

Eis aqui a tarefa do Papa. Quem serão os seus colaboradores? Em primeiro plano aqueles que estão destinados por ofício ao serviço

de Cristo: os sacerdotes. Que se encham do espírito de Jesus, porque como poderiam unir os homens, se têm alma fria? Cuidem os bispos de formar um clero santo; todos os outros assuntos são de menor importância. Tratem bem os seminários e escolham pessoas aptas. Orientem os sacerdotes para uma pregação eficaz, como remédio para a praga da ignorância religiosa, verdadeira raiz dos nossos males. E ensinem-lhes a praticar a caridade sem reservas, a serem bondosos e mansos, a quererem sem distinções: os bons, muitas vezes, só o são aparentemente. Ou pelo menos não são tão maus como parecem. Nem sequer tanto como eles próprios crêem. É necessário vencê-los à força de carinho.

Depois dos sacerdotes, os seculares escolhidos, que submissos à hierarquia, trabalharam e trabalham pelos interesses da Igreja. Que sejam preclaro exemplo de vida santa: sem exemplaridade, os seus trabalhos seriam inúteis.

Com um trabalho fervoroso, os seculares estão ao alcance da mão: os pobres e os ricos amar-se-ão, os cidadãos farão passar leis sobre os seus interesses particulares, os governantes disfrutarão do respeito dos seus súbditos, e para todos será claro que «a Igreja deve gozar, tal como foi instituída por Cristo, de plena e inteira liberdade, sem sujeição a poderes estranhos».

2

O leitor terá observado que só pus aspas a última frase, traduzida literalmente das palavras do Papa. Os liberais pensaram que esta frase foi escrita por Pio X como simples concessão à intransigência dos que o rodeavam. Mas nem de longe havia nela qualquer alcance político.

Os liberais foram — e são hoje ainda — uns indivíduos muito curiosos. Admitem que a Igreja maneje princípios religiosos e ensine os homens a serem bons, que pregue sobre o paraíso e as belezas do Evangelho. Negam-se redondamente admitir qualquer influência dessa verdade religiosa na vida prática, profissional ou social. O homem e a sociedade, segundo eles, devem dedicar uma meia hora a cumprir os seus deveres para com Deus. Depois: política, relações de justiça, trabalho profissional, economia, problemas sociais..., são coisas a resolver em terreno neutro, perfeitamente independente das preocupa-

ções de natureza religiosa. Como se fosse possível isolar numa gaveta as ideias, e noutra as normas de conduta.

Pio X propunha um regresso puro e simples aos princípios do Evangelho. Se a Europa tivesse acolhido a tempo o seu programa, as últimas páginas da história política e social não seriam tão sangrentas.

Os católicos fiéis compreenderam que o programa do Papa não vinha apenas como sábia lição de prudência e espiritualidade, mas que estava marcado como um plano de acção. Começou a falar-se de reformas. Apontaram-se pontos concretos, que ocupavam a mente do Pontífice. Começado o ano de 1905, teve lugar um incidente curioso.

Mas é importante que antes de o narrarmos, escutemos dos lábios do próprio Papa um comentário ao seu programa.

Monsenhor Merry del Val, amarrado à sua mesa de trabalho, mal teve tempo para preparar as vestes cardinalícias. Por ocasião da sua eleição, tinha comentado:

«O novo Papa, que acima de todas as virtudes possui a da humildade, quis mostrar-se modesto ao escolher a sua «primeira criatura».

Pio X, por seu turno, traçou a imagem exacta de Merry:

«Nascido em Inglaterra, educado na Bélgica, espanhol de nacionalidade, tem vivido na Itália. É um poliglota; filho de diplomatas e ele próprio diplomata, conhece os problemas de todos os países. Muito modesto, é um santo. Todas as manhãs me informa com precisão. Nunca tenho que lhe fazer observações. E não tem ideias preconcebidas».

No Consistório secreto de 9 de Novembro de 1903, Pio X criou cardeais duas personagens bem conhecidas dos nossos leitores: Merry del Val e Monsenhor José Callegari, Bispo de Pádua. O Papa dirigiu ao Colégio Cardinalício a primeira das suas alocuções: delicadíssimo Pio XI! Celebrava a primeira reunião oficial com os seus cardeais, aqueles que o haviam escolhido para o Pontificado. Quis recordar as inquietações do Conclave, explicar-lhes que a sua recusa não significara desprezo pela dignidade que lhe ofereciam, mas sim temor ante a sua própria incapacidade. Insistiu depois nas linhas fundamentais do programa, «Restaurar em Cristo todas as coisas», proposto na sua encíclica, e acrescentou:

— Compreendo que desagradará a alguns a nossa preocupação pelas questões sociais e políticas. Mas um juiz equânime entende que o Pontífice não pode separar do seu magistério as questões políticas. Cabeça e chefe supremo de uma sociedade perfeita, que é a Igreja, com-

posta de homens, tem de mediar nas relações com os soberanos e chefes de Estado, se quiser atender à segurança e liberdade dos católicos.

No final da sua alocução, teceu em quatro palavras um sólido e esplêndido elogio dos novos cardeais:

— O primeiro, abonado pelo testemunho dos Eminentíssimos Cardeais durante a Sede vacante, mostrou-se aos meus olhos, nestes meses, adornado de egrégias qualidades de alma e talento e possuidor de uma rara prudência.

O outro — imagino o Papa pondo os olhos no alvo, com a voz comovida, a imaginação distante —, conhecia-o há muito tempo como exemplar em piedade e ciência, na sua longa e perfeita carreira episcopal.

Pio X estava entrando em cheio no caminho da grande restauração por que ansiava. Recuperaria a serenidade que parecia tê-lo abandonado nos dias do Conclave. Agora, as suas mãos eficazes de camponês irão erguendo bloco a bloco as pedras do muro.

Como edificara em Tómbolo e em Salzano, em Treviso e em Mântua; como em Veneza...

Bom maior do rebanho de Cristo.

*condutor
dixente*

3

Partiram em seguida a navegar as caravelas.

Que belo encontrar Pio X e Merry del Val revendo juntos a mais formosa das cartas de marear, a que assinala mares salpicados de claras rosas dos ventos: um «Motu proprio» que dita ordens à música sagrada!

E no dia 22 de Novembro, três meses depois da sua exaltação, Pio X assinava o famoso documento. *Festa de Santa Cecília.*

Sem uma bênção especial de Deus não se pode explicar esse encontro de duas almas em plena sintonia. Vimos o Cardeal Sarto disciplinando os acordes fortes nas terras de Veneza. O seu Cardeal Secretário ama a música, toca piano, compõe motetes. A paixão pelo apostolado domina-os a ambos: no Papa, é a realidade de cinquenta anos infatigáveis; no Cardeal, uma ilusão, a mais ansiada, que o leva a procurar horas de confessionário, conversações com os garotos do Trastevere. Há no porte de ambos um matiz de aristocrática finura. Para um é legado familiar; para o outro... ninguém o saberia dizer: a bondade, a santidade, a mansidão de espírito, mas o caso é que os corações se apegam a Pio X. Práticos ambos, conhecedores dos homens, inte-

ligentes e capazes de se acomodarem a quaisquer circunstâncias. Humil-des, sempre inclinados a ocultar a sua fadiga e o seu trabalho.

Pio X recompensou o seu cardeal em vida e depois de morto, doando-lhe por inteiro o seu grande coração, sem nada nem reservas. Com mil bênçãos pessoais, bilhetes autógrafos, cartas e pequenos obsequios que valiam pouco, mas que não se compram em ouro nem com prata. O Papa tinha pedido a Deus que Merry lhe não faltasse durante os anos do seu Pontificado. A última hora, no seu leito de morte, os olhos suaves de Pio X fixaram-se lentamente nos do Cardeal, sua «Primeira criatura», aquele Monsenhor da Capela Paulina. Merry del Val soube então que o olhar do Papa se despira da melancolia. Ele procurará que de vez em quando apareça no palácio dum «contadino» de Riese ou de Salzano, com o fim de distrair um pouco o Papa, que lhe falava familiarmente no seu dialecto natal. Todos os pesares ficavam ali. O olhar suave do Papa amado só promovia esperança.

Nos primeiros anos do pontificado de Pio X correram por Roma rumores contraditórios no referente à atitude dos cardeais para com o Papa. O vulgo acolhe sempre bem os matizes mais brilhantes do boato. Queria que Rampolla e os seus amigos se desgostassem com a orientação do Conclave e assim se afastassem do Vaticano, negando-se a colaborar nos programas do Papa. A orientação política, que tão destacada tinha sido no decorrer do pontificado anterior, e bem em harmonia com o temperamento fidalgo de quase todos os cardeais de Leão XIII, poderia dar azo a discrepâncias diante dum Papa virem de complicações. O terceiro motivo, encontraram-no os boateiros na exaltação de um Monsenhor tão jovem para tão grandes responsabilidades.

Nenhuma dessas três suspeitas resultou eficiente. O egrégio Cardeal Rampolla mostrou uma elevação de pontos de vista muito superior à que lhe atribuíam os murmuradores. Quanto às possíveis inclinações políticas, já vimos como uma das causas determinantes da eleição de Sarto foi um certo cansaço nas negociações diplomáticas. No referente ao terceiro motivo, o valor de Merry estava bem à vista e a sua actuação era mais que clara.

Naqueles primeiros anos, ninguém podia prever que, num dado momento, a luta contra o modernismo viesse revelar diferenças fundamentais de critério dentro do Sacro Colégio.

Além de Merry, os cardeais apareciam ligados de perto aos trabalhos de Pio X. Um deles, desde o primeiro momento: Vives y Tutó,

o capuchinho espanhol — homem de uma missão sobrenatural absoluta, incapaz de concessões. Na sua residência do Colégio Espanhol, manteve a severidade da regra religiosa. Homem de vasta cultura e de espírito benigno. Parece evidente que foi um dos que mais colaboraram com o Papa em todos os assuntos que abordavam o fervor espiritual do clero e dos fiéis. Pio X fazia-lhe sentir uma confiança amistosa, e chalaceava com ele durante as audiências que concedia aos alunos do Colégio Espanhol. — Aqui tendes, com as suas barbas, o vosso primeiro colegial.

O Cardeal Gaetano de Lai era um homem tenaz e para muitos, um desconhecido. Pio X promoveu-o no Consistório de Dezembro de 1907, com Pedro Gasparri e mais dois. Asceta, homem de vontade fria, parco de palavras, suave e firme. A lenda acentuou alguns destes matizes. Nobre e leal, servidor fiel de Pio X, na complicadíssima trama da luta contra o modernismo.

Tenho diante de mim duas listas interessantes: uma com os nomes dos cardeais que morreram durante o Pontificado do Papa Sarto: alguns tão ilustres como Goossens, Arcebispo de Malines; Perraud, membro da Academia Francesa; Mathieu, a quem o autor deste livro e todos os curiosos estamos muito agradecidos pelas suas Memórias do conclave; Callegari, Satolli, Svampa, que morreu ainda jovem; Capecelatro, e — já em 1913, pouco antes de Pio X — o velho Oreglia e Rampolla. E Vives também... 40 anos

Entre os novos chegaram em Abril de 1907, Cavallari, para substituir o Cardeal Sarto na Sé Patriarcal de Veneza, e Alexandre Lualdi, milanês, reitor do Colégio Lombardo de Roma, bem conhecido de Pio X, que lhe destinou o Arcebispado de Palermo. No mesmo Consistório nasceram para o cardinalato Pedro Maffi, Arcebispo de Pisa e o insigne Arcebispo de Malines, Desidério Mercier, personalidade selectíssima, um dos espíritos mais robustos do nosso século. O Consistório de 1911 — o mais abundante em nomeações no pontificado de Pio X — agregou dezoito novos cardeais, entre eles Billot e Van Rossum. No último consistório, celebrado em Maio de 1914, recebeu o chapéu Monsenhor Santiago della Chiesa, Arcebispo de Bolonha, futuro Bento XV. Com ele, foram nomeados mais catorze.

E o folheto de 1905?

Muito vivo, porque mostra as dificuldades com que tropeçava a obra restauradora.

Em Março de 1905, apareceu um folheto estranho, muito atraente: sessenta e seis páginas em oitavo, editado em Rocca San Casciano, anónimo e sem censura eclesiástica, com capas verdes e título em encarnado: Pio X: seus actos e seus propósitos. Propagou-se como a pólvora acesa. O exemplar que manejei pertencia ao sétimo milhar. Obteve reputação de presságio dos tempos novos, e atribuiu-se-lhe categoria oficiosa, como se o próprio Vaticano o tivesse preparado. Nesse folheto, em referência à primeira encíclica do Papa e às disposições ditadas e em vias de estudo, havia um exame dos pontos vitais da organização eclesiástica: clero, seminários, religiosos, novo código, cúria, cardeais, bispos, núncios, etc.. O conjunto era apresentado como elogio incondicional de um Papa vigoroso.

Nos primeiros dias de Abril, os jornais do norte iniciaram o escândalo: o folheto ocultava intenções perversas; os seus elogios ao Papa encobriam um ataque virulento às instituições eclesiásticas; procedia do segredo, e emergia à superfície obedecendo à ordem sectária de semear o descontentamento e as dissensões entre os católicos. A *Scuola Cattolica*, no seu caderno de Abril de 1905, publicou uma enérgica alegação do Padre Casoli, jesuíta, que editada como separata, pretendeu contrariar a influência do folheto.

Confrontando os dois escritos, o leitor fica desconcertado. Creio que a alegação de Casoli não estava certa, admitindo muitas intenções perversas que o autor não abrigava, misturando irónicamente coisas tão discutíveis como a conveniência dos seminários regionais com outras referências que parecem absolutas faltas de respeito.

Não resta dúvida de que a «opinião pública» teve com que se entreter. As discussões atingiram o rubro vivo. O folheto atrevia-se a dar conselhos ao Papa sobre a nomeação dos cardeais, sobre a reforma da cúria; as exigências de vigilância aos bispos, o saneamento das casas religiosas. O engenho de Casoli expandiu-se à vontade. O leitor pode-se divertir com este pormenor: segundo o que o folheto afirmava, «era difícil, senão impossível, encontrar na Itália 280 eclesiásticos que ostentassem com dignidade a mitra episcopal». Casoli comentava: «Tendo

foram 13?

em conta que são cerca de 280 as sedes episcopais da Itália, o leitor que tire as suas conclusões».

Por outro lado, ninguém podia negar a veracidade de muitas observações, nem censurar o tom geral do folheto, que do princípio ao fim se mostrava respeitossíssimo para com a pessoa e para com o programa do Pontífice.

«É necessário que cada qual, pela parte que lhe toque, procure corresponder à chamada do chefe da Igreja. Sigamo-lo ansiosos, amemo-lo, veneremo-lo e prestemos auxílio eficaz ao enviado de Deus.

Com tudo isto ficaram esclarecidas duas coisas: que o Papa apondo a mão nas feridas, e que seria necessária toda a sua prudência e toda a sua firmeza para não encalhar entre tólios e troianos, para não escandalizar os ingénuos nem desgostar os animosos que, de resto, talvez no fundo tivessem boas intenções. E era preciso ainda muito mais taca-se as não tivessem.

Quero fechar este capítulo com umas palavras tomadas de um discurso que Pio X pronunciou quando era bispo de Mântua, expondo a única atitude leal, por parte dos fiéis, perante a actuação dos Papas:

«— Ignoro os desígnios divinos sobre a Itália. Espero na infinita misericórdia do céu. Mas tantas desgraças juntas vieram-nos pela inércia, pela desunião dos católicos.

^{seta} «...Quem se abandona a si próprio, acaba por cair no espírito de sistema, obstinado em ideias próprias, que, por justas que sejam, têm sempre o defeito de não corresponderem à grande e primordial necessidade do momento, e acabam destruindo a força, envelhecendo os ânimos e semeando cizânia.

→ «...Quem é que se não comove pensando no Santo Pontífice, que Deus chamou para governar a Igreja em dias tão difíceis? Quem é que não admira aquela magestade no infortúnio, aquela fortaleza de ânimo no meio de tal tempestade? Quem é que não faria todo o sacrifício para levar um consolo ao seu coração amargurado, para lhe enviar auxílio nesta terrível luta, para aumentar a sua confiança no triunfo?»

A TERRA SEM PAZ

Poeta e escritor italiano (1864-1938, 74 anos)

→ Gabriel d'Annunzio falou em Veneza sobre a aviação. Concretizou a sua empolada retórica com esta saudação:

— Glória ao homem nas alturas!

Um velho sisudo, a quem repetiram a frase, comentou:

— E que não haja paz na terra!

É possível que os «espíritos fortes» dos princípios do século, alegres e confiados, não tivessem medido o alcance da sua atitude intelectual e céptica. Deram em fazer espírito à custa dos princípios religiosos em que se apoiava a estrutura cultural europeia. Mas, se os pusessem, perante o montão de ruínas que o mundo agora é, haviam de chorar.

A Santa Sé teve muito que sofrer para defender, nas suas relações políticas com os estados, uma posição digna e independente. Não lhe era lícito condescender com a tese liberal, que colocava em igualdade de circunstâncias os direitos de todas as religiões. Por outro lado, as seitas promoviam uma guerra infatigável, procurando constantemente ocasião para o escândalo. Ali estava, finalmente, o problema da Itália, a chamada «questão romana», fonte perpétua de dissabores para o próprio Governo italiano, para os católicos que não se atreviam a prestar a sua colaboração a um governo desconhecido do Vaticano, mas que compreendiam a força dos factos; para as chancelarias estrangeiras, que molestavam inevitavelmente a sensibilidade da Secretaria de Estado sempre que iniciavam algum contacto com o Quirinal, sede do governo usurpador.

A sagacidade humana teria fracassado, porque o esforço exigido era demasiado grande. Só à força de talento e de bondade triunfariam o Papa e o seu Cardeal Secretário.

Eis aqui um episódio que vale por muitos.

Teodoro Roosevelt, ex-Presidente dos Estados Unidos, passou uma temporada de caça grossa em África. De lá, veio para a Itália. Antes de vir, escreveu ao embaixador da sua nação junto do Quirinal, sugerindo-lhe que negociasse uma audiência com o Papa, a quem desejava saudar. E houve neste ponto uma primeira falta de delicadeza: Roosevelt sabia muito bem que o embaixador do Governo italiano não podia desempenhar uma missão diplomática ou oficiosa junto da Santa Sé, que não reconhecia esse governo, mas logicamente, os embaixadores acreditados junto dele.

Leishman, o embaixador em referência ao assunto a Monsenhor Kennedy, reitor do Colégio Americano em Roma, que actuava como agente da sua nação nos assuntos relacionados com o Vaticano. Kennedy tratou com Merry del Val. O Cardeal Secretário respondeu com esta comunicação:

«O Santo Padre receberá com muito gosto a visita do senhor Roosevelt, esperando que se não registará um incidente semelhante ao que houve a lamentar por ocasião da audiência concedida ao senhor Fairbanks, ex-Vice-Presidente da Confederação?»

Poucas semanas antes, Monsenhor Kennedy tinha conseguido uma audiência pontifícia para Fairbanks. Na mesma audiência, Kennedy teve conhecimento de que Fairbanks se comprometera para uma recepção que lhe ofereciam os metodistas, na sua casa na rua XX Setembro. Kennedy expusera-lhe o inconveniente de estabelecer contactos públicos com as seitas, no próprio dia da audiência pontifícia. Fairbanks compreendeu a leviandade com que tinha procedido e renunciou à audiência.

A nota de Merry del Val estava portanto qualificada. Tanto mais que a história pessoal de Roosevelt dava motivo para se temer qualquer insolência.

Roosevelt considerou-se ofendido, e enviou o embaixador americano a seguinte nota:

«Muito me agradaria ser recebido pelo Santo Padre, por quem professo elevada estima, na sua pessoa e na dignidade que ostenta. Admito que tenha o direito de receber ou de não receber-me, mas não me quero submeter a qualquer condição que limite a minha liberdade».

A nota de Roosevelt tinha a data de 26 de Março de 1910. No dia 28, o Secretário de Estado respondia:

«Sua Santidade receberá com muito prazer o senhor Roosevelt, a quem estima como pessoa e como ex-Presidente dos Estados Unidos.

Sua Santidade reconhece ao Senhor Roosevelt direito de plena liberdade. Mas dadas as circunstâncias, que não dependem da vontade do Papa nem da do senhor Roosevelt, mantém como condição da audiência a nota anterior».

Na sua passagem por Roma, Roosevelt não podia ser alvo de qualquer questão política, posto que já não era Presidente dos Estados Unidos, mas apenas um simples cidadão. A Santa Sé também não teve intenção de proibir que assistisse em Roma aos actos de culto da sua religião — calvinista. Limitou-se — e os factos confirmaram a prudência e a justiça da advertência — a indicar-lhe o inconveniente de que um senhor recebido pelo Papa entrasse em contacto com os metodistas da rua XX Setembro, conhecidos em Roma pela sua feroz propaganda contra o Papa, a quem tornavam alvo de públicos insultos.

Chegado a Nápoles, Roosevelt despachou para Roma um dos seus secretários particulares, que era católico, com o fim de procurar uma solução para o conflito. O'Laughlin pôs-se em contacto com Merry del Val. Manteve a tese da liberdade de conduta de Roosevelt. Merry não a negou. Expôs-lhe simplesmente a furiosa luta contra o Papa e a Igreja, que os metodistas de Roma travavam, fomentando apostasias públicas e oferecendo dinheiro e apoio a toda e qualquer acção anti-papal. O'Laughlin insistiu em que, se lhe agradasse, Roosevelt podia ir visitá-los depois da audiência do Papa. Merry, meio a sério e meio a brincar, respondeu que o senhor Roosevelt podia fazê-lo, como o senhor Laughlin o podia ter visitado a ele em mangas de camisa, mas que nem tudo quanto se pode fazer convém que se faça. Em resumo: que se tratava de uma simples questão de decoro e de cortesia.

— Pode garantir-me confidencialmente, senhor Laughlin, que o senhor Roosevelt se absterá de actos desagradáveis para o Santo Padre?

— Não, não lhe posso garantir. Pelo contrário, julgo-o capaz de os praticar.

O Vaticano recusou a audiência. Roosevelt foi recebido pelo rei, pelas seitas e pelos membros da maçonaria, que o consideraram individualidade de alta hierarquia. Os metodistas publicaram escritos venenosos. Mas o mundo inteiro, que seguiu atento o incidente, explorado pelos diários, aplaudiu com satisfação a firmeza do Papa e do seu Secretário, que não se deixavam abater perante veleidades, mesmo dos senhores do mundo.

No decorrer de um século da sua história, a Itália foi um autêntico vespeiro. Alguns dirão que através de muitos séculos, desde a queda do império. Mas eu quero-me referir concretamente ao século que vai dos princípios de 1800 até à guerra de 1914.

Quando Pio X foi eleito Papa, os italianos abrigaram grandes esperanças: a reconciliação entre a Santa Sé e o Governo não se faria esperar. Reconciliação que, tal como o Governo a compreendia, acarretaria a renúncia pura e simples do Pontífice a todos os direitos sobre os Estados Pontifícios, de que havia sido despojado.

Na realidade, tratava-se da mesma esperança que os alegrara quando Leão XIII sucedera a Pio IX. Viera pouco depois a desilusão, que também agora não tardaria a chegar.

Os observadores externos esquecem-se com frequência de que os actos de um cardeal, quando é eleito Papa, não podem ser interpretados de um ponto de vista pessoal, ajustados ao padrão das preferências particulares desse cardeal. Existe um nervo, um travão, que vai encaidando no mesmo fio, como contas de um único rosário, os critérios e a actuação dos Papas. A primeira desilusão, teve-a o Governo italiano quando o novo Papa se absteve de sair a lançar a bênção do balcão da fachada de São Pedro, lançando-a do balcão interior da Basílica, como que ratificando o protesto dos Papas anteriores pela usurpação de Roma. Pio X tinha por certo a sua opinião própria sobre o assunto, cuja solução no fim de contas, dependia dele. Mas chamou-me imediatamente a atenção o facto do novo Papa, quando lhe perguntaram respeitosa-
mente se lançaria a bênção do lado exterior ou do interior, ter pedido o parecer do Sacro Colégio.

Outras razões de política externa moderavam as pressas no referente à conciliação, que o Papa desejava talvez mais do que ninguém. A gestão tradicional, senão efectivamente católica, dos estados europeus, sofria um vaivém formidável em consequência do vento liberal. A Igreja necessitava de uma sensação de segurança interna, de solidez, que a colocasse como uma rocha tranquila perante as eventualidades. Se agora se deixasse arrastar pela urgência do pacto com a Itália, poderia parecer que procurava apoiar na resolução de um negócio de natureza temporal o pulso do futuro.²⁾ Além disso, Pio X pensou em aproveitar a situação excepcional de vigilância em que a Igreja se encontrava como

elemento de ambiente, para a obra de reforma íntima que ele iria acometer. 1) A luta contra o modernismo e o rompimento com a França influíram também no atraso dos assuntos da Itália; o Vaticano vivia numa tensão emocional, e não parecia conveniente dispersar as forças.

O caso é que, por umas e outras razões, a «questão romana» parecia excluída da «ordem do dia» de Pio X, com grande consternação para os italianos. As seitas não lho perdoaram. Quando já não puderam dirigir mais os seus ataques contra a plácida figura do Papa, que tinha conquistado o amor do povo, concentraram os seus vexames na pessoa do Cardeal Secretário de Estado. Merry del Val teve muito que sofrer: pela sua conduta recta e serena, pela sua fidelidade ao Pontífice, pela elevação dos seus pontos de vista... Até por ser espanhol. O Papá sabia-o, e procurava compensá-lo com delicadíssimas provas de carinho.

Os sectários começaram então a insultar o clero e a ameaçar os bispos. Tudo era lícito. Tudo se fazia em nome duma liberdade dis-
não respeitar a liberdade do próximo. Organizaram-se home-
ens a Giordano Bruno, como símbolo da intransigência papal.
Perseguiu-se o ensino religioso.

Em Milão e em Génova, inventaram-se escândalos que faziam perigar a reputação de pessoas religiosas. Promoveu-se um atentado contra o Cardeal Secretário. No dia 20 de Setembro de 1910, o governador de Roma, Ernesto de Nathan, ultrajou publicamente a dignidade do Pontífice. O Papa publicou uma sentida carta, dirigida com data de 22 de Setembro, ao seu Cardeal Vigário.

«Há dias, um funcionário público, no exercício do seu cargo, como se não fosse já bastante a celebração da data em que se postergaram sagrados direitos da Soberania Pontifícia, ergueu a voz para lançar contra a fé católica, contra o Vigário de Jesus Cristo e contra a própria Igreja, irrisões e escárnios.

«...Façamos votos para que, para honra da própria cidade de Roma, se não repitam esses ataques intoleráveis».

Dois momentos de particular tensão nas relações — oficialmente inexistentes — entre o Vaticano e o Governo da Itália, tiveram origem nas visitas de dois chefes de estados católicos a Roma.

A primeira, a do Presidente francês Loubet, no dia 24 de Abril de 1904, levantou enorme celeuma. Uma visita oficial naquelas circunstâncias supunha o reconhecimento legal da usurpação efectuada pelo Governo italiano. A França pensou demasiado no seu interesse poli-

tico e talvez não lamentasse bastante as consequências que o acto podia acarretar. Recordá-las-emos no capítulo seguinte.

A outra visita foi a do príncipe Alberto de Mónaco. Apaixonado pela investigação da flora e da fauna submarinas, recebera um convite da Real Sociedade Geográfica Italiana para fazer uma conferência em Roma. Deve ter havido qualquer informação do Vaticano sobre as intenções com que, do Quirinal, se observava o assunto, pois o príncipe Alberto adiou a sua viagem, alegando uma infecção da garganta.

Restabelecido da sua afonia, o príncipe foi a Roma em Abril de 1910, hospedando-se no Grande Hotel, visitando o Quirinal e lendo a sua conferência no Colégio Romano. O Governo teve interesse em fazer chegar aos ouvidos do Vaticano que um protesto seria naquela ocasião incongruente, posto que a visita do príncipe ao Quirinal não implicasse qualquer significado político, dada a minúscula importância do Mónaco, e o facto da visita do príncipe a Roma ter um carácter essencialmente científico. O Vaticano compreendeu que o Governo desejava acima de tudo um precedente que servisse de apoio para casos posteriores. O *Osservatore Romano* de 4 de Maio pôs as coisas nos devidos lugares:

«Contrariamente ao que afirmaram alguns jornais, podemos declarar que a Santa Sé protestou na devida forma por ocasião da vinda a Roma de Sua Alteza Real, o Príncipe de Mónaco».

Apesar deste tom, vamos examinar agora um aspecto da conduta de Pio X que leva a uma conclusão: o Papa, encarando o futuro, desejava mais do que ninguém facilitar a solução do problema italiano. Por sua parte, não teria provocado incidentes, e mostrava-se bem disposto com a ideia de que o decorrer do tempo aproximasse os pólos. Mas foram os seus próprios inimigos que forçaram a sua intervenção intransigente, semeando o mal-estar na imprensa, pensando motivos de desgosto.

Até que ponto era possível, para os católicos italianos, uma participação no Governo da Itália? Problema grave, ao qual Pio IX dera uma solução cabal, mantida pelo Vaticano no decorrer do Pontificado de Leão XIII: «Non expedit», não convém, não é possível. Qualquer coisa de semelhante a um «Nego suppositum» escolástico.

O temperamento e a visão prática de Pio X não lhe permitiam manter por mais tempo fechada essa via. A nação italiana caminhava

rapidamente na reorganização definitiva da sua estrutura. Negar aos católicos a intervenção no Governo era perder um terreno que mais tarde só poderia ser recuperado com grandes dificuldades. A situação não permitia ainda que se organizasse um partido católico como nas Câmaras, porque a sua presença ali, significaria o reconhecimento oficial, por parte da Santa Sé, da capacidade jurídica das mesmas Câmaras.

Pio X mostrava-se decidido a moderar o «Non expedit». De facto, nas eleições gerais de 1904, foram apresentadas duas candidaturas de católicos, sem licença expressa do Papa, que não foi informado a esse respeito. Mas toda a gente sabia que Pio X via com simpatia aquele passo.

A 11 de Junho de 1905, Pio X publicou a Encíclica *Il fermo proposito*. Atrever-me-ei a chamar-lhe um documento capital na história política contemporânea da Itália. Aquela encíclica abria uma rota ao catolicismo militante italiano, rota que o levou nos últimos tempos ao governo directo da nação.

A encíclica estudava os problemas que a Acção Católica formulara de um modo especial na Itália.

«Para que a Acção Católica seja eficaz em toda a linha, não basta que corresponda às necessidades sociais; convém que utilize todos os meios práticos que hoje em dia proporcionam o progresso dos estudos sociais e económicos, as experiências históricas, as condições da vida civil, a própria vida pública do Estado.

«Gravíssimas razões nos impedem de nos afastarmos daquela norma decretada pelo nosso predecessor Pio IX, seguida por Leão XIII, segundo a qual é proibida na Itália, a participação dos católicos no poder legislativo. Mas motivos graves podem exigir, para se salvar o supremo bem da sociedade, que se deva colocar acima de tudo, a dispensa em casos particulares, em especial quando vós, veneráveis irmãos, o julgeis oportuno para o bem das almas e dos interesses supremos da Igreja, e o soliciteis.

«A possibilidade dessa benigna concessão nossa, supõe para todos os católicos o dever de se prepararem, séria e prudentemente, para quando forem chamados à vida política».

Na realidade, o «Non expedit» ficava derogado, embora só fosse suprimido por forma definitiva e oficial dez anos depois, em tempos de Bento XV. Os católicos italianos lançaram-se na campanha eleitoral. Talvez muitos dos seus netos ignorem hoje quanto têm a agradecer, no terreno político, a Pio X.

Mas entre os episódios particulares a que deram lugar as difíceis relações entre o Vaticano e o Governo, vale a pena recordarmos a interdição de Génova.

Monsenhor André Carón era Bispo Coadjutor da Diocese de Ceneda, que tinha como titular o Bispo Brandolini. Carón tinha fama de duro, de intransigente. Prelado cheio de ardor, não admitia «distinguos». Caminhava rápido, com o olhar muito erguido, e desejava que os colaboradores se ajustassem aos seus passos.

Pio X transferiu-o para a sede, arquiepiscopal e cardinalícia de Génova. Monsenhor Carón não pôde tomar posse: o Governo negou-lhe o «exequatur», a licença régia. Alegava antecedentes antipatrióticos do Bispo.

Pio X examinou o caso. Soube que na decisão do Governo não influiu pouco a pressão de certa parte do clero e do povo genovês, receoso da fama de severidade do Bispo. No dia 1 de Dezembro de 1912, o Cardeal de Lai comunicava ao Vigário geral de Génova a decisão do Santo Padre, «suspendendo em Génova toda e qualquer função episcopal, incluindo a confirmação e a ordenação de novos sacerdotes».

Génova comoveu-se. Uma multidão de protestos de fidelidade chegou às mãos do Papa. O clero enviou um fidelíssimo acto de submissão, que Merry del Val agradeceu da parte do Papa por uma carta de 12 de Dezembro. Mas já o Governo tinha encontrado naquele caso outro motivo de obstinação. Quando Bento XV foi eleito Papa, exigiu a imediata solução do caso Carón. No verão de 1914, o Governo italiano concedia o «exequatur». O Papa correspondeu mantendo Carón em Roma, para poupar ao Governo uma capitulação pública. Mas estavam salvos os princípios.

3

Aqueles cujas recordações não vão além da guerra de 1914, não fazem uma ideia do aspecto da Áustria nas últimas horas do Império, quando a derrocada já era prevista como irremediável. Professávamos e professamos demasiado afecto à pobre nação despedaçada nas últimas vicissitudes da Europa. Olhamo-la com respeito, e por isso não podemos compreender duas coisas.

Uma delas é a dureza do juízo que os últimos tempos do Império merecem aos historiadores, sobretudo aos italianos (estavam de per-

meio as relações difíceis da Itália com a Áustria durante a segunda metade do século passado).

A outra tem a sua origem na própria Áustria: a leviandade liberal com que as Câmaras se voltavam para o lado de onde soprava o vento. Examinei com curiosidade actas de certas sessões que, aí por 1913, ao cabo de largas enumerações, de desastres económicos e sociais, de lutas internas e externas, fechavam com o discurso de qualquer orador de turno, contra o ensino religioso ou a favor do divórcio.

Não nos parece que Pio X tenha sofrido grandes desgostos por culpa da Áustria, desgostos maiores que aqueles que lhe deram outras nações na sua fase liberal. O Império tinha muito enraizado o «josefinismo», sistema próprio dos imperadores austríacos, fruto de muitos anos, que torcia a vontade e os actos da Santa Sé de acordo com os caprichos do Estado. Um certo gosto pelas funções de sacristão, que o levava a intervir em minúcias litúrgicas.

Mas que o fazia também intervir em assuntos graves. Recorde-se o leitor de que foi o Cardeal austríaco Puzyna que pôs o veto à eleição de Rampolla. Não faltou quem esperasse de Pio X um forte castigo ao atrevido Cardeal. O Papa indicou que o vício procedia mais do sistema que do homem. Ao sistema, em harmonia com a sua visão prática das coisas, aplicou um remédio. Ao homem... Disseram-se muitas coisas. Que Pio X queria deixar o castigo nas mãos de Deus. Que o Cardeal confessara ter procedido por instigação. Que se arrependeu fervorosamente. E que Pio X lhe enviou ao leito de morte uma ampla absolvição e uma bênção especial.

Pio X conhecia exactamente a situação espiritual da Áustria. Nos anos da sua juventude fora súbdito austríaco, porque a Venécia só foi incorporada na Itália em 1866, quando o futuro Papa era coadjutor de Tômbolo. O pai de Merry del Val tinha sido embaixador em Viena, onde passou algumas temporadas de férias e o tempo de algumas Missões Pontificias que Leão XIII lhe havia confiado.

Doía-lhes a frouxidão espiritual do velho Império, como nos dói a nós a sua recordação.

Doía-lhes, e oravam.

Que outra coisa poderiam fazer?

Pio X faleceu a 20-VIII, apenas 1 mês antes de o verão realmar.

Há um canto do Palácio de Espanha que surpreende o visitante de Roma, pelo cuidado com que está arranjado o arquivo. Revolvendo alfarrábios dos princípios do século, nota-se que o Governo espanhol orientou a sua política religiosa, no decorrer do Pontificado de Pio X, com o olhar posto no Cardeal Secretário. E de acordo com olhos que observavam das poltronas dos ministros de Madrid, vai variando o tom dos documentos. Era lógico. A Espanha encontrava para isso fortes razões na nacionalidade espanhola do Secretário de Estado. Por sua parte, o Governo espanhol não podia prescindir da presença em Roma de tão fino observador.

Se não soubéssemos a que bordo de precipício nos colocou, seria divertido seguir o fluxo e refluxo de partidos e ministérios no Governo da Espanha durante o tempo de que nos estamos ocupando. Sinal dos tempos. E as reservas nacionais iam-se esgotando entretanto.

Os primeiros anos de Pio X coincidiram com a fervorosa iniciação de Maura na presidência do Governo. Os projectos de leis liberais, que obscureciam o horizonte religioso, ficaram em suspenso. No dia 19 de Junho de 1904, foi assinado um convénio com a Santa Sé.

Não podiam ter estabilidade as relações com o Vaticano, quando a linha política da nação carecia dela. Decorrido um ano sobre a assinatura do convénio, surgiu o golpe liberal, actuações de republicanos e anarquistas, o atentado à pessoa do rei no próprio dia do seu casamento. Afonso XIII escreveu uma carta formosíssima ao Papa, pedindo-lhe que abençoasse o seu matrimónio. Pio X respondeu-lhe com ternura. Da manhã seguinte ao atentado contra o rei de Espanha, data um bilhete escrito pelo Papa a Merry del Val:

«Eminência,

«Não consigo explicar-lhe a emoção que me assaltou ao ler esta manhã a desoladora notícia. Demos graças ao Senhor, que preservou a família real; mas... e as outras vítimas?

«Estou certo de que a estas horas V. E. terá telegrafado ao Senhor Núncio, para que manifeste à Corte a nossa profunda dor e o desejo de que o atentado não influa na saúde dos Augustos Esposos».

Em meados de 1906, o Conde de Romanones, Ministro de Graça e Justiça, publicou uma Real Ordem sobre o matrimónio civil. Provocou o protesto em massa do episcopado e uma enérgica pastoral do

Bispo de Tui. Dávila, Ministro da Governação, apresentou o projecto da lei chamada «de Associações», prejudicial para as Ordens Religiosas. Este assunto foi um dos que, pelas discussões que provocou, debilitaram o partido liberal. Em Janeiro de 1907, esse partido cedeu o lugar aos conservadores chefiados por Maura.

Ao cabo de dois anos e meio, em Outubro de 1909, Maura demitia-se, em consequência da «Semana trágica» de Barcelona. Sucederam-lhe primeiro Moret, e depois José Canalejas. Este homem deu muito que fazer ao Vaticano. Deu tratamento favorável à ridícula minoria protestante, ao ensino laico e provocou protestos em muitas regiões de Espanha.

Era exasperante, sobretudo para Merry, o apertar e afrouxar dos nossos gabinetes liberais. Enquanto propugnavam em Espanha pela «lei do cadeado», pretendiam progredir nas negociações com a Santa Sé. As «logias» internacionais solidarizavam-se com os atentados a que estava sendo submetido o catolicismo em Espanha. Os católicos organizaram manifestações de protesto. O Conde de Romanones chegou a ser uma espécie de pesadelo que ameaçava a educação religiosa. Passou a «lei do cadeado», submetida na Câmara a um duro ataque por parte de carlistas e integristas, que obrigaram o Governo a declarar «Sessão contínua», de uma quinta-feira, 22, até às onze da manhã do dia seguinte. E logo a seguir começou a batalha em torno da «lei de associações».

No dia 12 de Novembro de 1912, Canalejas caía assassinado na Puerta del Sol. Sucedeu-lhe na chefia do Governo, Garcia Prieto, e a este Romanones. Os augúrios não eram bons, mas havia que contar que Romanones, talvez não tão inteligente como Canalejas, era mais astuto. A sua actuação estreita curiosamente as relações com o Vaticano. Reataram-se as negociações interrompidas, e no dia 5 de Fevereiro de 1913, apresentou as suas credenciais como Embaixador de Espanha junto da Santa Sé, Fermín Calbeton. O Papa nomeou Monsenhor Ragonesi, Núncio em Madrid. O clima não exprimia inteira confiança, mas sim uma boa base para um entendimento posterior. Devemos reconhecer que em relação a muitos pontos concretos, Romanones superou as esperanças com a sua tolerância, depois da larga tempestade anticlerical. No entanto, os católicos puros mantinham uma justa desconfiança.

Por sob essas amargas vicissitudes, Pio X tomou afectuosíssimo contacto com a alma religiosa de Espanha. Soube que apesar dos alardes liberais a Espanha o amava. E os bons espanhóis aprovei-

taram quantas ocasiões se ofereceram para o consolar. O Congresso Eucarístico celebrado em Madrid, de 25 a 29 de Junho de 1911, enviava ao Papa este desejo-expresso pelo Rei:

• — Dizei a Sua Santidade que a Rainha e eu lhe desejamos longos anos de vida, para que seja sempre o apóstolo infatigável do amor a Cristo na Eucaristia.

Nos fins de Janeiro de 1909 teve lugar o famoso terremoto que assolou a Sicília e a Calábria. O Marquês de Comillas, num gesto de fina cortesia, pôs à disposição do Papa o navio «Cataluña», que transportou para Nápoles e para Civitavecchia os órfãos recolhidos, que foram logo todos assistidos em refúgios pontifícios. Pio X recebeu no dia 2 de Fevereiro os marinheiros espanhóis e abençoou-os com ternura.

Em tempos de Leão XIII, D. Manuel Domingo y Sol fundou em Roma o Colégio Espanhol. Merry, então jovem Monsenhor, filho do embaixador espanhol junto da Santa Sé, interveio na solução das primeiras dificuldades e foi director espiritual, e depois confessor, dos colegiais. Mosén Sol, numa das suas viagens a Roma, tratou com Pio X. Duas almas grandes, compenetradas das mesmas afeições. Pio X distinguiu-o com destacadas manifestações de apreço. A confiança, na chã simplicidade daquelas duas criaturas, foi levada ao campo das coisas mínimas: Mosén Sol levava ao Papa caixinhas de rapé espanhol...

No Colégio Espanhol vivia hospedado o Cardeal Vives y Tutó. Pio X chamava-lhe o «Colegial das Barbas». Era para o Colégio, como que uma espécie de embaixador permanente da confiança do Papa, e era ele o veículo constante dos prémios e das bênçãos com que o Papa cumulava continuamente o Colégio. O Papa conhecia a vida do Colégio, oferecia a sua intimidade ao reitor, cavaqueava com superiores e alunos. Desde a primeira audiência em que Merry lhe apresentou os noventa alunos do Colégio, contou com eles como uma guarda pretoriana que o saudava com todo o afecto e valentia.

5

Portugal.

Nome de uma cruz para o Pontificado de Pio X.

No dia 2 de Fevereiro de 1908 assassinaram o Rei e o Príncipe herdeiro. O Papa, ao conhecer a notícia, chorou compungido.

Dois anos depois, rebentava a Revolução. A nova República quis começar bem, de acordo com as suas congéneres. A sua primeira disposição foi para expulsar os jesuítas. Ponto de partida para uma série vergonhosa de vexames. Perturbavam-na os religiosos nos seus conventos, os dias festivos no calendário, os crucifixos e o catecismo nas escolas. Para compensar a nação de tantas perdas, introduzia-se o divórcio. Depois, os instauradores do novo regime ficavam tranquilos, esperando que uma política tão assombrosa trouxesse um século novo de paz e de abundância.

O Nuncio, Monsenhor Tonti, foi chamado a Roma. A Áustria e a Alemanha apresentaram perante o Governo português severas reclamações, porque a supressão das congregações religiosas, aplicada às colónias, prejudicava os seus interesses em terras de missão.

Pio X aguentou quanto pôde até que, votada a lei de separação entre a Igreja e o Estado, denunciou ao mundo tantas perversidades na Encíclica «Jamdudum» de 24 de Maio de 1911.

A Alemanha, nos anos de Pio X, viveu uma florescência pujante do catolicismo, mesmo na ordem política. O Centro Católico tinha o pé bem assente no Reichstag. A direita e à esquerda, os inimigos hostilizavam-no, mas o Centro imprimiu à sua gente directrizes disciplinadas e robustas. Os do Centro Católico amavam a pátria com exemplar fervor, desmentindo a acusação protestante de frieza ante os interesses alemães, como consequência da submissão a Roma. Em 1910, por ocasião da Encíclica «Editae saepe» comemorativa do terceiro centenário de São Carlos Borromeu, os protestantes alemães queixaram-se da imagem que nela se fazia dos primeiros reformadores. A queixa chegou ao Parlamento, mas não teve consequências de maior vulto.

A Rússia constituía para o mundo um enigma. A miséria, a agitação, o programa niilista, deixavam prever graves acontecimentos. A China despertava com revoluções do tipo ocidental. A Holanda e a Suécia renovavam a sua intolerância para com Roma. A Bélgica prestigiava o catolicismo cara a cara com a Inglaterra, onde a força do espírito de Mercier exercia uma poderosa atracção. Com a Sérvia firmava-se a Concordata.

Na América, o Brasil reproduzia com sangue jovem as bravatas dos seus maiores de Portugal. Os católicos do Equador, perseguidos pela maçonaria, tiveram o alento e o carinho do Papa. O México iniciava o seu penoso calvário.

«As missões são o meu grande consolo», disse Pio X a um missionário da Oceania. Pensava nelas quando o atormentavam os vaivéns políticos da cristandade. Repetia que Cristo morreu por todos os homens, e não só pelos fiéis, e que os missionários eram verdadeiros sucessores dos apóstolos que espalhavam pelo mundo o Evangelho do Senhor. Aprovou o Sodalício de S. Pedro Claver em 1910. E não poupou esforços para manifestar o mais terno carinho pelas missões. Já muito perto da sua eleição, apresentaram-lhe um menino negro, do Tanganica. O Papa poisou as suas brancas mãos sobre a cabeça do rapazito e ficou a contemplá-lo, com aqueles seus olhos que viam longe... A criança negra declarou depois que vira muito carinho no olhar do Papa. Quem sabe se Pio X, entre as suas nostalgias pastorais, não sonhava também com uma paróquia entre canas de bambú.

Publicado em
www.leiturascatolicas.com

A SUA MAIOR AMARGURA

1

Perguntaram-lhe um dia como é que depois do rompimento com a França, o Arcebispo de Paris poderia exercer o seu ministério sem palácio, sem subsídio, sem edifícios religiosos... O Governo, perante a intransigência do Papa, confiscara tudo.

— Se for necessário, estou disposto a enviar para lá como arcebispo um franciscano que, pela sua regra, é obrigado a viver pobre, de esmolas.

— Mas, Santidade, tanto dinheiro, tantos bens perdidos...

— Não são os bens, mas sim o bem, que importa. Falam muito dos bens materiais da Igreja de França, e pouco do seu bem espiritual. Dizei-lhes que se repete uma velha história... Há vinte séculos que no cimo de um monte se encontraram cara a cara dois poderes: «Dar-te-ei tudo isto se me adorares». Mostrava-lhe todas as riquezas. Recusou e continua a recusar.

Os poderes da terra sentem permanentemente a antiga tentação: atar ao seu carro estatal as forças do espírito. A Igreja teria poupado grandes pesares na sua história se aceitasse o pacto que lhe oferecia dinheiro e paz. Mas preferiu lutar com dura intransigência pela liberdade do espírito. Manteve intacto o seu depósito. Porque o ouro também apodrece com o tempo. Mas a santidade das almas, a graça dos filhos de Deus, essas não apodrecem.

Estamos a entrar no capítulo da nossa história que mais dores custou a Pio X. Quando, para tantos, o problema parecia fácil de resolver, o homem íntegro de Riese agarrou-se, com calma e firmeza, aos princípios. A história deu-lhe razão. Cristo já então lha tinha dado.

Nos últimos séculos, a França tem sido sempre o campo experimental de ideologias, o pedaço da Europa onde batalharam e batalham

todos os tormentos. Todas as ideias, todos os programas, encontram em França o seu eco. Os espanhóis, são, normalmente injustos nas suas opiniões sobre coisas de França, correspondendo assim à injustiça declarada, e por vezes muito mal intencionada, com que os franceses vêem as nossas coisas.

→ Notamos a descristianização da nação vizinha, mais profunda que a nossa, sem repararmos que no decorrer de vários séculos a França foi ferozmente varrida por todos os ventos. Uma minoria selectíssima conseguiu purificar os perfis no sofrimento, produzindo tipos exemplares, que se incorporaram com passo forte na história contemporânea da Igreja. A massa dos espíritos frívolos, animados pela picardia que o tempo lhes oferece, deixou-se conquistar pelo anticlericalismo em primeiro lugar, depois pelo liberalismo neutro, e à última hora pela vida puramente positivista, hedonística e utilitarista da vida. As seitas trabalharam sem descanso sobre a França. Porque nos toca muito de perto o momento que examinamos, vale a pena copiar as disposições com que foi encerrada a assembleia geral do Grande Oriente em 1902:

— Temos de acabar com as Ordens religiosas, de romper com Roma, de denunciar a Concordata e de restabelecer o ensino laico. Ao brindar pela maçonaria francesa, brindo na realidade pela República...

Os liberais franceses souberam imprimir aos seus programas um movimento característico: não há ninguém mais insuportável que um anticlerical do seu tipo. Ameaça, difama e insulta em nome da liberdade. Exige respeito pela sua consciência e pretende dominar o próximo. Cobarde perante a morte, alardeia insolência porque se sabe prepotente.

Leão XIII teve muito que suportar. A irreligiosidade — em certas ocasiões seria mais acertado dizer irresponsabilidade — do Governo francês teria dado pé mais que fundado ao rompimento, se Leão XIII não tivesse resolvido de antemão evitá-lo, embora à custa de grandes desgostos. O mundo inteiro previa que no Pontificado seguinte se iria de dar o inevitável.

Os leitores terão interesse em seguir o jogo de documentos e notas que se cruzaram até ao momento decisivo. Constituem a trama das mais intensas emoções e amarguras da vida do Pontífice Sarto.

Um punhado de frases feitas, manejadas com impudor, constituíram as forças de choque dos ataques laicais. Saía dos lábios de inconscientes com mais ou menos jeito para as colunas dos jornais:

«O clericalismo, é nosso inimigo»; «povo, direito, justiça e liberdade»; «liberdade, mesmo no crime».

Em Junho de 1902, o poder caiu nas mãos do ex-clérigo Combes que se tinha transformado num ardente anticlerical. No dia 21 de Março de 1903, num discurso ao Senado, revelou o seu plano de campanha: não queria precipitar os acontecimentos, como o desejariam os extremistas; denunciar a Concordata seria impolítico naquele momento; o povo não estava preparado; convinha prepará-lo de tal forma que, ao chegar o momento próprio, a atitude decidida do Governo equivalhesse a uma supressão definitiva da influência de Roma em França.

Empreendeu então uma campanha descarada destinada a apresentar o Papa como uma potência inimiga dos interesses da França. Cada um dos discursos do Presidente do Conselho encerrava um ataque ao Pontífice. É curioso pensar que as relações diplomáticas da França com a Santa Sé estavam em condições normais, e que o Núncio de Sua Santidade era o Decano do Corpo Diplomático acreditado em Paris.

A proposta dos bispos converteu-se num calvário para o Vaticano. Combes apresentava como candidatos indivíduos que ele sabia não poderem ser aceites pelo Papa, e até alguns que haviam sido recusados em ministérios anteriores.

Mas concretizou as suas ousadias em dois pontos: a supressão das congregações religiosas e o afastamento dos religiosos do ensino. A Santa Sé sofreu o golpe de outras medidas sectárias — a vesânia de uma ordem assinada na Sexta-Feira Santa de 1904, suprimindo o crucifixo nos tribunais e nas escolas, a anulação das subvenções a bispos e sacerdotes, etc. —, mas aquelas eram as mais graves. A questão fora formulada no governo anterior, mas foi Combes quem a rematou, tentando não a «fiscalização» dos religiosos, mas sim a exclusão das suas associações: em nome da liberdade, no país das liberdades, negava-se-lhes o direito à existência.

A expulsão dos religiosos comoveu a França inteira. Delcassé, Ministro dos Negócios Estrangeiros, interveio a favor dos religiosos

missionários. O Presidente do Conselho não se mostrou disposto a ceder um passo. Pio X julgou chegada a hora de intervir: escreveu uma carta ao Presidente da República, M. Loubet, com data de 23 de Dezembro de 1903. Tentativa delicada do Pontífice, que mostrava ao Presidente o seu coração angustiado pelos vexames a que estava submetida a vida religiosa em França. Loubet respondeu três meses depois, escudando-se na sua irresponsabilidade constitucional.

→ A Concordata entre a França e a Santa Sé tinha sido assinada em 15 de Julho de 1801, sob o Império de Napoleão. O mal não residia nas fadigas e desgostos a que dera lugar a sua elaboração, mas sim no facto de, uma vez assinada, lhe ter acrescentado Tilleyrand, como apêndice, uns «Artigos Orgânicos» que, submetidos à aprovação das Câmaras juntamente com a Concordata, foram aceites em França como se estivessem incorporados nela. Roma recusou-se a aceitá-los; na realidade não os podia aceitar. Vários desses artigos expressavam doutrinas equívocas sobre a extensão do poder civil em matéria religiosa, e o conjunto, pela sua procedência de autoridade incompetente. O Governo francês, por sua parte, aferrou-se mais a eles do que à própria Concordata.

A ameaça de rompimento agravou-se quando Combes começou a revolver os artigos da Concordata que regulavam a apresentação e eleição dos bispos. Propunha indivíduos inaceitáveis para sedes episcopais importantes. Pretendia mudanças de dioceses, e em todas as suas notas ao Nuncio acabava «reclamando» do Papa a instituição canónica para o candidato. A Igreja contava portanto com outro Pontífice supremo em terras de França, que era o senhor Combes, Presidente do Conselho. Com infinita paciência, Monsenhor Lorenzelli, Nuncio em Paris, mostrava as incongruências de cada um dos casos. Pio X, preocupado com a situação das dioceses que havia muito tempo se encontravam já sem bispo, pediu a Monsenhor Lorenzelli que procurasse a oportunidade para uma conversação pessoal com Combes, em busca de uma plataforma de encontro. Lorenzelli solicitou verbalmente e por escrito a audiência, que o Ministro lhe não concedeu.

Assim estavam as coisas, quando se produziu um incidente: a visita do Presidente da República francesa ao Rei da Itália.

Em Julho de 1902, começou-se a falar nos círculos officiosos de uma possível visita de Vítor Manuel, Rei da Itália, ao Presidente francês. Leão XIII, por intermédio do seu Nuncio, fez saber ao Governo francês que o Vaticano via com muito bons olhos a aproximação dos dois povos,

mas que já antes de se negociar a visita tivesse em conta que seria gravíssima ofensa para os direitos do Papa o facto de o presidente de uma República católica devolver a visita a um Rei que tinha usurpado os Estados Pontifícios; se a visita se realizasse fora de Roma nada teria o Papa que opor; pelo contrário, fá-la-ia objecto das suas complacências. Mas, no dia 24 de Abril de 1904, M. Loubet, Presidente da República francesa, chegava a Roma em visita oficial ao Rei da Itália.

A imprensa maçónica mundial, e em particular a italiana e a francesa, encontrou a melhor oportunidade para pôr em destaque tudo quanto a visita tinha de injurioso para o Papa. Se a França tivesse procurado encontrar o ponto mais delicado para criar conflitos e molestar o Pontífice, não teria acertado melhor.

No dia 28 de Abril, Merry entregou a M. Nisard, Embaixador francês junto da Santa Sé, uma nota de protesto (1) Enviou aos nuncios em todas as nações outra nota que evidenciava o desgosto do Vaticano, com a recomendação de a levarem ao conhecimento dos respectivos governos. A um soberano junto do qual a Santa Sé não tinha representação, foi apresentada uma comunicação por intermédio do seu representante em Roma.

Nenhuma dessas notas foi tornada pública pelo Vaticano. O *Osservatore Romano* de 4 de Maio publicou um despacho officioso em que era notificado o seu envio aos nuncios.

O Conselho de Ministros francês examinou a proposta. No dia 6 de Maio, o Embaixador enviou uma nota ao Cardeal Secretário, declarando-lhe que o seu Ministro dos Negócios Estrangeiros repelia em nome do Governo o fundo e a forma do comunicado do Vaticano.

Tudo levava a crer que o incidente ficava encerrado. Mas no dia 17 de Maio um diário parisiense, *L'Humanité*, deu a público a nota entregue pela Secretaria de Estado a alguém do Governo. Nela se lia:

«Se apesar de tudo o Nuncio Pontifício continua em Paris, isso é unicamente devido aos gravíssimos motivos de ordem e natureza especiais».

(1) Essa nota de Merry continha aquela famosa frase, que os sectários italianos nunca lhe perdoaram. Referindo-se ao Rei Vítor Manuel III, chama-lhe «...celui qui contre tout droit en détient le principat civil»... do Papa. Traduziram em italiano: «Celui che detiene». Serviram-se deste «celui» como argumento do antipatriotismo de Pio X.

A imprensa francesa exaltou a frase, incitando o Governo a exercer represálias. No dia 20 de Maio, teve lugar uma entrevista dramática entre o Embaixador francês e Merry del Val.

Nisard perguntou, em nome do seu Governo, se aquela frase era autêntica e fazia parte da nota enviada a cada um dos nuncios. Merry rogou ao Embaixador que lhe apresentasse por escrito ambas as perguntas. A sagacidade do Cardeal Secretário surpreendera a perversa intenção com que o Governo francês procurava um «sim» transmitido pelo telégrafo. Uma nota por escrito esclareceria a situação e a mente do Vaticano, e isso não parecia convir aos planos do Governo francês, que se encontrava já a um passo do rompimento. Um «sim» de Merry, transmitido de Roma por via telegráfica, seria perante a Câmara a confirmação indiscutível da hostilidade com que a Santa Sé procedia.

Nisard respondeu que não dispunha de tempo para apresentar as perguntas por escrito, porque Delcassé desejava ter a resposta antes da reunião da Câmara, convocada para aquele mesmo dia: tinham-lhe pedido uma resposta verbal.

O Cardeal respondeu que lhe poderia entregar a resposta num espaço de tempo muito breve, uma hora, talvez mesmo meia hora, de forma que às duas da tarde o senhor Delcassé poderia estar informado; como se tratava de uma questão tão delicada, recusava-se a dar uma resposta verbal.

Na realidade, Merry tinha preparada a resposta escrita, pois conhecera, antes da visita, a pergunta que o Embaixador lhe ia formular.

Nisard insistiu: queria, antes de mais nada, um sim ou um não, coisa bem simples.

O Cardeal manteve a sua atitude. Nisard insinuou que da sua recusa a responder se podia deduzir que a nota publicada pelo jornal era autêntica. Merry limitou-se a observar que não tinha respondido à pergunta.

Depois de uma pausa, o Embaixador ergueu-se do seu lugar, dizendo que enviaria imediatamente as perguntas por escrito, rogando ao senhor Cardeal uma rápida resposta. Sua Eminência acompanhou-o até à porta, prometendo-lhe a resposta em menos de uma hora.

Passaram-se duas horas, e as perguntas escritas pelo Embaixador não vinham. O Cardeal cuidou de lhe fazer saber que estava disposto a responder-lhes logo que chegassem. Mas durante todo aquele dia não as recebeu.

Na manhã seguinte, M. Nisard, Embaixador da República francesa, visitou o Cardeal Secretário de Estado para se despedir. Expôs a Merry del Val que o pedido de serem apresentadas por escrito as perguntas tinha sido interpretado pelo seu Governo como um pretexto para iludir a resposta, e que lhe tinha sido transmitida ordem de abandonar Roma.

Acrescentou que, de momento, aquela despedida não significava interrupção nem suspensão de relações diplomáticas entre a Santa Sé e o Governo francês, anunciando-lhe a chegada de M. De Navenue como Encarregado de Negócios, e apresentando-lhe o interino, M. de Cource.

Despedido o Embaixador, Merry correu penalizado à presença do Papa. — Eminência — comentou Pio X —, olhem para o crucifixo. É ele o nosso caminho e a nossa meta.

Merry explicou a um prelado romano que o visitou a seguir: — Vistes aquele senhor que saía? É o Embaixador de França, que se despediu e saiu esta tarde de Roma. Eu estou perfeitamente tranquilo, depois de ter falado com o Santo Padre.

3

O Nuncio continuava em Paris.

Não tardaram a surgir nuvens a carregar ainda mais o já tenebroso panorama.

Depois do rompimento, a Secretaria de Estado do Vaticano publicou um «Livro Branco» reservado para as chancelarias que informou das vicissitudes que se sucederam nas relações entre o Estado francês e a Igreja.

O «Livro Branco», no seu capítulo IX, examinava a questão que deu pretexto imediato para o rompimento definitivo, e apesar de se tratar de coisas muito delicadas preferia expô-las com toda a objectividade, para que o juízo, em assuntos tão graves, pudesse ser exacto.

Seguimos neste parágrafo a letra do «Livro Branco». Admire-se o leitor, e se não tiver humor para se indignar, porque já correu muita água desde então, divirta-se vendo como um Presidente do Conselho de Ministros — concretamente o ex-seminarista M. Combes, seminarista fracassado, gostava de tratar os bispos como aguazis do seu séquito.

Quase desde a sua nomeação, o Bispo de Laval, Mons. Geay, preocupou a Santa Sé com a infinidade de denúncias que a sua actuação suscitava. Tratava-se, evidentemente, de coisas que diziam respeito a

assuntos puramente eclesiásticos, à margem dos problemas religioso-políticos da França. Mediante uma informação em regra, o Santo Padre — então ainda Leão XIII — fez aconselhar ao Bispo, por meio de uma carta do Santo Ofício, que renunciasse ele próprio ao governo da sua diocese. Evitaria assim um passo desagradável ao Papa, e o Bispo ficaria bem colocado.

Mons. Geay aceitou o conselho, mas pôs como condição que o transferissem para outra diocese, mesmo que fosse a última de França. Roma, convencida da sua inutilidade pessoal preferiu esperar.

Assim se passaram quatro anos. A Pio X chegaram protestos e motivos de desgosto: o Bispo não tinha remédio. Por ordem do Papa, o Santo Ofício escreveu-lhe a 17 de Maio de 1904, convidando-o mais uma vez a renunciar à sua diocese, e acrescentando que se não apresentasse a renúncia no prazo de um mês, se veria obrigado a proceder por forma canónica.

Para os entendidos em direito, «proceder por forma canónica» significa submetê-lo a um processo regular, segundo a forma jurídica correspondente.

O Bispo de Laval pôs nas mãos do Governo a carta do Santo Ofício, faltando assim às normas do segredo. No dia 3 de Junho, uma nota do Governo francês exigia à Santa Sé retratação da ordem dada a Mons. Geay, alegando que o Vaticano feria com essa ordem os direitos da República.

Mais uma vez entra em jogo a paciência do Papa. Explicou ao Governo que o «proceder por forma canónica significava instaurar o processo necessário, suposto aos factos alegados contra o Bispo».

Entretanto, o Bispo de Laval, com data de 24 de Junho, escreveu ao Papa uma carta anunciando-lhe que iria a Roma no mês de Outubro, porque teria então recolhido o óbulo que pensava oferecer-lhe. Nem sequer fazia alusão à informação do Santo Ofício. Julgaria que, tendo-a posto nas mãos do Governo, ficava tudo a salvo?

No dia 2 de Julho, Merry transmitia-lhe uma severíssima comunicação, exigindo-lhe, sob pena de suspensão, a presença em Roma no prazo de quinze dias, para responder pessoalmente perante o Santo Ofício às acusações contra ele formuladas. O Bispo respondeu no dia 6:

«Como ^{relativa} deve fazer qualquer bispo francês, comuniquei ontem ao meu Governo a carta que V. Ex.^a me escreveu em resposta à que eu dirigi ao Santo Padre.

«Ao mesmo tempo solicitei do Ministro dos Cultos autorização para partir para Roma, de acordo com a ordem da Santa Sé.

«Sinto ter de vos informar que essa autorização me foi recusada»...

Quatro dias depois, o Bispo de Laval, Mons. Geay, recebia uma carta do Cardeal Secretário de Estado, anunciando-lhe da parte do Papa, que, se não estivesse em Roma no dia 20 de Julho, incorria, sem mais explicações, em suspensão «ipso facto, ab exercitio ordinis et iurisdictionis».

Mas estava a acontecer um outro caso semelhante.

O Bispo de Dijon, Mons. Le Nordez, não acertava com o governo da sua grei. A tensão chegou a tais extremos, que em Fevereiro de 1904 os seminaristas se recusaram a receber a sagrada ordenação das mãos do seu Bispo, preferindo serem expulsos do Seminário. Conhecida a situação, o Cardeal Secretário de Estado, por telegrama datado de 10 de Março, rogou ao Nuncio em Paris que convidasse o Bispo de Dijon, da parte do Papa, a suspender as ordenações até novo aviso. O Nuncio transmitiu a comunicação ao Bispo, e este respondeu a 13 de Março, reconhecendo a oportunidade da medida e mostrando-se de acordo com ela.

Mas eis que a carta do Nuncio ao Bispo de Dijon caiu nas mãos do Governo. Que predilecção tinha M. Combes pelas cartas do Nuncio! Protesto imediato: o Governo julga-se na obrigação de considerar essa carta como não escrita, pois foi dirigida sem sua autorização a um bispo francês, e contém uma ordem que viola a Concordata.

No dia 24 de Abril, Merry del Val escreveu ao Bispo de Dijon ordenando-lhe, da parte do Papa, que fosse a Roma o mais breve possível. Monsenhor Le Nordez respondeu prometendo chegar ali em meados de Junho, alegando que devia terminar primeiro a visita pastoral iniciada.

Decorreu Junho, avançava Julho, e nada se sabia acerca do Bispo. Em 9 de Julho, Merry comunicou-lhe que se antes de decorridos quinze dias não chegasse a Roma incorria em suspensão. Le Nordez respondeu pedindo um adiamento, e comunicou ao Governo a ordem recebida de Roma. Merry, por carta de 22, mantinha o prazo. A 23, uma nota do Governo francês declarava nula a primeira carta do Nuncio ao Bispo de Dijon, e exigia do Cardeal Secretário que retirasse as posteriores, escritas por ele.

→ Roma respondeu com finura, mas num tom muito firme. Dava toda a espécie de explicações, ensinando com suavidade as mais claras noções do direito público da Igreja. O Santo Padre quis ainda pror-

rogar por um mês o prazo oferecido aos dois bispos para comparecerem em Roma.

Foi tudo inútil.

O epílogo de tantos desgostos foi dado por uma nota verbal de 30 de Julho, pela qual o Encarregado de Negócios francês junto da Santa Sé comunicava ao Cardeal Secretário de Estado: o Governo da República resolveu romper as relações oficiais com a Santa Sé.

Em outra nota do mesmo dia, M. Delcassé comunicou a decisão a Mons. Lorenzelli, Nuncio em Paris, acrescentando que considerava como terminada a sua missão de Nuncio.

Era o mesmo que oferecer-lhe um bilhete de partida.

Mas o epílogo deve vir pela reflexão do leitor. Eu acrescentarei apenas que, apesar da contínua violação a que estavam sendo submetidos os direitos da Santa Sé, apesar da despreocupação com que o Governo desautorizava as actuações do Nuncio e se arrogava a jurisdição sobre os bispos, apesar da negação aberta do poder que ao Papa corresponde no juízo sobre actos bons ou maus dos seus Bispos, as notas da Santa Sé dirigidas ao Governo francês estavam todas impregnadas de uma cortesia e de um respeito exemplares. Excessivos, em nossa opinião. E evidentemente imerecidos.

4

→ No dia 6 de Dezembro de 1905, o Parlamento francês votou a lei de separação entre a Igreja e o Estado. Já sabemos o que é que significa essa proclamação de liberdade e independência. Em teoria, poder-se-ia pensar numas condições tais que permitissem à Igreja desenvolver a sua vida num regime de direito comum em comparação com outras confissões, como sucedia então nos países anglo-saxões e vem sucedendo posteriormente em muitos outros. Mas a separação de 1905 em França, subentendia a submissão dos direitos da Igreja à vontade perversa das seitas: um regime de excepção contra os católicos, despojando-os dos seus bens e arrancando-os do seu centro.

A lei da separação teve muitos votos contra, e algumas vozes, incluindo as das esquerdas, se levantaram contra ela. Mas no dia 9 de Dezembro era promulgada pelo Presidente da República. Na primeira frase do artigo primeiro, «A República assegura a liberdade de consciência». Conhecida ironia. O Governo declarava-se livre da obrigação de pagar as subvenções ao clero: decisão unilateral, que pecava

primeiro contra a Concordata e no fundo contra a obrigação de justiça emanada do despojo que haviam sofrido os bens da Igreja nos tempos da revolução. ^{saque} ~~confisco~~

Uma decisão governamental não podia, porém, eliminar definitivamente a vida religiosa da França. A lei, prevendo situações futuras, instituiu as «Associações de culto» — Cultuelles —, em cujas mãos viriam a cair os poucos bens que a Igreja ainda possuía; o Governo trataria de os regularizar através dessas associações. No episcopado não havia que pensar, pois que a lei ignorava a sua existência como ignorava a do Papa.

«Não só os fiéis da França — e, embora o não dissessem, os sectários, preocupados com o futuro —, como o mundo inteiro, esperavam a resposta de Pio X. O Papa, segundo o seu costume, pensou e orou. Com a sua serenidade característica, impregnada de amargura e de firmeza, aceitou a batalha.

A encíclica «Vehementer», primeira medida do Pontífice, apareceu em 11 de Fevereiro de 1906. Era dirigida aos quatro cardeais, arcebispos, bispos, clero e povo da França. Eram as falanges disciplinadas que a lei supunha sem caudilho. Chamada ardente e paterna. Contava com eles, consolava a sua dor e abria-lhes um clarão de esperança.

→ «Temos a esperança, mil vezes cumprida, de que nunca Jesus Cristo abandonará a sua Igreja, e de que jamais a privará do seu apoio indefectível. Não podemos tremer pelo futuro da Igreja. A sua força é divina e... contamos com a experiência de séculos».

O documento papal acusava o Governo de violação unilateral da Concordata, sem motivo que a justificasse. Encarava depois o próprio princípio: «Separação da Igreja e do Estado», e condenava-o como tese absolutamente falsa, como erro pernicioso. Procurava a sua origem na crença de que o Estado não deve reconhecer um determinado culto. E isso é uma grande ofensa a Deus, Criador do homem e fundador da sociedade humana, ao qual se deve culto privado e culto público.

→ «Essa tese supõe, além disso, a negação da ordem sobrenatural, pois que limita a acção do Estado à mera procura de prosperidade material, razão próxima da sociedade política, desinteressando-se por completo... da razão última: a felicidade eterna que espera o homem na outra vida».

Quando estabeleceu esta dualidade de poderes, o civil e o religioso, desejou-as em ordem, em concórdia. Se os acordos desapare-

cem, multiplicam-se as ocasiões de conflito e daí resulta apenas angústia para as almas.

E as «Associações de Culto»? O Estado, com o pretexto da separação, atribui-se poderes em matérias que caem inteiramente fora da sua jurisdição, tratando de sujeitar a vida da Igreja ao poder civil.

Uma encíclica ousada como nenhuma outra. Numa época de enredos, quando toda e qualquer afirmação era discutida, Pio X desbravou o caminho recto, sem se preocupar com as admirações que à direita e à esquerda provocava o seu passo decidido. O Pontífice de coração suave aparecia com ténpera de velho lutador. Previu que a aplicação sectária da lei ia começar furibunda: confiscação dos bens do clero; vexames aos bispos e sacerdotes; perseguição implacável dos religiosos; saída de todas as freiras que ocupavam postos de caridade em hospitais, orfanatos, casas de beneficência; profanação dos templos, com inventários injuriosos e rapinas inconfessáveis. Mas o Papa convocara os seus filhos fiéis para o martírio, e eles não lhe faltaram.

Em primeiro lugar iria escolher, livre de peias, os prelados para as dioceses da França. Seriam capitães de um povo disposto à suprema prova. Os catorze bispos que ocupariam as sedes vagas, seriam, por sua expressa vontade, consagrados por ele próprio na basílica vaticana. Junto à primeira pedra da Igreja, aos ossos do primeiro Papa, tingidos de séculos e de sangue antigo, ungi-los-ia com a força do supremo sacerdócio.

1906 Quis que Merry del Val estivesse a seu lado na cerimónia da consagração dos catorze novos bispos franceses. Tinham sofrido tanto juntos... Quando o Papa repartiu a cada bispo a partícula consagrada e lhes deu de beber no seu cálice, os presentes recordaram uma noite em que o Senhor deu de comer o seu Corpo e de beber o seu sangue a doze discípulos...

Entregou a cada um deles um peitoral. Desejou vê-los depois a seu lado para lhes dizer «quanto apreciava o sacrifício que aceitavam expondo-se à pobreza, às privações e à perseguição».

«Recebereis instruções sobre a maneira de proceder à vossa chegada e ao tomar posse das dioceses que vos foram confiadas...»

→ «Recordai que nascemos para a luta...»

«Que não só o juízo de Deus, mas também o do mundo vos está contemplando...»

«Invejo a vossa sorte...»

«Desejaria partir convosco para participar das vossas dores e das vossas angústias.

«Embora o meu corpo esteja distante, estarei sempre ao pé de vós...»

Também os catorze bispos imaginaram que era o próprio Cristo que estava ali presente dando as suas recomendações aos seus fiéis amigos.

5

Sobre que base jurídica seriam organizados o culto e a vida religiosa em França?

Pio X, no final da «Vehementer», anunciou aos católicos franceses que em tempo oportuno lhes daria instruções concretas. Durante meses, as chancelarias e a imprensa de todas as nações se ocuparam do assunto: como resolveria o Papa? Negar-se a aceitar as «Associações de culto» subentendia deixar a Igreja em França reduzida à miséria, privada de todos os meios de manutenção e de desenvolvimento. Aceitá-las, significaria um passo atrás no caminho decidido que assinalava a encíclica.

Nos próprios ambientes católicos não faltaram conselheiros que insinuavam um compromisso, uma cauta claudicação que evitasse prejuízos irremediáveis.

Pio X convidou os bispos franceses a um estudo profundo do assunto. Os bispos, reunidos em Paris em 30 de Maio, repeliram quase por unanimidade (74 votos contra 2) as «Associações de culto». Um vento jovem de apego ao Papa e de entusiasmo na peleja remoçava as dioceses da França. A perseguição revelava em colheita próxima o fruto certo.

Tendo-se perguntado aos bispos se seria conveniente um estudo posterior que transformasse as «Associações de culto» em novas associações canónico-legais, que pudessem ser aceites, alguns pronunciaram-se a favor da experiência.

O Papa, satisfeito com a confiança dos seus bispos franceses, julgou que não seria oportuno aceitar esse compromisso. Quer ^{a simples} evitar, em plena luta, mesmo a aparência de um pacto. No dia 10 de Agosto de 1906, numa carta famosa — a «Gravissimo officii munere» —, proibia os católicos de aceitarem as «Associações de culto» e repelia qualquer outra experiência enquanto não constasse bem claramente que eram respeitados em França os direitos da Igreja. Estejam dispostos — pedia

o Papa — os meus filhos fiéis da França a lutar sem descanso, não com violência, mas sim com justiça e constância; vencerão irremediavelmente a contumácia dos inimigos.

Em Outubro, Clemenceau formou Governo e dispôs-se a executar integralmente a lei. Despediu Monsenhor Montagnini, Secretário da Nunciatura, sequestrou o arquivo, confiscou a cifra e permitiu a publicação, falsificada com oportunos retoques, de documentos secretos. Dissolveu os seminários, dando ordem para que eles fossem desocupados dentro de quarenta e oito horas. Alistou nas fileiras, milhares de eclesiásticos, muitos dos quais já haviam cumprido o serviço militar.

Bispos e fiéis, sem queixas, uniram-se em torno do Papa. A impiedade não podia dar mais de si e começava a fatigar-se. O Papa, em carta de 6 de Janeiro de 1907 — «Une fois encore» — proclamou uma vez mais o Governo sectário responsável de tantas injustiças:

→ «A Igreja não abandonou os seus bens, bens de culto, bens dos pobres. Foram-lhes arrebatados. A verdade é esta: posta na necessidade de escolher entre a ruína material e a aceitação de uma ofensa à sua divina Constituição, a Igreja negou-se, mesmo à custa da pobreza, a permitir o atentado contra as leis de Deus».

De 15 a 19 de Janeiro, celebraram nova reunião os bispos de França. Não se puderam reunir, como de costume, no Palácio do Cardeal de Paris, confiscado como todos os outros palácios episcopais. O Conde Franqueville ofereceu-lhes o seu castelo.

Os prelados quiseram iniciar a sua assembleia enviando a Pio X uma mensagem comovente. Estavam com ele, dispostos à obediência e à pobreza e sentiam-se felizes no sacrifício.

Camilo Bellaigue, que levou a mensagem a Roma, descreveu a impressão do Papa:

«Uma clara manhã de inverno romano.

«O sol inundava a vasta biblioteca.

«O Papa, de pé diante da sua mesa de estudo, brilhando de aivura, em plena luz. Lia e relia a mensagem dos nossos bispos, dos seus fiéis bispos. A cada momento duas simples palavras, sempre eloquentes na boca de um italiano, caíam-lhe dos lábios: «Bello, bellissimo». O obscuro mensageiro da França, da França cristã, obediente, sentiu também, a ponto de chorar, a honra, a emoção de se encontrar, em semelhante momento, junto de tal Mestre como mensageiro de tais servidores».

Merry del Val protestou oficialmente perante os representantes de governos acreditados junto do Vaticano pelo vexame a que eram sub-

metidos os fiéis de França. O Cardeal Arcebispo de Reims escreveu aos bispos de Espanha expondo-lhes o sentido autêntico da nova perseguição. O Arcebispo de Bordeus, Cardeal Andrieu, foi processado por ter declarado que umas leis vexatórias dos mais sagrados direitos só podiam ser correspondidas com desobediência; no Palácio da Justiça declarou que comparecia unicamente por cortesia, mas que não reconhecia justiça humana com capacidade para julgar o Ministério episcopal, que depende apenas de Deus e do Papa.

De Janeiro a Março de 1907, o Governo começou a claudicar. Não teve a nobreza de dar um passo franco, mas Briand encarregou-se de suavizar com duas disposições a força da lei de 1905. Ao apoderar-se dos bens eclesiásticos, respeitou os fundos de «mutuais» de velhice e as fundações de missas, com o desejo de que os católicos recolhessem esses fundos. Uma carta de Pio X aos cardeais franceses — 12 de Maio de 1908 — declarava que se não podiam aceitar esses fundos de mutuais, e que preferia renunciar a essas fundações de missas, posto que ninguém podia garantir a sua execução. Em Novembro do mesmo ano, aprovava a ideia de se celebrar uma missa mensal pelos defuntos a que correspondessem as fundações abandonadas.

6

19 de Novembro de 1908.

O Papa fala aos bispos de França:

→ «Abandonai, esforçados bispos de França, os vossos palácios; afastai do Seminário as jovens esperanças das vossas igrejas, mas não aceiteis para saciar a fome uma moeda de quem deseja escravizar a Igreja. Na vossa dor, olhai só para Jesus Cristo despojado de tudo, nu e crucificado. Recordai que Ele triunfou da morte; o vosso triunfo não tardará. Segui-me na dor. O meu único pesar é não estar ao vosso lado para sofrermos juntos e juntos travarmos o combate de Deus».

18 de Abril de 1909.

Pio X dirige uma alocução aos peregrinos franceses chegados a Roma para presenciarem a beatificação de Joana d'Arc. Vibra a vitória nas palavras do Papa:

«Dizei aos vossos compatriotas que aceitem como tesouros os testamentos de S. Remígio, de Carlos Magno, de S. Luís, compendiados nas palavras da heróina de Orleans: viva Jesus Cristo, Rei dos francos!»

Por esse título a França é grande entre as nações, e por esse motivo Deus a há-de proteger, dando-vo-la livre e gloriosa».

29 de Novembro de 1911.

«Um dia virá, e espero que não esteja distante, em que a França, como Saulo no caminho de Damasco, cairá banhada em luz celestial e ouvirá uma voz: por que me persegues?... Levanta-te, limpa as tuas manchas, faz reviver os teus sentimentos e vai outra vez como filha primogénita da Igreja, levar o meu nome ante todos os povos e reis da terra».

Não faltavam juízos severos da obra de Pio X em relação à França.

Acusaram-no de excessivamente duro. De sujeição férrea aos princípios, de que se não adaptou às circunstâncias.

Para esses juízes, quase sempre interesseiros, duas observações.

Pio X sofreu mais do que ninguém nos quinze mistérios daquele rosário de dores. Não hesito em chamar-lhe «a sua grande amargura».

Em segundo lugar, estou convencido de que a triste e gloriosa história daqueles anos apagou para sempre na Igreja de França a tentação do «galicanismo». Perante os novos tempos que agora começamos, Deus quis preparar providencialmente os católicos franceses — e de modo particular o episcopado e o clero — para a próxima expedição. Serviram-lhe de crivo aqueles sofrimentos. De crivo necessário, cancelando séculos inteiros de frivolidade de espírito. No poderoso ressurgimento — que alguns ignoram e outros adivinham — da religiosidade francesa, a história terá de começar por um capítulo que narre as amarguras de um Papa santo e de um Cardeal espanhol.

No dia 20 de Agosto de 1914 chegou a Páris a notícia da morte do Papa.

Sobre o catafalco pontifical de Notre-Dame repousa uma velha bandeira tricolor.

Pio X beijou-a em S. Pedro no dia da glorificação de Joana d'Arc.

A França não esquecerá o beijo de um Papa que tanto sofreu por ela (1).

(1) Com este final quase retórico esqueci-me de notar um dado importante: No dia 19 de Maio de 1921, depois de muitos outros sinais de aproximação, M. Briand — o mesmo Briand que quinze anos antes colaborara com fervor numa endiabrada lei de separação — nomeou Embaixador de França junto da Santa Sé o senhor Jonnart.

PÃO DOS SEUS CELEIROS

A branca mão do Papa acaricia a cabecita de uma criança cujos longos cabelos loiros caem graciosamente sobre os seus ombros.

— Como te chamas?

— Júlio.

Pio X sorri.

— Júlia...! Que nome tão bonito.

— Não, Júlia não! Júlio.

— Sim, sim, compreendo, Júlia. Gosto muito do teu nome.

O pequeno, quase irritado:

— Qual Júlia...! Chamo-me Júlio. E levantou a bata para confirmar: — Não vês que visto calças?

1

Pio X teve muito que sofrer. Os anos do seu Pontificado foram constantemente martelados por contradições e golpes bruscos. Uma a uma, todas as nações da Europa lhe levantaram problemas difíceis. Na vida interna da Igreja, coube-lhe em sorte a missão dolorosa do cirurgião. Creio que, se apesar de tudo o sorriso não desapareceu do seu rosto cheio de bondade, deveu-se o facto à graça particular que Deus lhe concedeu de se poder entender com as almas infantis e com os homens simples. Talvez ninguém tenha, no seu tempo, sofrido tanto como ele. Mas por certo também ninguém foi tão feliz.

Imagino-o pai de uma família numerosa, com a casa grande e a dispensa bem abastecida.

Se eu fosse escultor...

Na minha estátua, Pio X seria a haste de um cacho de filhos, para os quais enterraria as mãos em taleigas de trigo limpo. *saco pequeno e largo.*

E que pão, meus amigos!...

Nos princípios do nosso século, era ainda considerável a influência do jansenismo, embora hoje nos custe a admitir tal mentalidade.

Os jansenistas pregavam uma cruzada que afugentava as almas do seio de Deus. Faziam sentir de tal modo a magestade divina, em todo o seu fulgor e poder — tal como aparece em algumas passagens do Antigo Testamento —, que o sentimento de piedade filial era automaticamente substituído pelo terror. Consequentemente, o povo afastou-se dos sacramentos. Os cristãos deixavam de se confessar porque temiam não estar preparados e duvidavam se a sua vontade estava no caminho recto que conduz ao bem. Negavam-se a comungar porque a grandeza de Deus presente na eucaristia não podia estar sujeita ao capricho das nossas futilidades.

A Igreja desautorizou e condenou a heresia jansenista, um dos mais insidiosos ataques à vida cristã, disfarçado sob uma capa de veneração divina, mas próprio para fazer gelar à nascença qualquer ideia de aperfeiçoamento.

Apesar disso, os germes que o jansenismo propagou caíram em bom terreno. Sobretudo os que se referiam à comunhão. «Somos indignos de nos aproximarmos de Deus. Necessitaríamos para isso de uma consciência puríssima. É um desrespeito pretender comungar com frequência».

Esqueciam-se estes cristãos das palavras de Jesus no Evangelho, quando se referia à sua missão de curar os enfermos, de procurar a ovelha perdida, de se ligarem intimamente aos seus amigos. Ignoravam as recomendações seculares da Igreja e os decretos dos concílios. E, assim, levantaram uma muralha de temor que impedia o acesso às fontes da vida sobrenatural.

Três actos corajosos de Pio X foram o suficiente para remediar para sempre o conflito, abrindo à espiritualidade um riquíssimo manancial. Obedeceram a um plano sistemático, pessoalmente concebido por ele. Os decretos foram promulgados pelas Congregações do Concílio e dos Sacramentos, mas todos notaram a presença do Papa em cada

uma das suas linhas. Ao ser publicado o último decreto, Pio X perguntava aos seus íntimos:

— Que se diz do Papa?

— A propósito de quê, Santidade?

— Da comunhão das crianças.

— Santo Padre, eu vivo no meio do povo, e ouço juízos muito dispares.

— Pois bem, dizei a todos que o Papa assume toda a responsabilidade do decreto.

→ Com data de 20 de Dezembro de 1905, a Sagrada Congregação do Concílio abria as portas da comunhão frequente:

«A primeira finalidade da sagrada eucaristia não é garantir a honra e a reverência devidas ao Senhor, nem que o corpo do Senhor seja um prémio à virtude, mas sim que os fiéis, unidos a Deus pela comunhão, possam encontrar nela força para vencer as suas paixões carnis, para se purificarem dos seus pecados quotidianos e para evitarem tantas quedas a que a fragilidade humana está sujeita».

Eram claramente assinaladas as condições necessárias para a comunhão frequente, e mesmo quotidiana:

«A comunhão frequente e quotidiana, muito desejada por Jesus e pela Igreja Católica, deverá ser acessível a todos os fiéis de qualquer classe ou condição, desde que se encontrem em estado de graça e comunhem com recta intenção».

O decreto provocou certa celeuma. As almas profundas acolheram-no como a melhor das dádivas. Uma infinidade de artigos de jornais e muitas cartas chegadas a Roma exprimiram à Santa Sé a alegria dos fiéis. Ao mesmo tempo, formulavam algumas perguntas relacionadas com a interpretação e a extensão do decreto: se a comunhão frequente devia ser proposta a todos os fiéis, e também às crianças que tinham comungado pela primeira vez. Em muitas regiões era costume dividir as comunhões das crianças depois delas comungarem pela primeira vez, por períodos longos, por vezes de um ano inteiro. Essa prática obedecia aos mesmos princípios de respeito: as crianças, incapazes ainda de reflexão, não se deviam habituar a tratar com menos respeito a eucaristia. E os enfermos? Haveria forma de lhes tornar também extensivos os benefícios do decreto?

A resposta não se fez esperar. A Congregação do Concílio, num decreto de 15 de Setembro de 1906, espôs que a comunhão frequente não era apenas recomendada aos maiores, mas também às crianças,

para defesa da sua inocência e da sua piedade. Era, pois, de condenar o costume de deixar passar um longo intervalo entre a primeira e a segunda comunhão.

O caso dos enfermos foi submetido a um estudo severo, porque recomendar para eles a comunhão frequente subentendia quebrar a lei do jejum eucarístico. O assunto ficou por fim resolvido com um novo decreto, em 7 de Dezembro do mesmo ano.

Exposto o caso aos enfermos que estavam de cama havia cerca de um mês, sem esperanças de rápido restabelecimento — mesmo os que se levantavam por uma ou duas horas durante o dia — distinguiam-se dois casos:

os que viviam em casas religiosas, com capela e sacrário, ou gozavam do privilégio de missa em oratório privado, podiam comungar uma ou duas vezes por semana;

os restantes, doentes comuns em suas casas, uma ou duas vezes por mês.

Em ambos os casos se devia atender ao conselho do confessor, e não interessava que tivessem tomado antes alguma bebida.

Faltava o último passo, talvez o mais difícil, porque a ele se opunham sérias objecções: decidir sobre a idade em que as crianças poderiam ser admitidas à primeira comunhão. Naquela época aguardava-se até aos doze ou catorze anos, e mesmo até mais tarde, com o fim de se evitar a irreverência que implicava distribuir o corpo de Cristo a quem desconhecesse ainda o seu valor. Além disso, em alguns países como a França, por exemplo, fechava-se com a primeira comunhão o período de instrução catequística da criança, e se ela fosse antecipada, as crianças ficariam sem os conhecimentos fundamentais das verdades religiosas.

Mas, era tão doloroso ver que as crianças, as preferidas de Jesus Cristo, se não podiam acercar d'Ele! Sentir que o demónio destruíra com o pecado a inocência das suas puras alminhas, antes que Jesus pudesse entrar, e que quando entrava, já não encontrar à sua chegada aquele candor infantil que arrebatava...

Sabia-se que o Papa aproveitava pessoalmente todas as ocasiões para dar o mais cedo possível a comunhão aos pequenos. Fizera-o em Veneza e fazia-o no Vaticano, quando as audiências lhe proporcionavam oportunidade para isso.

Uma dama inglesa apresentou o seu filho a Pio X, pedindo-lhe a bênção.

— Quantos anos tem?

— Quatro, Santidade, e espero que em breve possa receber a comunhão.

O Papa travou um diálogo com o menino.

— A quem vais receber na comunhão?

— A Jesus Cristo.

— E Jesus Cristo, quem é?

— É Deus — respondeu o menino sem titubear.

— Traga-mo amanhã — disse o Pontífice à mãe —, e eu próprio lhe darei a comunhão.

"Em outubro ou fins de setembro" de 1916, na Loja do Calceio, a Anjo de Portugal deu a Sagrada Comunhão, sob as espécies de pão, a Lucia C., sob as espécies de vinho, a Francisco e a Jacinta, nascidos respectivamente a:
 22-11-07, então com 9 anos e 6 meses.
 —> 8 de Agosto de 1910. 14-VI-08, " " 8 " 3 " :
 10-11-10, " " 6 " 6 " :

É uma data que nós, os cristãos de hoje, devemos recordar com reconhecimento.

Na vida de cada um de nós, a manhã da primeira comunhão despertou com uma claridade inapagável. Eramos bons. Quando mais tarde, errando no vaivém de todas as maldades, nos sentimos vergados sob as sombras da vida, voltamos a olhar essa manhã serena em que a bondade despertou para nós. Eramos simples. Demasiado pequenos para termos os olhos turvados. Não sabíamos odiar, não tínhamos maus desejos, não procurávamos a injustiça. Havia, sim, uma ou outra birra, logo arrumada entre duas lágrimas e um beijo maternal. Recordamo-lo como algo de belo e muito pessoal. Aquela criança santa, amiga dos anjos, que a podiam erguer em triunfo, era eu. Já quase me não reconheço, mas era eu. Tinha Deus no peito quando os meus olhos se abriam para as coisas e para os homens. Se agora não sou pior, e peço perdão, e confio, e espero, deve-se apenas àquela nostalgia da brancura que me ficou nas raízes do desejo quando recebi a minha primeira comunhão.

Desta vez o decreto emanava da Congregação dos Sacramentos. Devíamos copiá-lo na íntegra. Não pode ser. Apontarei um breve resumo.

A Igreja Católica, recordando as palavras do Mestre, «deixai vir a mim os pequeninos», tratou desde os seus primeiros tempos de aproximar as crianças da sagrada eucaristia, de modo que até ao século XII se administraram partículas consagradas aos próprios bebés. O costume desapareceu mais tarde, e passou-se a permitir a comunhão apenas àqueles que já tinham alguma noção do augusto sacramento.

→ O Concílio de Latrão de 1225, e o Concílio de Trento, confirmaram solenemente a disciplina que estabelecia a comunhão pascal para todos os cristãos que tivessem atingido o uso da razão.

Mas a dificuldade surgiu com o problema de determinar a idade em que se chega ao uso da razão, e deu lugar a muitos erros. Deste modo, a idade variava, segundo os países, desde os dez aos catorze anos. O desejo de se reverenciar o Santíssimo Sacramento; afastou, assim, as crianças, de Cristo, privando-as do alimento para a sua vida interior; e a juventude, ameaçada de tantos perigos, perdia a candura e lançava-se nos vícios antes de se iniciar nos Santos Mistérios.

Em muitas regiões chegou-se inclusivamente a proibir a confissão das crianças não admitidas à primeira comunhão. Nem sequer quando em perigo de morte se curava de prover a essa necessidade. As crianças eram até privadas do Viático e enterradas com o rito dos inocentes, não havendo quaisquer sufrágios.

Chegou-se a tão grande absurdo, em virtude da exigência de preparação para a primeira comunhão, caindo-se no erro jansenista, que apresenta a eucaristia como um prémio, em vez de ver nela a fortaleza para a fragilidade humana.

→ A idade da discrição necessária é aquela em que a criança pode distinguir o pão eucarístico do pão comum, e dispor-se a recebê-lo em estado de graça e com recta intenção. Podemos fixar concretamente essa idade nos sete anos, um pouco mais ou um pouco menos, segundo o desenvolvimento de cada criança.

→ Não é necessário que a criança, que quer comungar, conheça perfeitamente o catecismo. Há-de aperfeiçoar depois os seus conhecimentos. Por ora basta que conheça, conforme a sua própria capacidade, os mistérios primordiais da fé.

→ Chegada a idade conveniente, esse direito de se confessar e comungar implica o dever de cumprir com o preceito. São responsáveis por esse dever aqueles que têm poder sobre a criança.

Toda a gente deu a sua opinião sobre o decreto, que desconcertou os tímidos e escandalizou os eternos prudentes. Os bons católicos receberam-no com hinos de triunfo. O Papa confidenciou a um Cardeal:

— Foi o Senhor que inspirou este decreto.

— ...E as crianças?

Entabulou-se uma deliciosa correspondência entre as crianças do mundo inteiro e o Papa. Chegaram ao Vaticano envelopes garatuja-dos por mãos infantis, com cartinhas que contavam a Pio X as alegrias

dos seus amigos desconhecidos. Agradeciam-lhe, prometiam-lhe serem boas, diziam-lhe que comungavam muitas vezes por mês. Chegavam também cartas colectivas, de colégios, de paróquias....

Pio X dedicava as suas horas livres a responder aos seus amigos. A simplicidade e a formosura da sua alma denunciavam-se em cada um dos seus ditos:

Querido Arcipreste:

Recebi satisfeitiíssimo o belo album e li a carta afectuosa que os 455 meninos de Ostiano me dirigiram no dia da sua primeira comunhão. Na primeira oportunidade diga aos seus queridos amiguinhos que agradeço muito os seus beijos de gratidão, de promessa e de reparação, e que lhes correspondo enviando-lhes a todos um beijo carinhoso. Agradeça-lhes em particular pelas preces que me oferecem, e assegure-lhes que me não esquecerei de pedir que sejam sempre bons, para satisfação de seus pais e de seu querido Arcipreste.

Pio Papa X

Muitas crianças, em vez de lhe escreverem, foram vê-lo. Conversavam com ele nas audiências sem o menor receio. Entendiam-se admiravelmente. E quando era possível, o Papa convidava-os a comungarem na sua missa.

Na primavera de 1912, quatrocentos rapazes e meninas de França foram a Roma, levando-lhe os nomes de 135.350 crianças que tinham oferecido por ele a primeira comunhão no dia de São José, onomástico do Papa. A Roma solene, que acolhe reis e imperadores, estremeceu de graça perante aquela nova embaixada. Assistiram à missa solene na Basílica de São Pedro e foram recebidos pelo Pontífice na Capela Sixtina. Um dos miúdos recitou um pequeno discurso de saudação, e uma pequena de cinco anos interpretou os sentimentos das suas companheiras.

O Santo Padre entregou a cada uma dessas crianças uma medalhinha de prata, e contou-lhes o amor de Jesus para com os pequeninos e a satisfação que Ele sente vendo-os comungar com fervor. As crianças olhavam-no de olhos muito abertos, e cada uma delas pedia-lhe a sua graça:

— Santo Padre, curai a minha irmãzinha.

— Que o papá seja bom.

— Santo Padre, eu quero ser sacerdote.

— E eu missionário.

Com a comunhão, o catecismo.

Pio X podia melhor que qualquer outro acertar com o diagnóstico das necessidades do seu tempo: conhecia directamente a vida, integrava-se no povo. Ficou famoso o tacto com que tratava as crianças. Conseguia que elas o tratassem de igual para igual, porque era ele próprio quem primeiro descia até elas.

Certo rapaz, dotado de habilidade para o desenho, atreveu-se a esboçar o perfil do Papa. Executou a sua pequena obra e, numa audiência, apresentou a Pio X o fruto da sua ousadia. Queria oferecer-lho. O Papa pagou-lhe cem liras. Pegou depois no retrato, autografou-o e devolveu-o ao seu autor, dizendo-lhe:

— Vai vendê-lo a qualquer americano. Verás como será recompensado o teu trabalho.

Muitas outras coisas deste tipo se sucederam entre o Papa e as pessoas simples. No pátio de São Dâmaso, no Vaticano, mostram-nos ainda o lugar onde Pio X explicava ao domingo o catecismo ao povo de Roma.

Este contacto imediato, e contínuo de setenta anos, é a pequena tábua encerada em que se escreveu, no dia 15 de Abril de 1905, a Encíclica «Acerbo nimis» sobre o ensino do catecismo. Resultado de plena maturidade, este documento revela em cada uma das suas linhas a pastoral dum velho pároco.

A Encíclica propõe-se fazer sobressair a responsabilidade dos pastores de almas, nomeadamente de bispos e párocos, perante a desoladora ignorância religiosa que oprimia os povos.

→ Nesta ignorância da verdade divina — afirmava — está a raiz principal do relaxamento de costumes dos nossos dias, e a insensibilidade dos espíritos com todo o seu cortejo de graves males.

Por isso, o ensino religioso é o dever mais sério, a obrigação mais urgente de cada sacerdote, de cada pároco, que a deve cumprir como obrigação de justiça aos seus fiéis.

A Encíclica expunha as linhas gerais a que deve obedecer o ensino catequístico das crianças, dos jovens e dos adultos, a regulamentação das aulas de religião para colegiais e universitários, a instituição em cada paróquia da Congregação da Doutrina Cristã, a colaboração dos seculares e a sua preparação para o número de catequista. As suas

normas passavam na íntegra, quase com as mesmas palavras, para o Código de Direito Canónico.

✓ «Grandes empreendimentos, dignos de todo o elogio, tendes levado a cabo nas vossas dioceses, para o bem das almas. Procurai, acima de todas elas, com especial esmero e sem vos poupareis a trabalhos, → que a explicação catequística penetre e encha todos os espíritos».

A Encíclica «Acerbo nimis» — podemos dizê-lo hoje, a meio século de distância — caiu em terreno fértil. Multiplicaram-se os Congressos Catequísticos, reviram-se os métodos de trabalho e a técnica da catequese. Muitas dioceses abriram escolas especiais para a formação de catequistas; publicações, material de ensino, enfim os mais variados meios de acção entraram e conheceram um extraordinário desenvolvimento e ainda hoje ocupa o primeiro lugar entre as preocupações dos bispos.

O mesmo se passou em relação aos textos, ao pequeno catecismo. Esse livrinho de cinquenta páginas, mas cartonado, que as crianças aprendem de corrida, deve ser considerado uma maravilha. Fruto de uma ousadia genial — que tem antecedentes nos quatro Evangelistas e no compilador da antiga Doutrina dos Apóstolos — contém em poucas páginas uma concepção da vida, uma posição perante o Universo, que é simultaneamente a mais harmónica, a mais estranha e a mais substancial. A razão e a fé trabalharam em conjunto para dar como resultado das suas sínteses o catecismo.

As actas do primeiro Congresso Catequístico italiano, celebrado no ano de 1889 em Piacenza, reproduzem uma carta do Bispo de Mântua, José Sarto, pedindo que se estude no Congresso a conveniência de se redigir um texto único de catecismo, o mesmo para toda a Itália, e que se faça uma solicitação nesse sentido à Santa Sé.

O assunto foi objecto de discussão, nos anos seguintes, nas sessões do Concílio Vaticano. É possível que, se o Concílio tivesse concluído os seus trabalhos, todos soubéssemos hoje de memória o mesmo catecismo.

Ora entre a bagagem de desejos paroquiais que Pio X levou ao Pontificado, contava-se também com esse. Em 1909, nomeou uma comissão com o encargo de redigir um catecismo que seria adoptado na diocese de Roma e proposto a todas as outras dioceses de Itália. A comissão conferia cada passo desse catecismo com o Papa, de forma que a obra, antes de ser publicada, já era conhecida como catecismo de Pio X. Foram dois anos de trabalho aturado. O Papa enviou cinquenta

cópias do projecto definitivo a cinquenta bispos italianos, que os deviam devolver a Roma com as observações que julgassem oportunas. Foram chamados todos os entendidos, e o Santo Padre reviu pessoalmente todas as respostas. Por desejo expresso do Papa, a redacção do texto italiano foi confiada a um literato prestigioso, Pio X desejava que o catecismo pudesse entrar nas escolas com inteira dignidade, com porte airoso, como «primeiro livro», como o mais digno de atenção.

Os tempos vão mudando, e não é de estranhar que o texto de Pio X não esteja hoje inteiramente adequado às necessidades actuais. Os entendidos consideraram-no sempre, e ainda o consideram, um livro exemplar, um modelo. É evidentemente exemplar a resolução daquele Pontífice tenaz, que diante dos obstáculos só admitia uma atitude: superá-los. Em Outubro de 1912, a Tipografia Vaticana lançava a primeira edição do desejado catecismo.

Pio X mantinha com as crianças de primeira comunhão graciosos diálogos catequísticos. Uma vez, exortou-as a que falassem sempre a Jesus com o mesmo fervor da primeira Comunhão. Lembrou-lhes que teriam sobretudo de o fazer na última quando o Senhor os fosse buscar na forma de Viático. Falava comovido. As crianças ouviam quietas, extasiadas.

— Amá-lo-eis sempre assim?

Um «sim» fervoroso fechou a pergunta.

Outros gritaram:

— Sim, Papa.

E um outro, olhando de perto, na primeira fila, para a figura branca de Pio X, respondeu-lhe, como numa oração:

— Sim, Jesus.

Um movimento de fervor fez-se sentir logo nas veias do Corpo Místico como resultado imediato da dupla orientação do Pontífice: eucaristia e catecismo. A piedade ganhou, tornou-se mais firme e ofereceu espectáculos sociais assombrosos, em festas, Congressos Eucarísticos, peregrinações.

O nome de Maria não esteve ausente nessa florescência.

A vida íntima do Papa decorria em amorosa relação com a Mãe. Gostava de trazer o rosário entrelaçado nas mãos. O passeio

da tarde, pelos jardins do Vaticano, costumava ter a sua meta na «gruta» de Lourdes, réplica da verdadeira e abençoada por ele.

Nas audiências, o sinal do Angelus interrompia a conversação e o Papa dirigia a prece.

— Senhores, é a hora do Angelus: Querem recitá-lo comigo?

— Vi-o — contava um ilustre advogado francês — enquanto rezava. Gostei da doçura da sua Ave-Maria. Tinha os olhos cravados numa imagem da Virgem. Julguei que ele a estava a ver.

Poucas semanas depois da sua eleição, Pio X confirmou a Comissão Cardinecia nomeada por Leão XIII para organizar os actos com que se festejaria o 50.º aniversário do dogma da Imaculada. Compôs uma prece, cujo original autografado o Cardeal Merry conservou zelosamente. Como preparação imediata do acontecimento publicou a Encíclica «Ad diem illum», com passagens preciosas. Quis que, com contribuições de todos os fiéis do mundo, se oferecesse uma nova coroa à imagem de Maria coroada por Pio IX no Vaticano.

→ Era também muito querida de Pio X a devoção ao Sagrado Coração. O Padre Mateus Crawley-Boevey... Quem é que não ouviu falar no Padre Mateus? Curado milagrosamente em Paray-le-Monial, dedicou a sua vida ao serviço de uma grande ideia: consagrôu ao Divino Coração, família após família, todas as famílias do mundo. Antes de iniciar a sua missão, o Padre Mateus foi ao Vaticano, para pedir ao Papa a necessária autorização. Pio X acolheu-o com o seu modo paternal, ouviu a sua história, os seus planos. O Padre Mateus solicitou a autorização para o seu empreendimento.

— Não, meu filho, não te autorizo.

O Padre Mateus, desconcertado:

— Santo Padre...

— Não to permito, meu filho, não... — E o Papa encarou-o com o seu sorriso de santa malícia, abriu os braços e estreitou o Padre Mateus. — Ordeno-te, sabes? Não é uma licença, é uma ordem que te dou, de consumires a tua vida nesse apostolado.

A caridade do Papa correspondeu sempre aos prolegómenos de sua vida como sacerdote e como bispo. Socorria até onde as suas mãos podiam alcançar. Já não podiam ocorrer peripécias no referente às esmolas... Não era o mesmo andar de porta em porta como coadjutor de Tómbolo ou estar em Roma, vestido de branco. No seu testamento encontraremos a frase famosa: «Nasci pobre, vivi pobre, quero morrer pobre».

Tudo, entregar tudo. Entregá-lo e entregar-se. O dinheiro, para aquilo que ele pudesse remediar. Mesmo o seu coração, porque, como era de Jesus, os filhos sentir-se-iam contentes possuindo-o.

Comparando o ambiente espiritual dos nossos dias, que tantas vezes qualificamos de desastroso, com a de uma época de que apenas alguns anos nos separam, o saldo é a nosso favor. Nesta parte do século XX, tomou corpo uma selecção robustíssima de católicos, que vive com autenticidade a sua vocação religiosa, que conhece de onde sopra o Espírito e para onde sopra. Uma poderosa juventude, com toda a graça do seu arrogante estilo, ao serviço da Igreja. Famílias compenetradas a toda a hora da presença do Senhor.

O milagre espiritual do nosso tempo não teria sido possível sem a actuação de Pio X. A vida cristã agiganta-se e ganha em qualidades graças a um fermento: a eucaristia.

O monumento que a Pio X dedicou a Basílica Vaticana tem um baixo-relevo em que se vê um anjo místico distribuindo pequenas hóstias a três virgenzitas. Emanam daquele bronze devoção e força.

Devoção e força. Na primeira hora das nossas vocações sacerdotais, das nossas juventudes católicas, da nossa ânsia de santidade, há uma hóstia pequena e branca que chega aos nossos lábios pela mão dispenseira dum Papa.

A LUTA CONTRA O MODERNISMO

Ao leitor que não disponha de quatro minutos livres para ler as páginas pesadas, recomendo-lhe que salte este primeiro parágrafo e comece o capítulo pelo parágrafo segundo.

1

Eu tive um sábio mestre que me descobriu o nervo comum de tantas heresias.

Vou contar a sua história.

Ficará bem como introdução deste capítulo.

Explicava o meu mestre que, quando Deus Nosso Senhor descobre por meio da revelação um conjunto de verdades, o homem tem de realizar com a sua razão o esforço necessário para as receber. Qualquer coisa que consiste em ter muito abertas as pétalas da alma para receber a carícia do sol. Suposta e aceita a revelação, surge na mente do homem a possibilidade de intentar uma elaboração, utilizando o seu próprio pensamento, dessas verdades reveladas. Nasce assim a ciência a que chamamos Teologia. Podemos então tomar duas atitudes:

Uma, que respeita, no seu último perfil, o depósito da revelação e põe generosamente ao seu serviço a razão humana, procurando em humildade uma compreensão mais profunda das verdades divinas. Aceita a superioridade do mistério.

A outra procura forçar a revelação para a ajustar à razão humana. Se encontra na verdade revelada estruturas não adequadas aos quadros humano-rationais, atreve-se com um gesto frio, a partir-lhes os ossos.

A diferença entre estas duas posições que o homem pode assumir perante as verdades reveladas, apoia-se neste princípio: para os primeiros, o supremo valor, que tem de permanecer intocável, pertence à revelação, à verdade divina; para os outros, a razão humana ocupa o primeiro posto na hierarquia de valores.

E, assim, dizia o meu mestre, todas as heresias têm na sua origem um ponto comum: o desejo de rebeldia ante uma verdade superior à razão — verdade que se lhe impõe, que a transcende, e que ela se não resigna a aceitar.

Nas origens do modernismo, talvez por ele ser a heresia própria-mente dita, o compêndio mais substancial de todas as heresias, é evidente esta característica.

É muito difícil explicar em poucas palavras o que é o modernismo. Na realidade, os próprios autores modernistas procederam de campos intelectuais muito diversos, e havia notáveis discrepâncias entre eles. Foi a Encíclica «Pascendi» o primeiro documento que expôs numa forma orgânica o conjunto dos erros modernistas, e eles ficaram assombrados com a síntese certa que Pio X tinha conseguido.

Não vou tentar aqui uma exposição teórica do modernismo. Isso exigiria páginas e páginas, que não interessariam à maior parte dos leitores. Procurarei enumerar as vicissitudes da heróica luta pessoalmente dirigida por Pio X, e que foi para ele ocasião de grandes sofrimentos, como foi para outros, motivo de escândalo: o Papa, mal informado, procedia com excessiva dureza, não atendia a conselhos prudentes. Chegou a dizer-se que se havia criado um estado de terror.

A verdade é que — e vamos vê-lo na sua clara nudez — o perigo era muito grave. Também neste ponto concreto a história deu razão ao Santo Padre. Muitos ingênuos, com a serenidade que dá a distância, não escreveriam hoje o que então escreveram.

O modernismo, compendiando ainda neste ponto o estilo de muitas heresias, não se limitou ao plano intelectual. Teve ressonâncias de ordem cultural, social e política.

Se o leitor quiser formar uma ideia aproximada da posição espiritual que o modernismo subentendia, poderá recordar como semelhantes outros dois momentos anteriores.

Um deles, quando em plena Idade-Média, a presença do aristotelismo nas escolas procovou uma gigantesca convulsão cultural. Até então, nesse trabalho que, como acima dissemos, a razão empreende em torno às verdades reveladas, eram utilizados conceitos alheios às dou-

trinas de Aristóteles. A difusão dos escritos aristotélicos originou uma revisão completa da Teologia e dos fundamentos em que se apoiava toda a cultura. Essa revisão, realizada pelas inteligências mais preclaras da época, procedeu em terreno completamente ortodoxo e, superadas as inevitáveis hesitações, serenou os espíritos.

Três séculos mais tarde, o progresso da ciência experimental deu origem a uma crise semelhante. A cultura, harmónicamente dividida em sínteses escolásticas, desfez-se em mil farrapos, como um cristal lançado contra a rocha.

O modernismo implica os antecedentes que lhe procuraram no idealismo e no amplo conjunto de sistemas filosóficos dos séculos XVIII e XIX. Mas, em última análise, o modernismo nasce como um intento de ajustar o catolicismo, com o seu dogma e com a sua vida, ao movimento cultural contemporâneo segundo o padrão imposto pelo historicismo: conceito da realidade como perpétua transformação, como um constante devir.

2

A acção de Pio X contra o modernismo correspondeu a um plano muito amadurecido. Nas conferências que o Cardeal Sarto organizou para os seus sacerdotes de Veneza, um dos temas analisava o livro fundamental de Loisy, principal factor da nova heresia. O Papa conhecia havia muito tempo a gravidade do assunto, mas não se quis precipitar. Era preciso que o remédio fosse eficaz, e para isso tinha de se aplicar no momento preciso.

De facto, mais do que a doutrina, a posição que o modernismo implicava, originava verdadeiras crises na consciência católica. Um veneno que viciava em pequenas doses as melhores intenções e as melhores obras daquele tempo. Tenhamos em conta que Leão XIII, com o impulso que imprimiu às obras sociais, lançou as actividades católicas pelas sendas mais modernas, mais actuais. Aos estudos, o grande Pontífice quis dar também uma orientação moderna. Despertou assim entre os católicos o afã da conquista do novo mundo. Afã muito legítimo, porque a Igreja foi constituída para santificar em qualquer momento os homens do século. Mas perigoso, também, quando à aproximação com os ideais do século podia desvirtuar o conteúdo sobrenatural da religião.

O modernismo aparecia como solução cómoda e sugestiva de largos tempos de cepticismo. Os dogmas teriam um valor não absoluto, mas relativo ao tempo e ao sujeito para que se comunicaram. Seria um produto de uma elaboração da subconsciência religiosa, que plasmaria neles os seus apetites mais sãos. Admitiriam matizes novos abrindo-se às condições sociais que o futuro pudesse oferecer. Satisfariam as aspirações humanas que o idealismo pretendesse ignorar. Deixariam, finalmente, ampla margem para a síntese evolucionista... «O modernismo — dizia o Padre Tyrrel, campeão do novo sistema na Inglaterra — oferecia as mais apaixonadas esperanças. Mas eis que chega Pio X com uma pedra numa mão e um escorpião na outra».

→ Tirai à nossa fé a estrutura metálica do *Credo*, concebei os nossos dogmas como expressões de desejos íntimos que ontem o foram, hoje podem sê-lo e amanhã não o ser, e o Catolicismo desmoronar-se-á como um corpo sem esqueleto. «A pedra e o escorpião», teve de os empunhar o Papa, armando-se com todo o seu vigor.

→ «Quem sabe — escreveu Mercier depois de falecido Pio X —, quem sabe se frente a um Papa da têmpera de Pio X, Lutero e Calvino teriam arrancado a Roma um terço da Europa cristã!»

De 1903 a 1907, Pio X, segundo o seu hábito inveterado, observou e orou. Quatro longos anos de vigilante silêncio. A acção directa contra o modernismo, apenas apontada pelo Papa em alguns pequenos avisos antes de 1907, desenvolveu-se a partir dessa data em dois planos: um deles é a condenação, diríamos teórica, desmascarando o erro e colocando-o em evidência diante do depósito da fé. O outro, o regresso à prática, a tarefa fatigante de urgir o cumprimento de um conjunto de severas normas disciplinares que desinfectassem o organismo, que afastassem dos Seminários as novidades perigosas e restituissem a seriedade dos espíritos.

Primeiro, a condenação teórica.

3

Alfredo Loisy nasceu em Antuérpia, em 1857. Ordenado sacerdote em 1878, manifestou muito cedo, na sua cátedra do Instituto Católico de Paris, tendências liberais, a cujo serviço punha a sua inteligência vigorosa e uma extensa cultura. Com um bom punhado de *Santo em Treviso, desde 27-X-1915*
a partir de 1889

186

obras exegéticas, foi o condutor indiscutível das falanges modernistas, e o seu símbolo vivo. A pessoa e a obra de Loisy, em si próprias complicadas, agravaram-se muito mais com o drama passionai que à roda delas se teceu. Os seus devotos, fascinados pela capacidade crítica do talento de Loisy, auguraram-lhe, nos dias da sua repulsa doutrínaria por parte de Pio X, um futuro glorioso que tarde ou cedo prostraria aos seus pés a própria força do Papado.

As obras de Loisy, com exemplar insistência (1), iam-se incorporando, à medida que apareciam, no «Índice de livros proibidos». → Em 1907, nomeou a Congregação do Santo Ofício uma comissão, de que faziam parte os Cardeais Rampolla e Vives, que tendo à vista um catálogo de erros respigados nas obras de Loisy por teólogos franceses, segundo instruções do Cardeal Arcebispo de Paris, redigiu o decreto «Lamentabili»: um breve prefácio e sessenta e cinco proposições merecedoras de condenação. No dia 4 de julho, Sua Santidade assinava o decreto.

O «Lamentabili», no entanto, ainda não pronunciava a palavra «modernismo». Mas era o começo da grande campanha. Assinalava a posição firme da Igreja. Muitos notaram que algumas das proposições ali condenadas, estavam adquirindo carta de livre trânsito em muitos ambientes católicos. Previa-se como imediata a palavra, mais directa e completa, do Pontífice.

Dois meses depois aparecia a Encíclica, *Pascendi Dominici Gregis*

→ Está hoje fora de dúvida, nos ambientes informados, a participação directa e pessoal de Pio X na redacção da «Pascendi», com partes escritas de seu punho e letra. Muito se vacilou anos antes procurando os nomes dos teólogos que fizeram parte da comissão que preparou a Encíclica, sob o olhar do Papa. Com fundamento, falou-se do insigne jesuíta padre Billot, mais tarde Cardeal; do Procurador Geral dos Oblatos, padre Lemins; de Monsenhor Humberto Benigni. O certo é que a Encíclica, como resumo das doutrinas modernistas espalhadas em mil livros e folhetos, apareceu como um milagre de talento; como plano de campanha para a extirpação do erro, alcançaria uma incoercível eficácia.

Não me resigno a deixar o leitor sem o resumo, denso em excesso, do mais importante dos documentos do Pontificado de Pio X. Outra vez lhe peço perdão, em atenção aos comentários apaixonados que nos virão ter às mãos.

A primeira parte da Encíclica expõe o modernismo.

→ Partindo da impossibilidade de conhecer a essência das coisas, o modernismo nega que possamos demonstrar a existência de Deus. A religião nasce no fundo da nossa alma por um desejo, por uma exigência que nos capacita para a vida e para a acção, mas que fora de nós não tem qualquer fundamento, nem corresponde a um mandato de Deus que nos comunique a sua verdade.

A fé não é senão uma emoção do subconsciente, que nos faz sentir a emoção do divino. Foi-nos comunicada pelos nossos maiores e é por nós comunicada aos outros. Assim se forma a tradição. Os teólogos exprimem-na em fórmulas a que chamamos dogmas.

Portanto a fé, os dogmas, a sociedade religiosa, tudo é na realidade produto desse desejo, dessa necessidade que o homem sente e que o obriga a desejar o divino.

Estes sentimentos internos foram evoluindo desde os primeiros séculos, criando as diversas fases da vida da Igreja, que a ciência histórica deve investigar.

Não tem interesse, portanto, demonstrar ao incrédulo a obrigação de crer, baseada na palavra de Deus, confirmando a revelação com profecias e milagres, mas sim procurando que ele sinta dentro de si a necessidade, o prazer de acreditar.

Há que reformar, por consequência, os livros de teologia, os seminários, os planos do apostolado, de acordo com essa orientação.

A segunda parte da Encíclica repele como falso esse sistema monstruoso, «compêndio de todas as heresias»: não se pode demonstrar a existência de Deus, que na realidade não existe; não, a revelação, não é verdadeira. A Igreja carece de fundamento. Tudo está sujeito a um gosto, a uma exigência íntima que posso sentir ou não, que pode durar ou extinguir-se.

Na terceira parte, assinala as causas que originaram o modernismo. Preversão do espírito, curiosidade, orgulho e ignorância da sã filosofia. Na sua propaganda, os modernistas utilizam uma tática insidiosa apoiando-se uns nos outros, denegrindo os adversários, atraindo a juventude. Realizaram uma infiltração tenaz nos seminários e ambientes católicos.

A última parte da Encíclica indica em sete artigos os remédios para um tão grave mal. Fundamentalmente, há que atender aos estudos, sobre a base da filosofia e da teologia escolásticas, sem se esquecer a teologia positiva. Os bispos cuidarão de apartar das cáte-

dras todos os professores imbuídos de modernismo. Proibirão a leitura e a publicação de obras que difundam essas doutrinas. Constituirão em cada diocese um Conselho de vigilância. Os jornais disporão de um censor especial. Os congressos sacerdotais serão vigiados pelo bispo.

Todos os bispos e superiores de Ordens Religiosas enviarão à Santa Sé uma informação sobre o cumprimento dessas disposições.

4

O modernismo estava declarado fora da lei. Havia que contar agora com a sua aberta oposição. Anteriormente, dissimulava, como tática de penetração. A luta, a partir da «Pascendi», realiza-se ao ar livre.

Os modernistas adoptaram duas atitudes distintas. Uns aceitaram a ruptura clara e formal com a Igreja. Loisy publicou umas *Simplex reflexões* comentando o decreto «Lamentabili» e a Encíclica «Pascendi», cheias de desprazo que lhe valeram a excomunhão em 7 de março de 1908. Em Inglaterra, Tyrell trabalhou em jornais e revistas, respondeu em *Mediaevalism* a um livro de Mercier. Morreu em 1909, e com ele caiu o modernismo inglês.

Outros — em França trabalharam com pseudónimos — preferiram apelar para o futuro, que lhes daria a razão contra o Papa. Os modernistas italianos devem incluir-se neste grupo. Todos eles davam conselhos e expunham teorias que levariam a Igreja pelo bom caminho, com êxitos sociais e políticos, afastando-a da ruína para que a estivesse encaminhando a teimosia do Papa. Livros, revistas, conferências e Congressos... Sempre apaixonados, definitivos.

→ Na Alemanha molestaram mais as medidas práticas impostas no final da Encíclica.

Os ateus, os protestantes liberais, os que viviam à margem da Igreja, julgaram-se na obrigação de se solidarizarem com a nova carta. Tenho à vista um livro do protestante Paulo Sabatier, que é um canto servil aos talentos de Loisy, e a promessa de um triunfo certo «frente a um Papa que será a primeira vítima da sua rudeza e da sua intransigência».

Na Itália e na França, como era de esperar, a ocasião foi aproveitada pelas esquerdas políticas para insistirem nos programas sectá-

rios e fundamentarem a grande aspiração francesa do divórcio entre a Igreja e o Estado.

O Papa, tranquilo e firme, esperava.

Tinha ferido de morte o modernismo. Passara a efervescência do primeiro momento. Desmascarados, os modernistas perdiam a maior parte das suas vantagens, pois todos os católicos de boa fé se negariam ao jogo. Em poucos anos, as publicações modernistas desapareceram definitivamente. Na Itália, mantiveram o rescaldo por mais algum tempo, mas sem influência efectiva.

A heresia morrera encurralada.

5

Mas o sentido pastoral de Pio X descobriu uma ocupação urgente.

A heresia tinha envenenado o pasto das ovelhas de Cristo.

Era necessário localizar a infecção e aplicar o bisturi.

→ O estudo mais sério que se publicou sobre o Pontificado de Pio X é o tomo correspondente da História dos Papas, do alemão Schmidlin, da clássica de Pastor. Schmidlin trata severa e injustamente vários aspectos da figura do Papa Sarto. Muito em especial este delicadíssimo assunto, que estamos examinando. Talvez porque não pôde manejar documentos que não tardarão a ser revelados.

Os passos da repressão interna do modernismo nos sectores católicos situam-se em dois planos. Um oficial, externo: documentos oficiais emanados da Santa Sé. Outro reservado, confidencial: órgãos de informação ao serviço do Vaticano. Entre os historiadores, estes últimos são objecto de escândalo.

Podemos resumir assim os documentos oficiais:

→ Em agosto de 1908, Pio X, com a «Exortação ao clero católico», desenhava a estampa do sacerdote exemplar — sólido em piedade e são em doutrina —, contraposto ao racionalista orgulhoso.

Em 1909 fundava o Instituto Bíblico, que no seu programa incluía a intenção de dominar as interpretações excessivamente liberais da Bíblia.

Em duas Encíclicas, comemorativas do centenário de Santo Anselmo (1909) e de São Carlos (1910), insistiu sobre os perigos a que se expunham os que aceitavam os sedimentos modernistas.

No dia 1 de Setembro de 1910, Pio X assinou o Motu Proprio «Sacrorum Antistitum», que impunha ao clero católico um juramento

anti-modernista, pensado como remédio radical de futuras contingências. E foi-o. Visto o conjunto dos episódios, pode-se dizer que com o juramento acabaram as falhas internas deixadas à Igreja como lastro de um período de convivência com o modernismo. O juramento foi pretexto de perturbação na Alemanha. Os universitários protestantes colocaram em condição de inferioridade os catedráticos católicos, obrigados a um juramento que parecia coarctar a sua liberdade científica. Respondendo a uma solicitação dos bispos alemães, Pio X dispensou aqueles professores do juramento.

A acção reservada e confidencial da Santa Sé na repressão do modernismo tem um nome, Humberto Benigni, criador, director e alma do «Sodalitium Pianum», irmandade secreta. Contra Benigni e o «Sodalitium» consertaram-se tírios e troianos. Que se apoderou do sentir de Pio X; que o desorientou com informações tendenciosas; que utilizou meios indignos nas suas investigações secretas, incluindo o vexame, a calúnia e a mentira; que nem sequer respeitou os bispos, nem inclusivamente os cardeais.

→ Humberto Benigni nasceu em Perusa em 30 de Março de 1862. Governava então a diocese de Perusa o arcebispo Joaquim Pešci que, na época em que Benigni era seminarista, foi eleito Papa e se chamou Leão XIII. Ordenado sacerdote em 1884, Benigni pôs ao serviço de mil empresas um temperamento vivo, ardente e organizador. Tenaz no sacrifício de si próprio, bem dotado para a investigação histórica, amplamente capacitado em línguas e cultura, fundou jornais e revistas, publicou trabalhos históricos, viajou pela Europa, travou amizades e conheceu segredos da vida de governo. Chamado a Roma como redactor da La Voce della Verità, foi professor do Urbano e da Academia de Nobres. Em 1906, foi incorporado na Secretaria de Estado e nomeado Prelado doméstico.

Pio X tinha necessidade de um homem que fosse capaz de descer das alturas da sociologia ao terreno social e de trazer ao campo do modernismo a orientação que lhe fazia falta. Ninguém, como Monsenhor Benigni, estaria indicado para isso. Em Maio de 1907, Benigni começou a publicação de um semanário, *Corrispondenza romana* (a partir de 1909 *Correspondance de Rome*), que pretendia recolher informações de todo o mundo e entabular relações com correspondentes distantes.

A Corrispondenza era mais ou menos o mesmo que uma agência noticiosa. Publicava um noticiário escolhido e fundamental, redigido de modo a permitir a sua rápida utilização nas redacções dos jornais

católicos. A partir de 1909, começou a ser redigido em francês, o que ampliou muito o seu raio de acção. Nunca teve carácter oficial nem oficioso em relação ao Vaticano, embora a posição excepcional do seu director lhe desse grande autoridade.

Nessa mesma altura, nasceu o «Sodalitium Pianum». Benigni mudou-se do Vaticano, onde vivia desde que tinha sido nomeado Prelado doméstico, para um dos pavimentos do n.º 466 de Corso Umberto, que ficou a ser a Sede do «Sodalitium», da Secretaria de Benigni e da Redacção da *Correspondance de Rome*. Em 1911, Monsenhor Benigni ou devido à pressão exercida junto do Vaticano pelo ministro francês Briand, ou porque tenha perdido a confiança do Cardeal Gasparri, foi exonerado do seu cargo na Secretaria de Estado. Sucedeu-lhe Monsenhor Pacelli. *então com 45 anos*

6

Em que consistiu o «Sodalitium Pianum»? Foi o resultado dum impulso prático e nobre de Humberto Benigni. O «Sodalitium», na mente do seu fundador, seria uma espécie de liga internacional de homens escolhidos pelo seu valor e pela sua dedicação à Igreja, que formariam como que uma nova guarda pretoriana e tinha dois objectivos: fazer com que todos os seus membros tivessem conduta exemplar e conseguir notícias exactas e confidenciais para utilização do Vaticano. O «Sodalitium» contava com um Director geral, Benigni, assistido por mais quatro pessoas, das quais uma desempenhava as funções de Secretário, e era servido por uma Secretaria eficaz. Os membros, dispersos por várias nações, nunca excederam a centena, mas tomaram contacto com os outros mais numerosos como os católicos «integristas», designação que então se dava àqueles que se diziam inteiramente submissos às directrizes do Papa.

Os membros do «Sodalitium» prestavam duas espécies de serviços informativos: um, ordinário, pelo qual comunicavam à Direcção todas as notícias que julgassem de interesse para o Vaticano. A Direcção passava os «fólios de informação» à pessoa ou organismo a que pudessem ser úteis. Consta que os receberam a Secretaria de Estado, assim como várias Congregações, alguns Cardeais, monsenhores da Cúria Romana e parece que, através de Monsenhor Bressan, o próprio Pio X.

O serviço extraordinário respondia a uma ou outra petição expressa de pessoa competente.

Benigni, para anular a eficácia das campanhas secretas que as seitas e o modernismo praticavam em prejuízo dos fiéis, pretendeu rodear o «Sodalitium» de certo segredo. Mas não é justo que por isso se lhe chame «maçonaria» ou «carbonária branca». A organização, como tal, era do pleno conhecimento da autoridade eclesiástica. A reserva na transmissão das notícias e mesmo o uso da «cifra» serão admissíveis neste caso.

Espionagem, pressão sobre prelados e cardeais — os inimigos de Benigni foram implacáveis nas suas acusações — foi coisa que se demonstrou não terem existido. Nunca teve também qualquer espécie de carácter oficial ou oficioso concedido pelo Papa. Pio X viu com bons olhos o desenvolvimento do «Sodalitium», tanto mais que provinha de espíritos incondicionalmente votados à Santa Sé, aproveitou os seus trabalhos e facultou-lhe algum auxílio económico — 1.000 libras anuais —, de resto, de somenos importância para o volume da empresa. Mas a sua administração não era coisa do Papa, mas sim do próprio Benigni, Director e responsável.

O «Sodalitium» conta inimigos e defensores. Os que estavam ressentidos com Benigni — cujos acessos davam lugar a inumeráveis queixas — expuseram os seus desgostos a Pio X. O tempo encarregou-se de desanuviar o horizonte.

Falecido o Papa, Benigni suspendeu as actividades do «Sodalitium». Em 1915, e mercê da actuação do Cardeal De Lai — que já na sua primeira fase tinha sido a pessoa com quem Benigni tinha tratado, iniciou uma segunda fase; em 1921, e como consequência da publicação de um maço de documentos confidenciais do «Sodalitium» encontrados em Gante, a instituição foi simplesmente suprimida.

→ Entretanto, e até à data da sua morte, que teve lugar a 26 de Fevereiro de 1934, alma de lutador que foi Benigni, entregou-se ao estudo e outras tarefas exemplares.

7

Naqueles tempos, o jornalismo era uma força escandalosa.

Hoje também o é, mas para que seja eficaz a sua voz tem de ser mais persistente. De outra forma apaga-se em mil pormenores.

Há cinquenta anos, uma campanha de imprensa era capaz de comover a opinião pública.

A luta contra o modernismo foi portanto ecoar nas páginas dos diários.

Deu pretexto a situações delicadas, mesmo muito delicadas, a ponto de motivar graves rupturas entre o Papa e alguns Cardeais.

As coisas complicaram-se em duas ocasiões, conforme vou narrar.

Mas antes farei uma sumária «composição de lugar» para melhor concretizar o ambiente.

Os jornais católicos da Itália dividiram-se em dois grupos. Uns eram «papistas intransigentes», e estes serviram sem concessões o programa do Papa restaurador, seguindo à letra a orientação pontifícia. Não eram estes os jornais de melhor técnica, mas os mais leais.

Os outros navegavam entre duas correntes. Fundamentalmente liberais, mantinham-se dentro das normas fundamentais do catolicismo, mas faziam-no com uma origem de liberdade suficiente para discutir a orientação do Vaticano, e até para lhe proporcionar um ou outro desgosto. Descravam um bom lugar no meio do resto da Imprensa, e não estavam dispostos a coarctar as suas possibilidades de penetração com compromissos prévios. Eram tecnicamente mais perfeitos e faziam gala de um certo desenfado. Chamavam-se a si próprios jornais «de penetração». À cabeça desse grupo figuravam, desde Agosto de 1906, os quatro jornais do «Trust» organizado pela Sociedade Editora Romana: L'Osservatore Cattolico, de Milão; L'Avvenire d'Italia, de Bolonha; Il Momento, de Turim, e Il Corriere d'Italia, de Roma.

Hirtos, diante deles, estava o grupo dos «intransigentes», e merecem ser lembrados *La Liguria del Popolo*, de Génova, *L'Unità Cattolica*, de Florença e *La Riscossa*, semanário mais duro que os restantes, dirigido e redigido por três irmãos sacerdotes de Breganze, diocese de Vicenza, André, Gotardo e Jacob Scotton.

A posição de Pio X nesse conflito da imprensa católica está revelada com toda a clareza no episódio do Cardeal Maffi, Arcebispo de Pisa. —> Maffi, nascido em 1858 e Cardeal desde 1907, era homem de vasta cultura, e treinou-se desde a juventude nas lides jornalísticas. Em face do programa do Cardeal De Lai, Secretário da Congregação Consistorial e homem da confiança de Pio X — «não devemos esperar a restauração da Igreja, da imprensa, mas de um conjunto ardente de bispos e sacerdotes, adaptados às necessidades do momento» —, Maffi considerava importante a acção da imprensa. Em suma, não se recatou mesmo de manifestar a sua boa-vontade para com a imprensa «de pene-
esperar da imprensa a restauração da Igreja.

tração». Travou-se entre Maffi e De Lai um torneio de subtilezas. O espírito combativo do Cardeal de Pisa deixou escapar, por ocasião da controvérsia em torno dos jornais, julzos acerados sobre a política do Vaticano, o programa de restauração e a Secretaria de Estado. Manifestava-se devotadíssimo ao Papa, mas parecia desconfiar das pessoas que o rodeavam. Pio X teve necessidade de o informar que respondia pessoalmente por todos os actos do seu governo, que a desconfiança do Papa em relação à imprensa «de penetração» era consequência das repetidas faltas em que os diários dessa imprensa incorriam desdenhando as directrizes do Vaticano. E que também o desgostava o descontrolo de que por vezes dava mostras o outro grupo de diários.

Pio X manifestou em muitas ocasiões motivos de queixa que tinha contra a imprensa «de penetração». Que nunca aludia, obedecendo aos *basfonds* da política, à situação anormal em que a Santa Sé se encontrava desde a usurpação de Roma, que aplaudia homens e obras do campo liberal, manifestando desprezo pelos que seguiam de perto a orientação do Papa, que se prestava a um jogo obscuro de ideias, misturando o bom com o mau, o exemplar com o reprovável. Julgava fazer algum bem aos afastados da Igreja, «e não notava como eles a desprezavam e a simples aparência de católicos que tinham os jornais dessa imprensa. Por esta razão, nada conseguem do que pretendem e prejudicam os fiéis».

O *Osservatore Romano* e os *Acta Apostolicae Sedis* de 2 de Dezembro de 1912 publicaram uma nota que caiu sobre Itália como uma bomba.

«Com o fim de suprimir o equívoco que alguns jornais semeiam entre o clero e os fiéis, declara-se que a Santa Sé não reconhece como conformes com as directrizes pontifícias os seguintes jornais: *L'Avvenire d'Italia*, *Il Momento*, *Il Corriere d'Italia*, *Il Corriere di Sicilia*, *L'Italia* e outros desse tipo, qualquer que seja a intenção de algumas pessoas egrégias que os dirigem e ajudam».

A «advertência» era forte. O «Trust» ficava desqualificado. A Sociedade Editora Romana convocou uma reunião extraordinária, com o fim de apresentar ao Papa as convenientes explicação e promessas.

La riscossa = la riscossione = a cobrança, o resgate, a remissão a desforra, a desalforria, a retomada, a ressurpção, a restauração.
Participio passado de riscossione.

Os «intransigentes» — integristas — também lhe deram motivos de desgosto.

O Papa, sempre leal, amigo da sinceridade, depositou neles toda a sua confiança e esperança. Ao fim e ao cabo, repetia ele, esforçavam-se quanto podiam por repartir um pouco de luz entre as sombras. Mas pôs sempre a claro que os jornais eram responsáveis pelos seus actos; que não tinham nenhuma missão oficial da parte da Santa Sé, e que reprovava os excessos em que incorriam, atacando, como afectas ao modernismo, pessoas e instituições livres de toda a suspeita.

L'Unità Cattolica, periódico integrista de Florença, foi cedido pelo seu proprietário à Santa Sé, em 1907. Pio X confiou a sua direcção aos Arcebispos da Toscana, e manteve correspondência frequente com o Arcebispo de Florença, pedindo-lhe para vigiar de perto as actividades do diário, suavizando o seu tom descontrolado. Negou ao jornal licença para atacar pessoas concretas. E afastou do seu corpo de redacção um dos seus bons elementos, De Töth, por se ter excedido nesse ponto.

Há muita gente que, ao comentar o Pontificado de Pio X, alude como se se tratasse de algo que era melhor não tocar, às relações do Papa Sarto com o Cardeal Ferrari — santo cardeal Ferrari — Arcebispo de Milão.

Aqueles que recordam as vicissitudes do Conclave de 1903, narrado no capítulo primeiro deste livro, sabem que Sarto e Ferrari estavam ligados, por amizade pessoal, e que Ferrari foi um dos que propôs a candidatura de Sarto aos cardeais que o não conheciam.

No entanto, num dado momento, houve um leve desentendimento entre Ferrari e o Papa. E convém que seja esclarecido com rigor.

A divergência passou, e ficaram algumas frases que exprimem ainda o julzo desfavorável que lhes merece a atitude de Pio X para com Ferrari, Maffi e alguns outros bispos da Itália. Monsenhôr Della Chiesa, futuro Bento XV, teria dito:

— Não se tratam assim os bispos.

O próprio Ferrari, falando ao Senador Filippo Crispolti, que por ocasião da morte do Papa admirava a devoção do povo para com os seus restos, disse-lhe:

— Sim, mas Deus há-de exigir-lhe contas pelo abandono em

que deixou os seus bispos perante as acusações de que foram objecto.

Este julzo severo propagou-se notavelmente ainda em vida de Pio X. Bento XV, já eleito Papa, comentou:

— Agora compreendo quanta razão tinha Pio X. Quando eu era substituto na Secretaria de Estado, e depois arcebispo de Bolonha, não estava de acordo em tudo com ele, mas agora reconheço como era acertado o seu pensamento.

Vejamos o caso Ferrari.

O critério do Cardeal Ferrari no que se referia à imprensa coincidia com o de Maffi. Os jornais integristas escreveram o seu nome da lista de amigos da imprensa «de penetração». La Riscossa não perderia a primeira oportunidade, se ela lhe viesse às mãos, para discutir o caso.

Já referi que La Riscossa era dirigida pelos irmãos Scotton. Foi fundado em 1890, e logo abençoado por Leão XIII, que lhe escolheu o nome e o programa: «Sentinela avançada contra todos os erros da época.» Depois de condenado o modernismo, os Scotton puseram-se ao serviço de Pio X para lutarem com todas as suas forças. O Papa agradeceu a lealdade com que batalhavam. La Riscossa era um jornal audaz, um combatente lúcido. Não é de admirar que os círculos modernistas e a tibia «imprensa de penetração» tivessem atacado La Riscossa com mais completa ladainha de improperios: espiões abomináveis, caluniadores, parasitas invejosos, inimigos da cultura, e outros que coraria de transcrever. La Riscossa manteve a sua posição. Aconteceu, porém, que em não poucas ocasiões se deixou levar pelo seu temperamento ardente e ultrapassou os limites da prudência. E mesmo os da justiça.

Milão era uma diocese poderosa. Parecia feita para um bispo garboso como Ferrari. O Cardeal amava a sua diocese com santa paixão. Custava-lhe a crer que o modernismo pudesse naturalizar-se na sua cidade. De Roma, vigiavam os movimentos de Fogazzaro, Gazzola, Cassati, Murri, pelo norte da Itália. Em 1907, os modernistas fundaram em Milão um jornal, Il Rinnovamento, que se publicou durante três anos. Ferrari considerava tais actividades como casos isolados e afirmava que «Milão estava imune de modernismo».

Nestas circunstâncias, a 14 de Dezembro de 1910, um jovem sacerdote chamado Luís Fontana recusou-se a prestar o juramento de anti-modernismo prescrito pelo Papa, e quatro dias mais tarde renunciava.

La Riscossa, aproveitou a ocasião para contradizer o Cardeal no que se referia à existência do modernismo em Milão. Publicou uma nota, comentando a notícia assim: «Fontana era sacerdote havia apenas um ano; o modernismo não é doença que se apodere de um indivíduo num instante, mas uma infecção que penetra, pouco a pouco. Quando é que o modernismo atacou Fontana pela primeira vez? No Seminário, evidentemente. Como é que ninguém, no Seminário, deu conta do que se estava passando? Porque o Seminário de Milão está cheio de modernismo».

Foi um clamor imenso. Toda a imprensa da Itália tomou posição de escândalo, a favor ou contra *La Riscossa*. A 19 de Dezembro, os superiores e professores do Seminário de Milão elevaram ao seu Cardeal uma carta de protesto. Na Pastoral que assinou a 28 do mesmo mês de Dezembro, Ferrari lamentava contristado: «Atingiram as pupilas dos meus olhos, o seminário...»

Em Milão, esperavam que o Papa desautorizasse as palavras de *La Riscossa*. Mas em vez disso, o Cardeal De Lai expôs a Ferrari que o Vaticano via com desgosto qualquer falta de prudência, mas que o incidente podia trazer um bem: chamar a atenção sobre perigos que existiam em Milão e pareciam ignorados. Por outra parte, como o cardeal Ferrari publicou uma pastoral de protesto, Roma julgou oportuno dar por terminado o incidente. A imprensa de penetração festejou a polémica com a intenção manifesta de derrubar o jornal que era o guia dos integristas. A 2 de Fevereiro, o Cardeal De Lai transmitiu a Ferrari e aos Scotton que o Santo Padre desejava que se encerrasse a controvérsia.

A 9 de Fevereiro e num discurso que pronunciou numa assembleia do clero milanês, o cardeal Ferrari atacou *La Riscossa*. Ora quando os Scotton receberam o aviso de De Lai, impondo-lhes silêncio, já tinham em composição um artigo — «Caluniadores? Não». — respondendo a Ferrari. Retiraram-no. Mas no dia 2 do mesmo mês concederam uma entrevista a vários jornalistas, e de novo se acendeu a polémica.

Por que é que Pio X não repreendia exemplarmente os irmãos Scotton? O olhar penetrante do Papa via mais longe que o do seu Cardeal. Ferrari estava sentido com a acusação contra o Seminário

e o clero da sua diocese, sem atentar nos *basfonds* que orientavam a imprensa maçónica e os jornais de penetração: minar *La Riscossa* para que com ela ruísse a imprensa integrista. Pio X não se deixava enganar. Expôs a sua maneira de pensar numa carta escrita de seu próprio punho a Ferrari, advertindo-o de que devia vigiar *L'Unione*, jornal semi-liberal de Milão. O Cardeal não conseguia compreender o ponto de vista do Papa...

A carta do Papa era de 28 de Março. Em meados de Abril foi distribuído em Milão um folheto litografado que continha um discurso do Cardeal aos alunos de teologia do Seminário, em que recomendava *L'Unione*, acrescentando que o Papa via esse jornal com muitos bons olhos. É um mistério que ainda não pôde ser desvendado, como foi possível sair dos lábios do santo cardeal tal afirmação de ortodoxia de *L'Unione*, em aberta contradição com a carta que o próprio Papa lhe dirigira quinze dias antes.

Nos começos de Maio, o discurso chegou às mãos do Papa. Pio X sofreu um dos maiores desgostos da sua vida. Assim o comunicou De Lai a Ferrari. Alma grande, o arcebispo de Milão, encheu-se de tristeza e apressou-se a dar explicações e a pedir perdão. Pio X fez-lhe saber que lhe perdoava «uma e mil vezes; mas que estivesse muito alerta nos actos de governo». No verão de 1911, o Cardeal Ferrari visitou o Santo Padre, que o recebeu com excepcionais provas de carinho.

O Padre João Semeria, antes e depois da «Pascendi», mantinha estreita relação com os mais insignes modernistas. Orador notável, bom escritor e espírito ardente, exerceu grande influência sobre a juventude. Loisy escrevia-lhe com frequência e oferecia-lhe os seus livros. Antes da «Pascendi», uma ou outra conferência ou publicação do padre Semeria deixava entrever que no seu afecto ao modernismo talvez houvesse uma parte de convicção pessoal. Depois da publicação da encíclica, Semeria modificou a sua atitude. Foi obrigado pelos seus superiores a ler no púlpito uma retratação; Loisy, nas suas Memórias, queixa-se do mau bocado que obrigaram o seu «pauvre cher Semeria» a passar. Mas é difícil curar de raiz uma enfermidade intelectual. Pio X censurou-o um dia, porque «tendo recebido tantos dons de Deus para fazer o bem, os empregava em escrever livros não conformes com os ensinamentos da Igreja». Semeria respondeu que o fazia para pôr a religião ao alcance de todos. O Papa acrescentou:

— Alargais as portas para que entrem os que estão de fora, mas, entretanto obrigais a sair os que estão dentro.
enquanto isso,

Em 1912, Semeria foi transferido para Bruxelas; e em 1913 para a Palestina. Em 1915 iniciou, outra vez na Itália, fortes campanhas de caridade a favor dos orfãos da guerra e do sul da Itália. Morreu em 1931.

O caso dos Cardeais Maffi e Ferrari, o caso do padre Semeria, e muitos outros que poderíamos relatar, provam à sociedade que Pio X conjugou assombrosamente, na repressão dos germes modernistas semeados no seio da Igreja, a fortaleza, a prudência e a caridade. Firme nos princípios, suave com as pessoas. ←

Mas ele era o Pastor Supremo, o detentor das chaves.

Não podia «abrir tanto as portas» que deixasse sair para fora ovelhas.

Publicado em
www.leiturascaticas.com

TROPAS BEM ORDENADAS

— D. Ângelo, solucionemos este assunto.

Pio X tinha chamado D. Ângelo Volpe, um sacerdote conhecidíssimo na Itália pela celeuma que provocou ao pôr a sua assinatura na petição de Passaglia, cujos subscritores se manifestavam contra o poder temporal dos Papas. D. Ângelo era um sacerdote exemplar, mas como consequência da sua assinatura caiu sobre ele o poder do Santo Ofício, suspendendo-o «a divinis», isto é, inutilizando-o para as funções sacerdotais.

Pio X, logo que foi eleito Papa, apressou-se a chamá-lo.

— D. Ângelo...

— Santidade, há trinta anos que o desejo.

— Uma retratação... — sugeriu o Pontífice.

— Sinto-o muito, mas uma retratação é impossível, Santidade. Há trinta anos disse que a Providência quis a queda do poder temporal dos Papas, e hoje em dia estou tão convencido como então.

O Papa procurou uma fórmula conciliadora, expressa no seu saboroso dialecto:

— «Disemo che la ga tolerarl» (Digamos melhor que a tolerou).

— D. Ângelo sorri. Não tinha inconveniente maior em aceitar a substituição do «quis» pelo «tolerou». Pio X pôde dar-lhe um abraço de conciliação.

Pareceu-me oportuno recordar este episódio ao examinar a trajectória que Pio X imprimiu à Acção Católica Italiana. A dificuldade mais grave que se opunha à colaboração dos seculares na gigantesca

obra restauradora do Papa nasceu, como é lógico, da grave «questão romana». Perdurando a situação do Papa despojado dos seus direitos e praticamente prisioneiro no Vaticano, e não existindo relações com o Governo italiano, os católicos não podiam participar nas tarefas governamentais, e, evidentemente, o campo da Acção Católica na Itália não podia ser eficaz. Pio X manteve a posição de defesa dos direitos pontifícios. Mas, como vimos no capítulo XVII, tão sábiamente orientou as coisas, que se lhe deparou um futuro inesperado. Não era homem intransigente, aferrado às directrizes. Tomava conhecimento dos factos e abordava os problemas segundo as circunstâncias.

Nos últimos anos de Leão XIII várias pequenas questões surgiram nos quadros católicos. Existia, então, na Itália a «Ordem dos Congressos», qualquer coisa de semelhante a um grande acampamento com muitas tendas de campanha, onde se reuniam os fiéis ao Papa. Grupos ardentes de jovens começaram a pedir uma intervenção mais directa na política, e começavam a abrir os caboucos da democracia cristã. Logo em 1893, aparece à frente do movimento democrata-cristão um jovem sacerdote, Rómulo Murri, de carácter indomável e apaixonado. Pequenas susceptibilidades feridas motivaram a substituição do Presidente da «Obra dos Congressos», Condé Paganuzzi, pelo Conde João Grosoli, ideologicamente mais próximo dos grupos jovens. Ora, uns anos depois, Murri começava a escrever artigos suspeitos, pela independência de critério, que assumia em relação às normas da Santa Sé e porque se aproximavam, pelo menos teóricamente, das perigosas correntes modernistas. Grosoli tentou uma aproximação. Os tempos não corriam bem.

Uma vez eleito Pio X, todos começaram a olhar para o Vaticano numa atitude de expectativa. Qual seria a sua posição? A imprensa falava de um «Papa religioso», que fecharia todo e qualquer contacto com o campo político. E parece que contribuiu para espalhar esta ideia, o programa da primeira Encíclica, «restaurar em Cristo», e uma carta de Merry del Val ao bispo de Orvieto condenando um artigo ali aparecido, em que se reclamava a fundação de um partido democrata-cristão, independente da «Obra dos Congressos».

Mas agora que já podemos ver em perspectiva a obra de Pio X, saltam à vista os motivos que impediram — prescindindo do que o Papa pensasse e desejasse — que os acontecimentos se precipitassem. A acção de tal «partido» implicaria colaboração política com o Governo usurpador; desagregaria as escassas forças de que o Papa dispunha;

e seria pelo menos a aprovação tácita de um movimento que, ao fim e ao cabo, traduzia rebelião surda contra a orientação do Vaticano, e implicava certa conivência doutrinária com o modernismo, cuja condenação o Papa estava preparando.

Os «integristas» mostraram-se pouco prudentes. A sua reacção ante as forças jovens, pela orientação que lhe deram, resultava ofensiva, incompreensível. Os irmãos Scotton, batalhadores de *La Riscossa*, entraram na linha de fogo. Murri sentia-se impellido por forças titânicas.

Tal era o panorama quando, em Novembro de 1903, reuniu em Bolonha o «Congresso Nacional da Obra». Densas nuvens pairavam no horizonte.

Paganuzzi, os «Scottonianos», Monsenhor Cerutti, representavam a direita. Murri, na extrema esquerda, era o herói da juventude. A cisão parecia iminente.

Um *motu proprio* de Pio X, a 18 de Dezembro daquele ano, aliviou momentaneamente a situação. Tornava públicos os desentendimentos do Congresso de Bolonha e a dor que lhe tinham causado a ele, tão amigo da união e da concórdia. Ora quaisquer divergências de execução, normalmente, tem a sua origem numa diferença na apreciação dos princípios. O Papa exige que as directrizes da Acção Católica se ajustem às normas emanadas da Santa Sé, e propõe um «Ordinamento fondamentale», para a acção popular cristã. As proposições do «Ordinamento» eram extraídas das Encíclicas de Leão XIII. Nos últimos períodos punha em primeiro plano, o exemplo e a obediência de que os bons católicos devem ser o melhor exemplo.

O Congresso voltou a reunir-se em Julho de 1904 em Bolonha, sob a presidência de Grosoli que emitiu uma circular com os seus pontos de vista. Em face disso, o Papa decidiu-se a dar um passo definitivo. Uma carta de Merry del Val de 1904 suprimia pura e simplesmente a «Obra dos Congressos» em cujo seio tinham germinado a discórdia e o espírito de rebeldia. «É preferível acabar com uma obra, dizia a carta, do que ela realizar-se para além das normas hierárquicas». Nos Congressos, apenas restavam, como base para uma futura organização, os elementos do grupo dirigido pelo Conde Estanislau Medolago Abani, a quem se impunha que comunicassem directa e francamente com os bispos.

Os adeptos de Murri nem por isso se confessavam batidos. Iniciaram uma fortíssima campanha de captação, cujos objectivos não

ou caraculo:
exageração para ali-
cerce; longa, for-
so.

lissimulavam: trabalhar na linha escolhida, indiferentes à aprovação ou desaprovação que a sua conduta pudesse merecer aos bispos e ao Papa. Anunciaram um Congresso em Bolonha, para Março de 1905.

Pio X não tremia nas grandes ocasiões. Dofa-lhe a atitude dos inquietos. Penalizava-o sobretudo o triste destino daqueles quadros jovens, que outrora se tinham revelado como uma esperança. Mas pisavam agora um terreno em que já não eram possíveis mais concessões. No dia 1 de Março de 1905 escreveu ao Cardeal Sympa, Arcebispo de Bolonha, uma carta «toda do meu punho», em que desautorizava os fautores da Democracia cristã independente, proibia aos sacerdotes, sob penas canónicas, a assistência ao Congresso, e exortava-os a abster-se de participar nele, se queriam demonstrar-lhe que eram católicos de obras e não só de palavras.

Murri celebrou o seu Congresso. Nele teve origem a «Liga democrática nacional». O Papa reprovou a «Liga» como rebelde às directrizes hierárquicas e proibiu aos sacerdotes que colaborassem nela. Em consequência da sua rebeldia Murri foi privado da faculdade de celebrar e de exercer o seu ministério; pessoas bem intencionadas tentaram trazê-lo à submissão; foi inútil; Murri atacou mais forte ainda. E tudo terminou com um decreto de excomunhão, ditado contra ele pelo Santo Ofício em 22 de Março de 1909.

A acção de Pio X não se limitou a repelir essa facção de católicos tibios. Em Junho de 1905, dirigiu aos bispos da Itália, a Encíclica «Il fermo proposito», com directrizes sobre a reorganização da Acção Católica. A carta tocava toda a organização, desde os seus prévios fundamentos espirituais até à intervenção em política a que já nos referimos. Consequência imediata da encíclica foi a designação de Toniolo, Albani e Periconi para darem estrutura à nova organização. Celebrou-se o Congresso de Florença, com assistência dos representantes de todas as dioceses e surgiram, prometedores, três organismos: a União Popular Católica — estudo e propaganda —, a União Económico-Social — acção directa — e a União Eleitoral. Em breve se lhes agregou a Sociedade da Juventude Católica Italiana, e, dois anos mais tarde, a União de Mulheres Católicas.

A Acção Católica entrava na sua senda definitiva. Custou trabalhos e lágrimas. Sem o olhar perspicaz de Pio X, os católicos italianos teriam organizado a batalha em terreno falso: aquela prematura «Democracia cristã» tê-los-ia constituído em partido contra os par-



S. S. O PAPA PIO X



MONSENHOR SARTO
BISPO DE MÂNTUA



CIPRESTE DE SALZANO



O COADJUTOR JOSÉ SARTO

tidos, numa facção contra as demais facções. Ora isso era reconhecer irremediavelmente a descristianização da Itália e resignar-se a reunir sob a bandeira de um partido os restos do catolicismo. Os planos de Pio X eram mais amplos. Não queria partidos ou facções. Pretendia sim, sacudir as cinzas do solo da Itália e recuperar toda a península para o Senhor. Desejava uma organização directa e resolutamente católica, religiosa, que acima de tudo pusesse os valores eternos, que pareciam adormecidos. Ao sopro do seu espírito poderoso, as brasas recobram a sua chama e a nação reconheceu-se católica. Não era «o partido», era a Itália recuperada. O catolicismo aparecia outra vez como axioma de vida nacional. Em 1912, só as organizações operárias contavam com mais de cem mil inscritos. Dez anos antes, pensar em tal número teria parecido absurdo. O Papa queria as fileiras cerradas. Em breve se chegou depois às Semanas Sociais e à política... Triunfo da disciplina.

2

O movimento juvenil francês teve características bem distintas. Marcos Sanguier reuniu sob as bandeiras do «Sillon» grupos de jovens entusiastas. Nada tinham que ver com o modernismo. Nasceu como um movimento religioso que pretendia levar os seus membros à vida de perfeição. Revelava objectivos mais místicos que políticos. Preocupava-o o social, mas apenas por razão de ambiente, tanto quanto era necessário criar o ambiente de caridade à roda dos trabalhadores.

*le sillon - o sulco
o rego, a ruia*

Pio X acolheu-os com prazer. Via neles um fermento capaz de vigorizar massas gigantescas. Pediu-lhes que o amassem, mais do que como pai, como amigo. Exortou os chefes com as frases e atenções que se guardam para os homens selectos, dos quais se esperam grandes empresas.

Em breve o «Sillon» começou a trilhar vias perigosas. Sempre com boa intenção, desejosos de ampliar os seus círculos, entraram em relações com grupos heterodoxos, formulando planos de união acima das diferenças dogmáticas. Nessa altura o matiz religioso do «Sillon» passa para segundo plano, e deixa-se suplantado pelo social e pelo político. Demasiado jovens para medirem o alcance dos seus compromissos, criaram um programa inaceitável, difundido com firmeza em discursos, jornais e revistas.

ecumenismo

Na prática, começavam a desligar-se da autoridade eclesiástica, apesar de se moverem num cenário de carácter religioso. Descamando no racionalismo, construíram uma filosofia social que implicava a emancipação política económica, intelectual, o que vinha a equivaler a rebelião contra toda a ordem e ao desconhecimento de toda a autoridade. Fizeram planos de educação neutra e de colaboração sem reservas com protestantes e racionalistas, no objectivo de alcançarem uma nova forma de civilização.

Pio X sofria com a ideia de ter de os condenar. Mas o «Sillón» tomava um impulso tal, que arrastava jovens e sacerdotes. Os observadores compreendiam que o erro era mais objectivo do que subjectivo, pois os chefes do movimento continuavam apegados à ideia de prestar, mais tarde ou mais cedo, um serviço assinalado à Igreja.

No dia 25 de Agosto de 1910, o Papa dirigiu uma encíclica aos arcebispos e bispos de França, censurando o «Sillón». Oferecia dois meios para aproveitar os esforços realizados com tão boas intenções: que os bispos tomassem parte activa na ordenação social, procurando a selecção de sacerdotes para esse efeito; e que os chefes do «Sillón» pusessem os seus grupos nas mãos dos bispos, para reparar o que fosse conveniente e canalizar por melhores vias o entusiasmo juvenil, criando os «Sillons catholiques».

Marcos Sanguier deu um magnífico exemplo de magnanimidade, aceitando sem reservas a norma pontifícia.

Outro movimento francês, com directrizes opostas às do «Sillón», pôs à prova a agilidade mental de Pio X: «L'Action Française». Fundada por Maurras e Vaugois, o seu esquema doutrinário, de tipo monárquico, apresentava-se como o mais concorde às tradições francesas. Toda a gente viu bases de tipo religioso na sua doutrina. Mas em Março de 1908, a «Action Française» descobriu a sua verdadeira natureza, assinalando os limites que o seu programa fixava à intervenção social da Igreja. Os livros de Maurras correram de mão em mão, suscitando polémicas apaixonadas. Não se via claro. Chegavam a Roma denúncias e elogios. Na Cúria Romana, havia personagens altamente colocadas que viam com bons olhos as actividades de «L'Action».

Pio X exigiu um estudo sereno do assunto. Como consequência, a 29 de Janeiro de 1914, sete obras de Maurras eram incluídas no Índice. Por decisão de Pio X, com o fim de não exacerbar os ânimos, excitados em torno de «L'Action», o texto da decisão pontifícia não foi tornado público antes de Dezembro de 1916.

A Alemanha pôs em discussão um assunto de interesse no referente à intervenção dos católicos em matéria social. Devido às circunstâncias em que se desenrolava a vida do catolicismo alemão, parecia difícil que o Papa acertasse com uma norma concreta que satisfizesse as inquietações dos dois grupos opostos.

→ Os grupos activos de Berlim, fundamentalmente conservadores, opunham-se à colaboração dos católicos em sindicatos operários em que tivessem intervenção membros de várias confissões religiosas. Os dirigentes de Colónia, pelo contrário, julgavam necessária a colaboração para evitar o isolamento em que as camadas católicas calavam ao pretenderem ordenar por si e para si uma estrutura social que superava o raio de acção que eles podiam alcançar. Por isso, entendiam que eram de aceitar postos em sindicatos inter-confessionais.

A Santa Sé estudou os prós e os contras. A 24 de Setembro de 1912, Pio X publicou uma Encíclica — «Singulari quadam» — dirigida aos bispos alemães. Nela tratava de frente o problema dos sindicatos operários, e ao mesmo tempo chamava a atenção para certos princípios de matéria social. «Em termos gerais, a posição dos católicos berlineses é a aceitável: todo o problema social implica problemas morais cuja solução exige a intervenção da hierarquia. Ora a intervenção eficaz da hierarquia e o próprio reajustamento moral não podem ser eficazes num ambiente inter-confessional. Em países de maioria católica não devem, portanto, ser aceites os sindicatos mistos. A colaboração pode portanto intentar-se no nosso terreno, do sindicato confessional.

A Encíclica, no entanto, justificava em casos excepcionais os sindicatos mistos, quando a Igreja não está em condições de realizar com todo o seu vigor a própria vida. E para este caso o Papa promulgava normas práticas indicando porém certas restrições.

O sentido da responsabilidade, quando se apodera de um homem, não lhe permite que ponha de parte problemas cujo simples esquecimento lhe pouparia muitas dores de cabeça. Por isso, ao longo deste livro, insisti repetidas vezes sobre a integridade do homem que se chamou José Sarto. Em cada um dos passos da sua vida procurou cumprir bem a missão aceite, mas não solicitada nem desejada. Uma

vez alcançado o Pontificado, estudou os mais espinhosos negócios e orou durante noites inteiras para não desertar do seu posto. A sua palavra, o toque da sua mão, vêm sempre na hora própria. A Grande Guerra havia de atrasar os frutos que havia a esperar da sua orientação acertada, de que resultou a colaboração dos seculares nas empresas da Igreja. Mas na realidade, foi devido ao seu esforço que os exércitos do apostolado secular começaram a atingir os objectivos que a perspicácia de Leão XIII lhes assinalou. Purificou as intenções, aferverou as almas, assegurou a unidade e a submissão. Foi no seu tempo que muitos conceitos adquiriram a nitidez e o vigor que os fizeram incorporar para sempre nas futuras tarefas da Igreja.

PORMENORES IMPORTANTES

Como pôde Pio X, num período de onze anos apenas, conseguir a infinidade dos objectivos que a si próprio se propôs?

Um penetrante pensador espanhol dizia que uma das características do espírito clássico é possuir, assombrosamente conjugadas, a visão ampla e conjunta das coisas, e a capacidade da minúcia, da atenção ao passado e aos pequenos pormenores ocultos.

Pio X foi, neste sentido, um perfeito clássico. Instituiu e desejou para o seu Pontificado o ambicioso programa da restauração da sua época em Cristo. Tal como gostava de ver Veneza nas mãos do seu Patriarca, assim quis que na caridade cálida da mão do Senhor se acolhesse a cristandade tão duramente sofredora. E sem adormecer na beleza do seu sonho, percorreu uma a uma as salas da casa grande, abrindo aqui as janelas, fechando além as portas, erguendo uma floreira caída, reavivando fogos sonolentos... Com a atenção necessária, com cuidadoso empenho, como se o modernismo o não inquietasse nem de França chegassem más notícias; como se houvesse apenas que desejar a claridade dessa antífona gregoriana...

Quem esquecer a peregrinação pastoral cumprida por Sarto, não compreenderá os seus toques acertados nas pequenas coisas da vida íntima da Igreja. Para um coadjutor, para um pároco, os pormenores assumem um valor excepcional. No fim de contas, a santidade é feita de pormenores.

Remexa o leitor na curiosa gaveta de alfaiate que este capítulo lhe depara. E regosije-se ao ver que a sua vida cristã recebeu matizes que são vestígios de toques que lhe deu Pio X.

JP
Metodologia
ampliada
falando
do mesmo
Santo
e capitulo
de tal
equilíbrio

O leitor recordará como o bispo Sarto não gostava de que se construísem sistemas aéreos de leis inúteis. O desejo de uma legislação acertada e eficaz, directa, foi causa da sua predilecção pelos «Motu proprio», documentos mais breves, concisos, que em quatro linhas apontam os fundamentos teóricos de uma resolução importante. E atacam de frente o nó da questão, resolvendo as possíveis dificuldades.

→ Dois dias depois da sua eleição, o Papa Pio X manifestou que um dos seus mais vivos desejos era emprender a codificação do Direito Canónico. Quando era pároco e bispo, tinha experimentado dificuldades em traduzir em normas práticas e seguras um acervo imenso de leis, muitas delas antiquíssimas e em franco desacordo com as circunstâncias dos tempos presentes, e todas repartidas por colecções enormes. A codificação equivaleria a assinalar o melhor rumo para uma renovação do espírito na disciplina eclesiástica.

→ A 19 de Março de 1904, Pio X assinou um «Motu proprio» decretando o começo dos trabalhos. Encabeçava-o um título muito significativo: «Arduum sane» — muito difícil. O Papa compreendia que a empresa seria gigantesca. Por isso não quis esperar mais tempo. As tarefas prolongaram-se até à morte de Pio X, que costumava dizer:

— Apressem-se, porque estou envelhecendo e quero ver isso acabado.

Faleceu antes da empresa estar concluída. Bento XV, ao promulgar o Código, afirmou que Pio X devia ser tido como seu autor, e o seu nome colocado na lista dos grandes Pontífices que figuram nos anais do Direito.

O peso da codificação caiu sobre os ombros de Monsenhor Gasparri. Pio X seguiu passo a passo os trabalhos, alentou os desanimados. Antes de elaborar a redacção definitiva de alguns cânones, o Papa ensaiou a sua conveniência por um processo engenhoso: ditava um decreto no sentido que parecia mais aceitável, sem fazer alusão aos cânones em estudo. De Roma, observava-se atentamente o êxito e os frutos daquele decreto, e segundo os resultados incorporavam-no ou não, ou corrigiam o seu sentido.

A codificação do Direito Canónico justificaria só por si um só Pontificado.

Para que essa «gaveta de alfaiate» das múltiplas actividades de Pio X no regime interno da Igreja se não converta numa jaula de leões, convém que façamos um esquema do conjunto.

Em íntima ligação com a coordenação do Código, Pio X empreendeu a reforma da Cúria Romana. Já antes tinha havido algumas tentativas. Pio X enveredou por quatro caminhos a sua acção:

Primeiro: legislação sobre o conclave. As Chancelarias de Áustria, França e Espanha enviavam aos seus ministros acreditados junto do Vaticano notas pouco tranquilas: que fundamentos têm as notícias que falam de um decreto suprimindo o direito de veto em futuros conclaves?

Pio X presenciou nos dias da sua eleição o veto de que foi objecto o Cardenal Rampolla. Num decreto assinado a 20 de Janeiro de 1904, depois de ter ordenado um estudo profundo dos fundamentos históricos em que se podia apoiar o pretensu direito de veto, proibiu, sob pena de excomunhão, reservada ao futuro Pontífice, «que os cardeais, ou o Secretário do Conclave, ou qualquer outra pessoa que de um modo ou de outro participe na eleição do Papa, receba encargo de um poder civil para opor veto ou exclusão, nem sequer em forma de simples desejo».

O Papa deu por ignorado o desgosto que o seu decreto poderia causar nos estados interessados. O problema era grave e da sua competência: não necessitava saber mais para intervir com decisão.

A 25 de Dezembro do mesmo ano, a Bula «Vacante Sede» condensou e concretizou as disposições dos Pontífices anteriores no referente à eleição do Papa.

Segundo: na constituição do Sacro Colégio, Pio X concedeu aos cardeais rão bispos o uso da cruz peitoral. Desejou e tentou uma reforma de administração nas dioceses suburbanas. A tentativa chegou a tomar forma.

Terceiro: as congregações: eis uma das grandes obras do nosso Papa. As congregações na Cúria Romana são qualquer coisa de semelhante aos Ministérios no governo da Igreja. A administração eclesiástica tinha-se burocratizado e complicado em excesso. Pio X,

depois de várias tentativas, empreendeu a reforma total: a bula «Sapienti Consilio» de Junho de 1908, organizava todo o conjunto. Removeu dos tribunais administrativos os assuntos de carácter contencioso — excepto os do Santo Offício — e transferiu-o para a Rota, Tribunal de Apelação, a «Signatura», Tribunal Supremo, e a Penitenciária, competente em assuntos de foro interno. Definiu a competência de cada uma das congregações. Este esquema, completado por Bento XV com a constituição da Congregação de Seminários, conservou-se até hoje sem grandes modificações. Documentos e regulamentos posteriores acabaram, no tempo de Pio XI e mais tarde, de concretizar os processos. Comparada esta Constituição da Cúria com a imediatamente anterior, representa um grande progresso, pela rapidez de movimentos que permitia e pela supressão de conflitos de competência entre vários organismos.

→ Em Setembro de 1908, Pio X — «Promulgandi» — ordenava a publicação de um Diário Oficial da Santa Sé, por meio do qual se promulgariam de futuro as leis eclesiásticas. Este passo representava uma acertadíssima inovação. Assim nasceu a Acta Apostolicae Sedis, que deu frequência e carácter periódico à anterior Acta Sanctae Sedis.

Quarto: a diocese de Roma e o seu Vicariato foram também alvo da preocupação frequente de quem era seu imediato pastor. A história de Roma motivou o fenómeno da abundância extraordinária de igrejas no aglomerado da cidade, enquanto a periferia crescia sem paróquias. Pio X suprimiu várias do centro e criou onze novas paróquias, com o intento de proporcionar uma base firme ao apostolado dos subúrbios de Roma. Quis estar pessoalmente informado dos trabalhos pastorais em Roma e esforçou-se quanto pôde para sacudir as cinzas da indiferença, que um século de liberalismo tinha espalhado sobre a cidade.

Como complemento das reformas de Pio X na vida da Cúria Romana, citaremos o decreto de 1909, que fixava o carácter periódico da visita «ad limina» que os bispos realizam. Sixto V deixara a determinação às circunstâncias de distância e viagens. Com as facilidades de comunicação que os tempos já permitiam, Pio X fixou como geral o prazo de cinco anos, permitindo aos bispos que viviam longe o cumprirem uma visita por intermédio de um procurador e outra pessoalmente.

Os sacerdotes, o clero. Deles, Pio X esperava tudo. Via que o futuro da Igreja, a realização dos seus planos de reforma estava nas mãos dos sacerdotes. Um clero de espírito vigoroso conquistaria para Cristo a sociedade nova. Com sacerdotes santos tudo seria possível. Com um clero indiferente e frio, submetido a paixões políticas ou económicas, os mais grandiosos programas não excederiam a pura veleidade.

A orientação que Pio X imprimiu aos estudos eclesiásticos correspondia a três preocupações dominantes: preparação intelectual séria, amor, disciplina observante e capacidade para o futuro ministério.

Ao primeiro desses aspectos dedicou o Papa uma infinidade de cuidados. Insistiu no apego à doutrina do Doutor Angélico, aprovou a renovação dos programas de estudo. Preocupou-o profundamente a regularização dos estudos de Sagrada Escritura. Reservou à Comissão Bíblica a faculdade de conferir os graus; fundou, em Maio de 1909, o Instituto Bíblico, verdadeira Universidade Bíblica, que dedicaria homens escolhidos à mais séria investigação; encomendou aos beneditinos a titânica empresa de revisão da Vulgata.

Os aspectos de formação disciplinar que Pio X melhorou, foram assim resumidos por um articulista: «Ambiente de recolhimento no Seminário, e operando nele um interesse especialíssimo do bispo, um reitor paternal e sábio, e um eficaz director espiritual; superiores que sejam anjos da guarda para os seminaristas, práticas de formação e vida espiritual intensa. Os seminários entravam assim pela senda que os levaria ao seu actual ressurgimento.

→ As habilitações do clero para o seu ministério, foram traçadas por Pio X, num documento brilhante, chave e ponto de arranque de uma poderosa renovação espiritual: a exortação «Haerent animo» — 4 de Agosto de 1908 — publicada por Pio X por ocasião do seu jubileu sacerdotal. Se tivesse de copiar neste livro um documento inteiro de Pio X, como expoente dos seus ideais, copiaria essa exortação ao clero católico. Vivida, clara, impregnada da sua presença, como vedora. É verdade que Pio X, sem o pretender, traçou nesse documento o seu próprio perfil: o perfil do coadjutor, do pároco, do cônego, e do bispo ideal. Cada uma das palavras evoca a sua vida exemplar, o seu espírito forte, a sua perfeita experiência. Pio X confessa que nada dirá de novo, pois é seu objectivo apenas ordenar os

preceitos bíblicos e as recomendações dos Santos Padres. E este é o segredo da sua grandeza: a vida vulgar do sacerdote oculto, silencioso, que na humildade do seu cargo, trabalha com fervor e realiza os princípios grandiosos da santidade. A grande herança de Pio X. Ele ofereceu-a como presente a seus irmãos, por ocasião do jubileu. Quis escrever com o seu próprio punho o original completo, em italiano. Lançaria os seus olhos para trás e do alto cume da sua vida reveria de novo os caminhos do Senhor. Na primavera e no verão de 1908, quando Merry del Val subia, ainda cedo, para despachar, já encontrava o Papa trabalhando na exortação.

→ «A santidade é o essencial, porque é a santidade da vida e costumes que une o homem com Deus; ela é o único meio de o tornar apto para o ministério. Se falta ao sacerdote esta ciência — a ciência altíssima de Jesus Cristo — falta-lhe tudo. Sem a santidade, a formação científica — que tanto desejamos para os nossos sacerdotes — e o próprio engenho que tantas vantagens poderiam trazer à Igreja, convertem-se em causas de dor. Testemunhos de todos os tempos evidenciam o poder dos mais humildes, denotam como eles são capazes de empresas úteis para os povos, se no seu coração abunda a santidade; e tendes uma prova cabal disso mesmo em João Baptista Vianey...»

O simplíssimo cura d'Ars deve ter sorrido reconhecido, na estatueta que o Papa acariciava sobre a mesa.

Para alcançar a santidade, o sacerdote tem de implorar a graça de Deus, utilizando todos os recursos de que uma vida espiritual intensa dispõe. O sentido prático de Pio X brilha uma vez mais nesse recanto de exercícios de piedade e virtudes sacerdotais.

«Pai Santo, santifica-os... Muitos fiéis pedem-no comigo a Deus e oferecem-se com essa intenção. Queira Ele recolher as suas orações puras e nobres e as minhas humildes preces. Que vos seja propício, clemente e pródigo, e reparta o Coração Santíssimo de seu Filho tesouros de graça, de amor e de virtude a todos os sacerdotes».

Entre a multidão de decretos relativos à disciplina sacramental e cultural — «Ne temere» sobre o matrimónio, redução de festas obrigatórias, ordenação de indulgências, etc. —, destaquemos duas de grande importância.

A reforma do *Breviário* é uma amostra das intenções com que Pio X se incorporou no movimento litúrgico. A ele correspondiam realizações notáveis, orientadas em torno da linha litúrgica tradicional. E em todas aparece muito ao vivo a concepção de uma liturgia profunda, séria, que parte das próprias profundidades dogmáticas da redenção, para perpetuar a acção vivificante de Cristo. O jovem sacerdote José Sarto aplicou esses princípios renovadores às pequenas coisas da sua paróquia, cuidando da minúscula escola conventual, dignificando as funções, elevando a estima em que os cristãos tinham os sacramentos. O Papa Pio X deu impulso, por novas sendas, ao salutar entusiasmo dos apóstolos do renascimento litúrgico.

O *Breviário*, livro da prece oficial da Igreja, esteve submetido ao arrastar de muitos séculos que deixaram nele vestígios da sua passagem. A reforma de Pio X teve um objectivo primordial: solucionar o conflito entre o ciclo temporal e o ciclo de festas. Na sua origem, a distribuição do *Breviário* estava adaptada ao calendário mais estrito, que regulava as semanas conforme os tempos de Natal e Páscoa. Com os anos veio a floração das festas de Santos e a sua incorporação no *Breviário* afogou quase por completo a orientação anterior. Nem sequer os Domingos escapavam à prepotência do santoral.

Na Bula «Divino afflatu» — 1 de Novembro de 1911 —, fruto de longos trabalhos começados por uma comissão dos tempos de Leão XIII, propôs-se uma solução audaz e prática:

Abreviava-se a extensão da oração, principalmente das *Matinas*, reduzindo-se a nove o número máximo de salmos dos três nocturnos e partindo os salmos demasiado longos; distribuía-se o saltério pelos dias da semana; defendia-se a celebração litúrgica dos Domingos e boa parte das férias, sobretudo no Advento e na Quaresma; conservavam-se as lições do primeiro nocturno tomadas da *Sagrada Escritura*, impedindo que fossem substituídas pelas do comum dos Santos.

Os que manejam o *Breviário* e conhecem a sua técnica, verão que a reforma de Pio X se adapta plenamente à corrente de modificações que ainda hoje perdura.

Pio X patrocinou a edição de livros litúrgicos e começou uma do *Martirologio* — aparecida em 1922 —. À Congregação dos Ritos, na reorganização curial de que atrás falámos, concedia amplíssimas atribuições em todo o seu extenso domínio.

... O leitor recordará os parágrafos de uma pastoral sobre a música sacra, que o Cardeal Sarto publicou em Veneza. Os pensamentos do

Cardeal converteram-se em lei pontifícia a partir do Motu Proprio de 22 de Novembro de 1903.

A questão da música sacra não constituía para Pio X um menor disciplinar de mais ou menos importância. Via-a integrada no plano conjunto da sua grande restauração: as almas dos cristãos cantariam ao Senhor as nostalgias do Céu, com voz melódica e artística. A expressão de santos sentimentos na oração tinha que se distinguir dos escândalos do teatro. O canto dos fiéis é um meio que a Igreja põe ao alcance da comunidade para intervir nos mistérios do altar: supõe nobreza de porte e dignidade. «E vão esperar que desça sobre nós a bênção do Céu se os nossos obséquios ao Altíssimo, em vez de ascenderem em odor de suavidade, põem pelo contrário nas mãos do Senhor os látegos com que o Divino Redentor, em certa ocasião, expulsou do templo os profanadores».

O Motu Proprio apareceu como pequeno código da Música Sacra. Incluía nove capítulos com vinte e nove artigos.

Uns «Princípios gerais», que coordenavam a doutrina da Pastoral de Veneza, três capítulos que examinavam os géneros de música sagrada, as suas relações com o texto litúrgico e as formas de composição. Cantares, instrumentos, dois capítulos com disposições oportunas para a eficácia da reforma: Comissões Diocesanas, fundação de «Scholas», estímulos às Sociedades Musicais.

Pio X afrontou depois a questão do Canto gregoriano. No centenário de S. Gregório Magno, quis celebrar ele mesmo em S. Pedro uma Missa, que foi cantada por uma massa imponente de fiéis. O Papa sentia-se feliz.

Acusaram-no — e a acusação repetiu-se depois da sua morte — de que o seu amor ao Canto gregoriano era exclusivo e que não apreciava outros géneros de música. Ele próprio respondeu à acusação:

— Seria o mesmo que se eu repelisse os melhores quadros da Virgem, com o pretexto de que o tipo primitivo é a mais acertada representação da Virgem Mãe, segundo está nas Catacumbas de Priscila. Esta afirmação suprimiria algumas obras-primas da arte cristã — pinturas inspiradíssimas. Não quero quadros profanos da Virgem, nem as produções frívolas de muitos artistas modernos, mas seria irracional afirmar que só as pinturas primitivas satisfazem as condições exigidas pela Religião e pelo sã gosto artístico. O mesmo digo em relação à música sacra.

A batalha foi dura mas, quanto temos hoje que agradecer aos seus esforços!

5

A delicadeza do seu espírito revelava-se no seu amor às obras de arte. Empenhou-se muito em que o clero soubesse estimar e defender os tesouros artísticos das igrejas. Gostava de repetir que lhe agradava a existência de museus e galerias para as obras antigas. Mas que se um artista tinha ligado os seus quadros ou as suas estátuas a uma igreja, a um monumento, a um recanto determinado, essa obra de arte deveria continuar na sua moldura natural, onde melhor se apreciaria o seu valor e onde correspondia mais exactamente à inspiração do artista que a concebeu. As obras de arte, repartidas por cidades e aldeias, por ruas e igrejas, cumprem assim — dizia Pio X — uma importantíssima tarefa: educam o bom gosto do povo — finalidade que não se consegue plenamente encerrando nos museus as obras artísticas.

— Por favor — repetia —: respeitai as linhas arquitectónicas das nossas igrejas e a harmonia das suas linhas. Não estropeis a sua beleza com panos vermelhos.

Desagradavam-lhe as tapeçarias baratas com que tantas vezes se cobrem formosas fachadas de mármore e majestosas colunas dos nossos templos, nos dias solenes em que a sua beleza mais poderia resplandecer.

E em 29 de Março de 1909 inaugurou as novas galerias da Pinacoteca Vaticana, onde a magnífica colecção de pinturas do Vaticano encontrou digno e seguro alojamento.

PIO X, NA INTIMIDADE

— Escuta...

Monsenhor Bressan detem-se; ergue a cabeça, de ouvido atento.

A calma do jardim do Vaticano era um convite ao silêncio.

Ao longe, o ruído de uma locomotiva, coroado por um apito.

Pio X, com ternura:

— Quem sabe se será o comboio de Veneza!

1

^{dispuzera}
Nunca dispôs de tempo livre, na sua vida anterior, para viajar como turista. No entanto, apreciava o ar aberto da planície, e muito deve ter influído na sua melancolia o ver-se para sempre encerrado entre os muros do Vaticano. Uma ou outra vez, ouviam-no dizer:

— Sair! Sair!... E acrescentava resolutivo: — Todos os dias peço a Deus que tire os desejos ao Papa.

A adaptação ao novo ambiente teve para ele, desta vez, o triste contorno do inevitável. Seu sobrinho, o sacerdote João Baptista, acompanhava-o uma tarde pelos jardins.

— Que te parecem, João Baptista?

— Formosos, Santo Padre.

— Quase que parecem Posagno, não é verdade?

E repetiu-lhe a velha anedota do pároco, que desejava ser transferido pelo seu bispo; para o conseguir deu a entender ao seu prelado que os panoramas mais formosos fatigam se tiverem de ser contemplados de manhã, ao meio dia e à tarde, durante vinte e cinco anos consecutivos.

— D. Baptista, durante quanto tempo terei de passear por estes jardins?

No entanto, ainda nestas ocasiões não falhava o seu senso prático. Meses depois, contavam-lhe como os cardeais e os bispos se podem distrair com uma ou outra viagem, ou com a mudança de ambiente.

— Eu não preciso de viajar para ver coisas novas; fecho os olhos e contemplo-as em espírito melhor que na realidade.

Passava a maior parte do dia no seu gabinete, sentado à sua mesa de trabalho. A Missa e a oração ocupavam-lhe as primeiras horas. O princípio da jornada oficial encontrava-o sempre bem disposto.

Na sua mesa, por cima dos documentos e das cartas, viam-se um crucifixo e duas estatuetas: o cura d'Ars e Joana d'Arc. A do cura d'Ars compreendia-se pelos seus primeiros dezoito anos de pastor. Em Joana d'Arc, via o símbolo das reservas espirituais de uma nação atormentada.

E era ali, sentado à sua mesa, que recebia a maior parte das visitas. Muito variadas as visitas de Pio X. Entre cardeais e políticos de alta categoria, mulheres simples e camponeses do Norté. Uma ou outra criança que fazia rir o Papa, e por vezes um grupo de venezianos que o não esqueciam. Jamais se fechou para quem quer que fosse, e por isso a famosa visita recusada a Roosevelt causou o maior ruído. Não exigia protocolo, nem cartas de apresentação. Informaram-no de que um indigno tinha conseguido audiência, sem que o conhecessem.

→ — Mas perde acaso o sol o seu fulgor — respondeu — quando brilha sobre o lodo? São precisamente os indignos os que mais necessitam das bênçãos do Papa.

Todos os que tiveram a felicidade de ser por ele recebidos em audiência, ficaram impressionados pela simplicidade do seu olhar.

Os olhos grandes de Beppi, abertos de frente para os Alpes, falavam agora com uma profundidade admirável. Transparecia neles o encanto sobrenatural das suas encíclicas, a naturalidade da sua alma boa, o sumo de todas as virtudes.

A simplicidade era o seu elemento. Usava-a na conversação com todas as suas consequências. O Papa Sarto não entendia de atitudes dúbias. Dizia ele: não frequentei escolas diplomáticas. Uma comissão de Zueca, a nobre cidade, veio-lhe suplicar que na designação do seu Arcebispo, tivesse em conta a prosápia da região. ^{progenie, ascendência, raça;}

— Admira-me a vossa proposta. Se aqui há alguns anos o Papa Leão XIII me tivesse mandado reger a vossa diocese, ter-me-feis julgado indigno de vós? ^{Deve ser Lucca, na Toscana, cidade de 90 000 habitantes, a qual na Idade Média, foi república próspera; arcebispo famoso. Capital da Província. Catedral do séc. XI, fachada de mármore.}

«Canhões».

Lembraí-vos de «Canhões»?

Luís Boschin, o ilustre sacristão de Salzano, um pouco mais velho do que quando o conhecemos. Chegou a Roma com os primeiros peregrinos de Treviso. Na audiência, manteve-se recatado entre os homens do grupo. Monsenhor Bressan, que o conheceu, aproximou-se e disse-lhe que entrasse para um compartimento interior, onde o Papa o receberia em audiência particular. «Canhões» pretendeu seguir a indicação de Monsenhor, mas ao atingir a pequena porta, um guarda sulço, sem pestanejar, cruzou a alabarda. «Canhões» encolheu os ombros e recuou.

— Porque não entra? — perguntou-lhe Bressan.

— Os guardas não me deixam.

— Diga-lhe que és cunhado do Papa.

«Canhões» dirigiu-se de novo à porta. O sulço cruzou de novo a alabarda. «Canhões» disse-lhe a meio-tom:

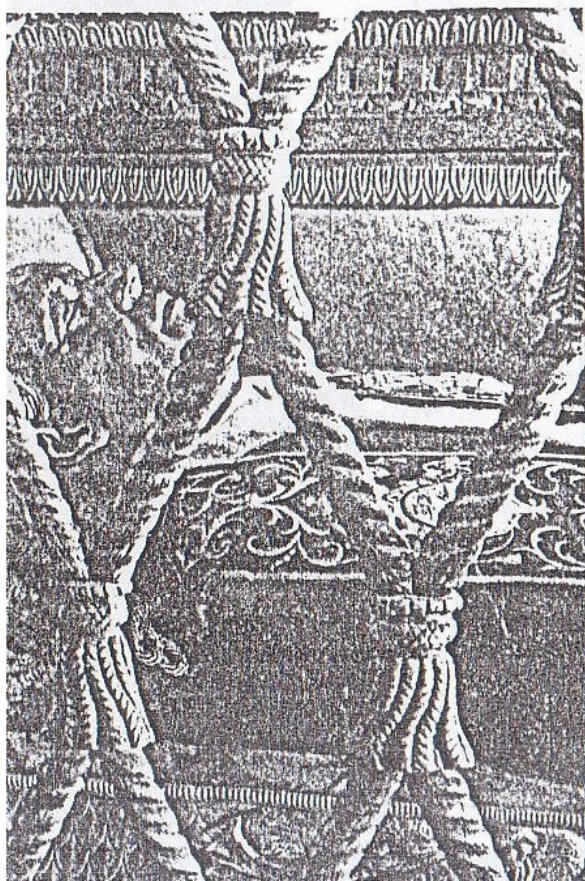
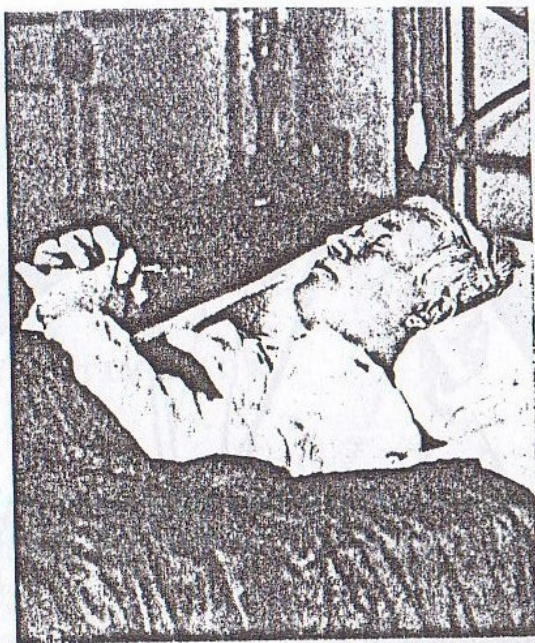
— Deixe-me passar. Sou o cunhado do Papa.

O sulço bateu os calcanhares no chão. Voltou a cabeça e soltou meia dúzia de palavras secas que «Canhões» não compreendeu. Apareceram, como coisa do diabo, seis guardas sulços, três de cada lado, e abriram alas a «Canhões», saudando-o. O pobre Boschin não sabia se devia avançar ou recuar em dois saltos. Por fim, olhando de soslaio para os rígidos sulços, meteu pelo corredor adiante.

Nem o «Canhões» nem os outros membros da família Sarto acabavam de acreditar no que tinham visto. Mas o caso é que chegavam a Roma e encontravam as coisas muito a sério. Honrados por estirpe, todos compreenderam que o seu «Santo Padre» não utilizaria a posição vantajosa em que se encontrava para resolver os problemas familiares distribuindo-lhes presentes e prebendas. Nem sequer pensavam nisso. A Luís Boschin, o inclito «Canhões», parecia-lhe muito lógico que o cunhado do Papa continuasse com os seus serviços de sacristão em Salzano. Porque é que os havia de deixar, se cumpria melhor do que qualquer outro? Ângelo, o irmão do Papa, nem por um momento pensou em abandonar o seu lugar de estafeta dos Correios nos arredores de Mântua. Quando veio a Roma pela primeira vez, disseram-lhe que o Papa só recebia visitas de sobrecasaca, e o pobre homem procurou uma que lhe assentasse bem. Pio X sorriu, fez-lhe duas caretas.



PIO X NO SEU LEITO
DE MORTE



DETALHE DA URNA
DE BRONZE

PIO X, NA INTIMIDADE

Ângelo só uma coisa queria dizer a Beppi: que cuidasse da sua saúde. João Baptista Parolin continuou à frente dos seus paroquianos de Posagno. Contava sem dúvida vantagens a seu favor, porque podia ter as bênçãos do Papa com frequência. Mas Pio X negou-se a pensar que seu sobrinho sacerdote — e era o seu predilecto — ascendesse a postos de destaque por obra do tio Papa. Instaram para que o levasse consigo para o Vaticano. Depois de tudo, a medida não podia parecer injusta; além disso, João Baptista era exemplar.

— Sim, D. Baptista é um bom sacerdote, mas jovem, e deve trabalhar no seu ministério. Tem uma paróquia, e está melhor nela do que num palácio.

Continou em Posagno até 1903. Então, o Bispo de Treviso, sem consultar o Papa, transferiu-o como arcebispo para a Catedral. Falecido Pio X, Bento XV nomeou-o Cônego de S. Pedro e levou-o para Roma, em sinal de veneração por seu tio.

Rosa, Maria e Ana... Vieram para Roma. Subiram a tremer as escadarias do Vaticano e caíram de joelhos aos pés do Papa. Pio X, comovido, ergueu-as e abraçou-as.

— Sou sempre o vosso Beppi.

Mas não quis que vivessem no Vaticano embora a separação de suas três irmãs, que o haviam acompanhado por todas as encruzilhadas do seu mapa, lhe exigisse verdadeiro sacrifício. Ordenou que lhes procurassem um andar na Praça Rusticucci. Recebia-as duas vezes por semana, às quartas-feiras e aos domingos de manhã.

Um comissário do Rei visitou Pio X para o advertir de que o Estado reconheceria os títulos nobiliárquicos que ele quisesse distribuir aos seus parentes. O Papa agradeceu a oferta, mas respondeu que desejava ver os seus parentes na posição social que até então tinham ocupado.

Depois, foi o Marquês de Planca, Regente da Heráldica Pontifícia, que perguntou ao Papa que título desejava para suas irmãs.

— Título...?

— Sim... Marquesado? Ducado?

Pio X sentir-se-ia por certo muito surpreendido. Se um certo aguazil de Riese levantasse a cabeça! Rosa, Maria e Ana... marquesas ou duquesas?

— Irmãs do Papa. É esse o seu título. Nem elas desejam outro, nem eu quero que o tenham.

— Mas, Santidade...

— Irmãs do Papa. Não lhes concederei qualquer outro título.

As três irmãs e a sobrinha que levaram consigo, viveram em Roma um retiro exemplar. Dispunham de lugares reservados na capela particular do Papa e nas funções solenes de S. Pedro. Foram esses os seus privilégios. Piedosas e caritativas, impuseram-se o dever de não perturbarem as ocupações de seu irmão.

— Coitadinhol — costumavam dizer. — Agora tem que pensar em todos os pobres do mundo.

Em Fevereiro de 1913 morreu Rosa, a irmã mais velha, seis anos mais nova que o Papa. Chorou o Santo Padre e celebrou sufrágios por ela. Os seus restos, colocados provisoriamente em Campo Verano, foram trasladados para Riese, onde ficaram junto dos de sua mãe.

As outras irmãs sobreviveram ao Pontífice. Deixou-as recomendadas à generosidade do seu sucessor. Merry del Val contou que nem elas nem os seus parentes utilizaram em proveito próprio a santa memória do Papa.

3

Mas não queria comer só.

Argumentaram-lhe que era costume estabelecido desde os tempos de Urbano VIII.

— Perfeitamente — respondeu Pio X —: o meu antecessor, que era Papa como eu, resolveu que os Papas comessem sós, e estava no seu direito. Agora eu, com o mesmo direito, resolvo o contrário.

Exigiu que as ^{seus aposentos} suas habitações se sujeitassem, no referente a adornos, a uma digna sobriedade. Tudo lhe parecia excessivo, mas procurava cingir-se às indicações. No decorrer da primeira visita de confiança, lamentava-se, vendo-se de sotaina branca, elegantíssima na sua simplicidade:

— Bem vedes, vestiram-me assim...

Dizia-se no Vaticano, que o Papa Sarto, habituado a limpar a pena friccionando-a levemente sobre a sotaina, teve de se esforçar para não manchar a sotaina branca quando o vestiram de Papa. E que ainda algumas vezes depois, o hábito o levou de vencida.

Nos dias da eleição recordou que em Veneza se tinha comprometido ~~na~~ a pregar numa paróquia de Vicenza o panegrico de S. Cae-

tano. Ordenou que telegrafassem a Monsenhor Scremin suplicando-lhe que o substituisse, pois ele não podia comparecer na festa «por se terem apresentado outros deveres que não podia protelar».

Assim manteve a sua serena veia de humor. No auge da luta modernista, um amigo queixava-se dos insultos que um escritor modernista lançava contra o Papa, sugerindo que podia ser um bom padre, mas era um pontífice incapaz.

— Depois de tudo — respondeu Pio X — não admite ele que sou um bom padre? Pois é esse o único elogio que sempre apreciei.

Aquela sua delicadeza na administração de bens não próprios foi por ele cultivada com esmero até ao fim da sua vida. Registou todos os dias num volumoso caderno as somas recebidas e as finalidades a que estavam destinadas. Tinha disposto outro livro especial para registar as missas que de todo o mundo lhe encomendavam. Costumava dizer:

— Não quero ir para o Purgatório por descuido na administração das missas.

Nos fins do ano pedia a Merry del Val para rever os seus cadernos:

— Apresentemos o balanço à revisão do Secretário de Estado.

→ Não tinha em conta a sua idade já avançada. Caminhava com passo curto, ligeiro. Criava uma atmosfera sã, directa, que levou ao Vaticano um ritmo jovial. Falava com todos, a todos escutava. Uma voz suave, desejada. Paz nos lábios e paz no coração.

Em torno da sua figura começavam a correr belos rumores. O fundamento, já o vimos anteriormente, era tão forte que dificilmente se poderia explicar sem se reconhecer que havia milagres de permeio. Um pouco triste, comentou:

— Agora andam por aí a dizer e a escrever que me meti a fazer milagres. Como se não tivesse mais em que pensar.

Mas necessitava de uma explicação para fazer calar os comentários. Não tardou a encontrá-la, referindo-se ao poder do Sumo Pontífice:

— Não sou eu, não é a mim que o deveis agradecer. É ao poder das Santas Chaves.

Ele próprio ficava assombrado quando considerava a dignidade do Papado. Como se sentisse o grande mistério pesar sobre os seus ombros. Não queria que na Basílica de S. Pedro o aclamassem:

— Não ^{fica} está bem que o servo seja aplaudido em casa do Senhor. Mas a tensão que a sua presença produzia era excessiva, os nervos os fiéis não aguentavam, e o rebentar estrondoso dos aplausos enchia as abóbadas de S. Pedro.

4

Os próprios criados do Vaticano tomaram intimidade com o Papa. Pio X conhecia os pequenos conflitos em que uma dificuldade momentânea colocava as famílias. Quando sala das suas habitações, costumava esconder, nas mangas da sua sotaina notas de 50 e 100 liras. Os criados que tropeçavam à sua passagem ajoelhavam para lhe beijar a mão. O Papa, sem chamar a atenção, ia repartindo o dinheiro que levava nas mangas. E advertia-os num tom malicioso:

— Que Monsenhor Bressan não saiba disto.

Os socorros do Papa foram conhecidos em circunstâncias difíceis pelos mineiros de Arrás, pelas aldeias da Bélgica assoladas pelas inundações, pelas vítimas do Vesúvio, pelos orfãos da Calábria... Apareceu, depois da morte do Santo Padre, um envelope com recursos para os meus orfãosinhos da Calábria e de Messina.

O Cardeal Respighi apresentou-lhe uns camponeses de Budrio. O Papa acabava de conversar com um Príncipe. Respighi, fazendo espírito, sugeriu que o Papa estava invertendo a ordem dos termos: Vosso Senhor, em Belém, recebeu primeiro os pastores e depois os reis; o Papa recebia agora primeiro os príncipes, e depois os camponeses. Pio X riu com o gracejo e entreve-se depois, com muito agrado, com os camponeses, garantindo-lhes que se de outra vez chegassem em primeiro lugar seriam os primeiros a ser recebidos.

Os bispos de Portugal, despojados pelo Governo de todos os seus bens, enviaram o Prelado do Porto para suplicar auxílio do Santo Padre.

— De quanto necessitaríeis.?

— De um milhão, Santidade.

— Um milhão, não o tenho neste momento. Mas vem amanhã, que ele há-de aparecer.

O milhão apareceu, ficando a descoberto necessidades menos urgentes. O Bispo recebeu-o. Acaba de sair, quando entrou para uma audiência uma senhora que deixou um milhão nas mãos do Papa.

— Bem vês, Bressan — comentou o Papa —: saiu um milhão e entrou outro.

A fórmula antiga — «A Providência nunca falha» — continuava de pé.

Muitos anos depois, Rinaldo, o cocheiro do Papa, contava ainda em Roma as delicadezas com que o tratava o seu senhor.

— Saudava-me com a mão, dizendo: «Adeus, Rinaldo, e muito obrigado». Compreende? Um Papa agradecendo a um cocheiro! Um dia, ao descer do coche, disse-me: — Vem comigo, Rinaldo.

— Sim, Santidade.

Levou-me ao seu gabinete. Enquanto me entregava um belo relógio, disse:

— Guarda-o como recordação minha.

Imagine-se! Às vezes, rindo, chamava-me S. Rinaldo bendito.

A gente simples compreendeu-o perfeitamente. Logo depois de eleito, e à medida que ia conhecendo as pessoas do seu séquito, exclamava maravilhado:

— Todos aqui por minha causa? Mas eu terei o bastante comendo dois ovos. Um punhado de dinheiro ^{memorável} bastar-me-ia para comer. ^{me sustentar, me alimentar.}

Compreendeu ^{que} que tinha de se sujeitar. Travou amizade com todos aqueles que ^{ele} serviam com um apego filial.

Muitas pessoas, tanto grandes como humildes, conseguiram trato íntimo com Pio X. A amizade contraída em Veneza com a família real espanhola, por ocasião das bodas das duas filhas de D. Carlos de Bourbon, continuou em Roma. Suas Altezas, na primeira audiência, ofereceram-lhe um relógio precioso — não tinha outro defeito, aos olhos de Pio X, senão o de ter gravado o escudo papal, porque isso vedava-lhe certos caminhos... — e um cálice de ouro, valiosíssimo. Sua Santidade utilizou esse cálice até à sua última Missa.

São encantadores os pormenores do trato com o Papa de um humilde salesiano: D. Luís Ferrari.

Conheceram-se em Treviso. Desde então, cresceu de dia para dia o carinho com que se tratavam. Numa audiência geral, o Papa reconheceu o seu Luís:

— Estás aqui, Cigi? Quando chegaste?

— Anteontem, Santidade.

— Bravo, e como estás?

— Muito, bem, Santidade.

— Muito calor em Turim? Entende-te com este — apontava para o seu Mestre de Câmara, Monsenhor Bisleti — e vem-me ver amanhã.

No dia seguinte, D. Luís ajoelhava aos pés do Papa.

— De pé, Luís, de pé. — E continuou a ler o bilhete de apresentação.

— Mas, tu és este Mui Reverendo Senhor D. Luís Ferrari? Mui Reverendo... Mas se não és sequer ainda Reverendo...

— Santidade, escreveram isso na antessala...

— Vem, senta-te aqui ao lado de mim...

«O Papa — contava D. Luís, inclinou a sua fronte sobre a minha, fitou-me com um olhar que jamais esquecerei, olhar atento, afectuosíssimo...»

Os catedráticos do Ateneu Internacional dos Franciscanos de Pádua visitaram-no em dia de verão de 1905.

Pio X mostrou-se afável como sempre.

Percorrendo o círculo descobriu um jovem leigo que aproveitou a ocasião para falar com o Papa.

— Mas tu — disse o Papa — que fazes com estes? Tu não és doutor, por certo. Trabalhas na cosinhá, não é verdade? Pois bem, filho, procura fazer bem o teu serviço. Vês todos estes Padres? Têm de estudar, pregar e ensinar. Prepara-lhes bons pratos, que não lhes pesem muito no estômago, leves, hein? Bem, bem, Deus te abençoe.

Tenho pensado muitas vezes que os papas devem travar laços de particular simpatia com os santos e beatos a quem glorificam...

→ Durante o Pontificado de Pio X, passaram a sorrir da glória de Bernini quatro santos — Alexandre Sauli, Gerardo Magella, José Oriol, Clemente Hofbauer — e muitos beatos — entre eles Joana d'Arc, Gabriel de la Dolorosa, João Baptista Vianney, João Eudes e Madalena Sofia Barat.

8-1-1905

Santo Alexandre Sauli (1534 - 1592)^{58 anos}: Bispo barnabita italiano, beatificado a 23-IV-1741, canonizado por S. Pio X, a 11-XII-1904, junto com S. Geraldo. Natural de Milão, Bispo de Távria, Apóstolo da Córsega.

São José Oriol (1650 - 1702)^{52 anos}, espanhol, sacerdote em Barcelona. Beatificado a 21-IX-1806, canonizado por S. Pio X, a 20-V-1909.

São Clemente Maria Hofbauer (1751 - 1820)^{69 anos}, sacerdote redentorista austríaco, o Apóstolo de Viena, beatificado por Leão XIII, a 29-1-1888, canonizado por São Pio X, a 20-V-1910.

São Geraldo Magella (6-IV-1726 - 16-X-1755, 1915, a mesma hora do falecimento de S. Pio X)^{29 anos}, irmão leigo redentorista, nascido em Muro, perto de Nápoles, beatificado por Leão XIII, a 29-1-1893, e canonizado por S. Pio X, a 11-XII-1904, junto com S. Alexandre Sauli.

FRUTO MADURO

1

Se o leitor pretende obter um perfil exacto de Pio X, convém que a esse contorno simpático que brotava do seu trato, ajusté um temperamento enérgico. ←

Um velho marinheiro de Veneza, quando soube que o seu Cardeal tinha sido eleito Papa, sentenciou:

— Fizeram Papa um homem de ferro.

Capítulos inteiros deste livro revelaram como Pio X correspondeu ao seu augúrio. A cortesia e o amor podem casar bem com o rigor ←
de uma linha recta.

Creio que ao desenhar o esboço de um homem, convém olhar por um instante para o seu Anjo da guarda. Pio X teve dois: o outro chamava-se Merry del Val. ←

Recordações de Pio X.

Larga história de belas imagens.

No primeiro pano de fundo, um monte alto que parece o Grappa. O aguazil de uma aldeia da serra passa, levando um filhito pela mão.

— Beppil

Vão a caminho de Castelfranco...

Depois o Seminário, e a mãe viúva. Uma dúzia de irmãos à roda de uma mesa sem pão. Rezam o Pai Nosso e vão brincar.

A primeira Missa «pela alma de meu pai». Pro patre defuncto.

Lá vai, lá vai um grupo de pequenos vendedores de Tombolo. No meio deles um jovem de olhar aceso. mercadores feiurantes de gado

Salzano, com uma formosa igreja, prédicas familiares, ruído e cantos à Virgem. A paróquia em peso, todos contentes e contente o pároco.

Monsenhor começou a provar vestes de seda. Quantas vezes terá de mudar de trapos!

Brincando sempre o jogo dos «nove anos». Novenas implacáveis, que o trazem e o levam, quando bispo, quando cardeal... E 9 Cidades:

Veneza, Veneza!... Linha azul de um horizonte infinito. Na cavidade de meia cana frágil, vogando com a esperança de que o caminho nunca acabe.

Mais nove anos.

Agora a Paróquia grande. Redonda. Sem fim. Será difícil tê-la na mão. Pobre Pároco do mundo! Pobre Papa!

Pio X chora.

Pelo lado esquerdo da praça, as sombras que vão entrando empunham espingardas, com baionetas caladas. Mais atrás, numa nuvem compacta de cascos e canhões. A tormenta deteve-se em frente do obelisco. Mas o fiel da balança oscila. Pode cair abandonado.

— Pobre Pio XI! Os seus moços da grande Paróquia, vão-se matar. Chora. Pede a Deus que o leve deste mundo.

Já caiu a noite.

2

→ Por testemunho de Merry del Val, sabemos que dois anos antes de rebentar a Grande Guerra já Pio X conhecia a sua proximidade e as suas características.

Nas audiências ordinárias que no decorrer desses dois anos teve o Secretário de Estado para despachar os assuntos oficiais, o Papa falou-lhe com frequência e segurança da tormenta que ia desabar sobre a Europa.

— As coisas vão mal, Eminência. Não o digo por causa da Líbia ou daquele conflito local dos Balcãs. As coisas vão mal. Rebentará a Grande Guerra. «Eminência, as coisas vão mal. Não passaremos em paz o ano de 1914».

Com esta frase fechou Pio X as observações, um tanto optimistas, do seu Secretário.

→ A 30 de Maio de 1913, o Dr. Bruno Chaves, Embaixador do Brasil junto da Santa Sé, foi transferido. Pio X estimava-o muito e falava-lhe com grande confiança.

— O senhor é feliz, senhor Ministro, pode voltar para a sua casa do Brasil. Assim não será testemunho da Guerra Mundial.

Riege,
Castellano,
Tadua,
Tombolo,
Salzano,
Treviso;
Mantua,
Veneza,
Roma.

— Sua Santidade refere-se ao conflito dos Balcãs?

— Os Balcãs são o princípio de uma grande conflagração que eu não posso impedir, e à qual não poderei resistir.

→ Por aquele mesmo tempo, passeando pelos jardins, o Papa confiou os seus temores a Monsenhor Bressan.

— Sinto compaixão pelo meu sucessor. Eu já não o verei, mas o «Religião desolada» é eminente. («Religião desolada» era o mote que na profecia do pseudo Malaquias correspondia ao Papa sucessor de Pio X.).

28-VI-14.

→ Assassinato de Sarajevo. Merry del Val correu a comunicar ao Papa o triste telegrama enviado pelo Núncio de Viena. Pio X exclamou:

— Eminência, é a faúlha que vai atear o grande incêndio.

E acrescentou:

— Vamos rezar, e rezaremos também pelos mortos.

A tensão diplomática sacudiu a Europa.

A Áustria enviou o seu ultimatum à Sérvia. Pio X telegrafou aos núncios, pedindo-lhes um esforço desesperado. Inútil. O Imperador da Áustria pediu-lhe uma bênção para as suas tropas. Ordenou que lhe respondessem:

— Eu abençoo a paz, não a guerra.

Mobilizações na Áustria-Hungria, na Sérvia, na Rússia, na Alemanha, na Bélgica, na França.

O Papa, a cada telegrama, repete:

— Pobres, meus pobres filhos!

O sorriso desapareceu do seu rosto.

Restam-lhe poucos dias de vida.

A 2 de Agosto de 1914, a imprensa do mundo inteiro reproduziu uma exortação enternecedora:

«...quase toda a Europa é arrastada na vertigem de uma guerra implacável...»

Pio X não fala de outra coisa, não pensa noutra coisa:

— São milhões de homens que morrem. Eu queria tê-lo evitado. Não pude. Resta-me apenas a dor. Se eu não pensasse na salvação de tantas vidas jovens, quem pensaria nela?

Terá apanhado frio numa daquelas tardes que passava entretido à janela?

Na semana anterior à Assunção parecia mais fatigado, com febre.

No dia 15 ainda se levantou para celebrar, e aguentou-se de pé durante todo o dia. No domingo 16, ao meio-dia, entreteve-se algum tempo com os seus familiares. Na terça-feira, 18, Merry, indisposto, ficou de cama e enviou Monsenhor Canali, Substituto da Secretária do Estado, para se informar sobre certos assuntos urgentes. O Papa ordenou-lhe:

— Monsenhor, diga ao Cardeal que se ponha bom, porque quando ele está enfermo também eu me sinto mal.

Os médicos sugeriram que alguns dias de cama bastariam para que Sua Santidade recuperasse as forças. Suas irmãs, antes de se retirarem, passaram pelos aposentos do Cardeal Merry, para o tranquilizar.

Mas na noite de 18 para 19 o estado do Papa agravou-se. Monsenhor Bressan chamou os médicos, que encontraram os pulmões do enfermo congestionados. Às oito da manhã, Merry foi chamado aos aposentos do Papa. Entreteve-se com ele durante meia-hora. Parecia mais tranquilo. Os médicos falavam de caso grave, mas não desesperado.

Às dez horas sobreveio uma crise. Merry correu para junto do enfermo, que apertou as mãos do Cardeal entre as suas:

— Eminência, Eminência...

Ministraram-lhe os últimos Sacramentos. O seu Viático, aquela Comunhão que ele desejava tão fervorosa como a primeira...

— Eu resigno-me completamente.

Foram as últimas palavras que pronunciou. Perdeu a faculdade de falar, mas conservava a lucidez, e olhava para uns e para outros.

Em Roma... Tocavam os sinos de S. Pedro, concentrava-se gente na praça, orava-se nas igrejas. Não sei que relação unia as conversações murmuradas pelos monsenhores do Vaticano com os tiros de canhão nas regiões distantes da Europa.

Passava o dia. O enfermo, tranquilo, fazia frequentemente o sinal da cruz. Os cardeais esperavam sentados na sala vizinha. De vez em quando entravam para o ver. Às onze e meia da noite entrou Merry del Val. O Papa olhou para ele, erguendo uma mão. Merry

abençoando?
bentendo-se?

aproximou-se. O enfermo pegou-lhe na mão, como o fizera pela manhã. Assim, com o seu olhar penetrante cravado nos olhos do seu melhor amigo, do seu anjo da guarda, Pio X permaneceu imóvel durante quarenta minutos. De vez em quando soltava-lhe a mão para a acariciar. Merry recolheu assim o adeus do seu Papa.

Cansado, Pio X soltou-lhe a mão e fechou os olhos.

→ Maria e Ana não se afastavam de junto do leito. Aguardavam serenamente, como seu irmão. A honradez da família Sarto não tinha por que temer a morte.

A uma e um quarto da noite do dia 20, Pio X falecia.

Um diplomata disse a Merry del Val:

— Apagou-se a nossa última luz.

«Morreu um santo!» Com estas palavras se iniciou um capítulo novo da vida de José Melchior Sarto, nascido em Riese a 2 de Junho de 1835, e falecido em Roma a 20 de Agosto de 1914. Um capítulo que ainda não está inteiramente escrito.

O funeral, as condolências, os hinos de amor e de graças ao Papa Santo...

Entretanto, nos jornais daqueles dias, encontro as primeiras notícias sobre o Conclave, os primeiros jogos de «papáveis» e «não papáveis...» A alma enche-se-me de melancolia. É o capítulo de outra nova história. De onde terá arrancado? Vai-se entrecruzar com este capítulo final da história do meu querido Beppi, que eu não posso escrever, porque só a Igreja, na terra, e Deus, no Céu a conhecem bem.

A 30 de Dezembro de 1909, Pio X assinou o seu testamento. Dizia assim:

«Invocado o auxílio divino, e com a intercessão da Virgem Imaculada e de S. José, confiado na divina misericórdia para o perdão das minhas deficiências, particularmente aquelas que provenham do descuido nos meus sagrados deveres, redijo a acta das minhas últimas vontades.

→ Nasci pobre, vivi como pobre e certo de morrer muito pobre, pesa-me não poder retribuir quantos me prestaram os seus serviços, especialmente em Mântua, em Veneza e em Roma.

Portanto, já que lhes não posso dar mostras da minha gratidão, peço a Deus que os recompense com as suas melhores bênçãos.

Rogo à Santa Sé que conceda uma pensão, que não passe de 300 liras mensais, a minhas irmãs Ana e Maria; 1.000 liras anuais, a meus irmãos Ângelo, Teresa, Antónia e Lúcia, enquanto viverem. Para os meus camareiros, uma pequena soma que lhes sirva de ajuda. Sessenta liras mensais ao meu criado.

Desejo que as igrejas onde permaneci por algum tempo da minha vida, recebam como recordação, qualquer objecto sagrado.

Deixo à livre disposição do meu sucessor, determinar se é justo que seja distribuído pelos meus parentes o donativo de 100.000 liras que para esse fim me foi entregue; ficariam obrigados a recordar nas suas orações o generoso doador e a oferecer sufrágios pela minha pobre alma.

Ordeno que os meus restos não sejam abertos nem embalsamados. Portanto, apesar do costume contrário, não poderão ser expostos durante mais do que algumas horas, sendo depois sepultados na cripta de S. Pedro do Vaticano. Mas confio em que por isso não me faltarão os sufrágios dos fiéis que pedirão a paz para a minha alma.

→ Deus me seja propício e me acolha na sua infinita misericórdia».

Falecido à 18 16 de 20-VIII-14, quinta-feira, em pleno verão romano, só foi sepultado no início da noite do dia 22, sábado, 2 dias e 17 horas (65 horas) depois.

5

Em Roma, as estátuas de pedra falam durante a noite.

E deixam pairando no ar histórias que depois ninguém sabe onde nasceram...

E o caso é que ^{segunda-feira} na manhã de 20 de Fevereiro de 1939, ao romper d'alva, o Cardeal Pacelli, Camerlengo da Santa Igreja Romana, com plenos poderes em Sede vacante, desceu às Grutas do Vaticano e, esquecido dos muitos afazeres que reclamavam a sua presença, permaneceu por largo espaço ajoelhado diante da tumba de Pio X.

Na ocasião, ninguém soube explicar porque orava Pacelli perante o sepulcro de Pio X, e não diante do de Pio XI, seu Papa; porque orava durante tanto tempo; porque tão comovido; porquê?...

As estátuas de pedra tinham deixado pairar já ao ar fresco da manhã a sua história. Ninguém soube quem foi o primeiro a começar a contá-la, quando todos, em Roma, se surpreenderam explicando, ^{de domingo para segunda-feira} que naquela noite a alma branca de Pio X aparecera ao Cardeal Pacelli, para lhe dizer:

— Filho, bom ânimo. Corresponde-te a ti a tarefa de levares a cruz da Igreja de Cristo.

PONTO FINAL

Confesso-me a ti, querido leitor.

A biografia que acabas de ler, procurei assentá-la sobre a rocha firme da informação segura. Atrever-me-ia a responder-te, com documentos certos, por quase todas as linhas. Não seria má obra, a de utilizar as páginas carregando-as de citações. Vou-te indicar agora as fontes a que recorri.

Mas em primeiro lugar a minha confissão. Existem algumas minúcias que te devo confiar. Por exemplo, que segundo testemunho — digno de fé — de Marchesan, o melhor biógrafo de Pio X antes de ele ser Pio X, a missa que Monsenhor Sarto, Bispo de Mântua, celebrou em Salzano a 8 de Fevereiro de 1885, não foi Missa de Pontifical. O primeiro Pontifical, celebrou-o em Veneza, na Igreja de S. Roque, a 1 de Março do mesmo ano, nas festas centenárias. A missa de Salzano foi, simplesmente, a missa de um Bispo. Mas emocionante, como podes calcular. Portanto, e isso é o lamentável caso, Monsenhor Sarto quando pregou o Evangelho não tinha mitra posta, mas sim o solidéu roxo. Eu descrevi-o com mitra, porque me encantava pensar, e a ti também, estou certo, no velho barrete que, quando era pároco, disparava do púlpito contra aqueles que falavam. Podes rectificar o meu pecado. ^{Ver pag. 120.}

Quanto ao peitoral que Pio X utilizou, julgo-me no dever de te fazer outra confidência. No capítulo XV, contei-te que Merry del Val escolheu, entre os peitorais de Leão XIII, o que Pio X havia de utilizar toda a sua vida. Assim o narra Pio Cenci, o melhor biógrafo do grande Cardeal. Mas o próprio Merry, numas maravilhosas Impressões que escreveu dos seus tempos de Secretário de Estado, conta que um joalheiro de Roma ofereceu a Pio X um peitoral de valor extraordinário, e que o Papa o aceitou, julgando que pertencia ao Tesouro Pon-

tífico. Três semanas depois, o joalheiro enviou ao Vaticano a factura, que mostrava correspondência exacta com a preciosidade do peitoral. Pio X recusou-se a gastar aquela importância, e devolveu a cruz ao joalheiro. Parece muito estranho que Merry não faça referência à que ele escolheu ^{a pedida} por indicação do Papa. De qualquer forma, Cenci pode ter razão, porque Merry del Val levou a sua distinção a ponto de dissimular perfeitamente quanto podia redundar em seu próprio louvor.

Com isto, querido leitor, ficas conhecendo as pequenas inexactidões deste livro. O restante, chega-te trabalhosamente rebuscado em todos os recantos que guardam a carícia da sombra de Pio X. Percorri passo a passo os lugares da sua geografia; vi os horizontes que ele contemplou. Sorvi os perfis da sua alma nos processos de beatificação, nos seus escritos, nas conversações que ainda repetem lábios que com ele falaram, nas muitas, muitas biografias, que dele se escreveram.

Não estou contente com o resultado. A estampa de Pio X que me deram o trato com ele e com as suas coisas, não sei deixar-ta escrita. Mas é possível que sob os meus pobres capítulos adivinhes, como ^{um} ~~uma~~ ^{veio escondido} ~~veia~~ apertada, o sorriso amável, os olhos melancólicos, o coração bom, a alma cheia de candura, a sabedoria infantil, a firmeza seca, o trato delicioso, a simplicidade, a ternura, o espírito de trabalho, o talento humilde, a caridade graciosa, a fé, a fé de olhar distante... Por aí corre, como uma veia de água, o meu Pio X, o autêntico, inteiro...

Se compreendeste o meu desejo, que Deus te abençoe, leitor: recompensaste-me. E que bem...

Esta manhã, leitor, celebrei a Santa Missa no altar da Apresentação, na Basílica de S. Pedro. Ao lado, os restos de Pio X aguardam a hora de próximos triunfos. Sobre a pedra branca, um vaso com um ramito de cravos. Quis acrescentar-lhe um, pensando em ti. Porque acaricio a esperança de que hás-de fechar este livro com uma prece ao Papa bom, com um pequeno puxão carinhoso da sua sotaina... Ele, lá no alto, há-de sorrir. E já sem melancolia.

Roma, 25 de Abril.

D. BEPPI NA GLÓRIA DE BERNINI

CRÓNICA DA BEATIFICAÇÃO DE PIO X

Agora, vendo a história um pouco a distância, o nome de Pio X é como um fio de ouro que encadeia essa ladainha de nomes formosíssimos de aldeias e cidades que me não cansarei de repetir gulosamente todos os dias da minha vida: Riese, Castelfranco, Tómbolo, Salzano, Treviso, ~~Pádua~~, Mântua, Veneza, Roma. S. Beppi repassava de vez em quando a lista das pequenas povoações dos seus amores. Deixou Tómbolo e deixou Salzano, e mais tarde abandonou Treviso, onde julgou, quando o nomearam cônego, que acabaria os seus dias. As visitas a Riese e a Tómbolo, a Salzano e a Treviso davam ocasião a que os seus bons camponeses lhe manifestassem quanto o amavam. Espreitavam a passagem do Bispo, a chegada do Cardeal, e gritavam com afecto:

— D. Beppi! D. Beppi!

Sua Eminência sorria, dava o anel a beijar, deixava que lhe acariciassem as mãos.

E depois, quando D. Beppi já eleito Papa se viu encerrado nos Palácios Vaticanos, as boas gentes do Veneto vinham vê-lo para lhe contar como iam as coisas, para lhe pedir uma benção e para conversar um pouco com ele no dialecto da região. Pio X divertia-se. Em mais de uma ocasião o viram comovido. Sabia querer tanto...

Nos princípios do ano de 1951 correu a nova emocionante: Pio X, tão chorado quando morreu, «estaria» de novo no Vaticano. Pio XII proclamá-lo-ia «Beato» no mês de Junho. Os seus conterrâneos teriam de vir vê-lo: como poderiam permitir que fosse notada a sua falta?

Era comovente, naquela primeira semana de Junho, entrar pela Via de la Conciliazione, apanhando S. Pedro de frente, e tropeçar a cada passo com rostos já nossos conhecidos nos recantos do Norte

a Itália em que Pio X viveu. O senhor Ângelo — que recebeu a confirmação das mãos do Patriarca Sarto — veio caminhando desde Trieste, com os seus sessenta e cinco anos às costas. Mas todos estavam dispostos a estes sacrifícios, para honrarem dignamente o seu glorioso onterrâneo.

→ No decorrer de um ano, a Praça de S. Pedro encheu-se de gente em três grandes ocasiões: Em Junho de 1950, para a canonização de Santa Maria Goretti; no dia 1 de Novembro, a fantástica jornada do Dogma da Senhora, e a 3 de Junho de 1951, por motivo da Beatificação de Pio X. Três dias que deixaram sulcos profundos na espiritualidade do nosso tempo.

A cerimónia da beatificação de Pio X foi dividida em dois actos característicos: a proclamação do Beato — com a Missa Pontifical na Basílica de São Pedro —, e a veneração pela tarde.

A causa da beatificação de Pio X teve de particular o facto de haver gente de terras distantes que parecia não ter qualquer motivo especial para isso, ter solicitado com fervoroso entusiasmo o estudo das suas virtudes. Todas essas gentes caíram em Roma no dia 3 de Junho. Não era fácil encontrar um lugar vago na Basílica. Da Europa, das duas Américas, da Ásia, da África, da Austrália, de todos os horizontes veio um grupo de pessoas numa formidável embaixada de ilusões e preces. Num recanto de tribuna, uma religiosa humilde erguia os olhos para um tapete bordado com a história de um milagre de que o seu corpo foi teatro: sóror Maria Benedita, uma das duas pessoas favorecidas por Pio X com os milagres aceites no expediente da causa. Ver pág. 201.

A sacristia da Basílica, às dez da manhã, fervia de actividade. Dezoito cardeais participam no rito sagrado. O Cardeal Segura abraça o Cardeal Canali. Encaro-os como os campeões do amor a Pio X. Pergunto ao Cardeal Canali:

— Está contente, Eminência?

— Muito, muito. Que seja tudo para glória do Senhor.

O cortejo põe-se em marcha. Oficia o Cardeal Tedeschini, Arcipreste da Basílica Vaticana. Acompanham os Cardeais, os Consultores e Oficiais da Sagrada Congregação dos Ritos. Chegados ao Altar da Cátedra, o Postulador, Padre Alberto Parenti, dos Beneditinos de Santa Práxedes, solicita do Cardeal Micara, Pro-Prefeito da Congregação dos Ritos, licença para que se proceda à leitura do «Breve» em que

Pio XII declara Beato o seu glorioso antecessor. O Cardeal aprova, e remete a petição ao Cardeal Arcipreste. Este dá a ordem: «Leia-se».

Um Cônego do Vaticano procede à leitura. O documento começa com as palavras simbólicas: *Quoniam Christus dilexit Ecclesiam*.

Sim: porque Cristo amou a sua Igreja, porque a ama, verifica nas vidas dos homens simples milagres de santidade excepcional. É o *Magnificat* que se repete. É o primeiro compasso do hino inacabável de triunfo que entoaremos no céu. Tudo, por uma razão única, em virtude de um mistério insondável: porque o Senhor nos ama, porque Cristo amou a sua Igreja.

O ambiente da Basílica está carregado de luz, de oração, de entusiasmo contido. O Cônego acaba a leitura. O Cardeal Tedeschini entoou o *Te Deum*, e no mesmo instante cai o véu que cobria a «Gloria» de Bernini. Um aplauso gigantesco acolhe a presença do novo Beato no mais faustoso balcão. Lágrimas, aplausos, as notas do órgão, as frases do *Te Deum*... E lá no alto — «todo branco», como diria a mãe velhinha, a boa Margarida —, todo luz e beleza, D. Beppi, o bom D. Beppi, que vem outra vez saudar os velhos amigos ali presentes... Tenho a memória embargada pela recordação de uma velhita de Veneza:

— Que belo, que belo Pio XI!

Diante da «Confissão», no centro da Basílica, foi colocado um pedestal sobre o qual repousa a urna com os restos veneráveis, que são preciosa relíquia. Uma urna cuidada, delicado tributo da arte a quem tão delicado foi para os cuidados do espírito. Fazem a guarda de honra cavaleiros do Santo Sepulcro e um piquete da Guarda Sulça. O Cardeal Tedeschini faz incensar a urna.

O Pontifical pareceu um cântico de acção de graças: «Que seja tudo para glória do Senhor».

E pela tarde...

Às portas de S. Pedro ergueram um grande baldaquino. Atrás do altar, a urna com as relíquias. À frente, o reclinatório do Papa. Dos lados, escanos para os cardeais, patriarcas, arcebispos e bispos. No primeiro plano das bancadas amplos assentos para as representações do Corpo Diplomático: as princesas Josefina Carlota, da Bélgica; Margarida e Maria Cristina de Sabóia Aosta; a senhora Einaudi, o Ministro espanhol do Trabalho, o da Instrução Pública da Itália, o do Trabalho das Filipinas, o Subsecretário italiano da Presidência, o Director das Relações Culturais de Espanha, os Embaixadores, Dele-

gados, Comissões. A partir das bancadas, a multidão, numa vaga impossível de conter, agrupada em torno de estandartes e emblemas.

A presença do Papa junto ao portão de bronze é acolhida por uma aclamação gigantesca. Desfila o cortejo papal entre ovações e lenços agitados no ar. Pio XII, ajoelhado no seu reclinatório, reza, perante a urna de Pio X. Como estará batendo o coração do Papal! Recordará certa manhã de oração, nas vésperas de um Conclave...

Ergue-se. De cara para a multidão, ^{perante} inicia um discurso maravilhoso, longo, tecido de veneração e de ternura:

«Uma alegria celestial inunda o nosso coração; um hino de louvores e de gratidão ao Onnipotente escapa-se dos nossos lábios, por nos ter concedido que elevássemos à honra dos altares o nosso Bem-Aventura predecessor Pio X. É o regozijo e agradecimento de toda a Igreja, que vós visivelmente representais, amados filhos e filhas aqui reunidos, sob o nosso olhar, como um mar vivo, ou que dispersos por toda a terra nos escutais na exaltação deste dia bendito. Cumpriu-se um desejo comum...

Enquanto a alegria que trasborda do nosso coração nos leva irresistivelmente a cantar as maravilhas de Deus, a nossa voz vacila, como se nos faltassem as palavras, insuficientes para exaltar dignamente, ao menos em traços rápidos, a vida e a virtude do Sacerdote, do Bispo, do Papa, ao longo de uma prodigiosa ascensão que o elevou desde a pequenês da aldeola onde nasceu e desde a humildade das suas origens até ao cimo de grandeza e de glória na terra e no céu».

→ Pio XII está emocionado. Num ou noutro momento — coisa rara nele quando fala — parece que a sua voz vacila. A sua alma angustiada de pai que tanto tem que sofrer, sente a comoção daquela massa ali convocada para prestar homenagem ao Papado em memória de Pio X. O Senhor está com a sua Igreja e as portas do inferno não prevalecerão...

.....
Para a canonização, dois milagres. Trabalho simples para o eficiente D. Beppi. Numa manhã qualquer despertaremos com a surpresa de que Pio X realizou os dois milagres requeridos para o novo passo.

Já não há dificuldades históricas, pois todas ficaram resolvidas. Já estão escritos os longos processos. Boa ocasião para apresentar ao Beato Pio X a nossa confiança filial. Ninguém como ele soube compreender as necessidades e a pobreza. Acariciará as almas no céu

como as acariciava na terra. E teremos outro dia grande, maior, e virão outra vez os do Veneto pelo caminho de Roma, em avalanche de filial devoção, para rezarem com o Papa na Praça de S. Pedro:

→ «Oh ditoso Pontífice! servo fiel do teu Senhor, humilde e confiado discípulo do divino Mestre, em dor e em alegria, em trabalho e em solitudes, experimentado pastor do rebanho de Cristo, volta para nós o teu olhar e abençoa-nos prostrados ante os teus restos virginais».

Roma, Julho de 1951. *Canonizado por Pio XII, por volta das 18 horas de 29-V-54, sábado.*



ÍNDICE

	Págs.
AO LEITOR	7

PÓRTICO

CALENDÁRIO	11
NOTA CRÍTICA	13

O CONCLAVE

«UN POVERO CARDINALE DI CAMPAGNA»	17
---	----

NASCI POBRE

NASCI POBRE	49
O CAMINHO CLARO DE BEPPI	57
DE COMO UM PÁROCO E O SEU COADJUTOR PREPARAVAM OS SERMÕES A MEIAS	67
MOÇO DE RECADOS DE TODA A GENTE	79
SECRETÁRIO DE TRES BISPOS	103
ACEPIPIES DE ALMOÇO EPISCOPAL	117
BISPO DE MÂNTUA	129
PRÍNCIPE DA CIDADE ENCANTADA	147
NOVO DUX PARA OS MARES DE VENEZA	159
EM PLENA TAREFA	171

INTERMEZZO

PAPA SARTO, NÃO PAPA SANTO	187
OS DEFEITOS DE PIO X	205
CIÊNCIA E SABEDORIA	213
TRABALHAREMOS JUNTOS	219
RESTAURAR EM CRISTO	231
A TERRA SEM PAZ	241
A SUA MAIOR AMARGURA	255

PÃO DOS SEUS CELEIROS ..	271
A LUTA CONTRA O MODERNISMO	283
TROPAS BEM ORDENADAS	301
PORMENORES IMPORTANTES	309
PIO X NA INTIMIDADE	318
FRUTO MADURO	327
PONTO FINAL	333
D. BEPPI NA GLÓRIA DE BERNINI	335

NIHIL OBSTAT. 22 DE MARÇO DE 1959.
CÓNEGO ANTÓNIO BRITO CARDOSO
IMPRIMATUR. 24 DE MARÇO DE 1959.
† ERNESTO, ARCEBISPO-BISPO DE
COIMBRA

ACABOU DE SE IMPRIMIR A 26 DE
MARÇO DE 1959, NAS OFICINAS DA
IMPRESA DE COIMBRA, L.DA. — LARGO
DE S. SALVADOR, 1 A 3 — COIMBRA

Publicado em
www.leiturascaticas.com